

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM POLÍTICA
SOCIAL
CURSO DE DOUTORADO EM POLÍTICA SOCIAL

LIANDRA LIMA CARVALHO

TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA POLÍTICA DA BAIXADA FLUMINENSE:
RELAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO E O PROCESSO DE
EMPODERAMENTO. MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS, RJ: A PARTIR DE
1980

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-
Graduados da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do título de
Doutora em Política Social.

Área de Concentração: Sujeitos Sociais e Proteção
Social

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Suely Gomes Costa

UNIVERSI
DADE
FEDERAL
FLUMINEN
SE

NITERÓI, RJ

2015

LIANDRA LIMA CARVALHO

TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA POLÍTICA DA BAIXADA FLUMINENSE:
RELAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO E O PROCESSO DE
EMPODERAMENTO. MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS, RJ: A PARTIR DE
1980

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-
Graduados da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do título de
Doutora em Política Social.

Área de Concentração: Sujeitos Sociais e Proteção
Social

Niterói, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Suely Gomes Costa (orientadora)

Prof.^a Dra. Rachel Soihet – UFF

Prof.^a Dra. Maria Martha de Luna Freire - UFF

Prof.^a Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira – UNIRIO

Prof Dr. Renato Nunes Bittencourt – UFRJ

Prof.^a Dra. Luciene Alcinda de Medeiros - suplente – PUC/RJ

Prof.^a Dra. Elisabete Cristina Cruvello da Silveira - suplente – UFF

C331 Carvalho, Liandra Lima.

Trajetórias de mulheres na política da baixada fluminense:

relações entre o público e o privado e o processo de empoderamento.

Município de Duque de Caxias, RJ: a partir de 1980 / Liandra Lima

Carvalho. –2015.

223f. ; il.

Orientadora: Suely Gomes Costa.

Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade Federal

Fluminense, Escola de Serviço Social, Niterói, 2015.

Bibliografia: f.195-221.

1. Mulheres - História. 2. Empoderamento. 3. Mulheres na política.

I. Costa, Suely Gomes. II. Universidade Federal Fluminense. Escola de Serviço Social. III. Título.

Dedico este trabalho à todas as mulheres que ousaram se rebelar, através de diversas estratégias articuladas a partir dos espaços e lugares que lhe foram confiados ao longo da história.

AGRADECIMENTOS

O longo percurso da construção desta tese, me fez perceber como Gonzaguinha declama, que “que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá / e é tão bonito quando a gente sente / que nunca está sozinho por mais que pense estar”.¹

Agradeço, primeiramente, às pessoas que são minha base, minha mãe, Angela e meu pequeno-grande-homem, meu filho, Vitor Hugo.

À Profa. Dra. Suely Gomes Costa, que ao longo de toda a orientação foi um exemplo de generosidade, companheirismo e paciência.

Às protagonistas desta tese: Estela Alves de Vasconcelos, Narriman Felicidade Faria de Correa Zito dos Santos, Andreia Almeida Zito dos Santos e Claise Maria Alves, já que sem a colaboração delas tal estudo não seria possível.

Aos docentes do Programa de Pós Graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense, em especial aos doutores: Prof. João Bosco Hora Gois, Profa. Mônica de Castro Senna, Profa. Nivia Valença Barros e Profa. Rita de Cássia Freitas.

Aos colegas mestres e doutorandos do Programa de Pós Graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense, em especial Adriana Medalha, Camila de Farias, Cláudia Toffano, e Rosália de Oliveira Lemos; aos jovens doutores desse programa: Ariane Paiva e Dolores Vidal, Elisabete Cruvello e João Luis Pinheiro pelo apoio e carinho.

Às funcionárias do Programa de Pós Graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense: Flávia, Luzia e Raquel pelo carinho e atenção.

Aos amigos: Adriana Machado, Ana Isabel, Andrea Ledig, Cleide Sant’anna, Elian Azevedo, Jaqueline Barros, Juliana Lobo, Lila Cunha, Lucília Carvalho, Marcelli Matoso, Márcia Ribeiro, Maria do Carmo, Maria Nasaré Ferreira, Mônica Alves, Ramila Granja, Salvatore Barreto pelo ânimo e companheirismo de inúmeros momentos.

Aos colegas de trabalho da Faculdade Duque de Caxias: Andréa Souza, Claudemir Santos, Elisângela Oliveira, Estela Willeman, Judimar Gomes, Luciana Gaviolli, Noemi Nascimento, Renato Bittencourt e Rosimar Abreu pelo apoio.

¹ GONZAGUINHA. *Caminhos do Coração*. [s.l.; s.n.], 1982.

Aos muitos alunos que tive ao longo do doutorado, no Curso de Serviço Social, da Faculdade Duque de Caxias pelo incentivo.

À minha analista Isabela, por muitas vezes, reacender minhas esperanças.

A todas e todos que colaboraram para que os encontros com as protagonistas desta tese fossem realizados: Juliana Chaves, Levinete Almeida, Márcia, Juliana Chaves e Ramssés Zito.

“O tempo muito me ensinou:
Ensinou a amar a vida,
Não desistir de lutar,
Renascer na derrota,
Renunciar às palavras e pensamentos negativos,
Acreditar nos valores humanos,
E a ser OTIMISTA.
Aprendi que mais vale tentar do que recuar...
Antes acreditar do que duvidar,
Que o que vale na vida,
Não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada.”

RESUMO

Essa pesquisa se inscreve na interseção da História Política, História das Mulheres, Biografia e História Oral. É sobre mulheres na política. Trata-se de pesquisa qualitativa sobre as trajetórias políticas de quatro mulheres: Estela Alves de Vasconcelos, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos Santos, Andreia Almeida Zito dos Santos, Claise Maria Alves, entre os anos de 1990 e 2000, em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Essas carreiras, iniciadas e associadas, em vínculos próximos com José Camilo dos Santos Zito Filho, líder político dessa mesma região, examina relações de dependência em vínculos de natureza público-privada. Conclui que apesar dessas relações e vínculos, os rumos tomados por suas trajetórias políticas indicam diferentes experiências de empoderamento dessas mulheres, num permanente processo afirmação de si.

Palavras-chave: Política. Duque de Caxias. Baixada Fluminense. Mulheres, Empoderamento.

RESUME

This research is inserted in the intersection from Political History, Women History, Biography and Oral History. It's about women in politic. It's a qualitative research about four women in political trajectories: Estela Alves de Vasconcelos, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos Santos, Andreia Almeida Zito dos Santos, Claise Maria Alves, between the years 1990 and 2000, in Duque de Caxias, Baixada Fluminense's city, in the metropolitan region of State Rio de Janeiro. These careers, started and associated, in close bonds with José Camilo dos Santos Zito Filho, political leader from the same region, examines dependence relations in bonds of public and private nature. I concluded that although these relations and bonds, the courses taken by their political trajectories indicate diferent experiences of empowerment from these women, in a permanent process of self-affirmation.

Key words: Politics. Duque de Caxias. Baixada Fluminense. Women. Empowerment.

RESUMÉN

Esta pesquisa está inserida en la intersección de la Historia Política, Historia de las Mujeres, Biografía y Historia Oral. Es sobre mujeres en la política. Es sobre una pesquisa cualitativa sobre las trayectorias políticas de cuatro mujeres: Estela Alves de Vasconcelos, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos Santos, Andreia Almeida Zito dos Santos, Claise Maria Alves, entre los años de 1990 y 2000, en Duque de Caxias, ciudad de la Baixada Fluminense en la Región Metropolitana del Estado del Rio de Janeiro. Esas carreras, empezadas y asociadas, en enlaces próximos con José Camilo dos Santos Zito Filho, jefe político en esa misma región, examina relaciones de dependencia en enlaces de naturaleza publico - privada. Concluye que aunque hayan esas relaciones y enlaces, las direcciones tomadas por sus trayectorias políticas indican diferentes experiencias de empoderamiento de esas mujeres, en un proceso permanente de autoafirmación.

Palabras llave: Política. Duque de Caxias. Baixada Fluminense. El Empoderamiento de la Mujer.

LISTA DE SIGLAS

ACTERJ	Associação dos Conselheiros Tutelares do Estado do Rio de Janeiro
AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida.
ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.
BOPE	Batalhão de Operações Policiais Especiais, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.
CFEMEA	Centro Feminista de Estudos e Assessoria.
CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito.
CRASMV	Centro de Referência de Atendimento à Mulher.
FEEMA	Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente .
INEA	Instituto Estadual do Ambiente.
IEF	Instituto Estadual de Florestas.
INCA	Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva.
IPMDC	Instituto de Previdência dos Servidores Públicos de Duque de Caxias.
MAB	Movimento de Amigos do Bairro.
MDB	Movimento Democrático Brasileiro.
ONG	Organizações não governamentais.
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento.
PEC	Proposta de Emenda Constitucional.
PIB	Produto interno bruto.
PDT	Partido Democrático Trabalhista.
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro.
PSD	Partido Social Democrata.
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira.
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 - Posse de Zito e Estela na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias, ocorrida em 01 jan. 2001_____	25
Foto 2 - fotografia oficial de Zito que se encontra no painel da Câmara de Vereadores do município_____	35
Foto 3 - Fotos da posse de Zito, como vereador, em 01 jan. 1999_____	35
Foto 4- Zito entre Estela e Dr. Heleno, num evento_____	37
Foto 5- Estela, Zito e secretários municipais em reunião_____	39
Foto 6- Lembrança da Formatura em Pedagogia_____	41
Foto 7 - Estela com suas duas filhas: Patrícia, do lado esquerdo, e Emiliene, do lado direito_____	45
Foto 8 - Logomarca da Prefeitura de Duque de Caxias, no governo Zito_____	50
Foto 9 - Crianças brincam em brinquedos que ficam ao lado de uma escola_____	50
Foto 10: Estela com cabos eleitorais na segunda candidatura de Zito à prefeitura de Duque de Caxias_____	53
Foto 11 - Estela com Zito em uma inauguração_____	56
Foto 12 - Estela com Zito e Zagallo, ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol, na inauguração de seu busto, no Centro de Esportes de Duque de Caxias_____	56
Foto 13- Estela ao lado de Zito, na abertura do Desfile Cívico de Duque de Caxias__	57
Foto 14- Estela em seu gabinete_____	57
Foto 15 - População duquecaxiense em uma das festas de Natal organizadas por Estela_____	59
Foto 16 - Estela, de vestido azul escuro, Narriman, ao centro, e Andreia, à esquerda, em um baile após serem homenageadas junto com outras mulheres de Duque de Caxias_____	60
Foto 17 - Estela e Zito numa reunião com secretários municipais_____	62
Foto 18 - Estela ao lado de Dr. Heleno, em meio a móveis que iriam ser sorteados, numa das festas de Natal organizadas por ela_____	70
Foto 19 - Estela, de boné e óculos escuros, junto com a deputada federal Andreia Zito, de camisa azul, e parte da equipe em campanha eleitoral em setembro de 2014_____	73

Foto 20 - Zito com a sua equipe em uma caminhada na campanha para a eleição de deputado estadual, em 2014. A direita, Emiliene, filha de Estela, de blusa branca, caminha ao seu lado_____	74
Foto 21 - Estela e Emiliene, sua filha, no centro de Duque de Caxias, na campanha política de 2014_____	74
Foto 22 - Autorretrato de Estela, pintado em uma das paredes de sua sala_____	77
Foto 23 – Imagem de perfil_____	78
Foto 24 - Narriman votando na eleição municipal de Magé, ocorrida em 1999_____	93
Foto 25 - Narriman, quando prefeita de Magé, com alunos da rede municipal_____	97
Foto 26 - Narriman Felicidade e com Benedita da Silva_____	101
Foto 27 - Narriman discursando em sua campanha à Prefeitura de Magé, em 2004_____	103
Foto 28 - Ramssés (à direita), filho de Narriman e Zito, com a irmã, Andreia, e o pai_____	104
Foto 29 - a sua campanha ao cargo de prefeita de Magé, em 2012_____	105
Foto 30 - Andreia numa das cenas de sua campanha eleitoral à reeleição como deputada federal, em 2014_____	108
Foto 31 - Andreia veste blusa estampada rosa e branca_____	121
Foto 32- Andreia é a segunda figura feminina da esquerda para a direita, atrás do pai, ela traça blusa preta e um uma longa saia bege claro_____	121
Foto 33 - Andreia ao lado do pai_____	123
Foto 34 - Andreia Zito e o pai são flagrados pela lente da fotográfica fazendo quase a mesma expressão corporal_____	128
Foto 35- Pai e filha são flagrados conversando entre uma atividade e outra da campanha eleitoral, de 2014, na Praça da igreja matriz, no centro de São João de Meriti_____	131
Foto 36 -Pai e filha posam juntos num evento em Duque de Caxias_____	131
Foto 37 - Apesar de Andreia e seu pai terem se tornados grandes parceiros políticos, tornando-se em determinados momentos, inclusive, conselheiros políticos, um do outro, o carinho entre eles se mantém_____	132
Foto 38 - Andreia Zito posa na frente do Congresso Nacional, logo após tomar posse como Deputada Federal, pela primeira vez_____	134
Foto 39 - Andreia Zito (de roupa clara) entregando um dos carros que conseguiu através da CPI das crianças desaparecidas, já deputada federal a um dos Conselhos Tutelares selecionados_____	138

Foto 40 - Andreia Zito na inauguração do campus do Colégio Pedro II, Duque de Caxias_____	140
Foto 41 - Andreia (de blusa rosa) com parte de sua equipe de cabos eleitores, na eleição de 2014_____	143
Foto 42 - Andreia e o pai, numa das várias atividades da campanha eleitoral de 2014_____	145
Foto 43 - Claise é fotografada na ALERJ, em uma sessão_____	148
Foto 44 - Claise e o filho, Yuri_____	151
Foto 45 - Claise e o marido Zito em uma das primeiras aparições públicas do casal_____	153
Foto 46- Cenas da campanha política de José Camilo dos Santos Zito à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, realizada em 2008. Em ambas fotografias, datadas de 27 jul. 2008, o candidato tem ao seu lado esquerdo, a esposa Claise Maria, de blusa branca_____	154
Foto 47- Em clima de descontração (da esquerda para a direita: Lindberg, Sandro Zito e Claise assistem a evento esportivo em Duque de Caxias_____	156
Foto 48 - Zito aparece ao lado das suas duas candidatas nas eleições de 2010_____	163
Foto 49 - Claise na porta da ALERJ, no dia da posse, com uma vereadora de Duque de Caxias e parentes_____	165
Foto 50 - Lançamento do PSD Mulher, ocorrido em 2012_____	169
Foto 51 - A ex-deputada Claise recebe homenagem da ACTERJ_____	170
Foto 52 - Reunião da comissão de Assuntos da Criança e do Adolescente e do Idoso, presidida pela deputada estadual Claise Maria realizada em 11 dez. 2013_____	171
Foto 53 - Inauguração da primeira academia para idosos de Duque de Caxias, em dezembro de 2013_____	172
Foto 54 - Fotografia de uma das reuniões da Frente Parlamentar Feminina da ALERJ_____	174
Foto 55 - Posse de Claise, como secretária estadual de trabalho e renda_____	175
Foto 56- Claise em sua posse junto a lideranças do PSD_____	176
Foto 57 – Divulgação da campanha de 2014_____	176
Foto 58 - Claise com Pezão, candidato do PSD ao governo do estado do Rio de Janeiro, e com Índio da Costa, presidente do PSD e candidato a deputado federal_____	177

Foto 59 - Claise Maria Alves em diferentes momentos de sua campanha à reeleição	178
Foto 60 - Carta de agradecimento aos eleitores	180
Foto 61 - Claise com parte de sua equipe de trabalho da Subsecretaria Estadual da Baixada Fluminense, em uma atividade realizada em junho de 2015	182

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	ESTELA, UMA MULHER COM POLÍTICA NAS VEIAS	25
3	NARRIMAN, UMA MULHER EM BUSCA DE SUA FELICIDADE!	78
4	ANDREIA ZITO – UMA MULHER QUE CRESCEU E AMADURECEU NA POLÍTICA	108
5	“SOU UMA MULHER DE VERDADE, RESOLVI SER CLAISE MARIA PARA LUTAR POR VOCÊ”	148
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195
	APÊNDICE A - ROTEIROS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	224
	ANEXOS	
	ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	225
	ANEXO II - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	226

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata da história de mulheres na política contemporânea, com base nas trajetórias de Estela Alves de Vasconcelos, Andreia Almeida Zito dos Santos, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos Santos e Claise Maria Alves, quatro mulheres da Baixada Fluminense², a partir da década de 1980. Localiza essas carreiras políticas nas relações próximas e privadas com José Camilo dos Santos Zito Filho, líder político da região. Indica, porém, nas peculiaridades dessas trajetórias, experiências femininas da construção e de afirmação de si, enfim, seu processo de empoderamento.

1.2 “Chegadas e Partidas” – Revisão da proposta inicial da tese, definição de objeto, de novas fontes e do método de pesquisa

A chegada ao tema de estudo está diretamente relacionada a minha própria biografia: nasci e resido na Baixada Fluminense. Minha vida profissional aí se inicia e foram muitas as diferentes oportunidades que tive nessa região, como assistente social, especialmente, no campo das políticas de gênero.

Num esforço, fiz uma aproximação com o ofício do historiador. Aprendi que ele está contido na “determinação última, que é também a mais simples, em expor como uma ideia tende a ganhar existência na realidade” (HUMBOLDT, 1990, p. 87 apud LORIGA, 2010, p. 96). Nessa perspectiva, também me vi diante de novas

² A Baixada Fluminense é constituída por uma “área de planícies baixas e constantemente alagadas entre o litoral e a Serra do Mar, atualmente estendendo-se por aproximadamente 80 km a partir da cidade do Rio de Janeiro” (GEIGER et al., 1956 apud BARRETO, 2006, p. 26). Ela começa a ser ocupada de forma lenta, a partir do século XVI, como fornecedora de cana de açúcar, café e carne à capital. Para facilitar o transporte de tais gêneros alimentícios, no século XIX, inicia-se a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II. A chegada de trens à Baixada Fluminense possibilitou sua crescente ocupação e conectou, entre si, suas muitas partes. Na década de 1930, conheceria um significativo aumento populacional com a chegada de imigrantes, especialmente do Nordeste. Eles vinham trabalhar na capital do país, então, a cidade do Rio de Janeiro, mas também trazendo o sonho de um “pedaço de terra”, realizado, muitas vezes, na oferta feita por vários loteamentos espalhados pela região. Assim, a Baixada Fluminense crescerá quanto ao número de moradores, perdendo, pouco a pouco, as características rurais. Seus primeiros municípios foram criados na década de 1950: Nova Iguaçu e Duque de Caxias. A oferta de recursos como saúde, educação, saneamento e segurança pública não cresceu na mesma proporção do número de habitantes, hoje representando 25% do Estado do Rio de Janeiro. Um número crescente de moradores da região estarão sempre conectados a uma vasta região onde se inscreve uma das maiores cidades do país: o Rio de Janeiro (SIMÕES, 2006.). Esse conjunto territorial também parece assegurar elos políticos entre si. Embora não haja um consenso entre as bibliografias acerca da delimitação geográfica da região, esta tese utiliza a apresentada por Simões, compõem a Baixada Fluminense, os municípios de Nova Iguaçu, Japeri, Queimados, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias e Magé.

possibilidades oferecidas pelo método biográfico: minha própria experiência de vida e aquelas advindas de trajetórias de mulheres na política, da Baixada Fluminense como eu. Aí, ganharia uma maior aproximação como as muitas formas assumidas pelo processo do empoderamento feminino na política local, também, um tema de muitas invisibilidades. Fui animada a enfrentar essa questão. E a tese, então, se moverá nessa orientação. Logo, se delinearam novos caminhos de pesquisa.

Olhando minha própria observação da política local, percebi que, na experiência política de quatro mulheres de Duque de Caxias, Estela, Andreia, Narriman e Claise, eleitas pelo povo dessa região, quase sempre associadas³ diretamente à presença de Zito em suas vidas, situava a possibilidade de redefinir meu objeto de estudo⁴.

Aproximei-me do método histórico, mais especificamente, do biográfico. Trajetórias femininas tão próximas me permitiram localizar, um pouco mais de experiências singulares de empoderamento feminino. Elas iriam reorganizar os questionamentos iniciais e passaram a impulsionar esta pesquisa. Com essa orientação, definiram-se novas escolhas teóricas e metodológicas centradas no exame de trajetórias: do lugar, de Zito e de mulheres cujas carreiras estiveram a ele associadas. Assim, foi possível alcançar novos resultados de pesquisa. Essas escolhas me permitiram localizar um pouco das singularidades presentes e na história política de Duque de Caxias: elas situariam Zito e cada uma das mulheres a sua volta, mas vistas em seus protagonismos políticos, nessa cidade que também é minha, e em conjunturas que conheço, todas próximas de mim.

Percebi que essa experiência não só expunha diversos modos de expressar o processo de empoderamento feminino. Assim, como Rago, vi-me habilitada a confirmar que “a recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico” (1994, p.

³ Casos como esse estão na experiência de José Sarney e sua filha, Roseana Sarney Murad; Anthony Garotinho e sua esposa, Rosângela Barros Assed Matheus de Oliveira mais conhecida como Rosinha Garotinho, e sua filha, Clarissa Barros Assed Garotinho Matheus de Oliveira, sua filha, mais conhecida como Clarissa Garotinho; Renato Cozzolino, prefeito do município de Magé, em 1983, em relação a suas filhas, Jane Cozzolino e Núbia Cozzolino; Jorge Júlio Costa dos Santos, mais conhecido como Joca, vereador do município de Nova Iguaçu, primeiro prefeito de Belford Roxo e sua esposa, Maria Lúcia Netto de Souza; Édson Ezequiel de Matos, ex-deputado estadual, ex-deputado federal e ex-prefeito do município de São Gonçalo e sua esposa, Graça Matos, entre outros. Ressalto que verifiquei uma ausência de produções científicas sobre o assunto.

⁴ Adentro o Curso de Doutorado em Política Social, em 2011, tendo como objeto de estudo: a ausência de mulheres negras no Parlamento Nacional.

81). A pesquisa organizou-se a partir dessa aproximação mais íntima com as possibilidades oferecidas pelo método histórico, tanto pelos recursos da microhistória e da história oral⁵, como pela análise documental.

1.3 Leituras e Releituras

Ampliaram-se as leituras e releituras sobre o método histórico. Dediquei-me à história de mulheres, centrando minhas observações naquelas fontes, mais próximas de mim, avaliadas como capazes de responder a minhas inquietações sobre o processo de empoderamento vivido por elas. Num balanço historiográfico, encontrei muitas teses e dissertações disponíveis sobre a região, mas nenhuma sobre protagonismos de suas mulheres na política. Localizei, em toda a bibliografia consultada a tendência a destacar, sistematicamente, a política desse local e dessa região, preferencialmente, com suas marcas da criminalidade. A pesquisa se realizou, então, numa forma de crítica a essa tendência que insiste em tratar a criminalidade como uma marca da Baixada Fluminense e de muitos de seus sujeitos políticos – homens e mulheres. Isso ainda se verifica na história das mulheres desse mesmo lugar. Ele acoberta um material inédito, por exemplo, sobre mulheres eleitas para mandatos políticos, em Duque de Caxias e adjacências. Fiz dessa matéria ma minha tese.

1.3.1 Metodologia

Como tema de pesquisa decidi, como indicado, examinar as estratégias de empoderamento de mulheres na política da Baixada, a partir do conhecimento de trajetórias de mulheres eleitas para representações políticas de Duque de Caxias . Eu já observara que os mandatos femininos, em geral, giravam na órbita de políticos

⁵ Ambas abordagens metodológicas vem sendo utilizada por um número crescente de produções acadêmicas e tal avanço é fruto do *boom* da história oral, ocorrido na década de 1990, procedente de mudanças no próprio campo da história. A partir disso [...] valorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das histórias individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações particulares. (FERREIRA, 1998, p. 22). Através da microhistória, o pesquisador opta por “uma escala particular de observação” (REVEL, 1998, p. 20). Como aponta Grendi, essa é a “história das migalhas” (1998, p. 250), já que ela chama a atenção para pequenas experiências, “[...] não é necessário que o indivíduo represente um caso típico” (LORIGA, 1998, p. 248), para que ele, ou melhor, sua vida e suas experiências, transformem-se num objeto de estudo.

locais, em relações de parentesco e amizade. É de domínio público a forte marca política de Zito na Baixada Fluminense, especificamente, em Duque de Caxias na história recente. É reconhecida ainda sua vinculação a mulheres que iniciaram e prosseguiram suas carreiras políticas com seu apoio. Selecionei-as, então. Restava-me conhecer, porém, as singularidades das aproximações dessas carreiras políticas femininas iniciadas sob seu patrocínio, a partir da década de 1980. De uma forma ou de outra, tinha com todas elas uma ligação pessoal, o que favorecia a pesquisa.

Nessa perspectiva, percebi a junção da vida dessas mulheres com a minha própria vida. A análise de entrevistas gravadas e de imagens fotográficas revelaram muito sobre essas relações políticas. A matéria documental foi de grande relevância: foram examinadas teses e dissertações⁶ sobre a Baixada e sua gente, impressos, sobretudo, registros fotográficos, além de periódicos locais e da internet relativos a Zito e às mulheres selecionadas. Nessa orientação, foi possível elaborar uma pesquisa qualitativa de natureza histórica e social sobre trajetórias de quatro mulheres que iniciaram suas carreiras políticas em Duque de Caxias, entre os anos de 1989 e 2008, todas, a partir dos vínculos estabelecidos na vida privada⁷ com José Camilo dos Santos Zito Filho⁸, um marcante líder político de Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense, na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro⁹.

Numa primeira impressão, as trajetórias de Estela Alves de Vasconcelos, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos Santos, Andreia Almeida Zito dos Santos e Claise Maria Alves parecem somente orbitar em torno de Zito. Descobri que isso não é bem assim¹⁰. As relações dessas mulheres com Zito tem peculiaridades que a tese buscou conhecer.

⁶ Tal levantamento bibliográfico gerou inclusive o artigo “Olhares da “academia” sobre a Baixada Fluminense”, elaborado pela autora, apresentado na IX Semana de História Política / VI Seminário Nacional de História: Cultura Política & Sociedade, realizado em outubro de 2014, na UERJ e que foi publicado na Revista EDUC, em janeiro de 2015.

⁷ Como aponta Costa, “estudos sobre casamento e dotes são numerosos, como ainda os de separação de casais, da viúves, das relações entre irmãos e irmãs, mães e filhas. Mais que conhecer as relações intrafamiliares, trata-se, se possível, de desvendar sentimentos presentes nesses vínculos, em discursos e práticas (...)”. (2011, s.p.)

⁸ Muitas vezes, José Camilo Zito dos Santos Filho ao longo deste texto, será tratado pelo apelido “Zito”, diminutivo de Zezinho, recebido, quando criança, de seus primos. Ele será incorporado como sobrenome familiar. Sua filha, Andreia Almeida Zito dos Santos, em entrevista concedida à autora desta tese, informa que seu pai nunca gostou de ser chamado de Zezinho. Esse apelido tornou-se uma marca política na região da Baixada Fluminense.

⁹ Ver BROTTTO, 2012 e SIMÕES, 2006.

¹⁰ Como salienta Facina et. all., mais do que “ratificar o fato de que a política é um espaço de ausência feminina”, através dessa tese, busquei realiar os “diferentes acontecimentos em que as mulheres participam da história” (2004, p. 14).

1.4 Aproximações Teóricas

1.4.1 Estado atual das questões ligadas ao tema

Muitas leituras realizadas para essa aproximação com o objeto de estudo da tese ampliaram inquietações e contribuíram para questionamentos sobre as intrincadas relações público-privadas. Produziram estímulos ao desejo de ir além, visando ao encontro das trajetórias de vida dessas quatro mulheres e a uma maior proximidade com as singularidades de cada uma. Esse foi o caso das contribuições de Rocha Coutinho (1994), Perrot (2007 e 2009), Costa et. all. (2011), Costa (2002 e 2009), Martins (2007), Soihet (1998), Scott (2002) e Davis (1997) foram fundamentais para a construção de um olhar sobre a história das mulheres, no caso brasileiro, em geral, submersas.

1.5. Métodos de Pesquisa: História oral e documental – Biografias e Trajetórias

1.5.1 Fontes examinadas.

1.5.1.1 Bibliografia.

A tese examinou uma considerável bibliografia sobre o lugar de origem de mulheres a ser estudadas. Destacamos, nesse sentido, as obras de Souza (2014) e Souza (1980), os artigos de David ([20-?]; Monteiro [20-?], as dissertações de mestrado de Almeida (1998), Pinheiro Júnior (2007) e Cantalejo (2008), e as teses de doutorado de Alves (2003), Barreto (2006), Baía (2006), Brotto (2012), Paulo (2006), Monteiro (2007), Silva (2012) e Simões (2006).

Como habitualmente indicado, a Baixada Fluminense é fortemente destacada por seus índices de criminalidade¹¹, inclusive na política. Zito, por sua vez, em geral, é indicado como pessoa a eles associado, embora venha mantendo, sempre, uma marcante

¹¹ Ver ALMEIDA, 1998; ALVES, 2003; BAÍA, 2006; BARRETO, 2006; CANTALEJO, 2008; MONTEIRO, 2007; PAULO, 2006 e SILVA, 2012.

carreira política, nessa região,¹² iniciada entre o final da década de 1980 e os dias atuais. Em 2000, foi aclamado como o “Rei da Baixada Fluminense”, por veículos da mídia, como os jornais O Dia e a Folha de São Paulo e a revista Isto É, após ter sido reeleito, como prefeito de Duque de Caxias. Sua presença se estende também a outros municípios: foi mentor político das candidaturas de sua esposa Narriman à prefeitura de Magé e de seu irmão, Waldir Camilo Zito dos Santos¹³ à prefeitura de Belford Roxo. Parece ter formado o “Clã Zito” (BARRETO, 2006) à frente de três grandes municípios da Baixada Fluminense. Essa trajetória política tem sido ascendente e construída nas relações com pessoas que lhe são muito próximas¹⁴.

Uma primeira indagação surgida nessas aproximações foi: de que modo o lugar dessas experiências femininas tem sido estudado? Como nele, são registradas as experiências femininas observadas? Considerando que também sou desse lugar¹⁵, aprendi com Bois que “o que faz a região não é o espaço, mas sim o tempo e a história” (1960 apud BOURDIEU, 2001, p. 115). Mas a história se faz com sujeitos

¹² Foi eleito vereador por Duque de Caxias, pela primeira vez, em 1988, pelo PTR, e reeleito, em 1992, pelo PSB, nesta ocasião foi o vereador mais votado da Baixada Fluminense, com 7.100 votos. No segundo mandato, como vereador, ocupou a presidência da Câmara de Duque de Caxias. Foi eleito deputado estadual, pelo PSDB, em 1994. Foi eleito em 1996, prefeito de Duque de Caxias, e reeleito, em 2000; em ambas as ocasiões pelo PSDB. Em 2007 foi eleito deputado estadual, pela segunda vez, pelo PSDB. De 2007 a 2010 foi presidente do PSDB no Rio de Janeiro. Em 2008, foi eleito, pela terceira vez, prefeito de Duque de Caxias, pelo PSDB. Em 2012, tentou novamente a reeleição à prefeitura municipal, nessa ocasião, filiado ao PP, mas foi derrotado. Em 2014, foi eleito deputado estadual, pela terceira vez, pelo PP.

¹³ O irmão de Zito, Waldir, também incluiu o apelido “Zito”, que se tornou nome, em seu registro civil, pouco antes de sua candidatura à Prefeitura Municipal de Belford Roxo.

¹⁴ A experiência política de Zito, em Duque de Caxias de um modo ou de outro, expõem elos políticos de muitos sentidos. Em 1998, serve de exemplo desses elos, a conquista de dois grandes aliados, ambos de âmbito muito além do local, pois, atuarão nas esferas estadual e nacional: Andreia Almeida Zito dos Santos, sua filha, na época, com 22 anos, fora eleita deputada estadual e Heleno Augusto de Lima, um de seus assessores, mais conhecido como Dr. Heleno, elegeu-se deputado federal. Ao longo de sua carreira, Zito adotou também vários “filhos políticos”(GONÇALVES, 2006) cujo âmbito de ação se estenderia para além das fronteiras de Duque de Caxias. Isso se dá quando Dr. Heleno se faz deputado federal de 1999 a 2007; seu irmão Waldir Camilo Zito dos Santos torna-se prefeito de Belford Roxo entre aos anos de 2000 e 2004. Também, Laury Villar será secretário de esporte de Duque de Caxias, por 11 anos consecutivos, em mandatos de diferentes prefeitos, lembrando que as atividades esportivas espraiam-se por áreas muito além dos limites municipais. Ele será também eleito vereador em 2000, mas como candidato à prefeitura de Duque de Caxias em 2004, como sucessor de Zito, será derrotado. Essa ampla configuração de relações políticas na carreira de Zito, para além do município não é inédita na política da Baixada Fluminense e do país.

¹⁵ Conteí com a vantagem de desvendar algumas delas, por ser eu mesma da Baixada Fluminense: aí nasci e vivo. Reconheço muitas de suas peculiaridades históricas e culturais. E, então encorajei-me a estudá-las, focando as experiências de empoderamento dessas mulheres, todas, em algum momento, mais próximas ou mais distantes de Zito, numa dinâmica que decidira examinar através de entrevistas que me seriam, de fato, concedidas. E muito de novo aprendi.

vistos, através de suas experiências de um dado espaço e tempo com suas singularidades; a tese tenta demonstrar suas singularidades.

Embora tenha verificado são escassas as produções acadêmicas sobre Zito¹⁶, o objetivo desta tese não é o estudo da figura desse grande líder político da Baixada Fluminense, ela volta o olhar para a distinção do homem, para a figura do amigo, do pai e do esposo, o que, no campo privado, significa produzir condições para se obter alguma visibilidade dos elos que o associam às protagonistas deste estudo. Assim, pretende-se perceber Zito a partir das relações que ele teve com Estela, Narriman, Andreia e Claise. Com essa percepção, pretendo lançar luz sobre esses paradoxos presentes nos protagonismos políticos, por entender que eles também expressam “os complexos fenômenos e as interrogações que norteiam o público e o privado” (SAYÃO, 2003, p. 136). Reconheço o quanto esse recorte é uma escolha conceitual audaciosa e polêmica, mas, como aponta Perrot: “O privado precisaria deixar de ser uma zona maldita, proibida e obscura”, mas também “o local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos” (1991, p. 9 apud SAYÃO, 2003). A atuação de Estela Alves do Nascimento, de Narriman Felicidade Correia de Faria, de Andreia Almeida Zito dos Santos e de Claise Maria Alves dos Santos, todas de grande presença no cenário político da Baixada Fluminense¹⁷, porta em si, um intrincado e relevante fenômeno político de relevância a ser mais bem estudado, ainda mais quando se avalia como obscura os processos que presidem a chegada de mulheres a diversas esferas da política brasileira. No caso, todas elas marcaram a história política dessa região, sempre através de Zito. Acredito, pois, que pesquisar experiências de vidas “não significa abdicar de questões ligadas ao contexto social [...] e, de modo mais amplo, do Brasil” (SANTANA, 2013, p. 14). Trata-se de situar como se pode examinar “[...] singularidades presentes nas histórias locais” o que também requer “o conhecimento de grupos sociais, de ideias e de valores disseminados, mas, nem sempre partilhados da mesma forma” (SANTANA, 2013, p. 14).

Através de trajetórias de vida dessas quatro mulheres, fiz uma aproximação com as contradições dessas experiências. Busquei compreender como essas mulheres

¹⁶ Ver Alves (2003) e de Barreto (2006).

¹⁷ Ressalto que baixo é o índice de vereadoras na Baixada Fluminense, na maior parte dos municípios, menos de 10% e que somente dois municípios, dos oito, já elegeram prefeitas: Belford Roxo, em 1996 e Magé, em 2000.

iniciaram a caminhada no cenário político, que estratégias foram desenvolvidas para o reconhecimento e avaliação do sentido civilizador de suas iniciativas e ações, modo de compreender o processo de “afirmação de si”, de empoderamento que vivenciaram e ainda, como se percebem como pioneiras na na expena expeiência histórica desta região. Todas elas viveram e vivem uma experiência feminina de afirmação política. Essa tese, assim não pretende destacar o fato de Zito ser o único que faz, nessa região, quatro “herdeiras políticas”: Estela Alves de Vasconcelos, Andreia Almeida Zito dos Santos, Narriman Felicidade Correa de Farias Zito dos Santos e Claise Maria Alves¹⁸.

¹⁸ Essa é a ordem de apresentação dos capítulos dessa tese e que teve como critério a cronologia da entrada dessas mulheres no ambiente político.

2 ESTELA, UMA MULHER COM POLÍTICA NAS VEIAS

Em 2001, aos 58 anos de idade, Estela Alves de Vasconcelos tomou posse como vice-prefeita de Duque de Caxias, tendo José Camilo Zito dos Santos Filho como prefeito. Única mulher a alcançar esse cargo, entrou, assim, para a história política do município.

Estela foi a mulher que chegou mais próximo do degrau mais alto do poder executivo municipal, pois em 72 anos de emancipação,¹⁹ o município de Duque de Caxias nunca esteve sob o comando de uma mulher.

Foto 1 - Posse de Zito e Estela na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias, ocorrida em 01 jan. 2001.



Fonte: acervo pessoal de Estela.

Essa fotografia ilustra o grande momento da história de Estela e Zito, iniciada em 1989, após ele ter sido eleito vereador, pela primeira vez, em Duque de Caxias. A trajetória política de Estela, porém, é anterior, iniciando-se na infância, quando seu pai

¹⁹O município de Duque de Caxias foi emancipado de Nova Iguaçu em 1943 (SIMÕES, 2001).

foi candidato a vereador de São João de Meriti, onde a família morava, na década de 1950.

“Me diz, me diz / Como ser feliz em outro lugar”²⁰

Estela é a primogênita de pais muito diferentes: enquanto, o pai tinha o Ensino Médio completo, a mãe era semianalfabeta. O pai nasceu no Rio Grande do Norte; a mãe, em Minas Gerais. O “encontro quase inter-regional” dos pais de Estela, se deu num período de aumento populacional da Baixada Fluminense, região onde esses dois migrantes construíra família, em São João de Meriti.²¹

Estela avalia que teve ótima educação e que as diferenças entre seus pais se somaram, fazendo com que ela e os três irmãos tivessem uma ótima formação: “ambos nos passaram, assim, uma responsabilidade muito grande com a família”.²²

Do pai, que era corretor de imóveis, ela herdou o gosto pela política. Ele foi um dos responsáveis pelo povoamento do distrito de Vilar dos Telles, em São João de Meriti, através da venda de imóveis. Tal profissão levou-o a se candidatar a vereador nesse município. Estela não soube precisar a data exata da candidatura do pai, pois era criança, na época.

Buscando pela memória, ela explicou que embora seu pai tenha sido eleito, não tomou posse, em virtude um acontecimento da política nacional, o qual ela não lembra qual foi.

O pai de Estela estimulava todos os filhos,²³ dizendo: “Quero que minha filha seja professora!”, “Quero que minha filha seja juíza!”. Uma das tristezas que Estela

²⁰LINS, Ivan; MARTINS, Vitor. *Meu país*. São Paulo: UNIVERSAL, 1999.

²¹ A Reforma Pereira Passos, realizada no início do século XX contribuiu sobremaneira para o aumento vertiginoso da população residente na Baixada Fluminense. Juntou-se à expulsão dos pobres e dos cortiços da região central do Rio de Janeiro a inauguração da Av. Presidente Vargas e avanço da Estrada de Ferro Central do Brasil, como aponta Alves (2003, p. 54): “os trens despejavam para longe os pobres retirados a fórceps pela especulação imobiliária urbana conduzida pelo bisturi estatal”. Simões (2006, p. 81) completa indicando que: “a Baixada Fluminense, que até então era uma grande área insalubre e vazia com pequenos núcleos urbano em torno de estações ferroviárias, será paulatinamente integrada a essa lógica da ocupação urbana”.

²² Todas as citações posteriores de Estela referem-se à mesma entrevista concedida a autora.

²³ Estela possui três irmãos, duas mulheres e um homem. Somente ela e uma irmã possuem nível superior, os outros dois possuem o Ensino Médio.

carrega, ainda hoje, é o fato de seu pai ter falecido sem ter presenciado sua formatura, como pedagoga, nem a de sua irmã como fonoaudióloga e médica.²⁴

O pai influenciava os filhos para que buscassem um futuro diferente do seu, através da intelectualidade, sugerindo-lhes assim movimentos de “saídas” (PERROT, 1991), se não físicas, pelo menos estratégicas. Enquanto isso, a mãe, dona de casa, tinha um posicionamento diferente. Mostrava-se preocupada com o futuro dos filhos, tinha medo que eles fossem vítimas de algum tipo de violência. E no caso das filhas, que eram três, temia que elas se “desencaminhassem” com namoros.²⁵ Estela explicou: “Ela (a mãe) já desconfiava e apertava todo mundo, apertava a ‘chave de fenda’, naquele parafuso (risos), e a gente acabava contando para ela”.

Estela não desenvolveu uma esfera de intimidade com os irmãos na infância e adolescência. Apenas na vida adulta eles buscaram se apoiar mutuamente e no caso de dificuldades.

“Vem amor que a hora é essa / Vê se entende a minha pressa / Não me diz eu tô errado / Eu tô seco, eu tô molhado”²⁶

Estela nasceu e passou toda a sua infância em São João de Meriti. Estudou no Colégio Santa Maria, um dos mais tradicionais e caros da Baixada Fluminense, coordenado por freiras. Percebo que nesse período a família da futura vice-prefeita de Duque de Caxias possuía um significativo patamar financeiro.

Sua vida foi marcada por significativas transformações, por altos e baixos, inclusive financeiros. Na adolescência, seu pai fundou uma imobiliária, junto com outro corretor de imóveis e tal empresa tornou-se a campeã de vendas de apartamentos no primeiro condomínio do recém-criado subúrbio do Rio de Janeiro, o bairro Pavuna.

Em virtude de um atraso na entrega dos apartamentos, seu pai e o sócio abriram falência, pois tiveram que devolver o dinheiro de uma série de compradores.

²⁴ O pai de Estela teve morte trágica, vítima de um acidente ocorrido em uma obra do metrô, na construção da Estação Pavuna.

²⁵ Como aponta Bussanezzi (1997 apud CUNHA et. al., 2013), na década de 1950, período do final da infância e início da adolescência da ex-vice-prefeita de Duque de Caxias, havia um código de moralidade conhecido por todos: pais, vizinhos, amigos, educadores sobre o comportamento das moças. Assim, elas não deviam usar roupas ousadas, sair sozinhas em companhia de rapazes, frequentar lugares suspeitos, caso tivessem algumas dessas condutas, poderiam adquirir a fama de “namoradeira”, de “mulher fácil”.

²⁶ Leoni; TOLLER, Paula. *Pintura Íntima*. Rio de Janeiro: posto 9, 2012.

Nesse momento, a família de Estela perdeu tudo, até a casa própria que possuía. Tentando se reorganizar, a família se mudou de São João de Meriti para uma casa próxima à Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão. Essa mudança colaborou para que Estela, na época com o Ensino Fundamental completo, decidisse arranjar um emprego.

Esse posicionamento da adolescente contrariou o pai, que desejava continuar arcando com o sustento dos quatro filhos e da esposa, como sempre havia feito. Mas naquela ocasião, ele não tinha condições financeiras para isso. Estela explicou que, na década de 1960, os anúncios não pediam currículos, como atualmente, mas uma carta de próprio punho. Ela escreveu várias cartas e as enviou para empregos diferentes.

Foi chamada para uma seleção numa alfaiataria no bairro onde moravam, que fazia ternos para artistas como Jerry Adriane e Roberto Carlos.²⁷ Ela não imaginava qual tipo de teste faria, que foi uma observação da reação das candidatas ao atender um artista. Estela foi a única selecionada, porque agiu de forma natural diante da situação. Ela explicou, divertindo-se ao lembrar do passado:

[...] foi feita uma avaliação, para selecionar as pessoas. As pessoas assim, tipo macacas de auditório (risos), ele não aceitou. [...] as meninas ficaram na recepção meio que emocionadas quando os artistas chegaram, não é? [...] E como eu nem [...] nem dei a mínima, ele achou que eu era assim [...]. Ele estava vendo tudo pela filmagem, vendo tudo de fora. Vendo a reação de cada pessoa que tinha sido selecionada. [...] Ele viu que eu não dava a mínima, como vejo até hoje: Para mim, todos são iguais.

“Eu procuro um amor, uma razão para viver / E as feridas dessa vida eu quero esquecer”²⁸

Estela trabalhou nesta empresa dos 16 aos 19 anos. Saiu de lá poucos meses antes de se casar. Durante o namoro, ao conhecer o local onde a família do namorado morava, na Pavuna, chamou sua atenção a proximidade de um colégio que oferecia o Curso de Formação de Professores no turno da noite.

Ela casou-se grávida de sua primeira filha, Patrícia; foi morar no mesmo quintal que os sogros e iniciou o Ensino Médio de Formação de Professores, no colégio que ficava bem próximo a sua casa.

²⁷ Ídolos da Jovem Guarda.

²⁸ FREJAT, Roberto. *Segredos*. [s.l.]: WARNER, 2002.

O marido de Estela, um ferroviário, que possuía o Ensino Fundamental, incentivava-a a estudar. Anos após formar-se professora, ela deu à luz sua segunda filha, Emiliene; nesse período, ela já estava trabalhando em duas escolas particulares em Duque de Caxias, embora continuasse a morar na Pavuna.

Ela também fez o curso de secretariado escolar e, em seguida, iniciou a graduação em Pedagogia.

Ao mesmo tempo que Estela buscava o aumento de sua formação acadêmica, suas brigas com o marido aumentavam. Ele se incomodava com as iniciativas dela em busca de escolarização, após a realização do Ensino Médio. Acreditava que ela queria estudar para enfrentá-lo e menosprezá-lo.

Ela sentia-se incompreendida. “Ele achava que eu queria [...] estudar, [...] para atropelá-lo. Ele falava: ‘Você está fazendo [...] faculdade para me humilhar [...]. Você quer ser mais do que eu!’ E não era isso! Eu gostava daquilo”.

Segundo Costa “a busca de instrução expõe complexo enredo e situações dramáticas, o olho do furacão em que relações de gênero e outras relações sociais se movem diante das saídas das mulheres para fronteiras distantes do mundo doméstico” (2007, p. 55).

Estudo realizado por Willerman (2013) com mulheres residentes na Baixada Fluminense percebeu o quanto o ingresso no nível superior gerou conflitos conjugais, fazendo com que, em alguns casos, os casamentos se desfizessem. Situação semelhante à vivenciada por Estela.

Ainda de acordo com Willerman (2013, p. 219) “o significado da educação superior para estas mulheres parece, em si mesmo, ter relação com um processo sutil de emancipação quanto à representação de si mesmas enquanto sujeitos capazes, autônomos, com condições de gerir suas próprias vidas a partir de suas ideias”.

“Tudo era apenas / Uma brincadeira / E foi crescendo ...”²⁹

Em 1984, Estela começou a trabalhar como cabo eleitoral de Silvério do Espírito Santo, deputado estadual pelo PMDB, reeleito por quatro legislaturas consecutivas de 1974 a 1991, paralelamente ao emprego de professora. Na época, ele era candidato a prefeito de Duque de Caxias.

²⁹ PENINHA. *Sonhos*. São Paulo; UNIVERSAL, 1999.

Silvério era amigo de seu pai, que os aproximou. Ao falar sobre o cargo que teve no trabalho com o deputado estadual, explicou: “Eu fiquei ajudando. Naquela época, eles falavam que era cabo eleitoral,³⁰ [...] não cheguei a ter cargo nenhum”.

Embora Estela avalie que essa foi a sua primeira experiência política, questione isso, pois embora ela diga que não se lembra com detalhes da candidatura do pai, por ser criança, a ligação de seu pai com a política marcou-a para o resto da vida. Como expõe Perrot: “É o pai que muitas vezes, também abre as portas do mundo [...]” (2012, p. 15).

Estela, assim como Dilma Rousseff, foi apresentada ao universo político pelo pai. A Presidente da República é filha de uma professora mineira e de um búlgaro, Pedro Rousseff, ligado ao Partido Comunista Búlgaro e que fugiu de sua terra natal após ser ameaçado de morte por questões políticas. Aos 12 anos de idade, Dilma começou a ser introduzida pelo pai na literatura política, que viria ser a base de sua formação. Seu pai, Pedro, fazia barganhas com ela, dizendo-lhe que se ela lesse os livros que indicasse, ele lhe daria dois que escolhesse. Assim, ela teve contato com *Germinal*, de Émile Zola, com *Humilhados e ofendidos*, de Dostoievski, entre outros (AMARAL, 2011).

Silvério do Espírito Santo foi derrotado por Juberlan de Oliveira³¹ na eleição para a Prefeitura de Duque de Caxias.³² Estela, porém, recebeu o convite para integrar a

³⁰É muito comum às mulheres entrarem na política como cabos eleitorais, mas, nesse momento, elas não percebem a importância de seu papel, veem suas atividades como ajuda, muitas vezes não remunerada (ÁLVARES et al., 2013). Embora as mulheres, como cabos eleitorais comumente não se percebam como políticas, através dessa função elas se inserem no universo político. “Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que ‘maneiras de fazer formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados’), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política” (DE CERTEAU, 1998, p. 41). Tal função representa assim uma das estratégias utilizadas pelas mulheres visando adentrar os diferentes espaços públicos. Barreira et al., (2012) verificou que tem ocorrido ao longo das últimas décadas no Brasil um aumento da participação de mulheres em partidos políticos, mas que tal impacto ainda não se reflete no aumento de candidaturas femininas e nem nas representações dos partidos. Embora não tenha permitido uma transposição do espaço de cabos eleitorais para candidatas – e a trajetória de Estela, exemplifica tal realidade – essa função, que em algumas circunstâncias nem remunerada é, abre as portas da política para essas mulheres. Como Perrot (1991) salienta, permite que elas façam o movimento de “sair”, de circular entre as diversas esferas dessa sociedade.

³¹Empresário do ramo educacional que tinha sido vereador do município de 1976 a 1982, deputado estadual de 1983 a 1987 e posteriormente, prefeito.

³²O momento em que Juberlan de Oliveira assume a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias é ímpar, pois é o primeiro prefeito eleito após o município deixar de ser considerado pelas autoridades militares como Área de Segurança Nacional. Por isso não foram realizadas eleições para prefeito de 1971 a 1983. Até então, todos prefeitos eram indicados pelos militares, sendo realizadas somente as eleições para vereadores (CANTALEJO, 2008). Juberlan de Oliveira recebe o município de Hydekel de Freitas, o último prefeito interventor, genro de Tenório Cavalcanti.

equipe de trabalho do mais novo prefeito e aceitou o desafio. Para isso, ela se demitiu das escolas onde lecionava.

No governo Juberlan, foram inauguradas as primeiras oito creches municipais de Duque de Caxias.³³ E para a supervisão desses equipamentos, o prefeito selecionou oito mulheres, uma para cada creche. Uma delas era Estela: “Éramos eu, a irmã dele, duas filhas de vereadores”.

A identificação de Estela com Juberlan foi tamanha, que ela passou a se relacionar com ele não somente como chefe, mas como amigo. Ela passou a ter vínculos com a família dele, que se tornou “[...] uma família para mim, também. Toda família era muito amada, é amada até hoje. O pai já morreu, mas a mãe continua viva, os irmãos, a irmã...”.

Enquanto Estela se aproximava da família de Juberlan, sua vida conjugal estava em turbulência. Ela e o marido já haviam se mudado da Pavuna e moravam com as filhas em uma cobertura no centro de Duque de Caxias. Nessa época, ela não trabalhava somente na política do município, como coordenadora de uma creche: era também gerente executiva de uma clínica na Pavuna.

Com esses empregos e a graduação em pedagogia que estava terminando, seu tempo para a família era muito escasso, fazendo com que raramente estivesse presente no dia a dia das filhas. Desabafou: “Havia muita cobrança por eu não ficar em casa, porque a política toma o seu tempo”.

Dilma Rousseff também vivenciou desafios na conciliação entre os cuidados com a filha, Paula, fruto de seu segundo casamento, com Carlos Araújo, e as atividades políticas.³⁴ Muitas vezes, interrompia reuniões em virtude dos cuidados da filha. Para que pudesse cursar a pós-graduação em Ciências Econômicas na UNICAMP,³⁵ mudou-

³³A criação de creches, como aponta Costa (2002), somente surge como programa oficial, no Brasil, na década de 1970, e, até hoje, as públicas são precárias, e as particulares, caras. As creches estão relacionadas ao trabalho feminino fora da e na casa, o qual se mostra, historicamente, através de redes e tramas de cuidados domésticos.

³⁴“Quando Paula nasceu em 1976, a casa de Carlos e Dilma era um centro de atividades permanente. Lá se reuniam os grupos do MDB, da Anistia e do movimento sindical, que começava”. A filha de Dilma e Carlos cresceu nesse ambiente político, dividindo com hóspedes e visitantes, não somente os pais, mas a geladeira, fazendo com que muitas vezes se queixasse: “Pegaram meu iogurte!”. (AMARAL, 2011, p. 97 e 98).

³⁵Universidade Estadual de Campinas.

se de Porto Alegre para Campinas com a filha, que ainda era pequena³⁶ (AMARAL, 2011).

Nessa época, Estela tinha uma empregada doméstica que cuidava da casa, da alimentação da família e de suas filhas. Como aponta Costa (2002, p. 306), as saídas das mulheres do espaço doméstico apoiam-se: “em laços de proteção e dependência entre mulheres da mesma classe e entre essas e outras classes diferentes. Nessas relações, a maternidade transferida de uma para mulheres – de quaisquer classes – é uma regularidade que se afirma”.

O marido de Estela reclamava muito de sua ausência. Visando conviver mais com a família, ela tentava realizar atividades como trabalhos da faculdade em sua casa, recebendo colegas de turma, mas essa iniciativa gerou mais conflitos ainda. “Ele (o marido) começou a ficar com ciúmes das meninas, dos rapazes [....]. Se vinha mulher, ele falava que era sapatão. Se vinha homem, ele falava que era meu amante”.

A ligação de Estela com Juberlan foi tão significativa que, a partir dele, ela resolveu se filiar ao PDT.³⁷

Mais uma semelhança entre Estela e Dilma é a paixão pelo PDT, de Brizola, que ambas cultivaram durante muito tempo. O PDT foi o primeiro partido político ao qual as duas se filiaram (AMARAL, 2011).

Dilma e o marido, Carlos Araújo, ambos, integrantes do grupo revolucionário VAR Palmares, presos e torturados políticos, durante a Ditadura Militar, no início da década de 1980 filiaram-se ao PDT.³⁸ Ela atuou na direção do partido e no setor de

³⁶Dilma Rousseff concluiu todos os créditos da pós-graduação, mas como não apresentou a dissertação final não obteve o título de mestre.

³⁷Partido Democrático Trabalhista.

³⁸ “A data oficial da criação do partido foi apenas um episódio na história da reorganização do Trabalhismo no Brasil, que começou muito antes de 25 de maio de 1980, antes mesmo da anistia e da volta dos exilados. Na verdade, o PDT surgiu em 17 de junho de 1979, em Lisboa, fruto do encontro dos trabalhistas no Brasil com os trabalhistas no exílio, liderados por Leonel Brizola. Seu objetivo era reavivar o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, criado por Getúlio Vargas, presidido por João Goulart e proscrito pelo Golpe de 1964. Desse encontro, ao qual esteve presente o líder português Mário Soares, representando a Internacional Socialista, saiu a Carta de Lisboa, que definiu as bases do novo partido. “O novo Trabalhismo” - dizia o documento - “contempla a propriedade privada, condicionando seu uso às exigências do bem-estar social. Defende a intervenção do Estado na economia, mas como poder normativo, uma proposta sindical baseada na liberdade e na autonomia sindicais e uma sociedade socialista e democrática.” Uma manobra jurídica, patrocinada pela ditadura, no entanto, conferiu a sigla a um grupo de aventureiros e adesistas, que se aliou às elites dominantes, voltando-se contra os interesses dos trabalhadores. Leonel Brizola, depois de 15 anos de desterro, Doutel de Andrade, Darcy Ribeiro e outros trabalhistas históricos já tinham retornado ao Brasil, quando a Justiça Eleitoral entregou, em 12 de

mulheres. Pouco tempo depois, foi chamada para organizar a assessoria técnica e política da bancada do PDT na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, da qual fazia parte seu marido, que fora um dos deputados mais votados de Porto Alegre (AMARAL, 2011).

A capacidade de síntese de Dilma chamou a atenção de Brizola, fazendo com as produções dela se transformassem em documentos fossem passados por fax para ele, na época, era governador do estado do Rio de Janeiro, e depois de sua aprovação, fosse remetido para todas as bancadas do PDT nos Estados, inclusive do Congresso Nacional (AMARAL, 2011).

Estela desligou-se do trabalho com Juberlan quando ele perdeu a eleição municipal em 1988 para Hydekkel de Freitas, o mesmo prefeito que tinha lhe antecedido. Nesta mesma eleição, Zito foi eleito vereador pela primeira vez. Como ela mesma sintetizou: “Na política acontece isso, um vai tirando o outro, não é?”.

A derrota de Juberlan fez com que toda sua equipe de trabalho ficasse desempregada.³⁹

Nessa mesma época os conflitos entre a futura vice-prefeita de Duque de Caxias e o marido alcançam o ápice e eles se separaram.

Na separação, ficou acordado que as filhas ficariam com ela, que a única contribuição do pai para o sustento das meninas seria o pagamento do aluguel do imóvel onde a família já residia e onde Estela continuaria a morar com as filhas. Sendo que ele nunca cumpriu tal promessa.

maio de 1980, o PTB àquele grupo."Consumou-se o esbulho", denunciou Brizola, chorando e rasgando diante da televisão um papel sobre o qual escrevera aquelas três letras, que durante tanto tempo simbolizara as lutas sociais no Brasil.

"Uma sórdida manobra governamental" - disse ele - "conseguiu usurpar a nossa sigla para entregá-la a um pequeno grupo de subservientes ao poder... O objetivo dessa trama é impedir a formação de um partido popular e converter o PTB em instrumento de engodo para as classes trabalhadoras."

Uma semana depois, nos dias 17 e 18 de maio, os trabalhistas autênticos reuniam-se no Palácio Tiradentes, sede da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, para o Encontro Nacional dos Trabalhistas, que contou com a participação de mais de mil pessoas. Lá, foi anunciada a adoção de uma nova sigla para o partido - PDT.” Fonte: Partido Democrático Trabalhista. Disponível em : <<http://www.pdt.org.br/noticias/pdt-completa-31-anos-de-fundacao-uma-historia-que-vem-de-longe>>.

Acesso em 18 de jul. 2015.No dia 25 de maio, outra reunião, desta vez na ABI – Associação Brasileira de Imprensa –, na Cinelândia, aprovou o programa, o manifesto e os estatutos do Partido Democrático Trabalhista.”

³⁹ Uma das características do município de Duque de Caxias, ainda hoje, é o número escasso de concursos públicos para todas as secretarias, consequentemente, o baixo número de servidores e o alto número de funcionários contratados e terceirizados.

Com a separação, Estela optou em pedir demissão da clínica e retornou para as duas escolas, onde trabalhava como professora anteriormente. Tais mudanças se deram para que ela participasse mais do dia a dia das filhas.

Sua condição financeira modificou-se bruscamente, pois passou a ter como única renda os salários de professora nas duas escolas privadas.

Nesta época, ela conseguiu um “bico” como faxineira de um edifício comercial que ficava ao lado do prédio onde vivia com as filhas. A dona do imóvel havia procurado Estela para que indicasse alguém para fazer a limpeza do prédio diariamente durante a madrugada. Ela respondeu que tinha uma pessoa para o serviço, acertou o preço e ficou com a chave do imóvel. Mas a proprietária do imóvel nunca soube que quem fazia o serviço era Estela, acreditando que ela era somente uma intermediária.⁴⁰

Um dos traços da trajetória de Estela é o desenvolvimento de táticas de "sobrevivência". Ela se aproveitou da proximidade da casa onde vivia com o marido na Pavuna de um colégio que oferecia o Curso de Formação de Professores; anos depois, quando a dona de um imóvel comercial ao lado de seu apartamento pede-lhe ajuda na busca de um faxineiro e ela viu aí uma oportunidade. Como explica De Certau (1998, p. 46 e 47):

[...] a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. [...] Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...], a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião.

Oito meses após a separação, chegou às mãos de Estela uma Ordem de Despejo, pois o ex-marido não havia pago o aluguel do apartamento desde a separação. Ela tinha um mês para sair do imóvel, e não tinha para onde ir. No momento em que recebeu essa ordem judicial, foi demitida das duas escolas onde trabalhava.

Cerca de quinze dias após o recebimento da intimação, Estela não havia conseguido um imóvel para alugar. Assim, ela tomou uma das decisões, provavelmente, mais difíceis de sua vida. Algo que ainda hoje, mesmo após mais de 30 anos, emociona-

⁴⁰Estela chegava da faculdade por volta das vinte e duas horas. Verificava como as filhas estavam, se haviam jantado, já que as meninas ficavam sozinhas. Em caso negativo, dava-lhes a janta e as colocava para dormir. Por volta da meia noite, saía de casa vestindo roupas masculinas e boné, já que temia ser reconhecida, e ia para o prédio ao lado fazer a limpeza de todos os corredores e da escada. Normalmente, terminava por volta das duas a três horas da manhã. Tal serviço como faxineira fez com que mantivesse o padrão de vida da família por alguns meses.

se ao lembrar: ela entregou suas duas filhas a uma de suas irmãs, que na época, morava no bairro suburbano do município do Rio de Janeiro, Jardim América, para que ela cuidasse delas, junto com sua mãe.⁴¹

Estela temia incomodar e alterar a rotina da família da irmã, com a ajuda que esta estava lhe dando. Por isso, ela só ia para a casa dela à noite para dormir.

Para conseguir algum dinheiro, nos quinze dias finais do prazo, vendeu todos os móveis e eletrodomésticos da casa.

“Vivendo e aprendendo a jogar! Nem sempre ganhando, sem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar!”⁴²



Durante essa fase difícil, Estela foi informada por uma amiga, vizinha de Zito, que ele estava montando uma equipe de trabalho e que esta achava que ela tinha o perfil profissional desejado. “Ela (a amiga) me trouxe numa reunião, e ali [...] me apresentou ao Zito, falei dos meus trabalhos e que vinha do PDT.”

Foto 2 - fotografia oficial de Zito que se encontra no painel da Câmara de Vereadores do município.

⁴¹Nessa época, o pai de Estela já havia falecido e sua mãe residia com a sua irmã.

⁴²ARANTES, Guilherme. *Aprendendo a jogar*. São Paulo: Universal Music, 1982.

Foto3 - Fotos da posse de Zito, como vereador, em 01 jan. 1989.

Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela. Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

As duas fotografias relacionam-se à entrada de Zito na política de Duque de Caxias, eleito vereador, em 1988. A da esquerda é a fotografia oficial de Zito que se encontra no painel da Câmara de Vereadores do município. A da direita registra sua diplomação como vereador. Zito, tinha, então, 36 anos de idade.⁴³

Estela fez questão de deixar clara sua filiação partidária porque, na época, ele estava filiado ao PSDB, mas a diferença de partidos não foi vista como problema por Zito.⁴⁴

Ela confidenciou que ficou receosa de trabalhar com Zito, em virtude da "fama de violento" que ele possuía no município. "Acho que as pessoas tinham medo, eles tinham criado um estigma do Zito, e quando cheguei aqui, eu me surpreendi, não era aquilo que as pessoas falavam".⁴⁵

Mas logo ao conhecer Zito, essa insegurança sumiu, especialmente porque



⁴³Estela explicou que na primeira oportunidade que ele não o deixava com uma boa imagem política.

⁴⁴Após alguns meses de trabalho com Zito, Estela fili

⁴⁵Tal resistência de Estela se deu em virtude de o recém-empossado vereador, na época, ser apontado pela população do município como matador, integrante de um dos grupos de extermínio existentes na localidade. Zito, em Duque de Caxias, tal como Joca, em Belford Roxo, onde foi eleito prefeito, eram vistos como uma "reedição moderna e situacionista do 'homem da capa preta'" (ALVES, 2003, p. 116), Tenório Cavalcanti, já que implementavam na política desses municípios uma combinação de "favor e medo" (ALVES, loc. cit.). Ressalto que Joca e Tenório tiveram a vida marcada pela política, bem como pela violência, como apontado anteriormente. Já a biografia de Zito produzida por Gramado (1999 apud BARRETO, 2006), o apresenta como um justiceiro, um líder comunitário, e essa liderança teria se mostrado ainda na juventude pobre em Duque de Caxias, concedendo-lhe uma fama de "valente". "[Zito] Não deixava de resolver seus problemas como qualquer um e começou a ser respeitado no bairro dando os primeiros contornos no homem que se tornaria um líder comunitário. Mais pela imposição da própria vizinhança, que via nele uma pessoa que não admitia injustiças. A primeira providência para resolver os impasses era sempre uma boa conversa, mas se preciso fosse, Zito não pestanejava em utilizar os punhos para se impor". (GRAMADO, 1999, p. 116 e 117 apud BARRETO, 2006, p. 143).

ele a tratou com muita educação e receptividade.

Dois aspectos chamaram a atenção de Estela no grupo político de Zito: o primeiro foi o fato de ela ser a única mulher de entre aproximadamente quinze homens; o segundo foi o baixo grau de escolaridade dos participantes. Naquela época, somente ela e Heleno Augusto de Lima, mais conhecido como Dr. Heleno, possuíam nível superior; ele em Direito, e ela em Pedagogia.

Foto 4- Zito entre Estela e Dr. Heleno, num evento.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

A primeira tarefa dada por Zito a Estela foi intrigante: fazer uma pesquisa sobre a imagem do vereador recém-empossado entre a população de seu bairro, Dr. Laureano.⁴⁶

Na época, ele disse a Estela que só a pagaria se gostasse de seu trabalho. E que com base nele, tomaria a decisão sobre sua admissão em seu grupo. Ela não teve dificuldades em organizar o trabalho, pois na mesma época estava realizando uma

⁴⁶Localizado no primeiro distrito de Duque de Caxias, é uma região onde qual ele reside desde os 11 anos de idade e onde tornou-se empresário.

pesquisa para sua monografia de conclusão de curso. O resultado foi que a imagem do vereador recém-eleito vereador não era positiva diante de seus vizinhos e eleitores. “As pessoas tinham o Zito como uma pessoa bruta, [...] uma pessoa, assim, sem educação.”

A partir de tal iniciativa, percebe-se o quanto Zito, mesmo inexperiente politicamente, nesse período, já se preocupava com o seu *marketing* político, no qual o político busca interagir com seus eleitores, visando satisfazer suas expectativas em troca de voto (SHAMA, 1976 apud BERNDT et al., 1985).

A pesquisa realizada por Estela ilustra como desde o início de sua carreira política Zito criou e manteve, até hoje,⁴⁷ uma aliança com os moradores do bairro Dr. Laureano, onde ele, seus pais e irmãos residiam havia mais de 20 anos.⁴⁸

O levantamento solicitado por Zito a Estela, mostra o quão visionário ele era desde o início de sua carreira política.⁴⁹ A trajetória desenvolvida por ele é ímpar, de um simples vereador, em menos de dez anos, torna-se o “Rei da Baixada”.⁵⁰

Os resultados da pesquisa realizada por Estela lhe trouxeram preocupações, já que ela não sabia como Zito reagiria a tais resultados. Após a apresentação do trabalho, surpreendentemente: “Ele chamou algumas pessoas que trabalhavam com ele, naquela época, e colocou, assim, numa mesa, e foi pedindo a opinião de cada um sobre o trabalho”.

A conduta de Zito surpreendeu-a, principalmente, o fato de ele considerar a opinião de todos, desde o vigia do galpão onde aconteciam as reuniões às pessoas de nível superior que tinham se integrado ao grupo, ela e o Dr. Heleno.

Zito gostou do trabalho por ela realizado e a convidou para integrar seu grupo de trabalho.

⁴⁷ Zito possui uma belíssima casa bem próximo à praça do bairro Dr. Laureano, que é sua residência oficial. Que fica próxima a casa, onde Estela vive atualmente. Aproveitei os encontros que tive com Estela para observar o imóvel.

⁴⁸ Como aponta Gramado (1996 apud BARRETO, 2006), ele surge na política a partir de seu trabalho como líder comunitário do referido bairro. Como liderança ele organizava eventos na localidade, entre eles a Festa de Natal. A partir do momento em que foi eleito, tais eventos são multiplicados e a sua equipe de trabalho, da qual Estela faz parte, fica responsável pela organização dos mesmos.

⁴⁹ Rego (1985 apud NETO, 2008, p. 24) explica que o *marketing* político é uma ferramenta necessária à política contemporânea, já que se constitui em um “esforço planejado para se cultivar a atenção, o interesse e a preferência de um mercado de eleitores, é o caminho seguro para o sucesso de quem deseja vencer na política”.

⁵⁰ Em 2001, após contribuir significativamente para a eleição de sua filha, Andreia Zito, como deputada estadual, e de seu assessor Dr. Heleno como deputado federal, dois anos antes, ele se reelegeu prefeito de Duque de Caxias, e ao mesmo tempo, elegeu sua esposa na época, Narriman Felicidade, prefeita de Magé, seu irmão, Valdir Zito, prefeito de Belford Roxo. Nesse momento, ele foi apelidado por jornais, como a Folha de São Paulo, como o “Rei da Baixada”.

Estela notou, desde o início, uma rejeição por parte do grupo. Hoje, mesmo após quase 20 anos de trabalho, algumas pessoas que fazem parte desse grupo, desde a sua primeira composição, não a tratam educadamente. Ela tentou se aproximar deles em diferentes ocasiões, mas não obteve êxito.

Seu relacionamento com Zito, entretanto, era bom. Ela fez questão de afirmar que apesar da “fama de mulherengo” de Zito, eles nunca tiveram nenhum relacionamento amoroso. Em tom de juramento, ela afirmou: “... diante de Deus, ele nunca se quer tocou um dedo na minha pele. Deus colocou assim, como se fosse, [...] para eu estar ao lado dele como um irmão, um amigo”.

Chamou atenção a veemência empregada por Estela ao afirmar nunca ter tido um relacionamento afetivo com Zito, como se só pudesse ter chegado ao cargo de vice-prefeita de Duque de Caxias se fosse esposa, filha ou amante dele. Como se ela só pudesse ter alcançado tal patamar através da troca de favores sexuais.⁵¹

Uma das marcas da personalidade de Estela é a religiosidade; uma das primeiras mudanças ocorridas nas reuniões do grupo de trabalho de Zito foi a inclusão da oração, rito proposto por ela e Dr. Heleno, os dois católicos na época.

Foto 5- Estela, Zito e secretários municipais em reunião.

⁵¹Ainda que, historicamente, as esposas e mães tivessem influência na política através de seus ilustres maridos e filhos como aponta Rocha-Coutinho (1994), a influência das amantes no período republicano também era significativa, como aponta Neto (2014). “Muitas delas, inclusive, chegaram a exercer forte papel político na vida de seus parceiros, opinando em questões de Estado e distribuindo favores reais aos mais chegados”.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

Na fotografia, Zito, Estela e secretários municipais em uma reunião de trabalho, quando ele era prefeito, e ela, vice-prefeita. Todos estão de cabeça baixa olhos fechados e postura introspectiva, porque estavam rezando. Estela não iniciava nenhuma reunião sem antes uma oração.⁵²

Ao integrar o grupo de trabalho de Zito, Estela ficou responsável pela organização do Centro Social⁵³ que ele mantinha no bairro Dr. Laureano. Essa instituição oferecia diversos cursos, consultas médicas e transporte de doentes com ambulâncias.⁵⁴

No início, Zito não acertou formalmente um salário com Estela: “Ele (Zito) disse: ‘Você vai ficando, depois eu vou ver o que vou lhe dar!’” Ela aproveitou toda a experiência profissional que possuía para gerenciar o centro social.

⁵²Tal prática, ainda hoje, é um costume de Estela. Em nossa primeira conversa, uma das primeiras perguntas que ela me fez foi que religião eu possuía e em alguns de nossos encontros pediu que eu não saísse de sua casa antes de ela orar por mim.

⁵³ Estudo realizado por Paulo (2013) junto a centros sociais mantidos por vereadores de Duque de Caxias e Nova Iguaçu verificou que eles ofereciam os mais diversos serviços: serviços médicos e odontológicos, fisioterapia, atendimento jurídico, cursos diversos, cestas básicas, encaminhamentos para a realização de exames pelo SUS, aulas de futebol, ginástica, copeira, dança de salão, serviços funerários entre outros. Ofereciam também serviços que não eram fornecidos pelo Estado e que serviam de projeção e propaganda pessoal e política.

⁵⁴ Meses após o início do trabalho com Zito, Estela pede a ele que empregue seu irmão como motorista de ambulância.

Ao final do primeiro mês, ela percebeu que se dormisse no trabalho poderia economizar o dinheiro que gastava ao voltar todas as noites para a casa de sua irmã e todas as manhãs para ir ao trabalho.⁵⁵ Assim, pediu que a chave da instituição ficasse com ela, com a justificativa de que se era a responsável, gostaria de abrir e fechar a o local para maior controle.

Muitas vezes, Zito e seu irmão, Waldyr não entendiam como ela podia estar no Centro Social às 22 horas, quando eles passavam lá algumas vezes para buscar algo, e às 7 horas abrindo a instituição. Estela disse que Zito nunca soube que ela fez isso, tinha um misto de receio e vergonha, por isso não contou para ele, na época.

O salário de Estela, por quase um ano, foi incerto e baixo: “Ele (Zito) me dava um trocado! Como se fosse hoje, que o salário é R\$ 750,00, ele me dava uns R\$ 300,00, uns R\$ 400,00.”

Nesse período essa foi a única renda de Estela. Ela já havia terminado a graduação em pedagogia e havia tido o convite profissional de escolas privadas de Duque de Caxias para assinar diplomas falsos em troca de um salário, mas não aceitou. “Que sacrifício foi aquela faculdade! (risos) [...] Não! Jamais eu vou fazer isso, que é pegar o meu diploma e jogar no lixo!”.

Foto 6 - Lembrança da Formatura em Pedagogia.

⁵⁵ Tal valor atualmente seria aproximadamente R\$ 15,00 (quinze reais), por dia.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

E várias foram as adversidades enfrentadas por ela ao longo do curso: mudanças de emprego, brigas com o marido, que levaram a separação; o despejo de sua casa; a entrega de suas filhas a uma de sua irmãs.

Após um ano de trabalho à frente do centro social de Zito, Estela foi convidada por ele a tornar-se um de seus assessores na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias.

Tenho a impressão de que não somente Zito testou a perseverança de Estela, mas o próprio destino o fez, colocando vários altos e baixos na vida dessa mulher.

“Amanhã! Está toda a esperança! Existe e é prá vicejar!”⁵⁶

Após tornar-se assessora de Zito, Estela alugou uma casa num bairro próximo ao Dr. Laureano, onde ficava o centro social; e pegou suas filhas de volta com sua irmã, para morarem com ela. Nessa época, elas estavam com 15 e 7 anos de idade.

Ela se culpa até hoje pelas ausências que teve nas vidas de suas filhas.⁵⁷

⁵⁶ ARANTES, Guilherme..*Amanhã*. [s.n.;s.l.], [19-?].

Eu sacrifiquei muito a minha vida, eu me separei cedo, com as minhas filhas pequenas, eu só tenho, duas, né, a Patrícia e a Emiliene. E uma, na época, estava com 3 anos e a outra com 10. Eu coloquei meu trabalho, assim, na frente de quase todas as coisas para que eu pudesse dar o melhor para elas. Eu queria fazer, o que o meu pai tinha feito por mim! E hoje, depois que passou tudo isso, eu vejo que não teve importância, acho que o principal naquela hora era dar mais amor, ficar mais próxima delas.

A fala de Estela se relaciona com a da vice-prefeita de Natal e ex-governadora do Rio Grande do Norte Wilma de Faria:⁵⁸ “[...] A mulher na política tem que ter muito idealismo [...] deve saber que vai deixar filhos e família, vai perder o marido, terá que arranjar outro, que, provavelmente, perderá também. Essa é a verdade” (GROSSI et al., 2011, p. 183).

Reconheço o quanto a fala soa pessimista, mas como pesquisadora dessa área, reconheço-a como a realidade de grande parte das mulheres brasileiras que buscam uma carreira política. A trajetória de Estela ilustra de forma significativa tal “sentença”, já que mesmo após 20 anos de separação, ela não se casou novamente. Ela revelou que ao longo desse tempo, apaixonou-se algumas vezes, teve uns namorados, mas não quis se casar de novo.

“A vida é amiga da arte / É a parte que o sol me ensinou / O sol que atravessa essa estrada que nunca passou”⁵⁹

Estela observou Zito desde o início de seu trabalho com ele, e pouco a pouco, construiu uma avaliação de seus pontos fortes e fracos como político. Quando ela se tornou assessora dele na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias pode aprofundar essa análise.

Ela já havia notado suas dificuldades com a língua portuguesa. Assim, delicadamente, foi sinalizando seus erros e como ele poderia consertá-los, utilizando para tal seus conhecimentos como pedagoga. Zito mostrou-se sempre muito aberto às

⁵⁷ Pesquisa realizada por Meneguello et al. (2012) junto às parlamentares verificou o quanto é comum às mulheres que possuem carreira política não somente dificuldades para a conciliação entre os cuidados inerentes à maternidade, mas também certo nível de culpabilização, como observei na fala de Estela.

⁵⁸ Fala proferida no Seminário Mulher na Política – Mulheres no Poder, realizado pelo CFEMEA (Centro Feminista de Estudos e Assessoria) e pelo CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher), em 2000.

⁵⁹ VELOSO, Caetano. *Força estranha*. São Paulo: UNIVERSAL, [19--].

colocações de Estela. “Eu observei que aquele homem sobre quem as pessoas falam tanta coisa... gostava, assim, de ouvir, e até falava: ‘Fala mais explicado o que você quer que eu faça! O que eu posso mudar?’”

Embora Estela tenha iniciado esse trabalho de oralidade com Zito, observou que não seria possível continuar assessorando e colaborando nessa parte. Assim, buscou uma colega formada em Letras que, coincidentemente, morava próximo à residência do vereador, e a contratou para dar aulas particulares ao futuro líder político da Baixada Fluminense.

Estela percebeu que o “jeito errado de falar” de Zito, bem como, suas roupas, que eram consideradas bregas e inadequadas ao ambiente da Câmara de Vereadores, tinham impacto negativo em sua imagem, especialmente em relação a seus colegas do legislativo duquecaxiense. “Observei que na Câmara (de Vereadores de Duque de Caxias) teve muito preconceito, críticas contra ele”, contou Estela.

As aulas particulares influenciaram tanto Zito que ele voltou a estudar: terminou o Ensino Médio e iniciou a graduação em Direito em uma faculdade privada em Duque de Caxias. A entrada na universidade foi concomitante à conquista da Presidência da Câmara de Vereadores de Duque de Caxias em 1993, em seu segundo mandato.

É interessante perceber a ascensão que Zito na câmara duquecaxiense: de vereador discriminado pelos demais pares, em cinco anos ele se tornou o responsável pela casa legislativa.

Estela reconhece o quanto Zito se modificou em diversos aspectos, especialmente porque aceitou mudar e se empenhou para tal,

Ele foi mudando [...] se aperfeiçoando, e depois por ele mesmo, com aquela vontade que ele tinha de mudança, começou a fazer o segundo grau. A fazer diversos tipos de tratamento, de pele, de cabelo. Eu achava até engraçado, às vezes, ele perguntava: ‘Homem pode fazer esse tipo de tratamento?’ Eu dizia: ‘Claro, que pode’. Ele foi assim, por ele mesmo, o que era necessário para a vida dele.

Zito passou por toda uma mudança desde a sua primeira eleição como vereador em 1988, até o terceiro mandato na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, encerrado em 2012. Tal mudança se pautou tanto na oratória quanto na aparência física, e foi fundamental para que ele se transformasse em uma das maiores lideranças políticas da região.

A assessoria de Estela⁶⁰ foi fundamental para a “formação da imagem” de Zito. Percebo como sua atuação nos “bastidores” colaborou para que ele viesse a se transformar no ícone político que é ainda em 2015.⁶¹

Enquanto crescia a figura de Estela como assessora, ela vivenciava a adolescência das filhas, primeiro a de Patrícia, depois a de Emiliene. A fase mais difícil da maternidade, segundo sua avaliação:

Então, eu não tinha horário, deixava minhas filhas! Patrícia já estava uma mocinha, com 16, 17 anos, e ficou grávida. Ela teve seu primeiro filho, Wallace, e foi também como se fosse um filho meu. Pela idade dela, comecei a ter a responsabilidade. Emilieneera bem nova ainda e teve uma carência muito grande de mãe e de pai. Ela me deu muito trabalho, porque começou a sair escondido. Sabe como é adolescente?! Para resgatar foi difícil, mas como ela é, assim, muito verdadeira, ela mesma achou que deveria me conta, o que ela estava fazendo de errado.

Estela mostrou-se mais uma vez culpada e arrependida por não ter participado com tanta proximidade do crescimento das filhas.

Em virtude do relacionamento de Patrícia com o pai de Wallace, seu filho, não ter dado certo, ela continuou a morar com a mãe, mesmo após o nascimento do bebê.

Apesar da gravidez da filha mais velha ter sido uma surpresa para Estela, ela ficou maravilhava com a ideia de ser avó. Tal encantamento fez com que ela se sentisse um pouco mãe de Wallace, que no momento da última entrevista estava com 23 anos.⁶²

⁶⁰A função do assessor assemelha-se, nesse processo, à de um vendedor que tenta fazer com que haja um relacionamento vivo e interativo entre eleitorado e candidato (BERNDT et al., 1985). “Não há fluxo físico de produtos, mas um fluxo de mensagens simbolizadas através de expressões, gestos, palavras que servirão para compor a imagem do político ou de um governo, junto ao eleitor ou cidadão” (BERNDT et al., 1985, p. 17).

⁶¹Todas as mudanças vivenciadas por Zito, muitas delas sugeridas e estimuladas por Estela, fazem parte das estratégias de marketing político e são diferentes das utilizadas no marketing eleitoral, que se voltadiretamente para a eleição a qual o político concorre. MC Guiniss (apud BERNDT et al, 1985) aponta que o político, ou melhor, a imagem e as ideias de um político podem ser vendidas como qualquer produto comercial, sendo que a moeda de troca é o voto. Berndt et al. (1985, p. 16) explica que o *marketing* político é individualizado e não é ligado necessariamente ao partido político. “Ele (o candidato) é, ao mesmo tempo, produto de uma organização à qual pertence e uma organização independente”(Op. Cit. p. 16).

⁶²A relação entre eles é tão próxima que até os 13 anos de idade ele morava com Estela. Ela levava-o para todos os lugares: reuniões do PSDB, inaugurações de praças e equipamentos públicos, comícios, quase que o iniciando na política, como fizera o pai dela no passado. Mas Wallace resolveu não seguir o caminho apresentado pela avó – ele trabalha na área de informática –, mas continua considerando-a como uma segunda mãe.

Foto 7- Estela com suas duas filhas: Patrícia, do lado esquerdo, e Emiliene, do lado direito.



Fonte: página pessoal de Emiliene Vasconcelos.⁶³

Estela atualmente tem também outra neta, filha de Emiliene: Emily, uma adolescente, de 12 anos de idade.

Se Estela se considerou ausente do dia a dia das filhas no passado, atualmente sempre que possível ela tenta recuperar o tempo perdido, estando sempre próxima dos netos, Wallace e Emily.⁶⁴

⁶³Disponível em: <<https://www.facebook.com/emiliene.vasconceloscosta?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

⁶⁴ Dos quatro encontros que tive com Estela, dois deles foram interrompidos pelos netos. Em um deles, sua neta que mora embaixo de sua casa, queria se despedir da avó já que estava indo para o colégio. No outro, o neto telefonou-lhe para que conversar sobre o aluguel do sítio de propriedade de Estela para um evento religioso. Seu neto também a ajuda na administração da propriedade.

Em todos os momentos de dificuldades que Estela teve com suas filhas, Zito deu-lhe apoio, transformando-se em um irmão. Como ela sintetizou: “Ficou uma família”.

Estela e Dilma Rousseff tiveram uma significativa aproximação com seus chefes, Zito e Luiz Inácio Lula da Silva, fazendo com que o contato político formal se transformasse em amizade, em cumplicidade. A relação entre Dilma e Lula tornou-se tão próxima que ele é a única pessoa, além da mãe e da tia de Dilma, que a chama carinhosamente de “Dilminha” (AMARAL, 2011).

Zito deu apoio a Estela em diversos momentos delicados de sua vida, comportando-se como verdadeiro irmão, entre eles, a gravidez de Patrícia. Lula ao saber que Dilma possuía um tipo raro de câncer – um linfoma, descoberto, no início da campanha dela à Presidência da República, em 2009 – e que ela estava sendo tratada por Dr. Kalil, seu médico pessoal, no Hospital Sírio Libanês, encorajou-a e disse: “Tranquila, Dilminha, tranquila. Você é forte, vai conseguir” (AMARAL, 2011, p. 191). Logo após a cirurgia, Dilma estava com Lula em Manaus, realizando inaugurações, quando ele lhe indicou: “Quero que você olhe para as pessoas, porque a partir delas vem a sua força, a força que você precisa. Esse povo vai precisar muito de você daqui prá frente” (AMARAL, 2011, p. 192).

Estela avalia que a experiência como assessora de Zito, enquanto seu chefe de gabinete, proporcionou-lhe significativo crescimento pessoal, profissional e político.

Aprendi muito com Zito, foi uma troca de experiências muito grande (...) Uma coisa que eu gostava e admiro muito, até hoje, era que ele chamava atenção quando as coisas estavam erradas, e eu fazia de tudo para que ele não me chamasse atenção, porque se chamasse, eu podia até me magoar, (...) é ruim, porque dói demais.

O posicionamento severo de Zito ao comandar a sua equipe de trabalho fez com que ela se empenhasse o máximo possível.

Mesmo no gabinete de Zito na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias Estela continuou a ser a única mulher. E esse fato era um motivo a mais para que ela se esforçasse para não ter falhas. Explicou: “Como mulher, eu queria ser a melhor. Como mulher, eu queria mostrar para os homens que também podia!”.

Ao refletir sobre os desafios expostos por Estela em ser a única presença feminina no grupo de trabalho e posteriormente no gabinete de Zito, relaciono, mais

uma vez, sua trajetória com a de Dilma Rousseff. Em 2007, quando esta foi questionada pela imprensa sobre a sua fama de ministra durona da Casa Civil, ela respondeu em tom de quase ironia: “Sou uma mulher dura, cercada de homens meigos” (AMARAL, 2011).

Em 1994, Zito, ainda à frente da presidência da Câmara de Vereadores de Duque de Caxias, vivenciou um dos momentos mais significativos de sua carreira política: tornou-se o principal nome do PSDB na Baixada Fluminense e responsável pelas campanhas de Marcello Alencar ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República. Estela aponta que eleição de ambos trouxe significativa notoriedade ao PSDB em nível nacional e destaque a Zito.⁶⁵

Nessa mesma eleição, Zito buscou voos mais altos: candidatou-se e se elegeu deputado estadual, com significativa votação.⁶⁶

“Vagando em verso eu vim / Vestido de cetim / Na mão direita rosas vou levar”⁶⁷

A única pessoa do grupo inicial de trabalho de Zito que ele levou para a ALERJ foi Estela, mas ela ficou pouco tempo como sua assessora parlamentar. Em virtude de um acordo político de Zito com o então prefeito de Duque de Caxias, o Dr. Moacyr Rodrigues do Carmo, ela foi indicada para um cargo na Secretaria de Obras do município em virtude de sua experiência.⁶⁸

Nesse período, Estela vivenciou um dos mais significativos episódios de sua carreira política, ao ser convidada por Zito a participar de uma reunião, em sua casa com

⁶⁵Alves (2003, p. 170 e 171) aponta que “A outra face da política de Marcello Alencar para a Baixada baseou-se num poderoso esquema de comunicação e publicidade que recobriu a ‘região mais violenta do mundo’ com manchetes sobre o seu progresso econômico. Novo polo de desenvolvimento e o 4º mercado consumidor do país, segundo a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, a Baixada agora por um surto de crescimento capitaneado pelos investimentos do governo do estado. Ao lado da construção de vários shopping centers, de condomínios para setores de classe média e da instalação de inúmeras indústrias, o governo estaria investindo em grandes projetos como a construção do porto de Sepetiba, do polo de gás química e da Via Light, uma rodovia expressa que ligaria o centro de Nova Iguaçu à Linha Vermelha. A despoluição da baía de Guanabara implementaria, por sua vez, obras de saneamento em vários bairros localizados às margens dos principais rios que cortam a região. Já o projeto Baixada Viva implicaria o investimento em obras de infra-estrutura urbana e social”

⁶⁶Zito obteve 34.373 votos como deputado estadual, em 1994. (TSE, 2014).

⁶⁷CAYMMI, Danilo; SOUTO, Edmundo; TAPAJÓS, Paulinho. *Andanças*. [s. l.], [196-?].

⁶⁸Nessa época, a filha de Zito, Andreia, que também é uma das protagonistas desta tese, passou a trabalhar na Prefeitura de Duque de Caxias. (Fonte: Entrevista concedida por Andreia Zito Almeida dos Santos a autora desta tese).

as presenças de Marcelo Alencar e Fernando Henrique Cardoso, já eleitos governador do estado do Rio de Janeiro e presidente da república, respectivamente.

Nessa ocasião, Zito reconheceu para as maiores lideranças nacionais do PSDB a importância de Estela na sua vida política e o quanto ele pretendia, num futuro próximo apoiá-la politicamente. “Ele (Zito) disse: ‘Vou ser candidato a prefeito e vou mudar Duque de Caxias. [...]. E quero botar uma mulher! De mulher eu só posso botar essa daí (apontando para Estela), porque é a Estela que faz tudo, é ela que conseguiu a cidade.’”

A escalada de Zito continuava, e antes mesmo do término do seu mandato como deputado estadual, em 1996 ele foi eleito prefeito de Duque de Caxias, e mais uma vez percebeu a consolidação da carreira como líder político da Baixada Fluminense.⁶⁹

Após a posse de Zito como prefeito, Estela foi nomeada subsecretária de meio-ambiente,⁷⁰ secretaria que era comandada por Narriman Felicidade, na época esposa do prefeito. Posteriormente, ainda no mesmo mandato, Estela torna-se secretária de obras.⁷¹ Ela acredita que foi escolhida para essa secretaria, em virtude do grande aprendizado que teve no trabalho com Zito.

Desde o tempo em que Zito era vereador, eu o acompanhava, ele sempre gostava muito de obras. E naquela época, não tinha nada! A pavimentação era muito precária. Até a coleta de lixo. Não havia essas coisas no município. Então, nós tínhamos que ir para a prefeitura, para poder trazer uma máquina, para limpar um bairro, levar um pó de pedra para jogar nas ruas que estavam com buracos. Naquela época, não tinha nada no município. [...] Não tinha praça, era tudo escuro, a gente ia pedir lâmpada (na prefeitura). Até que ele (Zito) achou que eu poderia fazer isso sozinha, e passei a fazer sozinha. Foi uma confiança.

O fato de Estela ocupar pastas considerada “não-femininas” torna-se emblemático em sua trajetória política, pois essa característica não é comum entre as mulheres.

⁶⁹Zito foi eleito prefeito de Duque de Caxias, em 1996, com 114.302 votos, no 2º turno, (TSE, 2014).

⁷⁰ Logo após a eleição de Zito como prefeito, Estela lhe pede que dê o cargo que ela ocupava na Secretaria de Obras para sua irmã, que no passado, cuidou de suas filhas.

⁷¹ Estela revelou, em meio a risos, um episódio em que Narriman queixou-se com Zito que Estela, mesmo sendo subsecretária de Meio Ambiente, só vivia preocupada com obras. Ele então decidiu dar a Secretária de Obras a ela.

Se é a participação da mulher em cargos decisórios da política brasileira é escassa, mas escassa ainda é em pastas que não sejam ligadas à assistência social e à educação.⁷²

É interessante perceber a relação de mestre-discípula que se estabeleceu entre Zito e Estela. A relação, porém, inverteu-se em vários momentos. Se no início é ela quem o orienta em relação a erros em sua fala e à necessidade de uma nova imagem, agora ele a orienta sobre os procedimentos necessários para as melhorias no município. Como aponta Rocha-Coutinho (1994 apud LOBO, 2001, p. 59): “grande parte das relações sociais de poder se dão na intimidade, não se esgotando as relações de poder mais visíveis, tipo patrão-empregado, marido-esposa, senhor-escravo”.

Observo a relação de Estela e Zito à luz da relação de Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva: nos dois casos, ela se iniciou com uma relação de trabalho – uma relação formal – que se estreitou e fez com que se tornassem, além de amigos, grandes parceiros. Ambas, Estela e Dilma, eram possuidoras, inicialmente, de cargos subalternos⁷³ e ao longo do tempo tiveram suas carreiras políticas incentivadas pelos seus chefes (AMARAL, 2011).

Uma das marcas da administração de Zito foi a pavimentação de ruas, dando corpo ao slogan de sua campanha política: “Muda Caxias!”, que tinha por objetivo transformar a imagem do município, que era a de uma localidade suja e abandonada; todas as ruas principais, praças, viadutos e equipamentos públicos foram pintados de azul e amarelo, cores do PSDB, partido do prefeito na época.

⁷²Pesquisa realizada por Pinheiro (2007) junto às proposições realizadas pelas deputadas federais de 1987 a 2002 verificou que a maior parte delas se referia às áreas da assistência social, minorias, educação e cultura, mulher, violência sexual e doméstica, saúde, meio ambiente e turismo. E que também nessas áreas, o índice de aprovação das proposições elaboradas pelas parlamentares era maior do que em outras. Percebe-se assim, o quanto o êxito das parlamentares se dá quando elas ratificam o papel social delegado historicamente às mulheres, o cuidado, ou seja; embora, elas estejam na esfera pública, no âmbito político, elas para conseguirem êxito necessitam ter posicionamentos muito próximos da esfera privada.

⁷³Dilma começa a integrar a equipe de Lula, como um dos membros do grupo de energia do Instituto Cidadania, QG (Quartel General) da campanha dele à Presidência da República, que ocorreria em 2001. Ela, uma economista com significativa experiência política, foi a primeira mulher no país a comandar uma Secretaria de Fazenda de uma capital, nesse caso, Porto Alegre, de 1986 a 1989; foi presidente da Fundação de Economia e Estatística, de Porto Alegre, de 1991 a 1993, onde décadas antes tinha sido não somente estagiária, mas demitida, porque seu nome estava na lista de subversivos do General Frota; foi Secretária de Energia, Minas e Comunicação (SEMC) em Porto Alegre, de 1993 a 1995, e de 1999 a 2001. Ela foi convidada, em 2002, a integrar um quarteto composto por um Doutor em Física, um Doutor em Tecnologia e um Doutor em Ciências Sociais (AMARAL, 2011). “Na primeira reunião com o grupo, Lula reparou duas coisas na nova companheira: Dilma recorria toda hora a um laptop recheado de dados e informações e era a única ali com experiência com governo. Tinha jeito de ministra” (AMARAL, 2011, p. 123).

Foto8 - Logomarca da Prefeitura de Duque de Caxias, no governo Zito.



Fonte: Portal da Transparência.⁷⁴

Foto 9- Crianças brincam em brinquedos que ficam ao lado de uma escola.



Fonte: A voz dos municípios.⁷⁵

⁷⁴Disponível em: < www.transparencia.duquedecaxias.rj.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

David [20-?], em seu estudo sobre a administração Zito, aponta que tal pintura teve como objetivo demarcar o território do prefeito e de seu partido, o PSDB, bem como descaracterizar o município.

Estela como secretária de obras foi a responsável pela referida pintura que, segundo ela, surgiu por acaso. Rotineiramente, os prefeitos mandavam pintar os meios-fios das principais ruas de Duque de Caxias com cal, sendo que na primeira chuva, a pintura se apagava. Logo no início do primeiro mandato de Zito como prefeito, os meios-fios foram pintados de cal, mas, dias depois da pintura, choveu, e o serviço, literalmente, se diluiu. Então, Estela pediu a autorização de Zito para pintar os meios-fios da Av. Brigadeiro Lima e Silva⁷⁶ de amarelo, com uma tinta resistente à ação do tempo.

Após reclamar do custo, Zito autorizou. Na época, para convencê-lo, ela lhe disse que iria ficar bonito e que tal avenida era um dos cartões de visita de Duque de Caxias. No mesmo dia, após a pintura, choveu, e Estela fez questão de, no dia seguinte pela manhã, ir ao local onde havia sido realizado o serviço.

Ela viu que a chuva não havia alterado o trabalho realizado e teve a ideia de pintar os postes de azul. Novamente, pediu autorização a Zito. Ele reclamou mais uma vez do custo, mas autorizou. Como justificativa, Estela disse a ele que iria ficar bonito, iria combinar.

Após a pintura, ela inspecionou o trabalho e pediu a Zito que no dia seguinte pela manhã passasse na referida avenida para ver o resultado. Ele, após passar no local, não somente gostou do trabalho, mas pediu a Estela que aquele fosse o padrão de pintura para todo o município. Ao ser questionada por mim sobre as cores, Estela desconversou, disse que escolheu-as porque são bonitas.

Estela desenvolveu uma relação de carinho com o município, como secretária de obras. Ela avaliou que exerceu um tipo de “maternidade” em sua administração. Explicou:

A mulher quando está ou quando consegue através da profissão, através da política, como foi o meu caso, você quer administrar como se fosse a sua casa, uma grande casa de fora. Como eu estava dizendo, a preocupação é total. Igual ao filho, em quem você tem que dar banho, com quem tem que conversar, colocar para dormir [...] Na

⁷⁵ Disponível em: <www.vozdosmunicipios.com.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

⁷⁶ Tal avenida, é uma das principais de Caxias, liga a Praça Roberto Silveira, onde ficava a prefeitura na década de 1980, à Rodovia Washington Luiz.

rua é a mesma coisa, como se você abraçasse essa causa [...] Cada bairro é seu filho. Em cada local você acha que tem que dar o melhor.

Paradoxalmente, embora Estela se considere uma mãe ausente na educação e no crescimento das filhas, ela se vê como “mãe” de cada bairro.⁷⁷

Ao examinar esse posicionamento de Estela, percebo mais um elo nas trajetórias da vice-prefeita de Duque de Caxias e de Dilma Rousseff. Em março de 2008, antes de decidir quem seria seu indicado como sucessor político, já que seu segundo mandato chegaria ao fim em 2010, Luiz Inácio Lula da Silva iniciou as inaugurações das obras do PAC⁷⁸ em todo o Brasil. Uma das primeiras foi nas favelas do Alemão, Rocinha e Manguinhos, no Rio de Janeiro. Nestas atividades, o Presidente da República levava alguns de seus ministros, e uma delas era a Ministra da Casa Civil, que já tinha sido Ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff. No meio do discurso de Lula, para surpresa de todos, ele disse: “Eu quero agradecer a companheira Dilma Rousseff. A Dilma é uma espécie de mãe do PAC. Ela é a companheira que coordena o PAC. É ela que cuida, que acompanha, que vai cobrar [...] se as obras estão andando” (AMARAL, 2011).

Tanto Estela quanto Dilma são colocadas, mas também se colocam, no lugar do cuidado com a cidade, com as obras. Dilma dizia à imprensa que tinha um “xodó” com os projetos de urbanização em favelas (AMARAL, 2011).

Após o pronunciamento de Lula, ao ser questionada pela imprensa, respondeu: “Para o bem ou para o mal, eu sou a mãe do PAC” (AMARAL, 2011, p. 177).

Questiono-me se as mulheres, através de suas atuações políticas, exercem algum tipo de maternidade. Segundo Riddick et al. (1998 apud MIGUEL, 2001), através da “política do desvelo” (carepolits) ou do “pensamento maternal”, seria possível a construção de uma política diferenciada, já que, historicamente, elas foram acostumadas a cuidar dos outros e a velar pelos mais indefesos.

⁷⁷RABAY et al. (2013, p. 4) a partir de um estudo com prefeitas verificou que é comum tais gestoras interpretarem a administração municipal como uma extensão das atividades realizadas por elas em seus lares, as atividades domésticas. “A proximidade do lócus de atuação política (a prefeitura) do lar, permitindo a conciliação entre as obrigações políticas e as obrigações familiares, a percepção de que a edilidade demarca ações próximas às necessidades reprodutivas relacionadas à saúde, educação, limpeza urbana e o questionamento corrente a respeito de uma dependência feminina em relação à família e aos esquemas político-familiares são elementos que podem contribuir para uma percepção sobre a cidade como um espaço que demanda cuidados femininos”.

⁷⁸Programa de Aceleração do Crescimento.

As mulheres trariam para a política, uma valorização da solidariedade e da compaixão, além da busca genuína pela paz; áreas hoje desprezadas nos embates políticos, como o amparo social, saúde, educação ou meio ambiente ganhariam atenção renovada. (MIGUEL, 2001, p. 259 e 260).

“Você não sabe o quanto eu caminhei / Prá chegar até aqui / Eu nem cochilei / Os mais belos montes escalei / Nas noites escuras de frio chorei”⁷⁹

Estela chegou ao posto de vice-prefeita de Duque de Caxias em 2001. Seu nome foi cogitado quando Zito, ao final de seu primeiro mandato como prefeito, decidiu buscar a reeleição. Ela explicou: “Por eu trabalhar me dedicando com tudo, ao lado dele o tempo todo, ele falou: “Poxa! [...] Não vou trazer estranho! Eu tenho que trazer uma pessoa que eu possa virar as costas e não ser traído! Não tem outra pessoa a não ser você!”.

Foto 10: Estela com cabos eleitorais na segunda candidatura de Zito à prefeitura de Duque de Caxias.



Fonte: Página pessoal de Emiliene Vasconcelos.⁸⁰

⁷⁹GARRIDO, Toni; DA GAMA. *A estrada*. Rio de Janeiro: [s.n.; s.l.].

A confiança demonstrada por Zito ao convidar Estela para o cargo de vice-prefeita é emblemática. Tal convite constitui-se no reconhecimento de 12 anos de trabalho, na época. Através desse cargo, Estela marca a política de Duque de Caxias já que ela se tornou primeira, e até 2015, a única vice-prefeita desse município.⁸¹

Zito em seu primeiro mandato como prefeito teve como vice Washington Reis, na época, ex-vereador de Duque de Caxias e ex-deputado estadual, uma liderança política da zona rural do município. A aliança entre Zito e Washington Reis foi fruto de um grande acordo realizado entre o PSDB e o PMDB. Logo nos anos iniciais do mandato, ocorreu um rompimento entre o prefeito e o vice. Como confidenciou Estela: “O vice-prefeito dele (Zito) não deu certo, e ele ficou sem vice-prefeito. Houve um conflito na política”.

Estela reconheceu como a projeção do PSDB contribuiu o segundo mandato de Zito, iniciado em 2001, no qual foi vice-prefeita. Houve possibilidade de realização de ótima administração, já que o número de recursos disponíveis era significativo. “Veio o Baixada Viva para nos ajudar muito, no município, aqui. Deu para fazermos, assim, quase tudo que queríamos no município.”

Outro fator que somou ao auge do partido foram as eleições de dois aliados, os quais chamo de “herdeiros” políticos de Zito: sua filha, Andréia e o ex-assessor Dr. Heleno. Estela explicou:

Andrea (Zito) era deputada estadual e conseguiu trazer [...] do estado tudo aquilo que podia beneficiar. E o Dr. Heleno era deputado federal [...]. Foi uma gestão, assim, em que acho que [...] nós demos o melhor de cada um. E acho que o município teve aquele progresso, de repente.

Ela avalia que tais alianças políticas contribuíram inclusive, para que ela tivesse boa atuação como vice-prefeita. Reconheceu: “Como eu tinha um poder na mão, ficou mais fácil, não é?!” .

Essa foi a única vez ao longo das quatro entrevistas que realizei com Estela em que ela falou a palavra poder. Foi o único momento em que ela reconheceu, para mim,

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/emiliene.vasconceloscosta?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

⁸¹ A chegada de Estela a tal cargo se coaduna com estudo realizado pelo IBAM, com base nos dados do TSE, que apontou um aumento da participação de mulheres nas prefeituras e câmaras de vereadores brasileiras, ao longo das décadas de 1990 e 2000 (IBAM, 2003 apud MIGUEL et al., 2006, p. 367).

que já teve o poder de comandar e influenciar a política no município de Duque de Caxias.

Embora Estela tenha usado a palavra “poder”, acredito que ela estava se referindo ao processo de *empowerment*,⁸² já que o campo de possibilidades de atuação política dela aumentou de forma significativa a partir do momento em que ela se torna a vice-prefeita de Duque de Caxias.⁸³ A chegada a tal cargo, fez com que Estela se percebesse como sujeito ativo de suas escolhas e principalmente de sua vida. Esse posicionamento, como destaca Oliveira (2006 apud DELESPOSTE, 2012), é fruto do movimento feminista, que historicamente, vem possibilitando não somente a saída das mulheres (PERROT, 1994), mas suas entradas em diferentes espaços, restritos anteriormente, como os cargos decisórios da política.

Coube à Estela, como vice-prefeita, dar atenção à infraestrutura do município, possivelmente em virtude de sua experiência anteriores secretarias de meio ambiente, agricultura e abastecimento e de obras.

Fui a responsável pelo lixo e pelo esgoto. [...] No final, fui abraçando muitas causas. Eu estava fazendo uns trabalhos e já observava as lâmpadas que estavam com problemas. Você vai pegando um todo, assim. E isso vai fazendo com que você vá pegando essas responsabilidades. Mas, você, às vezes, está pensando naquilo para ajudar, mesmo [...] Eu não tinha horário, todas as pessoas viajam, mas quem é responsável pelo lixo não viaja, porque nas festas aumenta o lixo [...] demais.

Como pode ser percebido, Estela, como vice-prefeita, não se limitou a acompanhar Zito em eventos políticos.

⁸²Vasconcellos, 2003.

⁸³ Estudo realizado por Grossi et al. (2001), a partir de um seminário nacional, ocorrido em 2001, que contou com a presença de vereadoras, prefeitas, deputadas estaduais, deputadas federais e lideranças femininas partidárias, buscou verificar como essas mulheres percebiam o poder que possuíam e verificou que a maioria delas não o percebia como um objeto ou lugar, mas uma ação. Outro aspecto também verificado foi o quanto as mulheres, ainda hoje, não são educadas para o poder, para a liderança, questão explicitada pela então, deputada federal Luiza Erundina: “Não basta disputarmos e conquistarmos o poder. Primeiro é preciso que gostemos dele. Fomos educadas, formadas e induzidas ideologicamente a não gostar do poder e a achar que é coisa de homem. [...]”. A então presidente do PTB Mulher, Ilka Fleury, complementou a fala de Erundina apontando que as mulheres têm vergonha de verbalizar o desejo pelo poder, diferentemente dos homens. Já a vereadora Eni Fernandes, contrariamente às falas expostas anteriormente, prefere não ver ligação entre poder e política. “Não estamos no poder, mas estamos na política”. Ratificando assim, a resistência feminina ao poder.

Foto 11 - Estela com Zito em uma inauguração.



Fonte: Acervo Fotográfico Pessoal de Estela.

Foto 12 - Estela com Zito e Zagallo, ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol, na inauguração de seu busto, no Centro de Esportes de Duque de Caxias.



Fonte: Acervo Fotográfico Pessoal de Estela.

Foto 13- Estela ao lado de Zito, na abertura do Desfile Cívico de Duque de Caxias.⁸⁴



Fonte: Acervo Fotográfico Pessoal de Estela.

Visando imprimir seu estilo ao cargo de vice-prefeita, Estela tomou a decisão de que seu gabinete não seria ao lado do gabinete prefeito, como era o do vice-prefeito anterior.⁸⁵

Foto 14- Estela em seu gabinete.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

⁸⁴Sempre ocorre dia 25 de agosto, em homenagem ao Patrono do município. Uma das marcas do Governo de Zito era a abertura do desfile, que contava com a presença dele e de todos os seus secretários e secretárias.

⁸⁵Nessa época, a Prefeitura de Duque de Caxias já se encontrava localizada no bairro Jardim Primavera no centro geográfico do município, mas distante do centro comercial. Estela optou por instalar seu gabinete no antigo prédio da prefeitura, que fica numa região comercial do município. Atualmente ele abriga algumas secretarias de pequeno porte e um Centro de Atendimento Fisioterápico.

Ela ficava no gabinete, em média, três vezes por semana, realizando reuniões, dando entrevistas e atendimento à população, aos empresários, etc. Sendo que uma equipe coordenada por ela atendia a população todos os dias. Nos outros dias, Estela visitava todas as secretarias e equipamentos públicos.⁸⁶

Pouco a pouco, Estela constituiu sua equipe de trabalho. Não tinha presa, pois sabia da importância de uma equipe para o trabalho do político, especialmente por ter sido um dos elementos principais na equipe de Zito.

Zito, desde que era líder comunitário, nas décadas de 1970 e 1980, gostava de organizar festividades para a população. Como vice-prefeita, Estela tornou-se responsável pela maior delas: a de Natal, que tinha como público alvo principal as famílias atingidas por enchentes.

Ela contou, empolgada, que mandava ônibus da prefeitura para as localidades, e eles levavam as famílias para o Centro de Esportes de Duque de Caxias. Lá eram distribuídas camisetas, lanches e brinquedos, e eram sorteados móveis, televisões e bicicletas.

⁸⁶Em uma das idas ao Hospital Duque de Caxias, na época o único hospital do município, ela viveu um episódio que fez questão de contar. Lá chegando, buscou conversar com algumas pessoas que aguardavam atendimento, até que conheceu um senhor que necessitava de uma transferência hospitalar e já a estava aguardando há alguns dias. Ela conta que disse para a chefia do hospital: “Não saio daqui, enquanto esse homem não for transferido!”. E a transferência, mesmo assim, demorou mais de 24 horas após a chegada dela na unidade hospitalar, e o senhor dizia para ela: “Eu não acredito que uma vice-prefeita está aqui, me ajudando!”. Ressalto que uma das marcas das administrações de Zito é a fiscalização pessoal do funcionamento dos equipamentos públicos, como a conduta de Estela aponta. Existe uma “lenda” recente de Duque de Caxias que conta que, certa madrugada, Zito adentrou o mesmo hospital em que Estela vivenciou o episódio vestido de mendigo, disfarçado. Seu objetivo era verificar como estava sendo realizado o atendimento e como os profissionais reagiriam a sua presença. Conta-se ele que foi tratado com desdém por vários funcionários e que providenciou a exoneração e/ou transferência dos referidos.

Foto 15- População duquecaxiense em umas festas de Natal organizadas por Estela.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

A convivência fez com que Estela estreitasse, mais ainda, sua relação com Zito e sua família, passando a se relacionar pessoal e politicamente com seus parentes, entre eles, Narriman Felicidade,⁸⁷ na época, esposa do prefeito, e Andreia,⁸⁸ filha dele, ambas protagonistas desta tese.

Foto 16- Estela, de vestido azul escuro, Narriman, ao centro, e Andreia, à esquerda, em um baile após serem homenageadas junto com outras mulheres de Duque de Caxias.

⁸⁷ Eleita prefeita de Magé em 2000.

⁸⁸ Eleita deputada estadual em 1998 e 2002, posteriormente, em 2006 e 2010, deputada federal.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

Ainda durante o mandato, ela foi estimulada por Zito a retomar seus estudos. Iniciou assim um MBA em Administração Pública na Fundação Getúlio Vargas, junto com outras pessoas ligadas ao governo. Explicou:

[Zito] incentivou que eu arrumasse um grupo [...] e eu fui fazer Administração Pública, na Fundação Getúlio Vargas [...] **(Isso)** me ajudou muito, porque é muito bom você entender um pouco de administração. Às vezes, só julga e não sabe das dificuldades, do que realmente acontece no governo, na prefeitura ou no estado. Você passa a entender muita coisa (grifo nosso).

Estela possui uma avaliação dos governos de Zito não somente como vice-prefeita de um deles, mas como moradora do município há mais de 40 anos. Para explicar como era Duque de Caxias, antes da “era Zito”, ela contou um episódio que vivenciou na década de 1980, quando trabalhava com o então prefeito Juberlan de Oliveira e estava terminando sua primeira graduação:

Eu pedia às minhas amigas para virem fazer trabalhos comigo, por causa das divisões de trabalhos. ‘Vai ser na casa de um, vai ser na casa de outro, não é?!’. Eu pedia: ‘Vai ser na minha casa!’ Porque eu morava em uma cobertura enorme. Era alugada, mas era uma boa cobertura. Mas todo mundo tinha medo, preconceito! ‘Duque de Caxias é terrível!’ ‘Lá, vai ter problema!’ E por acaso, uma vez quando elas aceitaram, teve um tiroteio na Praça do Pacificador (risos).

Quase vinte anos depois, como vice-prefeita e aluna da Fundação Getúlio Vargas, ela pôde não somente constatar como moradora as melhorias e mudanças ocorridas no município, mas tornou-se colaboradora de uma pesquisa realizada pela instituição sobre o crescimento econômico vivenciado por Duque de Caxias. Empolgada, explicou: “A cidade tinha estourado no país. Então, os próprios professores [...] queriam conhece-la, conhecer os bairros e a administração de Zito de perto. Então, eu fiquei, assim, orgulhosa de fazer parte daquilo”.

As raras produções científicas sobre o município de Duque de Caxias discutem, majoritariamente, o possível passado criminal de Zito e não as suas administrações ou o desenvolvimento local ao longo do referido período histórico.

Durante os mandatos de Zito, o município tornou-se o segundo maior PIB no estado do Rio de Janeiro, em virtude da quantidade de empresas que se instalaram no mesmo, uma delas o parque gráfico do jornal O Globo.⁸⁹

Ficou evidente a relação afetiva desenvolvida entre Estela e Zito, uma relação que rompeu os limites da venda da força de trabalho, uma relação permeada de amizade e principalmente admiração.

Eu me questiono quando ela fala das mudanças ocorridas no município após as eleições de Zito, se ela está falando das obras ou dos feitos de seu ídolo – ou se das duas coisas em conjunto.

É interessante perceber o quanto, mesmo Estela estando inserida na equipe de governo, ela não percebe que tais mudanças também foram possíveis a partir da própria atuação.

Um dos desafios vivenciado na pesquisa para a realização dessa tese foi encontrar na imprensa notícias e imagens de Estela. Em alguns momentos, tive a impressão que estava estudando alguém “quase invisível”, mas que foi a única vice-prefeita de um dos maiores municípios da Baixada Fluminense. Estranhamente paradoxal!

Tal constatação fez com que eu pedisse a ela em nosso terceiro encontro que me mostrasse algumas fotos do período em que atuou na política de Duque de Caxias. Estela me respondeu dizendo que tinha várias. No dia marcado, ela me recepcionou com mais

⁸⁹Enquanto o PIB do município de Duque de Caxias, no segundo ano do primeiro mandato de Zito como prefeito era de R\$ 7.119.748,00, no último ano de seu segundo mandato consecutivo como prefeito era de R\$ 16.907.063, e ao final de seu terceiro mandato, em 2012, era de R\$ 27.121.668,00.(IBGE, 2014).

de 150 fotos que descortinaram novos episódios da vida dessa mulher, já que, não raro, ao me mostrar uma foto, Estela relembra um fato e revelava detalhes do seu cotidiano como assessora, secretária municipal e vice-prefeita.

*“Deus me proteja da sua inveja”*⁹⁰

A coroação do trabalho de Estela na política de Duque de Caxias, alcançada com o cargo de vice-prefeita, trouxe incômodos a alguns secretários municipais. Ela não imaginava o quanto a sua projeção política trazia desconforto a muitos.

Foto 17 - Estela e Zito numa reunião com secretários municipais.



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

O clima de competição ficou em evidência quando Zito anunciou a seus secretários em uma reunião a possibilidade de concorrer ao governo do estado do Rio de Janeiro, em 2002, no meio do seu segundo mandato como prefeito.⁹¹ Ele explicou a todos que, caso fosse eleito, Estela assumiria os dois anos restantes de governo como prefeita.

⁹⁰ LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. *Reza*. São Paulo: Biscoito Fino, 2012.

⁹¹ Zito planejava em conjunto com parte dos integrantes do PSDB o lançamento de sua candidatura ao cargo de governador do estado do Rio de Janeiro, para a qual a eleição ocorreria em outubro de 2006, mas, meses depois, o partido decidiu que candidata seria a deputada estadual Solange Amaral. Tal decisão fez com que os planos de Zito de expansão política para fora da Baixada Fluminense fossem adiados.

A possibilidade de que ela se tornasse a primeira prefeita de Duque de Caxias abalou tanto um grupo de secretários (todos do sexo masculino) que criaram uma estratégia visando desconstruir a imagem de confiança que Estela tinha com Zito, criada ao longo de mais de 15 anos de trabalho. Estela explicou: “Infelizmente, havia outros secretários com a mesma vontade de atrapalhar minha vida, política e de amizade. Mas isso passou, graças a Deus”.

Estela, de forma bem objetiva, reconheceu o quanto essa conduta é comum na política: “No meio político, tem sempre um grupo que está se mobilizando para destruir, para que dê certo o deles!”.

Nessa intriga, a vice-prefeita era identificada como uma pessoa sedenta por poder e que, para isso, seria capaz de qualquer coisa, inclusive desejar a morte de Zito. Tal mentira magoou muito Estela, mas o que a transtornou foi Zito, seu “irmão”, acreditar nessa farsa e trocar quase 15 anos de parceria pela fala de assessores recém-chegados ao mundo político.

Pode parecer estranho que um político experiente como Zito tenha acreditado em algo que soe tão fantasioso. Mas, talvez, seja possível especular suas motivações se olharmos para a história da política da Baixada Fluminense.

Uma reportagem realizada pelo Jornal do Brasil em 1977 definia a Baixada Fluminense como um local onde “a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade” (ALVES, 2003, p. 141).

Tal região, na década de 1970, ganhou um dos títulos mais lastimáveis de sua história. Após estudo realizado pela UNESCO, um dos municípios que a compõem, Belford Roxo – na época um distrito de Nova Iguaçu –, foi considerado o lugar mais violento do mundo (SOUZA, 1980). E sua realidade era extremamente semelhante à de toda a região, onde a violência era o principal recurso para a solução de conflitos, entre eles, os políticos.

Visando exemplificar tal lógica, irei expor de forma sucinta a trajetória de três lideranças da região, que tiveram suas vidas na política marcadas pela violência.⁹²

Tenório Cavalcanti, o primeiro deputado federal representante da Baixada Fluminense e uma das principais lideranças políticas da região entre 1940 e 1960, envolveu-se em diversos tiroteios e chegou a ser preso algumas vezes. Teve 52

⁹² O número de citados poderia ser muito maior, já que episódios de violência na política dessa região são comuns, mas optamos por apresentar três mais emblemáticos e conhecidos.

ferimentos a bala e para se defender andava com uma metralhadora, que chamava carinhosamente de “Lurdinha”⁹³ (SILVA, 2002; SOUZA, 1980; ALVES, 2003).

Joca, Jorge Júlio Costa dos Santos, vereador de Nova Iguaçu, líder do processo de emancipação de Belford Roxo, primeiro prefeito do município, foi morto a tiros em um suposto assalto em 1995, morte que até hoje não foi esclarecida (ALVES, 2003; MONTEIRO, 2007).

Lídia Menezes, vice-prefeita de Magé, época em que a prefeita do município era Narriman Felicidade Zito de Farias, na época, esposa de Zito, foi morta com três tiros, torturada e carbonizada em 2002. Esse crime também não foi esclarecido.

Tais episódios exemplificam como a política na Baixada Fluminense, ainda hoje, “cheira a morte”. As desavenças políticas ainda são resolvidas através da violência, fazendo com o que o opositor seja vencido, ou melhor, eliminado. E dessa forma percebe-se como Zito, um dos maiores líderes políticos da região, na época, percebeu haver coerência no aviso que chegou a ele de que Estela desejava sua morte. A morte e a política nesse território tiveram muitos encontros. Somente alguns foram citados anteriormente.

Tais intrigas envolvendo Estela e Zito chegaram a tal patamar que a relação de amizade e companheirismo ficou abalada, fazendo com que ela, meses depois do início desses boatos, optasse por se afastar do cargo de vice-prefeita de Duque de Caxias. Explicou: “[...] a gente se magoa, né?! Não foi assim, coisas, nem de política, foi muita coisa pessoal, mas que parece que iria atrapalhar a nossa vida política”.

Embora Estela percebesse toda a orquestração contra ela, a gota d’água se deu quando ela estava concorrendo a reeleição à presidência do Diretório Municipal do PSDB de Duque de Caxias, e embora tivesse certeza de sua vitória, horas antes, já na sede do partido foi informada que sua candidatura fora destituída.

O nome de Estela foi trocado pelo de uma pessoa que ainda não tinha nem se filiado oficialmente.⁹⁴ “Quando me avisaram que seria outra pessoa, porque foi

⁹³ Um trecho de uma entrevista dada por Tenório Cavalcante é bem explicativo sobre a importância da violência nessa região: “A Baixada é o porão escuro do Brasil. Quem mora nela não tem onde cair vivo, porque morto cai em qualquer parte” (SOUZA, 1980, p. 82).

⁹⁴ Estela ficou mais indignada ainda porque meses antes, Zito tinha se desfiliado do PSDB e se filiado do PDT, mas em virtude de alguns problemas, retornou ao PSDB, enquanto ela nunca havia feito esse movimento de saída e retorno. Mesmo afastada do governo de Duque de Caxias, Estela continuou filiada e desenvolvia normalmente suas atividades partidárias.

escolhido, que não era nem do partido, ficou prá mim assim [...] decepcionei! Tem o estatuto e aí fiquei chateada!”

Ela sentiu-se tão desrespeitada com a repentina e abrupta mudança realizada pelo PSDB, que não suportou ficar na sede municipal do diretório, aguardando a eleição, a qual foi impedida de participar.

Mas o que essa mulher que atuou nas mudanças ocorridas em Duque de Caxias ao longo dos últimos 15 anos não imaginava, era que o fato dela ter contribuído para que Zito se transformasse de um simples vereador ao “Rei da Baixada”, fez com outros políticos da Baixada Fluminense reconhecessem o seu trabalho e desejassem tê-la como assessora. Como foi o caso dos Cozzolino, família de Magé que, por diferentes gerações comandou a prefeitura desse município.⁹⁵

Ao chegar em sua casa, cerca de quarenta minutos após o incidente na sede do partido, Estela espantou-se ao ver parada em seu portão Jane Cozzolino, deputada estadual, secretária de educação de Magé e irmã da prefeita, Nubia Cozzolino. Jane Cozzolino estava acompanhada de uma assessora e foi bem objetiva com Estela, disse que já sabia da briga ocorrida,⁹⁶ do estremecimento da relação dela com Zito e estava ali para convidá-la para trabalhar na Prefeitura de Magé. Contou:

Notícia corre rápido, muito rápido! Cheguei na minha casa, e Jane Cozzolino estava no meu portão com uma assessora. [...] É assim mesmo, coisa ruim chega rápido, em tudo quanto é lugar. (Risos) Aí ela disse: ‘Estela, você não precisa ficar, se aborrecer e continuar no município. Vamos para Magé! [...] Venha ser nossa secretária de educação! Você é pedagoga, eu estou sem tempo! Você fica me assessorando lá!’

Estela recebeu o convite dos Cozzolino com surpresa e satisfação, pelo reconhecimento de seu trabalho por um grupo diferente e de oposição ao que participava. Ela aceitou o desafio de uma nova experiência política, em Magé, com uma única exigência: que pudesse levar consigo um grupo de dez a quinze pessoas que trabalhavam diretamente com ela em Caxias.

⁹⁵De 1983 a 1996, Magé teve como prefeito, Renato Cozzolino, pai de Núbia Cozzolino e Jane Cozzolino; de 1989 a 1992, o prefeito foi Renato Cozzolino Sobrinho, primo de Núbia e Jane; de 1993 a 1995 e de 1º de junho a 31 de dezembro de 1996, o prefeito foi Charles Cozzolino, irmão de Núbia e Jane. Charles Cozzolino teve ambos os mandatos cassados. No primeiro, por decisão judicial, pôde retornar; no segundo, cassado em processo eleitoral, conseguiu decisão favorável e recuperou o mandato a seis meses de seu final. (TSE, 2014).

⁹⁶ Estela disse não saber até hoje como em tão pouco, tempo, menos de uma hora, Jane Cozzolino soube do episódio ocorrido na sede do diretório municipal do PSDB.

*“Que venha essa nova mulher de dentro de mim”*⁹⁷

No episódio do convite dos Cozzolino após a desavença com o grupo de Zito, ficou perceptível a rede de poderes e contrapoderes que a ex-vice-prefeita de Duque de Caxias conseguiu articular ao longo de sua carreira política.

Como aponta De Certeau:

Criatividade dispersa, tática, bricoleuse dos dominados com vistas a reagira a opressão sobre eles, insinuando-se de forma astuciosa, dispersa, silenciosa, constituindo a rede de antidisciplina, buscando aproveitar as ‘ocasiões’ (1994, p. 41 apud FACINA et al., 2004, p. 15).

Após tomar essa decisão, Estela sentiu a necessidade de uma conversa pessoal com Zito no dia seguinte. “Ainda fui conversar com Zito pela manhã, avisar que estava me desfilando ... Puxa, existe uma fidelidade, mesmo havendo, aquilo, naquela separação. [...] Eu expliquei: ‘A Jane está me chamando.’ E ele disse: ‘Está tudo bem!’”

Chama a atenção, o sentimento de obrigação demonstrado por Estela ao deixar Zito ciente do convite que havia recebido, bem como de sua decisão. Me questiono se ele não foi quase que uma autorização, uma “benção”, para a busca de novos caminhos políticos para ela.

Nessa conversa, Zito propõe para Estela uma mudança no quadro delineado no dia anterior, na presidência do diretório municipal do PSDB.

(Zito) falou: ‘O partido vai pensar como é que vai fazer... de repente, você fica como vice-presidente.’ Eu disse: ‘Eu não quero!’. Ele respondeu: ‘Ah, Estela, você está tendo um pouco de vaidade... Você fica sendo a primeira secretária.’ Eu disse: ‘Não quero! Já estou com a folha, aqui, de filiação.’

Através da fala de Zito, percebe-se um movimento de impedimento da saída de Estela da política de Duque de Caxias, mas ela já estava decidida a buscar novos ares, novas experiências.⁹⁸

⁹⁷SIMONE. *Nova Mulher*. São Paulo: Columbia, 2010.

⁹⁸Questiono-me se a partida de Estela para Magé representou para Zito não somente o rompimento com uma parceira que o havia apoiado desde o início da carreira política, mas, também, uma nova derrota dele para os Cozzolino, que nas eleições municipais de 2004 recuperaram a prefeitura de Magé, após perde-la em 1999 para Narriman, então mulher de Zito, que venceu Núbia Cozzolino.

O contato de Estela com os Cozzolino a fez a trocar o PSDB pelo PT do B. Jane Cozzolino já chegou até com a ficha de filiação nas mãos em sua casa quando lhe fez o convite para trabalhar em Magé.

Logo após sua ida para Magé, o novo grupo político de Estela, lhe propôs a candidatura ao cargo de deputada federal nas eleições de 2006.

Estela trabalhou aproximadamente por sete meses em Magé. Ela optou pela saída quando percebeu que Jane Cozzolino não cumpriu os acordos feitos com ela. Pouco a pouco, a Prefeitura de Magé deixou de pagar o grupo trazido por ela, oriundo da Prefeitura de Duque de Caxias. Estela, neste momento, passou a transferir boa parte de seu salário de subsecretária de educação para pagar os salários de sua equipe. Como explicou: “As pessoas continuavam comigo. Eu dividia o dinheiro que havia recebido com essas pessoas. Sinceramente, nem ficava com nada!”.

Após a falta de pagamento para algumas pessoas do grupo de Estela, a Prefeitura de Magé dispensou toda a equipe, fazendo com que ela se posicionasse: “Chamei (Jane Cozzolino) para conversar comigo. Ela disse que não tinha conseguido os cargos na prefeitura e que ia desfazer o grupo. Fiquei muito chateada!”.

Estela, dessa vez, não teve problemas financeiros porque já era proprietária de um sítio na área rural de Duque de Caxias, que alugado para atividades religiosas.

Outro fato que também a aborreceu muito e contribuiu para a sua saída de Magé foi a falta de apoio de Jane Cozzolino à sua candidatura à Câmara de Deputados, contrariando o que havia sido prometido anteriormente. “Ela não teve palavra, não é?! Ela falou que eu seria a deputada federal dela, que estaria ao lado, depois veio trazendo outro. [...] não tinha condições de eu assumir a candidatura sem eles lá, de Magé!”

Ela tentou se desfiliar, mas não podia porque era candidata, então desistiu de sua primeira e única candidatura.⁹⁹ É interessante perceber como o convite da Prefeitura de

⁹⁹Ressalto que a candidatura de Estela foi fundamental para que eu, como pesquisadora, a “descobrisse”. No momento em que estava redesenhando o recorte dessa tese, após as críticas tecidas pela banca examinadora do Exame de Qualificação, construí um levantamento sobre mulheres nascidas na Baixada Fluminense que foram candidatas ao Parlamento Nacional, e uma delas foi a ex-vice-prefeita de Duque de Caxias, Estela. Tal fala pode aparentar um desconhecimento da política do município, no qual trabalho, mas, como, já apontei, Estela é a quase um “ser invisível”. Pude constatar isso ao fazer a pesquisa sobre a vida dela tendo por base desde materiais acadêmicos, como teses, dissertações e artigos, até notícias da política de Duque de Caxias e fotos oficiais. Não posso afirmar o motivo de tal “invisibilidade”. Acredito que Estela tenha se esforçado ao longo de sua vida pública para se manter longe dos holofotes, atuando e preferindo atuar nos “bastidores”, mas reconheço, o quanto sua ausência está relacionado a uma das lacunas da política brasileira: a ausência de mulheres em cargos de liderança.

Magé a Estela lhe possibilitou, inicialmente, um empoderamento, mas como nenhum dos acordos firmados foi cumprido, a frustração tomou conta dessa mulher persistente.

“Começar de novo e contar comigo”¹⁰⁰

Após essa experiência decepcionante, Estela decidiu procurar Zito e retomar a parceria com ele. Explicou: “Mesmo tendo havido um problema comigo e o Zito, ele é como se fosse um irmão, não me sentia bem lá (na Prefeitura de Magé). Vim aqui conversar com ele, [...] eu vim trabalhar com ele”.

É interessante perceber que nesse momento, ela tinha condições de trabalhar em diferentes áreas: poderia administrar sua propriedade rural, como já estava fazendo; poderia atuar como pedagoga e/ou como psicóloga, já que possui nível superior nas duas áreas; mas ela voltou para a política. Talvez, porque, diferentemente de quando, na década de 1980, inseriu-se nessa área por uma questão de financeira, Estela descobriu que tal área lhe dá prazer, lhe dá vida. Como ela assumiu na primeira entrevista: “Nós vivemos da política!”.

Mesmo frustrante, a experiência de Estela com os Cozzolino revelou o poder político que ela possuía na Baixada Fluminense. Evidenciou o quanto seu trabalho nos “bastidores”, na assessoria, em secretarias sem grande visibilidade – como meio ambiente e obras – chamou a atenção de outros políticos da região. Ela se torna uma referência feminina em um cenário político ocupado majoritariamente por homens.

Chama minha atenção o fato de Estela ter sido convidada para o governo de Magé por uma mulher, Jane Cozzolino, no momento em que outra mulher, Núbia Cozzolino, era a prefeita do município.

Mesmo com estas limitações, suas presenças (de mulheres) revelam que a luta por espaços na política chega num efeito cascata de grupos mais conservadores da sociedade. O rompimento da caracterização do espaço político como um espaço eminentemente masculino representa um realastreamento da possibilidade da participação política da mulher no país (PINTO, 1994, p. 31).

Questiono-me se tal convite não seria um indício de sororidade e feminismo, na política da Baixada Fluminense. Sororidade é um pacto entre mulheres que se reconhecem como próximas fisicamente, afetivamente e através das relações

¹⁰⁰ LINS, Ivan. Começar de novo. [s.l.]: EMI Brazil. (interpretada por Ivan Lins e Simone).

desenvolvidas (ALVES, 2014). Como aponta Costa (2009, p. 11 apud AGUIAR, 1997), “os feminismos não são apenas manifestações de intelectuais; são também de sentimentos de muitas e diversas mulheres”, sem sensibilidade não há possibilidade de exercício de sororidade,¹⁰¹ que possui como base a identificação e assim, o apoio, a ajuda, a união, entre mulheres.

Zito aceitou Estela de volta em seu grupo político. Ela voltou a trabalhar, simultaneamente, na campanha política dele e na de sua filha, Andreia. Ele era candidato a deputado estadual, e Andreia, que havia sido deputada estadual por dois mandatos, alçava voos mais altos: era candidata a deputada federal, pela primeira vez.

Mesmo após abrir mão de sua candidatura, Estela teve uma votação significativa, conseguindo 1.777 votos na eleição de outubro de 2006.

Durante o rompimento de Estela com Zito, aconteceu o rompimento da aliança entre Zito e Dr. Heleno, deputado federal por dois mandatos consecutivos,¹⁰² um dos políticos lançados por Zito ao longo de sua carreira.

Dr. Heleno vivenciou uma situação extremamente semelhante à de Estela: parte dos ex-secretários e dos assessores de Zito contribuiu significativamente para o rompimento da parceria que ele tinha com o “Rei da Baixada”.

Ele mesmo, após o rompimento com Zito, foi candidato a reeleição como Deputado Federal; Estela tentou ajudá-lo em sua campanha, em virtude da grande amizade existente entre eles. Tal como a amiga, ele mudou de partido político após a quebra de aliança com Zito, trocando o PSDB pelo PSC, mas foi derrotado.¹⁰³

Foto 18 - Estela ao lado de Dr. Heleno, em meio a móveis que iriam ser sorteados, numa das festas de Natal organizadas por ela.

¹⁰¹Palavra que não existe na Língua Portuguesa (COSTA, 2009; ALVES, 2014).

¹⁰²De 1999 a 2002 e de 2003 a 2007.

¹⁰³Dr. Heleno obteve 7.056 votos, totalmente diferente da eleição anterior, em que com o apoio do prefeito de Duque de Caxias, na época, obteve, 68.336 votos. (TSE, 2014).



Fonte: acervo fotográfico pessoal de Estela.

Outra semelhança entre Estela e Dr. Heleno foi a reação emocional que ambos tiveram a partir do rompimento com Zito. Se ela ficou magoada, deixando essa emoção evidente ao conceder as entrevistas, contando o episódio entre lágrimas, ele entrou em depressão. Ambos reagiram de forma pesada e triste a tal rompimento, demonstrando a quase “devoção” e idolatria que existia por parte deles ao “Rei da Baixada”.¹⁰⁴

É interessante perceber o quanto, ao longo de sua trajetória, Estela conviveu com homens com diferentes posicionamentos em relação a sua presença no âmbito político. Uns ofereceram resistência, como os integrantes do grupo de trabalho de Zito no final da década de 1980; outros, como alguns secretários do segundo mandato de Zito como prefeito, não somente a desejavam ver fora desse espaço, como almejaram o rompimento da aliança que ela tinha com o líder político. Estes articularam uma trama visando afastá-la da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

¹⁰⁴Tal sentimento denotado por Estela e Dr. Heleno parece relacionar-se a carisma e a liderança de Zito. “No reino das coisas abstratas, a ‘Liderança Política’ é algo que os homens não conseguem definir e nem ver explicitamente; apenas sentem, percebem sua existência enquanto força, como magneto. É tácita, uma aura, realce, um toque genial que pode durar apenas um curto período ou toda uma vida” (MELO, 2012, p. 16). A liderança de Zito mostra-se muito antes de sua entrada para a política quanto ele torna-se líder comunitário do bairro Dr. Laureano (GRAMADO, 1999 apud BARRETO, 2007) e cresce ao longo de sua escala política.

Já outras figuras masculinas contribuíram significativamente para sua carreira política, como seu pai, que desde a infância influenciou-a para a política, e seus chefes: o ex-deputado estadual, Silvério do Espírito Santo; o ex-deputado estadual e ex-prefeito de Duque de Caxias, Juberlan de Oliveira, e o ex-vereador, ex-prefeito de Duque de Caxias e ex-deputado estadual Zito. O último, ela não considera nem um patrão, mas um irmão.

Outro parceiro que ela encontrou nessa estrada política foi Dr. Heleno, ex-assessor de Zito e ex-deputado federal, com o qual iniciou o trabalho no grupo político de Zito e desenvolveu afinidade.

Fica evidente o quanto deve-se fugir das dicotomias nos estudos de gênero, como aponta Beauvoir (1991 apud LOBO, 2001, p. 64), “...feministas são mulheres – ou até mesmo homens – que lutam para mudar a condição feminina [...]”

Como aponta Scott et al.(1994, p. 16 apud FACINA et al., 2004, p. 11),

Os estudos de gênero devem apontar para a necessidade de rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária ‘masculino versus feminino’, revertendo e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia a importância de sua historicização e “desconstrução”.

*Se eu quiser falar com Deus*¹⁰⁵

No momento de tristeza e frustração, após o rompimento com Zito, Estela buscou forças na religião.

A ex-vice-prefeita de Duque de Caxias, ao longo do contato profissional com Zito, tornou-se evangélica,¹⁰⁶ e neste momento de decepção, seu contato com o Divino foi tamanho que se consagrou pastora.¹⁰⁷ Ela explicou:

¹⁰⁵GIL, Gilberto. *Se eu quiser falar com Deus*. [s.l.; s.n.], 1980.

¹⁰⁶Zito, em entrevistas, se identifica como evangélico.

¹⁰⁷O espaço dado às mulheres pastoras, possibilitado pelas igrejas evangélicas, em virtude de uma grande demanda de cargos de liderança nas igrejas, em contrapartida a uma parcela masculina de líderes, nem sempre suficientes. Mas tal segmento, líderes religiosas femininas, ainda é polêmico junto às várias denominações evangélicas, já que ele coloca em xeque a “afirmativa de que o púlpito é uma exclusividade masculina” (SILVA, 2010, p. 12). Essas mulheres põem em xeque o fato de a autoridade religiosa ser somente masculina. A resistência à figura da centralidade da mulher nas religiões cristãs alicerça-se ao Antigo Testamento, no qual, mulheres, como Dalila e Jezebel são consideradas desviantes. Embora no Novo Testamento as mulheres sejam apresentadas de forma mais condescendente, mas submissas à figura masculina. Já no século IV, a Igreja Católica decidiu dois critérios para ser nomeados sacerdotes, que este tivesse dons específicos dados por Deus e não por homens e que este tivesse a pureza

[...] eu tentava, assim, recuperar a autoestima, não é, através da Bíblia. Porque eu acho que, nessa hora em que você tem esses problemas, todos, como eu tive, nessa hora, muito difícil, [...] é na hora que você vê Deus! Ele se mostra, assim, presente para você! [...] Foi na época que fui consagrada pastora! Então, ... as minhas filhas falavam: 'Mãe, você não é mais vice-prefeita e vive louvando. Daqui ouço a sua voz'. Engraçado, hoje, eu vejo, assim, que há coisas que acontecem em nossa vida para que você dê mais valor a Deus. E Ele chega e diz: 'Não é por aqui! Não, os seus propósitos não são os meus!' [...] Então a gente tem que parar! Assim, você pensa: 'Puxa vida, eu estava fazendo tanta coisa para o município e para o outro, para outro ... e para minha família? Minhas filhas, meu neto e a minha vida?' Então, eu falava: 'É muito mais do que ser vice-prefeita, porque hoje eu trabalho para Jesus!'

Chamou minha atenção a iniciativa de Estela em consagrar-se pastora logo depois do rompimento com Zito, desenvolvendo, assim, uma trajetória semelhante à das pastoras e bispas entrevistadas por Silva (2010), que criaram suas igrejas e se tornaram pastoras após o rompimento com lideranças religiosas do sexo masculino.

Em 2007, Zito foi eleito deputado estadual, e em 2009, foi eleito, pela terceira vez, prefeito de Duque de Caxias. Nesse terceiro mandato, Estela ocupou o cargo de secretária de meio ambiente, agricultura e abastecimento.

Ao final de 2012, quando Zito tentou mais uma vez a reeleição, como prefeito de Duque de Caxias, foi derrotado pela primeira vez em toda sua carreira política.¹⁰⁸

Assim, Estela desligou-se da política, momentaneamente, e desde então passou a se dedicar somente à vida religiosa e à administração de seu sítio, que aluga somente para igrejas engélicas para a realização de atividades religiosas como retiros, batismos e casamentos.

Esse período sabático se encerrou, em 2014, quando Zito anunciou sua candidatura a deputado estadual, pela terceira vez. Como Estela disse entusiasmada em uma das entrevistas: "Então, vêm agora a eleição do Zito!".

como uma de suas virtudes. Na mesma época, a Igreja Católica concluiu com base na Bíblia, que não havia abertura para o sacerdote feminino (SILVA, 2010). Pesquisa realizada por Silva (2010, p. 89) junto a pastoras e bispas de Nova Iguaçu verificou que as mesmas fundam suas próprias igrejas a partir de dissidências ocorridas nas igrejas que frequentavam com líderes religiosos do sexo masculino. Estas iniciativas as levam a um "empoderamento feminino no plano religioso". Estela buscou forças na religiosidade para tentar compreender as adversidades as quais tinha passado recentemente.

¹⁰⁸Logo após a derrota, Zito em entrevista ao Jornal O Globo, em 13 out. 2012, disse: "A derrota foi inesperada, mas respeito a decisão do povo. Não foi um julgamento do político Zito e sim do meu governo. Tivemos muitos problemas."

Estela não atou diretamente na campanha de Zito à ALERJ. Foi indicada por ele para a campanha de sua filha, Andreia Zito, que tentava a reeleição como deputada federal. Já, Estela indicou sua filha mais nova, Emiliene, para a campanha de Zito.

Me questiono até que ponto Estela não está criando uma “herdeira política”, prática utilizada por Zito e que ela pôde observar de perto como assessora.

Foto 19 - Estela, de boné e óculos escuros, junto com a deputada federal Andreia Zito, de camisa azul, e parte da equipe em campanha eleitoral em setembro de 2014.



Fonte: página pessoal de Andreia Zito.¹⁰⁹

Foto 20 - Zito com a sua equipe em uma caminhada na campanha para a eleição de deputado estadual, em 2014. A direita, Emiliene, filha de Estela, de blusa branca, caminha ao seu lado.

¹⁰⁹Disponível em: <<https://www.facebook.com/andreiazito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.



Fonte: página pessoal de Estela Vasconcelos.¹¹⁰

Foto 21 - Estela e Emiliene, sua filha, no centro de Duque de Caxias, na campanha política de 2014.



Fonte: página pessoal de Estela Vasconcelos.

Em outubro de 2014, Zito foi eleito deputado estadual, pela terceira vez.¹¹¹ Sua filha, Andreia, foi derrotada.¹¹²

¹¹⁰Ibidem.

Duas das quatro entrevistas realizadas com Estela se ocorreram ao longo das campanhas políticas de Zito e Andreia. Estela disse, na época, que pretendia continuar as atribuições de pastora após aquele período. Explicou que, embora não diga para todas as pessoas esse seu desejo, algumas lhe procuram. Por isso, em sua análise, Deus está lhe mostrando que esse é o seu caminho:

Eu hoje penso muito na minha vida, religiosa. Até agora, não tive tempo para construir um templo para Deus. Sempre tive vontade de fazer uma igreja socorrista, porque na minha casa, sempre vêm pessoas para fazer oração, sempre passando mal[...]mesmo eu não falando nada, [...]elas vêm parar na minha mão. Então, é coisa de Deus, mesmo! [...] Tenho vontade de fazer isso, um local para que eu possa dar apoio à família, como faço na minha casa, aqui! [...]Deus é tão maravilhoso que a partir do momento em que uso o nome Dele, as pessoas são curadas, e creio profundamente nisso.

Embora Estela perceba sua atuação como pastora de forma muito diferente, da sua atuação anterior como política. Silva (2010) percebeu em seu estudo que a atuação dessas religiosas na Baixada Fluminense muitas vezes, tornava-se política, atuando na busca de soluções para problemas comuns na região, a contenção de brigas entre vizinhos e enchentes, entre outros. Chamou a atenção dela o quanto a interferência dessas mulheres era demandada pela comunidade em assuntos não religiosos.¹¹³

Estela percebe como incongruentes e incompatíveis sua atuação política e sua atuação religiosa, sendo que estudos como o realizado por Moura (2012) apontam uma perspectiva totalmente diferente da ex-vice-prefeita de Duque de Caxias. Ao longo do século XX, os evangélicos passam a atuar paulatinamente na política brasileira, candidatando-se a cargos públicos, especialmente após a redemocratização, chegando ao ponto de em 2003 ser criada a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) na Câmara de

¹¹¹Zito obteve 24.491 votos como deputado estadual (TSE, 2014), mas ao longo da campanha, afirmou que pretendia atuar na ALERJ, somente até as eleições municipais, pois deseja ser novamente prefeito de Duque de Caxias. (JORNAL EXTRA, 18 maio 2014).

¹¹²Andreia obteve 34.288 votos como deputada federal (TSE, 2014). É a primeira suplente do PSDB.

¹¹³Essas mulheres tornaram-se líderes comunitárias em regiões onde o Estado era muito presente. Embora nenhuma das religiosas estudadas tenham investido na carreira político partidária, elas tornaram-se figuras políticas. Tal percepção também foi feita por Duarte (2009) em pesquisa sobre a trajetória religiosa de uma pastora da Baixada Fluminense. A fala de um dos membros da igreja criada por essa líder religiosa deixa evidente o quanto a presença dessas mulheres abala paradigmas: “Ela é uma mulher firme, dura, que manda e luta como homem, mas que ajuda, aconselha e escuta. Muitas vezes, um homem de verdade não tem garra, a força, a autoridade que ela tem. As pessoas veem as mulheres, como algo frágil, ela não é sexo frágil, porque ela é enviada por Deus, é uma autoridade que foi instituída na sociedade por Deus, então a autoridade que ela tem, não vem dela, não vem de sexo é do Espírito Santo de Deus, que capacita ela, para tomar as decisões certas, na hora certa” (DUARTE, 2009, p. 10).

Deputados, confirmando assim a fala de líderes religiosos contemporâneos: “irmão vota em irmão”.¹¹⁴

“É preciso saber viver”¹¹⁵

Estela foi a entrevistada com o maior número de encontros, quatro ao total, sendo que somente no segundo e terceiro utilizei o gravador.

Meu primeiro encontro com Estela foi intermediado por uma ex-aluna, assistente social e também pastora.¹¹⁶

Em junho de 2014, fui ao encontro de Estela em sua casa. Ao chegar, ela me recebeu de forma simpática e fez várias perguntas que envolviam minha vida acadêmica, profissional, pessoal e inclusive religiosa.

No meio da conversa, tivemos, ambas, uma surpresa. Descobrimos que sua filha mais nova, Emiliene, tinha sido minha aluna no curso de Serviço Social na faculdade onde trabalho.

Tal fato contribuiu para que as resistências da ex-vice-prefeita a mim diminuíssem, e ao final ela aceitou me passar seu telefone celular para que agendasse a entrevista.

Estela influenciou muito minha pesquisa, com a sua fala, especialmente em nosso primeiro encontro, inclusive me perguntando se além dela, eu entrevistaria outras mulheres da política ligadas a Zito, como Andreia, filha do ex-prefeito, Narriman e Claise, ex-esposas do ex-prefeito.

Respondi negativamente, já que naquele momento pretendia realizar uma pesquisa sobre as mulheres nascidas na Baixada Fluminense que tinham concorrido ao Parlamento Nacional, na década de 2000 e tal universo era composto por ela, Andreia Zito, entre outras.

Tal questionamento intrigou-me fazendo com que não somente refletisse muito sobre ele, bem como começasse uma pesquisa sobre a trajetória dessas três mulheres

¹¹⁴O poder dos votos arregimentados através de igrejas evangélicas é tão significativo, que segundo a Revista Carta Capital, em agosto de 2014, os dois mais fortes candidatos à Presidência da República, que viriam a se enfrentar, posteriormente, no segundo turno, na eleição ocorrida em 25 de outubro de 2014, Dilma Rousseff e Aécio Neves, participaram de encontros com lideranças religiosas, a fim de conquistar o apoio destas e dos 42,3 milhões de fiéis, ou seja, 22% da população brasileira (LACTELLI, 2014).

¹¹⁵Trecho da música “É preciso saber viver”, de autoria de Erasmo Carlos e Roberto Carlos.

¹¹⁶Essa ex-aluna havia me prevenido sobre os receios que os políticos tinham de falar de suas vidas para pesquisadores.

citadas por Estela, e assim descobri que elas foram as únicas mulheres lançadas na política por Zito. Dessa forma, redefini o recorte de minha pesquisa.

Ao longo dos encontros, percebi que Estela abria não somente sua casa para mim,¹¹⁷ mas o seu coração, contando os momentos de glória, mas também os de desilusão e frustração.

No último encontro, ocorrido em dezembro de 2014, ela me mostrou parte de seu acervo fotográfico e confidenciou que deseja lançar um livro sobre sua trajetória.

Quando nesse encontro eu perguntei a ela sobre seus projetos futuros,¹¹⁸ já que Zito tinha sido eleito deputado estadual, ela me respondeu em tom de suspense que não sabia o que aconteceria, mas que já fora convidada para ser candidata ao cargo de vereadora do município de Duque de Caxias, eleição que ocorrerá em 2016.

Enfim, só o futuro dirá se Estela sairá da política de Duque de Caxias, se a política deixará de correr em suas veias, ou se a política não fará mais com que os seus negros olhos brilhem de paixão.

Foto 22 - Autorretrato de Estela, pintado em uma das paredes de sua sala.



Fonte: fotografia tirada pela autora da tese.

3 Narriman, uma mulher em busca de sua felicidade!

¹¹⁷ Todos os encontros com Estela se deram na casa dela. Um procedimento comum de minha pesquisa foi que as entrevistadas dissessem qual era o melhor dia, horário e local para elas.

¹¹⁸ Já havia feito essa pergunta em nosso segundo encontro, mas tinham se passado dois meses e eu sabia que provavelmente aquele seria nosso último encontro, e realmente foi.

Narriman, em 2000, aos 45 anos de idade foi eleita a primeira prefeita de Magé.¹¹⁹ Nordestina e mãe de dois filhos,¹²⁰ rompeu uma grande barreira política da Baixada Fluminense: a chegada das mulheres ao cargo de prefeita.¹²¹

Foto 23 – Imagem de perfil



Fonte: Blog do Alberto Marques.¹²²

O semblante simpático e tranquilo de Narriman esconde uma mulher determinada. Desde a juventude, ela sempre buscou seus objetivos, algumas vezes até correndo riscos.

Embora seja uma mulher de fibra, um fato contribuiu significativamente para sua eleição: na época, ela era casada com José Camilo Zito dos Santos Filho, uma das

¹¹⁹ O município de Magé possui 388.496 quilômetros quadrados e em 2010, possuía uma população de 227.322 habitantes. Ele faz parte do conjunto denominado Baixada Fluminense, composto por treze municípios: Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita, Seropédica, Itaguaí, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo e Magé.

¹²⁰ Seus dois filhos, um casal, que tinha na época 18 e 8 anos de idade.

¹²¹ Até a eleição de Narriman, somente uma mulher tinha sido eleita prefeita na Baixada Fluminense, Maria Lúcia Netto dos Santos, em 1996, prefeita de Belford Roxo, viúva do primeiro prefeito do município, Jorge Júlio da Costa dos Santos, mais conhecido como Joca.

¹²² Disponível em: < <http://albertomarques.blogspot.com.br/2014/10/ministro-dias-toffoli-entra-na-mira.html>>. Acesso em 18 jul. 2015.

principais lideranças políticas da Baixada Fluminense, conhecido como o “Rei da Baixada”.¹²³

“Não há pedra em seu caminho/ Não há onda no seu mar / Não há vento ou tempestade / Que te impeçam de voar”¹²⁴

Narriman nasceu em São Luís (MA) em 1955. É a filha mais velha de uma dona de casa e de um comerciante. Seus pais tiveram quatro filhos, três meninas e um menino.

Após dificuldades financeiras enfrentadas na exportação de babaçu¹²⁵ para a Itália, o ramo no qual trabalhava, seu pai decidiu com a esposa tentar a vida no Rio de Janeiro.

Os pais de Narriman eram muito diferentes em vários aspectos, inclusive, no grau de escolaridade. A mãe tinha o ensino fundamental incompleto, e o pai, além do ensino médio completo, falava inglês, tendo sido até professor da língua por um tempo. Apesar disso, a mudança para a Cidade Maravilhosa¹²⁶ foi uma boa alternativa para ambos.

Enquanto seu pai tinha como preocupação a busca de novas alternativas de trabalho para o sustento da família, a mãe viu na mudança de território a possibilidade de fuga da violência política, já que alguns membros de sua família que ocuparam cargos políticos foram vítimas de atos violentos. Sua mãe sentia medo pelos seus familiares, pelo marido e pelos filhos. O que a mãe de Narriman não imaginaria era que, anos depois, a filha mais velha entraria para a política e vivenciaria episódios violentos.

¹²³Ex-vereador de Duque de Caxias, por dois mandatos; Presidente da Câmara de Vereadores deste município, ex-deputado estadual e, na época, Prefeito de Duque de Caxias. Zito recebe por parte de alguns veículos de comunicação o apelido de “Rei da Baixada” quando em 2000, reelege-se Prefeito de Duque de Caxias e contribui para a eleição do irmão Waldir Zito como prefeito de Belford Roxo, e sua esposa, Narriman, prefeita de Magé. Além disso, dois anos antes, em 1998, ele contribuiu para a eleição de sua filha Andreia Zito e seu advogado e assessor Dr. Heleno, fossem eleitos deputada estadual e deputado federal, respectivamente (BARRETO, 2006; CARVALHO, 2008).

¹²⁴GUARABYRA; SÁ. *Dona*. São Paulo: [19-?].

¹²⁵Fruto de uma palmeira oleaginosa do Norte do Brasil. Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio.

¹²⁶O apelido carinhoso do Rio de Janeiro foi usado pela primeira vez, pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès quando visitava a cidade em novembro de 1911, que o registrou em seu livro “La Ville Merveilleuse”, no qual mostra-se deslumbrada (ALMEIDA et al., 2012).

Com nove anos de idade, Narriman e sua família mudaram-se para Bangu, bairro pobre da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

Logo ao chegar no Rio, seu pai conseguiu um emprego no comércio e sua mãe continuou sendo dona de casa ou, como disse Narriman, uma “auxiliadora da gente”.

A infância pobre de Narriman lembra a de Eva Duarte, mais conhecida como Eva Perón¹²⁷, mulher que marcou a política da Argentina. Tal como Narriman, Eva teve muitos irmãos, eram cinco. Ela vivia com os irmãos e a mãe na Província de Los Toldos. Eram sustentados pelos serviços de costura, realizados pela mãe, que sofria com a pobreza e também com preconceito, pois seus filhos eram frutos de um relacionamento extraconjugal. O pai de Eva, que ela conheceu depois de morto, no sepultamento, já que ele havia abandonado sua mãe antes dela nascer, possuía esposa e três filhos em outro povoado (HAUSSEN, [20-?]; DÍAZ, 2005; AVELINO et al., 1998).

“Você é a ovelha negra da família”¹²⁸

Narriman teve uma educação muito rígida e repressora, pois seus pais tinham medo que ela “se perdesse”. Narriman acredita que o fato de eles terem vindo do Nordeste aumentava mais ainda suas desconfianças sobre as armadilhas que a Cidade Maravilhosa poderia armar para a destemida filha mais velha adolescente. “Eu não tinha direito nem de ir ao cinema. Para ir ao cinema, eu tinha que fugir. Dar mole prá uma praia, eu tinha que ir fugida, né? (risos)”¹²⁹.

Apesar da educação com pouca liberdade que tivera dos pais, Narriman sempre desenvolvia estratégias para satisfazer seus desejos simples de adolescente suburbana.

Ela percebia, pouco a pouco, que necessitava sair daquele ambiente de repressão familiar: “[...] eu queria largar essa amarra familiar [...]”¹³⁰. E o caminho para a busca

¹²⁷Seu nome após o casamento com o militar Juan Domingo Perón. (HAUSSEN, [20-?]; DÍAZ, 2005; AVELINO et al., 1998).

¹²⁸ LEE, Rita. *Ovelha Negra*. São Paulo:EMI Brazil, [2--?].

¹²⁹Durante o século XX e em parte do século XXI, havia toda uma preparação na educação das meninas para que o casamento fosse o seu destino e seu objetivo – e, posteriormente, a maternidade – tudo embalado a filmes hollywoodianos, com finais felizes. Fazia parte dessa educação uma moralidade observada por pais, vizinhos, amigos e educadores em relação ao comportamento feminino. “Para seguir as regras as moças deveriam evitar roupas ousadas, não sair sozinhas em companhia de rapazes, ou frequentar lugares suspeitos, que sugerissem intimidade, e evitar a forma de namoradores e de mulher fácil” (BARSANEZI, 1997 apud CUNHA et al., 2013, p. 9).

¹³⁰Todas as citações posteriores de Narriman referem-se à mesma entrevista concedida a autora.

de novos horizontes foi a educação, área incentivada pelos pais. “[...] eu gostava, gosto muito de matemática e física! E aí segui a tendência da engenharia”.

Aos 18 anos de idade, ela passou no vestibular para o curso de engenharia civil, numa faculdade pública localizada em Barra do Piraí, interior do Estado do Rio de Janeiro.

Com essa aprovação, Narriman agradou aos pais, encheu-os de orgulho e, ao mesmo tempo, adquiriu a liberdade com que tanto sonhava, já que para cursar a graduação mudou-se de Bangu para Valença, cidade vizinha à da faculdade.

Enquanto Narriman conseguiu se desvencilhar do rígido controle dos pais indo para a universidade, a argentina Eva, desde criança, desejava ser atriz em Buenos Aires, almejava deixar aquele vilarejo, a pobreza e a rigidez de sua mãe para trás. Aos 15 anos, após o falecimento de seu pai, ela iniciou sua carreira no teatro (HAUSSEN, [20-?]; DÍAZ, 2005), antes do rádio. Ambas desejavam desde jovens, trilhar seus próprios caminhos.

“Preso a canções / Entregue a paixões / Que nunca tiveram fim / Vou me encontrar / Longe do meu lugar / Eu, caçador de mim”¹³¹

Durante a faculdade, Narriman namorou um colega, com quem se casou no meio da graduação. Antes do final do curso, com 23 anos, deu à luz a sua primeira filha.

Durante toda a graduação, Narriman visitou seus pais todas as férias. Alguns meses após o nascimento da filha, ela tomou a decisão de deixá-la com sua mãe, em Bangu, enquanto terminava a graduação.

Como aponta Costa (2008, p. 303), para o exercício de atividades fora do espaço doméstico, “é trivial que as mulheres precisem delegar tarefas [...] a outras mulheres”. Reafirmando a “maternidade transferida”, que “dá visibilidades a nexos políticos, econômicos e sociais de práticas do universo doméstico” (COSTA, 2008, p. 306).

Narriman e sua mãe desenvolvem assim uma rede de cumplicidade e apoio, expressa na delegação dos cuidados de sua filha.

Percebo que a parceria entre Narriman e sua mãe, que possuía somente o ensino primário, atual ensino fundamental incompleto, foi fundamental, para que ela conseguisse concluir o curso de engenharia. Einchebaum et al. (1983 apud

¹³¹ NASCIMENTO, Milton. *Caçador de mim*. São Paulo: Universal Music International Ltda, 1981.

DORNELAS, 2006), aponta que as mães projetam em suas filhas adultas seus sentimentos em busca de realização. Questiono-me até que ponto a mãe de Narriman não se realizou com o fato de sua filha tornar-se engenheira, sendo inclusive, o primeiro membro da família alcançar nível superior de educação.

Se a faculdade proporcionou à Narriman, a liberdade que sonhava; o curso de engenharia civil não alcançou suas expectativas. Ela buscou a engenharia, porque desejava lidar com gente, desejava trabalhar para melhorar a vida das pessoas. Ainda no estágio percebeu que não era aquilo que queria: “Eu tive que [...] lidar muito friamente com os peões e tudo, brigar com os peões. Aí vi que não era a minha área.”

Percebendo que o casamento não ia bem, em virtude dos ciúmes do marido, ela decidiu terminar o relacionamento, concluir a graduação e voltar para a casa dos pais, em Bangu, que já a estavam ajudando nos cuidados à sua filha.

Narriman reconhece de forma pesarosa o quanto foi necessário deixar sua filha aos cuidados de sua mãe, quando a bebê ainda tinha meses: “[...] eu não tinha tempo para cuidar dela, de verdade, como ela necessitava”.

Enquanto pesquisadora da área de gênero, venho percebendo uma presença significativa do discurso da culpa na fala das mulheres, especialmente no tocante às faltas que elas avaliam ter tido na educação, nos cuidados e na educação dos filhos.¹³² A fala de Angela Amin, ex-vereadora e ex-prefeita de Florianópolis (SC) e ex-deputada federal, em entrevista à Meneguello et al. (2012, p. 26), denota tal auto avaliação, muito semelhante à de Narriman: “[fui] uma mãe ausente [...]”

Outra decisão tomada por Narriman, a partir de sua volta para o Rio de Janeiro, foi o início da pós-graduação em Engenharia Sanitária, na Fundação Oswaldo Cruz. Narriman acreditava que a pós-graduação possibilitaria que tivesse contato com uma engenharia mais humana, coisa que buscava desde o início do curso.

Pouco tempo depois de iniciada a especialização, ela foi convidada a trabalhar na Secretaria de Saneamento do Governo do Estado do Rio de Janeiro, sua primeira experiência profissional. Explicou: “[...] naquela época, a questão do saneamento básico era muito pouco, [...] o governador queria ampliar mais”.

¹³²Costa(2008, p. 10) aponta que a culpa se relaciona a uma “avaliação negativa de um comportamento específico”, normalmente, ela vem acompanhada de remorso e arrependimento. É muito comum a partir da culpa, a pessoa tentar reparar o “erro” do passado através da confissão, de pedidos de desculpas e comportamentos *ativos* reparadores.

Sua atuação na Secretaria Estadual de Saneamento a levou a ser convidada para trabalhar na SERLA,¹³³ também na área de saneamento. Pouco a pouco, Narriman desenvolveu uma carreira como engenheira pautada no que acreditasse a missão de sua profissão: ajudar as pessoas. Assim, também se aproximou de um universo do qual inicialmente não gostava: o político. Na época, ela dizia assim: “Eu não gosto de político, eu trabalho com eles e não gosto deles”.

Tal posicionamento se dava em virtude de vários projetos que organizou e apresentou quando trabalhava no Governo do Estado do Rio de Janeiro que não foram aprovados ou foram enxugados, devido a seus custos. “Porque projeto eficaz, mesmo, custa dinheiro!”. Muitas vezes, ela tinha a percepção que o foco dos governantes não era a melhoria das condições de vida da população, mas a realização de obras a baixo custo.

Narriman lembra com tristeza um episódio profissional que retrata os desafios de ter um olhar mais humano para a engenharia. “Quando saí da SERLA, recebi um telefonema de um colega, dizendo que todos os projetos que estavam na gaveta foram para o lixo porque eles queriam diminuir, minimizar mais o custo [...] Aí quer dizer que não adianta você ser engenheira, não é?”

Fica evidente o quanto desde a juventude, Narriman desejava melhorar a situação das pessoas, especialmente as menos favorecidas. Inicialmente, ela tentou fazer isso pela engenharia, mas não obteve o êxito que desejava. Obstinação, como ela é, continuou tentando encontrar um caminho para alcançar seu objetivo.

“Quando a gente ama, o amor é um caso sério e tem lá os seus mistérios prá mostrar”¹³⁴

O que Narriman não imaginava é que o coração lhe levaria para a política. Em uma festa realizada em Duque de Caxias na casa de uma de suas irmãs, que, na época, era casada com um empresário, ela foi apresentada a Zito.

Ela já estava separada havia quatro anos; a filha tinha quase cinco; obtivera êxito em sua carreira de engenheira; e morava com a filha, na casa dos pais, em Bangu. Ele já

¹³³A SERLA (Fundação Superintendência de Rio e Lagoas) era vinculada à Secretaria Estadual do Meio Ambiente, sendo que em 2008 foi incorporada à FEEMA (Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente) e ao IEF (Instituto Estadual de Florestas) pelo Instituto Estadual do Ambiente (INEA).

¹³⁴ SULLIVAN, Michae; MASSADAS, Paulo. *Um sonho a dois*. São Paulo: Sony Music Entertainment, [19-?].

tinha tido dois casamentos, tinha dois filhos e estava em seu segundo mandato como vereador, em Duque de Caxias.

Embora Zito, desde o primeiro encontro, tenha demonstrado interesse por Narriman; ela não se interessou, inicialmente, por ele. “Porque ele era político, e eu não queria saber”. “[...] eu não confiava, porque eu via. Quando a gente trabalha na engenharia sanitária, bate direto com os políticos, porque os políticos querem fazer só que eles querem, e não querem fazer a parte técnica.”

Mas a resistência de Narriman não fez com que Zito desistisse, pelo contrário. “Ele me ligava e eu não [...] Sabe? Não dava atenção a ele (risos).”

Zito, provavelmente, se apaixonou por Narriman e visando conquistá-la fez-lhe duas grandes promessas: a primeira foi que largaria a política e a segunda foi que sairia de Duque de Caxias por ela. Como reconheceu, em meio a risos, ele “[...] não cumpriu nenhuma delas!”.

No encontro com Zito, Narriman viveu, inicialmente, um embate interno, entre as experiências negativas vivenciadas no trabalho como engenheira de órgãos públicos e a possibilidade de refazer a sua vida amorosa. Narriman não viu Zito, nos primeiros momentos, como homem, mas como político. Ela convivia com políticos, trabalhava para eles, e não concordava com suas atitudes em relação às administrações.

Durante o namoro com Narriman, em 1994, Zito concorreu ao cargo de deputado estadual.¹³⁵Ele aproveitou o namoro não somente para conquistá-la sentimentalmente, mas politicamente. Ela avalia que ele a seduziu para a política, inclusive convidando-a para trabalhar com ele, “[...] porque ele queria uma ajuda. Aí eu falei: ‘Bom, se ele quer uma ajuda, eu posso ajudar!’”.

Apesar da resistência à política, Narriman pouco a pouco percebeu que através dela poderia colocar em prática projetos de engenharia que anteriormente não teve oportunidade de fazer. Ela começou a pensar: “[...] tenho de ir mesmo para as cabeças. Aí foi quando eu aceitei o [...] Zito, né? O projeto para ser assistente dele [...]”.

A formação profissional de Narriman Claise colaborou, parcialmente, para a ligação pessoal-política entre ela e Zito, já que logo no início do relacionamento, ele a convida para ser sua assistente. Processo semelhante se dá com Eva Duarte e Juan Domingo Perón, integrante do governo militar da Argentina. Eles se conhecem em um evento, em 1944, promovido, pela Secretaria de Trabalho e Previsão, coordenada por

¹³⁵Zito foi eleito deputado estadual, pela primeira vez, com 34.373 votos. (TSE, 2014).

Perón, no qual a Associação de Trabalhadores das Rádios Argentinas, de que Eva participava, colaboraria. Cinco meses depois desse encontro, eles passaram a morar juntos, e no ano seguinte se casaram civil e no religioso. Eva assim transforma-se em Evita Perón, muito mais que a esposa de um político, mas uma referência na política argentina, ainda hoje. Tornando-se a “mulher atrás do trono mais importante da história da América Latina”, como aponta o Jornal *News Weeks*, de Buenos Aires (DÍAZ, 2005).

É interessante perceber que o casamento de Narriman e Zito sempre foi um casamento político. Com isso não estou dizendo que não havia sentimentos entre eles, mas que ela nunca dissociou a imagem do homem, da imagem do político, já que quase ao mesmo tempo em que se casam, tornam-se parceiros políticos. Eles passam a dividir não somente a vida, mas decisões políticas, que, na maioria das vezes, pareciam ter sido criadas por ele, já que, inicialmente, somente ele era o detentor de cargos políticos. Decisões que o levaram a ser uma das maiores lideranças políticas da Baixada Fluminense, mas que tinham o dedo e as reflexões de Narriman.

A experiência vivenciada por Narriman se relaciona às de Angela Amin, Nilma Lima, deputada estadual paraense, e Célia Fernandes, ex-prefeita de Gravatal (SC), que tiveram suas carreiras políticas iniciadas a partir das atuações e colaborações nos mandatos de seus maridos (MENEGUELLO et al., 2012).

“Como a abelha necessita de uma flor / Eu preciso de você e desse amor / Como a terra necessita o sol e a chuva / Eu te preciso / E não vivo um só minuto sem você”¹³⁶

É interessante perceber as semelhanças e diferenças entre Narriman e Zito. Ambos nasceram no Nordeste e vieram para o Rio de Janeiro ainda crianças com os pais em busca de melhores condições de vida. Ela tivera uma família que lhe cobrava o estudo, já a dele, incentivava o trabalho; tal fato fez com que quando eles se encontrassem, tivessem não só formações diferentes, mas perspectivas diferentes sobre a política.¹³⁷

¹³⁶CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. *Eu preciso de você*. [s.l.; s.n.], [19-?].

¹³⁷Ao mesmo tempo em que Zito iniciou o relacionamento com Narriman, ele matriculou-se no curso de Direito, numa faculdade privada, em Duque de Caxias. Ressalto que quando Zito, foi eleito, vereador de Duque de Caxias, pela primeira vez, em 1989, ele possuía o Ensino Fundamental Incompleto e uma das primeiras iniciativas dele após a posse foi voltar a estudar, concluir o Ensino Fundamental e cursar o Ensino Médio. (Fonte: Entrevista concedida por Estela Alves de Vasconcelos a autora desta tese).

Após o casamento com Zito, Narriman continuou trabalhando na SERLA, como engenheira. Aproximadamente três anos depois, ela engravidou de Ramssés. Foi uma gravidez complicada em virtude do grande tamanho da criança, em comparação com a sua altura dela, cerca de 1,50 m. “Eu era ginasta (quando criança), eu tinha musculatura e ainda assim, ele (Ramssés) me sacrificou muito. Ele era um bebê muito grande.”

Logo nos meses iniciais da gravidez, Narriman e Zito foram informados pelos médicos das dificuldades que ela poderia enfrentar até o parto. Então, Zito sugeriu que ela deixasse de trabalhar no Governo do Estado do Rio de Janeiro e passasse a trabalhar como sua assessora.

Ramssés nasceu com 60 centímetros, os pais tiveram que comprar tudo num tamanho maior do que para os bebês habituais. Narriman explicou: “[...] eu pegava ele (Ramssés), recém-nascido com dois braços e o pai com um braço só. Eu falava para ele (Zito): "Você é mais forte do que eu!"”. Nesse momento, ela se referia à força física, já que enquanto ela possui menos de 1,50 m de altura e estrutura magra, demonstrando, inclusive, um pouco de fragilidade, o ex-marido Zito possui aproximadamente 1,90 m de altura, distribuídos em quase 100 quilos. Mas ao longo dos 17 anos de casamento, ambos se mostraram muito fortes, especialmente ela, já que a aparente fragilidade sumia quando elaborava estratégias políticas para Zito, bem como quando exerceu cargos políticos.

Narriman contou esse episódio, emocionada, ficou evidente que ao longo do casamento, eles tiveram muitos momentos felizes, e o nascimento de Ramsses é um deles.

Ela explicou que Zito adotou a filha mais velha dela,¹³⁸ fruto de seu primeiro casamento. Fazendo com que o casal tivesse assim um casal de filhos, de 30 e 22 anos, quando a entrevista foi realizada.

O primeiro mandato de Zito na ALERJ, de 1995 a 1996, fez com que ele conseguisse verbas para Duque de Caxias, assim, quando foi eleito como prefeito, em 1996, pôde colocar em prática todo o projeto. Narriman detalhou: “Já tinha um Plano

¹³⁸Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/1990) somente autorize que o padrasto adote a enteada, caso seja destituído o poder familiar por parte do pai biológico. Narriman não quis entrar em detalhes sobre como o procedimento judicial foi realizado.

de Trabalho¹³⁹ e aí foi arrasando nessa área [...] ele saiu abrindo ruas [...] porque enchia muito em Caxias [...]”.

Ficou evidente a admiração que Narriman passou a ter por Zito na política. Sua resistência inicial se transformou em amor, e assim eles combinavam não somente na casa e na cama, mas se tornaram uma dupla política.

Ao tomar posse como prefeito, Zito nomeou Narriman, secretária de meio ambiente, agricultura e abastecimento. Tal pasta foi escolhida por ele considerando sua formação acadêmica, bem como a compreensão que ela tinha sobre a engenharia.

Ela contou que, inicialmente, Zito desejava que ela estivesse à frente da Secretaria de ação social, pasta comumente ocupadas por primeiras damas nos municípios da Baixada Fluminense. Ela não aceitou, disse: “Eu não estudei para isso [...], eu ia para lá chorar com eles (população). Ia fazer o quê? Nada! Só chorar!”.

Muito mais do que a mera aparência, é certo que primeiras-damas traduzem culturas e, com esse ou aquele estilo, sob diversas circunstâncias, expressam uma quase predestinação para ações assistencialistas de muitos tipos. Nelas, sociabilidades próprias a maternalismos – de tempos e sinais políticos, fixam ritos protocolares que persistem com notável continuidade, recriados efeitos em convivências simultâneas de diferentes gerações [...]. Nelas há autonomia que se vinculam (COSTA et al., 2011, p. 8).

Mesmo não sendo secretária de ação social, como seu marido desejava e, sim, secretária de meio ambiente, Narriman era a primeira dama do município, e embora não goste do título, possuía significativa influência na política. Justificou-se: “Eu poderia ajudar mais a cidade como técnica, não como primeira dama”.

Narriman sempre buscou uma atuação discreta no governo de seu marido, principalmente se a compararmos a Evita, que logo no início do governo de Perón atuava na Secretaria de Trabalho e Previsão – “dialogando com os trabalhadores e trabalhadoras, participava de reuniões com delegações sindicais [...], participava de inaugurações, realizava discursos radiofônicos” (DÍAZ, 2005, p. 78) – e também no que ela chamava de “ajuda social direta: recebia anciões, homens, mulheres e jovens que chegavam [...], solicitando trabalho, ajuda material e pensões”.

¹³⁹Esse Plano de Trabalho é um desdobramento de um Plano Diretor, elaborado por Narriman, como assessora de Zito, quando ele era deputado estadual.

“Se o caminho é meu / deixa eu caminhar, deixa eu / Se o caminho é meu, deixa eu caminhar”¹⁴⁰

Ao se tornar secretária de meio ambiente, Narriman viu que poderia contribuir para o desenvolvimento de Duque de Caxias, município onde passou a residir com o marido e os filhos, e pouco a pouco, passou a gostar. Na época, ela disse para Zito: “Vou entrar na área que eu sei fazer, e vou ajudar mais o município assim”.

No cargo de secretária de meio ambiente, ela pela primeira vez aliou seus conhecimentos técnicos como engenheira com a experiência política que começava a desenvolver.

Embora, a secretaria existisse no governo anterior ao de Zito, ela percebia que era como se nunca tivesse existido. Ela e sua equipe não encontraram um único documento, um relatório de atividades. “Era simplesmente uma sala com sofá rasgado e todo mundo dormindo [...] botei todo mundo para acordar!”

Narriman assumiu de forma enérgica a secretaria. Seu primeiro passo foi verificar quais leis municipais existiam voltadas para o meio ambiente e viu que não existia nenhuma. Dessa forma, ela junto com sua equipe começou a redigir projetos de leis que apontassem para a preservação ambiental e a atuação da própria secretaria que foram apresentados aos vereadores. “Aí, eu fui trabalhar até na Câmara (de Vereadores).”

Após a promulgação de tais leis, que depois se transformaram em uma cartilha da Secretaria de Meio Ambiente, Narriman pôde fazer o que queria desde o início: elaborar e implementar projetos na área da ambiental que pudessem melhorar a vida das pessoas.

Na implementação dos projetos da secretaria de meio ambiente, Narriman percebia uma resistência das outras secretarias, especialmente no caso de atividades em conjunto. Ela percebia que os gestores das outras secretarias viam a de meio ambiente, como de menor importância.

O fato de Narriman ser a esposa do prefeito, ser a primeira dama, fez com que tais dificuldades fossem superadas. Ela não hesitava em se posicionar: “Era sério, não estava para brincadeiras (risos)!”. Inclusive porque ela possuía total apoio do marido, o prefeito, para sua atuação.

¹⁴⁰ DORINA. *Se o caminho é meu*. Rio de Janeiro: Rob Digital, [19-?].

O posicionamento de Narriman e o lugar que ela ocupava na conjuntura municipal fizeram com que a secretaria de meio ambiente não somente crescesse, mas tivesse como sua principal parceira a secretaria de educação na implementação de um projeto que tinha por objetivo a apresentação dessa pasta aos alunos do ensino fundamental das escolas municipais.

Outra característica da atuação política de Narriman foi privilegiar o viés técnico. Como ela mesma se identificou: “[...] quando eu entrei na política, foi como técnica [...]”. Ela acredita na necessidade de formação acadêmica especializada para que haja êxito na política. Ela somente contratava profissionais habilitados e com experiência comprovada na área. Característica rara nas secretarias dos municípios do Estado do Rio de Janeiro, onde na maioria das vezes, cargos de chefia, bem como subalternos são ocupados por indicados políticos.¹⁴¹ Realidade onde secretarias são divididas entre os políticos que apoiaram o prefeito, em sua candidatura e assim, o chefe do executivo passa ter pouca influência sobre tais pastas.

“Você me pergunta pela minha paixão / Digo que estou encantada / como uma nova invenção / Eu vou ficar nessa cidade / Não vou voltar pro sertão / Pois vejo vir vindo no vento / o cheiro da nova estação”¹⁴²

Narriman embora se sentisse realizada com o trabalho que vinha desenvolvendo à frente da secretaria de meio ambiente, já que vinha conseguindo utilizar seus conhecimentos técnicos como engenheira de forma visível e eficaz, preocupava-se com a educação, o cuidado e o acompanhamento dos filhos, pois quanto mais se dedicava à política, menos tempo passava com eles.

Em pesquisa realizada por Meneguello et al. (2012) junto a prefeitas, deputadas estaduais e deputadas federais, todas as entrevistadas apontaram dificuldades no exercício da maternidade em virtude da rotina política, que fazia com que elas ficassem longe de seus filhos. Algumas delas explicaram que chegaram a levar seus filhos para atividades partidárias realizadas nos finais de semana para que assim pudessem desfrutar de maior convivência com eles.

Ao longo do primeiro mandato do marido como prefeito de Duque de Caxias,

¹⁴¹Tal prática política que pode ser verificada na matéria de Haidar (2014).

¹⁴² BELCHIOR. *Como nossos pais*. São Paulo: SONY, 1998.

Narriman diversas vezes colaborou com ele nos bastidores da política. Confidenciou: "Na verdade, eu não me metia só na secretaria de meio ambiente, não, me metia em outros [...], eu dizia: 'Ó, Zito, não é assim, é assim' [...] Eu fazia a estrutura e dava para ele, e era como ele, como prefeito, que mandava, entendeu?"

Narriman não era somente secretaria de meio ambiente, mas uma grande articuladora do governo de seu marido. Chama atenção o fato de ela não aparecer na história política de Duque de Caxias como tal; bem como o fato de ela ter ressaltado na entrevista à autora desta tese que era seu marido, o prefeito, quem deveria ser citado como o autor de todas as decisões.

Mais uma vez relaciono a atuação de Narriman com a de Evita. Já que enquanto a argentina atuava fortemente para a construção do "Peronismo", movimento que deu início à fundação do Partido Peronista,¹⁴³ em 1947, e do qual, em 1949, nasce o Partido Peronista Feminino, que tinha Evita como delegada (DÍAZ, 2005; HAUSSEN, [20-?]). A maranhense, de forma discreta, atuou na construção de "zitismo", apoiado na identificação da população com seu marido; na implementação de ações que fariam com que o município sob seu comando chegasse ao 2º lugar no ranking do PIB do Estado do Rio de Janeiro e tornando-se um dos dez mais ricos do país;¹⁴⁴ e no enaltecimento do "jeito Zito de governar", como um dos slogans de campanha de Zito à prefeitura de Duque de Caxias, dizia.

Rocha Coutinho aponta que a posição das mulheres na sociedade fez com que elas desenvolvessem "estratégias sutis, indiretas, manipulativas para influenciar e gerir as vidas, bem como influenciar e gerir a vida daqueles que estão a sua volta" (1994, p. 142).

Outra questão também observada é a parceria e a cumplicidade desenvolvida entre Narriman e o marido, que fizeram com que eles tivessem esse nível de confiança. Percebe-se assim que para que seu marido fosse ao final do primeiro mandato, aclamado pela imprensa como Rei da Baixada parte de suas iniciativas foram criadas por Narriman.

¹⁴³O nome real do partido é Partido Justicialista, mas acabou sendo chamado de Partido Peronista, em virtude do nome de seu fundador o General Juan Domingo Perón. (NEIBURG, 1990; GUBSON et al., 2003).

¹⁴⁴ O PIB de Duque de Caxias, em 1998, no segundo ano do primeiro mandato de Zito era de R\$ 7.119.748,00; no último ano de seu segundo mandato, em 2004, o mesmo havia saltado para R\$ 16.907.063,00. (IBGE, 2014).

Esse protagonismo de Narriman chama a atenção do PSDB, fazendo com que em 1998, ela fosse indicada como candidata a vice-governadora na chapa (derrotada) de Luiz Paulo Correia.¹⁴⁵ Em 1999, seu nome é cogitado como candidata à prefeita de Magé.

Ela explicou que inicialmente o PSDB tinha um candidato para a prefeitura de Magé, e Zito, seu marido, o apoiaria, mas essa pessoa declinou da candidatura, e nesse momento ele pensou em seu nome.

Ela detalhou que Zito preferiu que ela não fosse à reunião que definiria o nome do candidato a prefeito pelo PSDB. Tal fato causou-me estranhamento, já que ela era filiada do partido havia mais de seis anos, aproximadamente. Mas, antes de sair de casa para o evento político, ele a consultou e perguntou se poderia indicar seu nome. E ela respondeu positivamente.

Chama a atenção o quanto essa possível tutela política do marido não incomodou Narriman. Ressalto que ela veio a ser candidata a prefeita de um município ao qual poucas vezes tinha ido.

Eu me questiono até que ponto a confiança política desenvolvida com o marido impossibilitou um empoderamento individual de Narriman.¹⁴⁶

Pude perceber que Narriman não se percebeu como mulher nas primeiras iniciativas políticas. Suspeito que o fato de seu marido estar à frente das articulações políticas para sua candidatura tenha contribuído para esse “não lugar” dela.

[...] quando eu entrei na política, foi como uma técnica e não como mulher. É uma diferença muito grande, quando você é técnico, você tem que sair da mulher. Você tem que realmente entrar como pessoa, porque se você entra como mulher, você é paquerada [...]. Então você tem que entrar, tipo assim, você se torna um homem [...] eu vejo assim, eu sou diferente das mulheres [...], porque eu nunca na política fui uma mulher, sempre fui a técnica [...].

Como percebe-se em seu discurso, em virtude das possíveis resistências que poderia encontrar na política, caso assumisse uma identidade feminina, como, inclusive, ser paquerada, ela assumiu a identidade da técnica, ou seja, da engenheira; e em alguns

¹⁴⁵Luiz Paulo Correa e Narriman receberam 1.020.765 votos. (TSE, 2014).

¹⁴⁶O empoderamento individual, segundo WALLERSTEIN & BERNSTEIN “se refere à habilidade do indivíduo para tomar decisões e ter controle sobre sua própria vida”(1994, apud TEIXEIRA, 2002). Desta maneira, o indivíduo deve ser estimulado a acreditar em suas capacidades e habilidades, e assim tornar-se confiante em si mesmo.

momentos, até uma identidade masculina. Tais posturas fizeram com que ela não se identificasse com outras mulheres e se percebesse diferente delas.

Um dos itens da articulação política da candidatura de Narriman, organizado também por seu marido, foi a definição de sua vice, a líder comunitária, Lídia Menezes, sobrinha da primeira esposa de Zito, Levinete, mãe de Andreia.

Lídia uma ex-empregada doméstica que almejava, na época, sua primeira candidatura como vereadora, foi procurada por Zito, que lhe propôs ser vice de Narriman.

Constato o quanto ao longo do tempo, Zito preparou politicamente Narriman para que ela chegasse ao cargo de prefeita. Tal posicionamento dele assemelha-se ao de Juan Domingo Perón, quando ele afirma, referindo-se a Evita: “Preparei-a para que fizesse o que fez” (PEÑA, 19763 apud AVELINO et. al., 1998, p. 344).

Percebe-se assim, que Narriman teve condições bem favoráveis para sua candidatura: o apoio do marido, que na época, era uma das principais lideranças do PSDB no Estado do Rio de Janeiro; e a aliança com Lídia, uma líder comunitária, que residia em Magé havia mais de 30 anos e conhecia muito bem aquele território político.

As candidaturas de Narriman, primeiro ao governo do Estado do Rio de Janeiro, como vice, em 1998, e, no ano seguinte, à prefeitura de Magé, fazem com que ela se diferencie de Eva Perón. Já que a primeira dama argentina, diferentemente da primeira dama caxiense, em 1950, foi apontada como candidata à “vice presidência da Nação na chapa de Perón” (DÍAZ, 2005, p. 93), para a eleição que ocorreria no ano seguinte, mas, ela renunciou à candidatura, através de um discurso: “*Compañeros, quiero comunicar al pueblo mi decisión irrevocable y definitiva de renunciar al honor con que los trabajadores y el pueblo de mim Patria quisieron honrarme (...)*” (PERÓN, 1999, p. 260 e 261 apud DÍAZ, 2005, p. 95).

Após ter sua candidatura lançada pelo PSDB, Narriman passou a não somente estar constantemente nos seis distritos de Magé, iniciando, assim, sua campanha, mas, ao mesmo tempo, construía o planejamento de seu governo, em todas as áreas.

Embora fosse uma forasteira em Magé, Narriman foi eleita, a primeira prefeita do município, numa disputa acirrada no segundo turno.¹⁴⁷

¹⁴⁷Narriman disputou a eleição do 2º turno, com Nelson Costa Mello, mais conhecido como Nelson do Posto, sendo eleita com 89.495 votos, tendo uma diferença de 263 votos para o outro candidato. (TSE, 2014).

A vitória de Narriman marca uma expansão territorial do “Clã Zito” (BARRETO, 2006), já que em 2000, Zito conseguiu, ao mesmo tempo, reeleger-se prefeito de Duque de Caxias e contribuir decisivamente para que sua esposa fosse eleita prefeita de Magé e seu irmão fosse eleito prefeito de Belford Roxo.¹⁴⁸

Foto 24 - Narriman votando na eleição municipal de Magé, ocorrida em 1999.



Fonte: Jornal Extra

A eleição de Narriman também representou na política de Magé o enfraquecimento do poder de outro “clã político”, os Cozzolino.¹⁴⁹ Já que ela venceu, inclusive, Núbia Cozzolino, deputada federal, na época e filha do ex-prefeito Renato Cozzolino.

¹⁴⁸ Waldir Zito brigou pela Prefeitura de Belford Roxo com outra figura política de renome da Baixada Fluminense, Maria Lúcia Netto dos Santos, viúva de Joca, Jorge Julio da Costa Santos, o primeiro prefeito de Belford Roxo, que fora assassinado misteriosamente a caminho de uma reunião com o então governador do Estado do Rio de Janeiro. (Monteiro, 2007). Maria Lúcia Netto dos Santos foi a primeira prefeita de Belford Roxo, de 1999 a 2000 e é a primeira mulher eleita para uma prefeitura da Baixada Fluminense. Na época, houveram rumores de que Andreia Zito, a filha de Zito, já deputada estadual seria candidata ao cargo de prefeita de São João de Meriti. Como aponta da Revista Veja, de 315.679, “o sobrenome de Zito [...] costuma significar milhares de votos”. Já a Revista Isto é, de 16/05/2000, meses antes das eleições municipais nas quais Zito, sua esposa, Narriman e seu irmão, Valdir, concorreriam como prefeitos de diferentes municípios da Baixada Fluminense, alertou em tom provocativo: “A Baixada Fluminense pode mudar de nome da Zitolândia após as eleições deste ano. Se derem certo os planos do prefeito de Duque de Caxias, [...] quatro dos municípios da região serão comandados por um só clã. [...] A Zitolândia somaria 1,7 milhão de habitantes, 60% do maior curral eleitoral do Estado, que age de forma homogênea diante das urnas”.

¹⁴⁹ A família Cozzolino está na política de Magé desde a década de 1980, com Renato Cozzolino, prefeito de 1983 a 1986; com Renato Cozzolino Sobrinho, de 1989 a 1992; com Charles Cozzolino, de 1993 a 1995 e de julho a dezembro de 1996. Como aponta o Jornal O Globo de 12 mar. 2011, os mandatos da família Cozzolino ficaram marcados “por casos de corrupção, nepotismo e de violência. Em três décadas, foram três cassações, pelo menos duas prisões, volumosa quantidade de dinheiro desviada - não há um somatório disponível - e alguns assassinatos”.

“Porque nem toda feiticeira é corcunda / Nem toda brasileira é bunda / Meu peito não é de silicone / Sou mais macho que muito homem”¹⁵⁰

Acredito que a parceria política desenvolvida por Narriman e Zito, ao longo dos mandatos dele como deputado estadual e prefeito de Duque de Caxias, foi fundamental para que ela concorresse ao cargo de prefeita de Magé. Provavelmente, ela acreditou que essa parceria se consolidaria, e do mesmo modo como ela colaborava com o marido, sugerindo-lhe várias decisões políticas, ele agiria da mesma forma.

Após a eleição, Narriman mudou-se para Magé, ela e o marido haviam feito um acordo, caso ela fosse eleita, o casal de filhos continuaria a morar em Duque de Caxias, com Zito. A decisão foi tomada em conjunto e visou não trazer grandes mudanças na vida das crianças em fase escolar.

Narriman sentiu-se muito sozinha, após a mudança para Magé, especialmente, porque lá ela morava sozinha, somente com empregados. Sentia muita falta principalmente dos filhos. Não chegava a preocupar-se, pois sabia que eles estavam sob o cuidado de governantas, mas entristecia-se por não acompanhar o dia a dia deles, como anteriormente. Mais uma vez ela vivenciou a experiência da “maternidade transferida” (COSTA, 2008).

Visando amenizar a saudade, Narriman passou a dormir em Duque de Caxias pelo menos duas vezes por semana, além dos finais de semana. Sempre era ela que vinha de Magé e não o marido que ia ao seu encontro.¹⁵¹ Pude perceber certo ressentimento acerca do movimento, que era feito somente por ela, e não pelo marido, inclusive para que o casal tivesse momentos de intimidade. Ela desabafou: “Minha vida como mãe, como esposa e como dona de casa ficou muito difícil”.

Todos os papéis de Narriman foram impactados com sua eleição como prefeita, mas o de mãe, na sua análise, foi o mais abalado: “Uma mulher quando tem uma criança pequena e vai para a política é diferente de um emprego, totalmente! Com um emprego você tem tempo, não é? Na política, não!”

A ex-prefeita deixa em evidência o quanto a atuação política traz rebatimento na vida pessoal das mulheres especialmente quando elas são mães. Luci Choinaki, ex-deputada estadual e deputada federal por diferentes mandatos, em entrevista à

¹⁵⁰LEE, Rita; DUNCAN, Zélia. *Pagú*. São Paulo: Universal Music [19-?].

¹⁵¹A distância entre a sede da prefeitura de Magé e o bairro onde ficava a residência oficial do prefeito de Duque de Caxias, Dr. Laureano, é de 40,3 quilômetros.

Meneguello et al. relatou o quanto foi complexo o acompanhamento da educação e do desenvolvimento dos filhos. “Se eu dissesse para você que foi fácil estaria mentindo, é bem difícil [...]. Quando comecei a fazer política, tive que botar ali sempre alguém, para cuidar dos meus filhos e ajudar em casa [...]. Não é fácil a conciliação” (Meneguello et al., 2012, p. 27).

As falas de ambas políticas, Narriman e Luci, se relacionam com a análise de Rocha Coutinho (1994, p. 120) sobre os dilemas vivenciados pelas mulheres:

De um lado aceitam e acreditam no fato de que têm direito a uma vida própria, a um emprego e profissão e, de outro, continuam a acreditar que a mãe é indispensável para a boa formação dos filhos, não importando que soluções tenha encontrado para conciliar estas duas necessidades.

O primeiro feito de Narriman para a organização de seu governo foi a escolha dos secretários municipais, que teve como critérios: a qualificação profissional e as experiências anteriores. Ao tomar tal atitude, ela apresentou à Baixada Fluminense uma forma de escolha de secretários totalmente nova, já que como salientado anteriormente, na maioria das vezes, os cargos de secretários municipais e estaduais são divididos pelo chefe do executivo entre seus aliados, fazendo com que muitas vezes sejam ocupados por pessoas que não possuem qualquer conhecimento técnico sobre uma pasta. Ela explicou: “Chamei os técnicos, não é? [...] Não deixei nenhum político entrar como secretário! Só técnico, mesmo!”. Com tal atitude ela passou a desenvolver inimizades no meio político.

Outra característica de Narriman foi sua ingerência no funcionamento das secretarias municipais de seu governo: “Disse a cada técnico o que fazer! [...] Eu dizia: ‘Ó, o projeto é esse!’ [...] Eu tinha projetos, planos e mandava eles fazerem!”.

Como fica evidente, ela era uma prefeita centralizadora. Tais decisões governamentais não eram divididas nem com a vice-prefeita.

O contato entre ambas, Narriman e Lúcia, ficou cada vez mais escasso após a eleição, fazendo com que a família de Lúcia tivesse a impressão de ter sido usada politicamente.

Narriman, em uma publicação organizada pelo seu governo, refere-se a Magé, como: “Cidade que hoje está sob meus cuidados e que amo como a meus filhos”. Neste momento, ela toma a posição de mãe da cidade, semelhante à postura de Eva Perón que:

[...] colocava-se como Senhora atenta e preocupada com as experiências das vidas sociais. Atuava junto às massas, não só atendendo e criando estratégias para responder as necessidades, mas, principalmente, como conselheira, orientadora, das mazelas familiares dos sujeitos menos privilegiados (AVELINO et al., 1998, p. 342).

O governo de Narriman teve dois grandes focos: a educação e os transportes.

Até a década de 1980, Magé possuía um grande número de indústrias, que estavam presentes, naquela localidade, desde a década de 1950 e que foram fundamentais, na época, para o desenvolvimento municipal, inclusive no financiamento de construção de escolas, postos de saúde, clubes desportivos, cinemas, vilas operárias. Sendo que, a crise econômica ocorrida no meio da década de 1980, fez com que a maioria dessas indústrias fechassem, demitissem seus funcionários e assim não contribuíssem para o desenvolvimento local, seja através de impostos, seja através de iniciativas filantrópicas (CUERVO, 2012).

Narriman desejava atrair empresas para o município. Entre suas iniciativas estavam reabrir o Porto de Magé, que liga o município à Baía de Guanabara, e oferecer à população cursos profissionalizantes para formar uma mão de obra qualificada, em conjunto com transportes, fazendo com que empresas percebessem o potencial de escoamento de mercadorias, via marítima, pela Baía de Guanabara, através do Porto de Magé, atualmente desativado.

Tal perspectiva de Narriman vem ao encontro da fala de Cuervo (2012), que aponta Magé como uma cidade dormitório, já que seus habitantes buscam oportunidades de empregos nas cidades do entorno, especialmente, Niterói e Duque de Caxias, o município não possuía uma economia capaz de absorver a mão de obra local.

A prefeita chegou a reconhecer a situação econômica do município numa publicação organizada pelo seu governo:

O desemprego é um desafio não só de Magé como de todo País. [...] Precisamos que empresas e indústrias se instalem em nossa cidade para prosseguirmos em direção ao plano de desenvolvimento sustentável. [...] É preciso nos imbuirmos do sentimento de que 'somos os melhores' e mostrarmos para todos para todos o nosso valor. Magé é uma das cidades mais belas do Estado do Rio de Janeiro e muitos empresários e empreendedores não tomaram conhecimento do nosso potencial.

Foto 25- Narriman, quando prefeita de Magé, com alunos da rede municipal.



Fonte: Blog Onda 12.¹⁵²

Narriman apontou categoricamente seu posicionamento: "[...] assim abriria Magé! Eu só vejo Magé abrindo assim, de outra forma não vejo!".

A ex-prefeita vivenciou uma significativa resistência de grupos políticos de Magé, para que pudesse implementar suas ações. Sendo que o mais duro golpe se deu após um ano e seis meses de sua posse, quando a vice-prefeita, Lídia Menezes, foi assassinada de forma extremamente brutal.

Lídia foi baleada, torturada e queimada dentro de seu carro. A vice-prefeita cerca de um mês antes de ser assassinada recebeu uma proposta de um grupo político que consistia no apoio à sua candidatura para deputada estadual caso ela colaborasse com o *impeachment* de Narriman e não assumisse a prefeitura. Lídia não aceitou tal proposta. Depois disso, ela passou a receber ameaças de morte, bem como a ter seus passos vigiados por pessoas estranhas.

¹⁵² Disponível em: < <http://onda12.blogspot.com.br/2012/08/projeto-ajuda-alunos-repetentes.html>>. Acesso em 18 jul. 2015.

Até que em 1º de junho de 2002, Lídia recebeu um telefonema que pedia que ela fosse a um ponto de Magé, sozinha, em seu carro. Informaram, ainda que caso ela não seguisse as orientações dadas, sua família seria morta.

Dois dias antes da morte de Lídia Menezes, Narriman foi informada pela Chefia de Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que uma semana antes eles haviam recebido uma denúncia de que ela seria morta.

Eles acreditavam que a prefeita, que já andava com seguranças e carro blindado, diferentemente de Lídia, não havia sido morta, porque na data que seria a do seu assassinato, ela não estava em Magé.

Narriman, no dia anterior ao previsto para sua morte, com base na denúncia, quase de madrugada após um jantar com uma deputada, decidiu, em virtude de não estar se sentindo bem, dormir na residência de Duque de Caxias, onde estavam o marido e os filhos, e não na residência de Magé. Somente no dia seguinte, após uma consulta médica, ela soube que tinha sido acometida por dengue e assim não foi trabalhar.

A ex-prefeita detalhou: "O plano era assim. Um grupo iria me matar [...] eu estava revolucionando a cidade [...] uma pessoa que fazia parte do plano, denunciou a delegacia antissequestro [...] dando data, local, hora, tudinho".

Após ser procurada pela Polícia Civil, um policial do BOPE¹⁵³ foi designado para acompanhá-la por um tempo, junto com seus seguranças.

Embora o atentado contra a vida de Narriman tenha sido impedido, o contra a vida de Lídia não. Ela se tornou mais uma das mortes ocorridas em decorrência das questões políticas de Magé.¹⁵⁴

Ao receber a notícia da morte de sua vice, Narriman sentiu-se, em parte responsável pela tragédia: "Meu Deus, eu peguei uma menina que vinha a ser candidata à vereadora, que não ia morrer nunca, ponho ela de vice, para morrer [...] deixou crianças, não é?!".

Na época, inclusive, a prefeita denunciou à Folha de São Paulo: "Magé politicamente é muito perigosa. Há alguns anos isso vem acontecendo com políticos. Os delegados não estão fazendo nada!".

¹⁵³ Batalhão de Operações Policiais Especiais, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁵⁴ O município de Magé foi apontado pela Revista Carta Capital, de 25 out. 2012, como campeão de violência política no Brasil. Nove pessoas ligadas à política foram assassinadas de 1997 a 2012, conforme levantamento realizado pela revista.

Cerca de um ano e meio depois da morte de Lídia Menezes, seus assassinos já estavam soltos. Haviam ficado menos de um ano na cadeia, e seu pai desabafou, resignado, ao Jornal O Estado de São Paulo. "Acho que é problema deles mesmos, dos políticos querendo se apoderar do lugar dela".

Narriman tem certeza que o atentado previsto contra ela e que acabou acontecendo com sua vice, Lídia, tinha por objetivo retirá-la do poder: "Aí para querer me desestabilizar, para ver se eu parava, não é?! Pegaram ela (Lídia)!"

A ex-prefeita reconheceu: "Quem vai, quem é certo, quem quer certas coisas... Acaba morrendo." Assim, Narriman reconhece o quanto os conflitos na política da Baixada Fluminense, muitas vezes, ainda hoje, são resolvidos por meio violento.¹⁵⁵

Apesar de ter ficado muito triste com a morte de Lídia, sentindo-se inclusive culpada, Narriman tomou a decisão de não se abalar com essa tragédia e continuar seu governo, que só tinha um ano e meio. Ela se justificou: "[...] infelizmente, eu sou 'carne de pescoço', não é? É que nordestino quando vem para o Sul é forte! É forte mesmo, bem forte!".

Acredito que a morte de sua vice, pode ter desencadeado todo um processo de resiliência em Narriman, já que foi a partir da tragédia que ela reconheceu sua força.¹⁵⁶

*"Acabei com tudo/Escapei com vida/Tive as roupas e os sonhos rasgados na minha saída"*¹⁵⁷

Após a morte de sua vice, Narriman se dedicou mais e mais ao governo. Tal postura fez com que ela e o marido se distanciassem. Os encontros entre eles se tornaram cada vez mais escassos.

¹⁵⁵Embora em 1977 o lugar mais violento do mundo, segundo estudo da UNESCO se localizasse na Baixada Fluminense – Belford Roxo, na época, distrito de Nova Iguaçu (SILVA, 1980), a história recente dessa região ainda é permeada por episódios violentos, como o misterioso assassinato do primeiro prefeito de Belford Roxo, Jorge Julio da Costa Santos, mas conhecido como Joca, apontado na nota de rodapé nº 22. Outra figura do passado que também se relaciona essa peculiaridade política desse território é Tenório Cavalcanti, ex-deputado estadual e ex-deputado federal, que entre as décadas de 1930 a 1960 teve 52 ferimentos a bala e para se defender portava uma metralhadora, a qual chamava carinhosamente de Lurdinha (SILVA, 2012; ALVES, 2003).

¹⁵⁶“A resiliência consiste no fato de o ser humano responder positivamente às adversidades da vida” (CARVALHO, 2008, p. 46). Tal como aponta Kothiareco et al.(1997) e Tomkiewick (1999) (apud JUNQUEIRA et al., 2003, p. 230), a resiliência constitui numa capacidade humana de superação das adversidades, bem como de transformação a partir das mesmas; a capacidade de sobreviver, apesar das adversidades.

¹⁵⁷CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto.Fera ferida. [s.n.; s.l.], [19-?]

Um dos episódios que marcou significativamente essa fase foi quando num final de semana, seu marido viajou para a casa de praia com os filhos do casal, e o combinado era que ela se encontraria com a família, mas não conseguiu chegar na data marcada, em virtude de problemas na prefeitura de Magé.

Nas poucas vezes em que ela viajava para o interior do Rio de Janeiro com a família, era chamada às pressas, “tendo que sair [...] para acudir Magé”. Como ela sintetiza: “[...] foi muito desgastante!”.¹⁵⁸

Enquanto a vida pessoal de Narriman estava passando por dificuldades, na vida política, ela fez mudanças radicais, transferindo-se do PSDB para o PT.

Tal mudança se deu em virtude de sua aproximação com Benedita da Silva¹⁵⁹, na época, Governadora do Estado do Rio de Janeiro. Narriman explicou: “Quando eu vejo a Benedita e o (Anthony) Garotinho brigando. Eu não conhecia, a Benedita, não [...] eu senti a dor. Sentia a dor como mulher, [...] menosprezada [...]”.¹⁶⁰

Embora não conhecesse a primeira governadora da história do Estado do Rio de Janeiro, Narriman se solidarizou com a delicada situação que a governadora estava vivenciando¹⁶¹. Possivelmente, porque Narriman também estava passando situações semelhantes à frente do município de Magé.

¹⁵⁸Houve, inclusive, episódios em que Zito tentava ajudar na administração municipal de Magé, mas os problemas da prefeitura eram tão significativos que nem ele com toda sua experiência política conseguia resolver facilmente.

¹⁵⁹Benedita da Silva, ex-empregada doméstica nascida na Favela do Pinto, no Rio de Janeiro; ex-líder comunitária; assistente social; filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT); foi eleita vereadora do município do Rio de Janeiro, deputada federal, senadora, por diferentes mandatos, bem como vice-governadora do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: Site Pessoal de Benedita da Silva.

¹⁶⁰O clima entre o então Governador do Estado do Rio de Janeiro Anthony Garotinho e sua vice era tão tenso que quando ele saiu do governo para se candidatar à Presidência da República, eleição que ocorreria meses depois, não compareceu à posse dela, em 06 de abril de 2002. (JORNAL O GLOBO, 2014).

¹⁶¹O governo de Benedita da Silva foi avaliado por 38% dos fluminenses, como ruim ou péssimo e como regular por 38% da população. Benedita assumiu o Governo do Estado do Rio de Janeiro, com um déficit orçamentário de R\$ 1,3 bilhão, o que fez com que ela fizesse reajustes salariais, retirando gratificações de mais de 1.580 servidores. Outro ponto crítico de sua gestão foi a violência, vários episódios violentos aconteceram como: o assassinato do jornalista Tim Lopes; uma guerra entre traficantes, fazendo com que ela pedisse a ajuda do Governo Federal através do Ministério da Justiça, que liberou R\$ 11,6 bilhões para o combate ao narcotráfico e para o treinamento de policiais, além da criação de uma força tarefa contra a criminalidade, que sob o comando da Polícia Federal reuniu as Forças Armadas, as polícias Civil, Militar e Rodoviária Federal e até a Receita Federal. (A FOLHA DE SÃO PAULO; JORNAL O GLOBO, 2014).

Foto 26 - Narriman Felicidade com Benedita da Silva



Fonte: Blog de Narriman.¹⁶²

Nas fotografias acima, Narriman e Benedita, estão em um evento religioso, organizando por igrejas evangélicas, já que uma das semelhanças entre elas é a religião em comum. Embora as imagens sejam de 2010, nelas é perceptível a ligação e a descontração entre ambas. Provavelmente, tais fotografias retratam uma amizade iniciada ainda em 2002, quando Narriman era prefeita de Magé, e Benedita, governadora do Estado do Rio de Janeiro.

Fica evidente a presença da sororidade entre essas duas mulheres que não se conheciam, que estavam, inicialmente, de lados opostos da política, considerando seus partidos, mas que se identificaram como participantes desse árido cenário que a política é para as mulheres brasileiras.

Como Costa (2009, p. 13) aborda, a sororidade constitui uma espécie de “ideia-força”, que “expressa um “natural” sentimento de solidariedade entre mulheres”, muitas vezes, diferentes entre si, em torno de algumas causas. Alves (2014) complementa apontando que a sororidade é um pacto entre mulheres que se reconhecem próximas fisicamente e afetivamente, e que possibilita uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo.

¹⁶²Disponível em: < http://narrimanfelicidadezito.blogspot.com.br/2010/06/blog-post_17.html>. Acesso em: 18 jul. 2015.

É interessante perceber que somente a partir da identificação com Benedita, Narriman se reconhece como mulher na política.

Tal reconhecimento se dá a partir dos desafios vivenciados pela gestora do Estado do Rio de Janeiro, já que, anteriormente, ela não se percebia como mulher, tendo, inclusive, receio de se portar como mulher e ser alvo de cantadas, como já salientado.

Questiono-me até que ponto a convivência política com o marido, fez com que Narriman se masculinizasse ao adentrar na política. Acredito que o distanciamento do marido – inclusive físico, já que desde que lançou sua candidatura como prefeita de Magé, passou a ter uma outra residência e posteriormente, com o falecimento de sua vice, precisou estar mais e mais presente no município – contribuíram para que ela reconhecesse seu potencial e ao mesmo tempo, se reconhecesse como mulher, o que pode ter promovido seu empoderamento.¹⁶³

Tal posicionamento político de Narriman, a aliança com Benedita da Silva, teve um preço alto: sua desfiliação e conseqüentemente, a falta de apoio do PSDB. Ela não quis detalhar como aconteceu seu rompimento com o PSDB, que continuava sendo o partido de seu marido, e sua filiação ao PT. Ela disse apenas: “Eu não retorno! Eu fico no PT, entendeu?!”.

“Vivendo e aprendendo a jogar / Nem sempre ganhando, nem sempre perdendo / mas aprendendo a jogar”¹⁶⁴

No meado do mandato de Narriman, em 2002, ela e seu marido vivenciaram, uma experiência ímpar na eleição presidencial. Enquanto ela, filiada ao PT apoiava o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, ele continuava filiado ao PSDB e apoiava o candidato José Serra.

¹⁶³ O documento organizado para a Terceira Conferência sobre a Mulher da ONU, realizada em Nairóbi, em 1985, apontou que o empoderamento é uma “estratégia conquistada por mulheres de países em desenvolvimento para mudar as próprias vidas, acarretando um processo de transformação social, principal objetivo do movimento de mulheres” (SOUZA, 2012, p. 27). Já Labonte (1994 apud TEIXEIRA, 2002), aprofunda a discussão ressaltando que empoderamento é, simultaneamente, processo e resultado, é um processo que descreve um relacionamento que está sempre em mudança e nunca está completo, relacionamento este entre aquele que tem formas objetivas de poder e os que não as tem. O empoderamento é ao mesmo tempo processo e resultado, é uma ação que descreve o relacionamento, que possibilita a um indivíduo ou grupo reconhecer suas capacidades e possibilidades, seu potencial, seu poder.

¹⁶⁴ ARANTES, Guilherme. *Aprendendo a Jogar*. São Paulo: Universal Music, [19-?].

Mas ela avalia que tal situação trouxe benefícios para seu marido, já que com a filiação dela, ele pôde conhecer as estratégias dos dois principais grupos políticos que concorriam ao maior posto de democracia brasileira. Como explicou: “[...] foi bom para ele politicamente porque ele conheceu o pessoal do PT, ele tanto conhece o PSDB como o PT”.¹⁶⁵

Ao final de seu mandato, Narriman decidiu tentar a reeleição, mas foi derrotada, por Núbia Cozzolino.¹⁶⁶

Foto 27 - Narriman discursando em sua campanha à Prefeitura de Magé, em 2004.



Fonte: Site Jornal Extra.

Mas não foi só ela que sentiu o gosto amargo da derrota; Zito também, já que seu candidato à prefeitura de Duque de Caxias, Laury Villar, não foi eleito.¹⁶⁷

Narriman terminou seu mandato de modo totalmente diferente do início: mais madura, após ter sofrido um atentado, do assassinato brutal de sua vice e da separação conjugal e política do marido, embora eles tenham optado por não tornar tal fato público. Na época, Zito e Narriman já dormiam em quartos diferentes, mas preferiram continuar morando na mesma casa, por algum tempo, para não chamar a atenção da

¹⁶⁵Luiz Inácio Lula da Silva foi o vencedor na disputa com José Serra, eleito Presidente da República com 39.455;233 votos, no segundo turno. (TSE, 2014).

¹⁶⁶Narriman recebeu 31.297 votos contra Núbia, que recebeu 46.699. (TSE, 2014).

¹⁶⁷ Zito não pode se candidatar a prefeito porque já tinha sido reeleito, estava terminando o segundo mandato.

imprensa. Dois anos depois, em 2006, eles se separaram legalmente, de forma amigável.

É interessante perceber o quanto a vida de Narriman e Zito, enquanto casal, o tempo todo esteve ligada à política. Isso pode ter possibilitado várias parcerias como abordei, mas também pode ter contribuído para a separação deles.

Narriman avalia que a experiência que seus filhos tiveram de ter os pais, ao mesmo tempo, prefeitos de diferentes cidades trouxe-lhes um trauma, fazendo com que ambos, após a separação, não desejassem nem ouvir falar de política. A filha mais velha, que no momento da entrevista estava com 30 anos, trabalha no ramo de publicidade; e o mais novo, que estava com 22 anos, cursa psicologia.

Ramssés, o mais novo, embora queira ser psicólogo, após ter morado por um tempo com o pai, depois da separação, decidiu que gostaria de colaborar, mesmo que de forma pequena, com a carreira política dos familiares. Ele atuou na campanha política de sua irmã Andreia Zito,¹⁶⁸ em 2014, na reeleição como deputada estadual. Mas, segundo a mãe, ele não se decidiu se quer seguir carreira política como o pai, a mãe, a irmã e o tio.¹⁶⁹

Foto 28 - Ramssés (à direita), filho de Narriman e Zito, com a irmã, Andreia, e o pai.



Fonte: página pessoal de Ramssés Zito.¹⁷⁰

¹⁶⁸Filha do primeiro casamento de Zito.

¹⁶⁹Waldir Zito, irmão de Zito, ex-prefeito de Belford Roxo.

¹⁷⁰Disponível em: <<https://www.facebook.com/ramsses.zito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015. Acesso em; 18 jul. 2015.

Ficou evidente que Narriman não deseja que os filhos sigam a carreira política, mas explicou que, caso eles venham a tomar tal caminho, ela respeitará a decisão deles.

“Você verá que é mesmo assim / que a história não tem fim / Continua sempre que você responde “sim” / à sua imaginação / A arte de sorrir cada vez que o mundo diz “não””¹⁷¹

Em 2010, Narriman, na época filiada ao PRB, candidatou-se novamente ao cargo de deputada estadual, mas teve sua candidatura impugnada pelo Ministério Público Eleitoral devido à prestação de contas da candidatura de 2004, ao cargo de prefeita de Magé, não ter sido aprovada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), segundo o Portal G1.

Ela tentou em 2012, novamente ser a prefeita de Magé, candidatando-se, dessa vez filiada ao PDT, mas teve a candidatura novamente impugnada, dessa vez pelo Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Rio de Janeiro (TRE/RJ), em virtude de improbidade administrativa, ocorrida em seu governo municipal entre 2001 a 2004, segundo o Jornal O GLOBO, de 20/09/2012.¹⁷²

Foto 29 - a sua campanha ao cargo de prefeita de Magé, em 2012.



Foto: Blog de Narriman Zito.¹⁷³

¹⁷¹ ARANTES, Guilherme; LUCIEN; John. *Brincar de viver*. São Paulo: Universal Music, [19-?].

¹⁷² Segundo o Jornal Extra, Narriman foi denunciada ao Ministério Público Estadual por fraude em três contratos de compra de alimentos destinados à merenda escolar, em 2004.

¹⁷³ Disponível em: < https://narrimanzito12.files.wordpress.com/2012/08/cropped-427529_405539162827456_1463844428_n3.jpg>. Acesso em: 18 jul. 2015

Embora haja justificativas legais por parte da justiça eleitoral brasileira acerca das impugnações, Narriman acredita que não teve suas candidaturas aceitas por questões políticas, já que ao longo de seu mandato como prefeita de Magé, contrariou várias lideranças políticas. Desabafou: “[...] pelo que eu senti, ainda é uma questão política. É bom nem falar nisso, porque eu ainda tenho uma questão política [...]”.

Ela lembrou, inclusive, um episódio que vivenciou durante a gestão como prefeita de Magé: um veto à instalação de um aterro sanitário no distrito de Mauá, localidade banhada pela Baía de Guanabara. Na ocasião, tal posicionamento contrariou lideranças políticas de quase todo o Estado do Rio de Janeiro. Sem falar no fato de não ter entregue secretarias municipais a políticos aliados de sua campanha à prefeitura, ocorrida em 2000, procedimento muito comum nessa região, como já salientado.

Após as duas impugnações de suas candidaturas, Narriman decidiu dar fim a sua carreira política.

Ela avalia que a experiência vivenciada à frente da Prefeitura de Magé foi de significativo aprendizado, mas também de muitas perdas. Se o tempo voltasse atrás e ela soubesse o que aconteceria, não se candidataria.

Narriman foi categórica ao afirmar que não prosseguiu na carreira política porque os episódios trágicos que vivenciou e presenciou fez com que ela percebesse o valor de sua vida e de sua família.

“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante”¹⁷⁴

Essa mulher apaixonada desde a juventude pela engenharia optou após as impugnações de suas candidaturas por utilizar seus conhecimentos técnicos, junto com o atual marido, que também é engenheiro e não possui nenhuma ligação com a política, e tornar-se empresária. Narriman transformou uma das propriedades, que ficou em seu poder na partilha de bens após separação judicial de Zito, em um dos primeiros empreendimentos de turismo radical de Duque de Caxias.

Embora, Narriman tenha afirmado que saiu da política, percebi que a política não saiu dela, como denota sua fala: “Eu não pretendo me lançar mais, tá? Mas se as pessoas precisarem, assim, de ajuda, eu ajudo, tá? [...] Narriman, como pessoa [...]”.

¹⁷⁴SEIXAS, Raul. *Metamorfose Ambulante*. São Paulo:Universal Music, 1986.

Ela me recebeu, inclusive, neste local para a entrevista, no “Sítio Felicidade”, localizado no distrito de Xerém, uma ampla propriedade com piscinas, quadras, área de mata verde e um lago artificial.

Ao longo da conversa de aproximadamente uma hora, agendada por intermédio de Ramssés, filho de Narriman e Zito, pude conhecer pessoalmente, uma mulher franzina, de aproximadamente um metro e meio de altura, mas que se tornava grande ao me contar toda a sua trajetória política.

Uma mulher que ao mesmo tempo em que se mostrava orgulhosa de contar seus feitos políticos, sua versão sobre os acontecimentos que vivenciou, também demonstrava receio sobre as informações que estava dividindo; mas que escreveu seu nome na política da Baixada Fluminense.

Enfim, uma mulher que buscou desde a juventude e ainda vem buscando, a felicidade, tendo inclusive esse sentimento em seu nome, ela é Narriman Felicidade Corrêa Faria Zito dos Santos.¹⁷⁵

¹⁷⁵ Um dos questionamentos que fiz a Narriman foi por que ela não modificou seu nome após a separação judicial de José Camilo dos Santos Zito Filho. Ela me respondeu de forma extremamente segura: “Eu ajudei o Zito, a crescer, então eu vi que isso (o nome, a marca política: Zito) também fazia parte de uma propriedade minha assim”.

4 Andreia Zito – Uma mulher que cresceu e amadureceu na política

Andreia, 40 anos, natural de Duque de Caxias, solteira, bacharel em Direito. Ela poderia ser facilmente vista como uma mulher comum da Baixada Fluminense, a não ser por um detalhe: quando ela mostrasse sua carteira de identidade, já que seu sobrenome não precisa de explicação. Ela é Andreia Almeida Zito dos Santos. A filha mais velha e principal herdeira política de José Camilo Zito dos Santos Filho.

Como seu pai foi chamado por jornais, no passado, de “Rei da Baixada”, ela poderia ser chamada de princesa, mas esse título não se encaixa nessa caxiense que viveu uma infância e uma adolescência conturbadas.

Foto 30 - Andreia numa das cenas de sua campanha eleitoral à reeleição como deputada federal, em 2014.



Fonte: página pessoal de Andreia.¹⁷⁶

Muito elegante, vestindo uma camisa social feminina azul-marinho, Andreia é flagrada por um fotógrafo com os braços cruzados, o olhar atento e observador.

¹⁷⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/andreiazito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015. Acesso em: 18 jul. 2015.

Uma mulher madura, que a vida ensinou muito e que hoje sabe o que quer para o seu futuro, não somente na política, mas na vida, como um todo.

Em 2007 aos 33 anos de idade, Andreia Almeida Zito dos Santos chegou à Brasília; não para um passeio, mas para tomar posse do cargo de deputada federal para o qual fora eleita no ano anterior. Numa das esferas políticas brasileiras onde é baixo o número de mulheres eleitas, nesta legislatura era de 8,6% (CARVALHO, 2014).

A menina caxiense, nascida numa família de feirantes nordestinos em meio a vários problemas familiares, chegou aonde nunca havia imaginado chegar ao iniciar sua carreira política.

“Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar ...”¹⁷⁷

Andreia é a primeira filha do casamento de José e Levinete, dois jovens que com 18 anos de idade se apaixonaram num vagão de trem, que os levava de Duque de Caxias para seus locais de trabalho: ele no Centro, ela na Tijuca.

O pai de José, seu então companheiro de trabalho, serviu de cupido. “Ai, ele (o avô paterno de Andreia) dava aquela forcinha! Saía um pouco de perto! Dava aquela de cupido, né? Então deu toda a ajuda para os dois”.¹⁷⁸

Após algumas semanas de conversas e olhares nos trens, José e Levinete passaram a namorar. Em menos de 1 ano se casaram.

Embora de religiões diferentes – ele católico não praticante e ela evangélica – tal diferença não atrapalhou o amor desses dois jovens. Levinete se afastou da igreja evangélica que frequentava e casou-se na Catedral de Santo Antônio,¹⁷⁹ com José. Apesar de ser uma mulher religiosa, o amor falou mais alto, como Andreia explicou: “Minha mãe, totalmente apaixonada pelo meu pai”.

José e Levinete eram dois jovens com várias semelhanças, além da idade; ambos de famílias pobres de feirantes da Baixada Fluminense, de Duque de Caxias e São João de Meriti, respectivamente.

¹⁷⁷ JOBIM, Tom. *Pela luz dos olhos teus*. São Paulo: UNIVERSAL, [19--].

¹⁷⁸ Todas as citações posteriores de Andrea referem-se à mesma entrevista concedida a autora.

¹⁷⁹ A Catedral de Santo Antônio é a maior igreja católica de Duque de Caxias e se encontra localizada numa zona central do município.

O jovem casal foi morar com os pais de José em Duque de Caxias. Desde o início, a vida conjugal foi cheia de brigas e desavenças devidas especialmente à interferência da mãe e da irmã de José.

Ao final do segundo ano de casamento, nasceu Andreia. Levinete, então, tentando amenizar os conflitos, propôs a José a construção de um sobrado um espaço em cima da casa dos sogros, um espaço que possibilitasse a privacidade da nova família. Algum tempo depois, a obra ficou pronta, mas o fato deles terem um teto só para si não fez com que os conflitos cessassem.

Quando Andreia tinha aproximadamente 5 anos, Levinete descobriu que José a traía, o que levou a um ciclo de separações e retornos do casal. Nessas ocasiões, Levinete ia para a casa de uma de suas irmãs, que era mais próxima. Andreia, apesar de muito pequena, lembra-se que se passavam alguns dias, dois ou três, e seu pai ia à casa da cunhada para buscá-las, pedindo perdão. Levinete concedia uma nova chance a José e eles tentavam a reconciliação, movimento que se deu por diversas vezes.

A maioria das brigas entre os pais eram presenciadas por Andreia. Uma das falas de seu pai durante um conflito lhe marcou: ele desejava ter tido um filho homem e não uma filha.

Numa dessas reconciliações, Levinete engravidou, o que trouxe ainda mais conflitos ainda para o casal. José a acusou de infidelidade, dizendo que o filho que ela esperava não era dele, inclusive difamando-a para toda sua família, que morava no mesmo quintal que ela, Andreia. Levinete lhe disse que não o queria dentro da casa, e recebeu apoio da uma única pessoa da família de origem de José: o sogro.

O que José não imaginava era que com aquela gravidez não planejada, o destino realizaria seu grande sonho: ao final de nove meses, Levinete deu a luz a um menino, Eduardo. Ao ser comunicado do nascimento, José não teve dúvidas que o bebê era seu filho e propôs à Levinete mais uma reconciliação que ela aceitou. Como Andreia explicou “... era o filho homem que ele (o pai) queria!”.

*“Bem que se quis/ Depois de tudo ainda ser feliz/ Mas já não há caminhos prá voltar/
O que a vida fez da nossa vida/ O que a gente não faz por amor ...”¹⁸⁰*

Mas essa nova fase do casamento de José e Levinete durou somente um ano, já que ela descobriu que ele continuava a sair com outras mulheres. Levinete, então, tomou a decisão derradeira de separar-se de José: pediu-lhe que saísse de casa e assim ela pudesse morar com os dois filhos no sobrado em cima da casa dos sogros, que ficava no quintal onde também residiam o irmão e irmã de José com seus respectivos cônjuges.

A partir do momento que optou pela separação conjugal, Levinete passou sérias dificuldades financeiras, já que José não contribuía para o sustento dos filhos e ela não tinha renda alguma.

Observando a difícil vida de Levinete, o padrinho de Eduardo, que era dono de três padarias na época, fez uma proposta: que ela fizesse em casa bolos, doces, e salgados que seriam vendidos em seus estabelecimentos. E assim, durante um tempo, essa foi a única forma de sustento de Levinete e seus dois filhos. À Andreia, que estava com oito anos na época, cabia a entrega de bicicleta nas padarias dos quitutes feitos pela mãe. Andreia ainda dividia com a mãe as tarefas relacionadas aos cuidados com o irmão.

Interessante perceber a aliança desenvolvida por Levinete com sua filha, ainda uma criança, na sobrevivência daquela família.¹⁸¹

O único membro da família de José que continuava a apoiar Levinete era o sogro, ajudando-a de diversas formas, inclusive financeiramente quando necessário. Andreia ressaltou a colaboração e a garra da mãe como determinantes em sua vida: “... o meu avô sempre foi uma pessoa muito carinhosa com ela, mas o tempo todo ela querendo o sustento dela”.

¹⁸⁰ MONTE, Marisa. *Bem que se quis*. [s.l.; s.n.], 1989.

¹⁸¹ “O relacionamento entre mãe e filha é fundamental para o desenvolvimento da identidade feminina de ambas. Tal identidade, por sua vez, também interfere e modula o relacionamento entre elas. As mulheres mantêm a identificação com a mãe ao longo da vida e no relacionamento entre elas constroem o que é ser mulher (CHODOROW, 1979, 2002). Por outro lado, a mãe também se identifica com a filha e projeta seus sentimentos nela em busca de sua realização” (EINCHENBAUM et al., 1983 apud DORNELAS et al., 2006, p. 334).

“Agora era fatal/ Que o faz-de-conta terminasse assim / Pra lá deste quintal/ Era uma noite que não tem mais fim / Pois você sumiu no mundo sem me avisar / E agora eu era um louco a perguntar / O que é que a vida vai fazer de mim?”¹⁸²

Por toda sua infância e adolescência Andreia precisou conciliar as tarefas domésticas e as entregas de encomendas produzidas por sua mãe com sua vida escolar. Ela começou a estudar aos quatro anos de idade no Jardim de Infância da antiga AFE, atual Colégio de Aplicação da UNIGRANRIO, e iniciou o Ensino Fundamental no Educandário Cruzeiro do Sul, ambos privados. Com a separação dos pais e as dificuldades financeiras, Andreia cursou o restante do Ensino Fundamental na Escola Municipal Aquino de Araújo e depois no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira.

Após um ano fornecendo bolos, doces e salgados para as padarias do compadre, Levinete concluiu que não tinha como sustentar a si e seus filhos somente com essa renda. Resolveu buscar outra alternativa de renda, uma profissão, e se matriculou no curso de cabelereiro do SENAC de Duque de Caxias.

No meio do curso, o dono de um salão no Recreio dos Bandeirantes,¹⁸³ procurou a professora de Levinete, perguntando-lhe que aluno, ela indicaria para ser contratado por ele e a indicada foi a mãe de Andreia. A ex-parlametar vê tal episódio como uma ajuda divina: “Então, [...] Deus abençoou [...]”.

“Ando devagar porque já tive pressa/ Levo esse sorriso porque já chorei demais/ Hoje me sinto mais forte mais feliz quem sabe”¹⁸⁴

A rotina de trabalho de Levinete era estressante, eram quatro ônibus para ir ao trabalho e quatro para voltar para casa. Nessa época, Eduardo, aos 4 anos, ficava sob os cuidados de Andreia, que tinha 10 anos e do avô paterno, ao longo do dia. Antes de sair para o trabalho, Levinete tentava deixar quase tudo pronto, mas algumas vezes, Andreia tinha que cozinhar: “Um frango, limpava; um peixe, limpava; mas eu tinha que fazer a comida, né?”.

¹⁸² BUARQUE, Chico. *João e Maria*. São Paulo: SONY, [19--].

¹⁸³ Bairro de classe média alta do Rio de Janeiro.

¹⁸⁴ SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. *Tocando em frente*. [s.l.], 1991.

Chama atenção a atitude do avô de Andreia, que já se encontrava na casa dos setenta anos, um pernambucano: ele, que pouco participou nos cuidados dos filhos quando crianças, mostrou-se um avô zeloso e cuidadoso para com os filhos de José, principalmente para com Eduardo.

Para que Levinete pudesse vir a sustentar os filhos após a separação de José, ela teve o apoio de dois homens, seu sogro e seu compadre, o padrinho de Eduardo. Percebe-se, assim, que as saídas de mulheres para o espaço público “se dão em meio a arranjos das muitas relações entre pessoas de mesmos e diferentes gêneros e de várias classes, raças / etnias e gerações” (COSTA, 2007, p. 56).

Ao sair pela manhã para o trabalho, Levinete deixava Eduardo na escola; Andreia estudava à tarde. Antes buscava o irmão na escola, almoçava e ia estudar. Eduardo ficava a parte da tarde com o avô, o que fez com que eles passassem a dividir hábitos, como a soneca da tarde e o futebol aos sábados.

O avô representou em sua educação de Andreia e na de Eduardo a figura paterna, tão ausente na pessoa de José. Andreia lembra que, nessa época, raramente tinha contato com o pai, já que ele não fazia nenhum tipo de visitação. Provavelmente, o avô de Andreia também tenha sido o referencial de masculinidade de Eduardo: um indício dessa ligação era o futebol, paixão dividida com o neto Eduardo que sonhava se tornar um jogador profissional.

Nesse período, José iniciou sua vida política candidatando-se ao cargo de vereador pela primeira vez, em 1987. Ele havia se tornado um empresário, era dono de alguns estabelecimentos comerciais no bairro Doutor Laureano,¹⁸⁵ onde estava localizada a casa de seus pais e irmãos e também residia Levinete com os filhos Andreia e Eduardo. Como também já era guarda municipal de Duque de Caxias, José se tornara uma liderança comunitária naquela localidade (GRAMADO, 1999 apud BARRETO, 2006).

¹⁸⁵ Zito iniciou sua carreira como empresário comprando pontos comerciais, nas ruas do bairro onde viveu toda sua adolescência e juventude, por baixos valores, em virtude da insegurança do local, que fazia com que os comerciantes sofressem muitos assaltos, revendendo-os posteriormente. Até que junto com o irmão, Waldir, inaugura o bar e mercearia Compre Bem; pouco tempo depois, a dupla, compra um galpão, inaugura um espaço de shows com música ao vivo Zitu's Bar. A partir desses empreendimentos, o pai de Andreia se torna dono de estabelecimentos comerciais, que incluíam bares, mercearias, lanchonetes e boates, todas nos arredores do bairro Dr. Laureano (GRAMADO, 1999 apud BARRETO, 2006).

Ao iniciar sua trajetória política, José transformou-se em Zito, ao incluir o apelido em seu Registro Civil,¹⁸⁶ tornando este seu nome político. O que ele não imaginava era que o apelido Zezinho, transformaria-se em: Zito, através dos primos, um diminutivo - e se tornaria uma marca na política da Baixada Fluminense.

Mesmo tendo se passado anos da separação, residindo próximo e possuindo negócios no bairro, Zito não buscava nenhuma aproximação com os filhos, ficando, inclusive por algum tempo sem frequentar a casa dos pais que ficava abaixo da residência dela de sua mãe e seu irmão.

O tempo passou, seu pai foi eleito vereador, sua mãe continuava trabalhando no salão, até que ela teve uma idéia para aumentar sua renda nas suas folgas, transformando a varanda de casa num salão de cabelereiro, ramo comercial ausente naquela parte do bairro. Concomitantemente a esta iniciativa, Levinete foi promovida no salão onde trabalhava e se tornou gerente.

“Ainda vai levar um tempo / prá fechar o que feriu por dentro”¹⁸⁷

Após se tornar vereador, o pai de Andreia voltou a frequentar a casa dos pais. Nestas ocasiões, ele não buscava aproximar-se ou visitar os filhos, mas encontrar Levinete para provocá-la e humilhá-la. Uma das provocações de seu pai para com sua mãe era ressaltar seu baixo grau de escolaridade, comparando-a com sua atual namorada, Narriman Felicidade, engenheira. Nessas ocasiões, sua mãe ficava muito chateada, mas não revidava.

Meses depois dessa aproximação, o pai de Andreia procurou sua mãe e lhe pediu o divórcio, pois desejava se casar legalmente com Narriman Felicidade. A única exigência da mãe de Andreia foi que lhe desse uma quantia em dinheiro para que comprasse um imóvel onde pudesse residir com os filhos. A quantia dada por seu pai não foi alta. Andreia reconhece, atualmente o quanto sua mãe foi lesada financeiramente e apontou em tom de tristeza: “... foi a única coisa que minha mãe conseguiu no casamento”. Sua mãe comprou uma casa simples no bairro Parque Araruama, em São João de Meriti, numa rua sem calçamento. Andreia lembra: “lá em casa era tudo lama”.

¹⁸⁶ Tal atitude do pai de Andreia foi influenciada pela realizada então candidato a Presidência de República, pelo Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio da Silva, conhecido como Lula, líder do movimento sindical, que incluía o apelido no nome civil, tornando-se Luiz Inácio Lula da Silva, o qual após quatro candidaturas consecutivas, fora eleito Presidente República.

¹⁸⁷ SANTOS, Lulu. *Assim caminha a humanidade*. São Paulo: SONY, 2000.

Esse município é ainda muito precário quando comparado ao seu vizinho, Duque de Caxias.

Questiono-me, até que ponto, a mãe de Andreia comprou tal imóvel em outra localidade, visando justamente se desvencilhar do passado de lutas, provocações, frustrações que teve em Duque de Caxias.

Apesar da localidade precária onde sua nova casa estava situada, Andreia, então com 14 anos de idade, vê as mãos de Deus naquele imóvel: “[...] a gente fazia sempre a compra no mercadinho que tinha ali e tal. Mas aquelas ruas, todas cheias de muita lama, não tinha nada. Nada, né? E a casa nossa lá em cima, até uma casa boa, tava sendo construída [...], ali passou a ser o nosso “paraíso”.

Quem mais sentiu com a mudança da família de Duque de Caxias para São João de Meriti foi Eduardo, na época com nove anos, porque não tinha mais o contato diário com o avô que se tornara um avô-pai para ele.

Após o divórcio, a mãe de Andreia passou a receber a pensão alimentícia dos filhos, então, uma quantia irrisória. Ela continuou a trabalhar no salão no Recreio dos Bandeirantes como cabeleireira e cabia à Andreia os afazeres domésticos e os cuidados com o irmão. Nessa época, Andreia já estava cursando o ensino médio noturno no Colégio Estadual Duque de Caxias.

Quando parecia que a vida de Andreia, de sua mãe e seu irmão tinha melhorado, pois, eles tinham conseguido uma casa independente, sem a interferência da família de José, chegou-lhes a notícia de que Eduardo se encontrava gravemente doente, com leucemia.

“Ainda é cedo, amor. Mal começaste a conhecer a vida. Já anuncias a hora de partida”,¹⁸⁸

Andreia lembrou que em virtude das escassas condições econômicas de sua família, foram muito difíceis os cuidados iniciais para com Eduardo. “Com aquela doença, leucemia e aí foi uma fase difícil, que a gente não tinha nada! A gente não tinha carro! A gente não tinha telefone! Não tinha nada!”.

Andreia e sua mãe se alternavam todos os dias para levar Eduardo ao hospital. Embora seu pai soubesse de sua doença, inicialmente ele não ajudou.

¹⁸⁸ CARTOLA. *A vida é um moinho*. [s.l.; s.n.], [19--].

Como já salientado, Andreia, que é evangélica como sua mãe, percebe a presença e os sinais de Deus ao longo de sua vida. Durante o tratamento médico de seu irmão, sua mãe, num culto que frequentava, teria ela recebido de uma irmã¹⁸⁹ uma revelação:¹⁹⁰ Narra que teria se visto num barco e junto com ela, enfrentando um mar muito revolto, tentavam fazer com que o barco não virasse. Nele, via somente as duas; Eduardo não. Andreia interpretou que tal revelação teria sido um aviso de Deus para sua mãe de que Eduardo não sobreviveria à doença. Mas sua mãe não o perceberia dessa forma.

Nessa época, Eduardo já estava muito debilitado, fazendo quimioterapia. Algumas vezes, Andreia e sua mãe tinham que levá-lo para o hospital no colo; ele tinha 11 anos de idade.

Nessa fase da doença de Eduardo, seu pai mandou um carro com motorista para levar o filho ao INCA.¹⁹¹ O carro era um saveiro, um automóvel com somente dois lugares. Um motorista o dirigia, enquanto Andreia ou sua mãe ficavam com o menino no colo; era uma viagem muito desconfortável para o enfraquecido Eduardo, bem como para elas. Algumas semanas após mandar o carro para o transporte do filho de São João de Meriti para o município do Rio de Janeiro, onde era realizado o tratamento médico e ao saber da piora do filho, Zito cedeu para a ex-esposa e os filhos um apartamento de sua propriedade, localizado no centro de Duque de Caxias.

Uma crise convulsiva de Eduardo fizera com que sua mãe entrasse em pânico, Andreia teve a atitude de telefonar para o pai, que chegou rapidamente à sua casa com um assessor e socorreu Eduardo. Após algumas horas com os pais e o irmão no hospital, ela decidiu voltar para casa. Ao chegar em casa, narra Andreia, que rezou, pedindo a Deus “que se fosse pra ele ficar desse jeito que levasse meu irmão”. Cerca de uma hora depois, sua mãe lhe telefonou dizendo que Eduardo, em dois dias, completaria doze anos, havia falecido. Com voz embargada, ao descrever esse triste episódio, Andreia sintetizou: “E essa foi a história nossa com o meu irmão”.

¹⁸⁹ Terminologia utilizada pelos evangélicos e evangélicas para indicar alguém que participa da mesma igreja.

¹⁹⁰ Essa é uma descrição de uma espécie de visão permitida a partir de um dom concedido a alguns cristãos, especialmente, evangélicos.

¹⁹¹ Instituto Nacional do Câncer.

“Todos os dias é um vai e vem. A vida se repete na estação. Tem gente que chega prá ficar. Tem gente que vai prá nunca mais”¹⁹²

A doença de Eduardo fez com que Andreia e o pai se aproximassem. Após o triste episódio, ele a retirou do colégio público em que estudava: matriculou-a no Colégio Antares, na época, uma escola particular do município com o maior número de aprovação em universidades públicas. Também, arranhou-lhe um emprego de meio período na Prefeitura de Duque de Caxias que, na época, estava sob o comando de Dr. Moacyr Rodrigues do Carmo, seu aliado.¹⁹³

O pai de Andreia já tinha exercido dois mandatos na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias e já havia sido eleito deputado estadual. A reaproximação entre Zito e Andreia lembra o episódio descrito por Perrot (1993), quando no século XIX, um número significativo de pensadores transforma suas casas em ateliês, convertendo suas esposas, filhas ou irmãs em secretárias, abrindo-lhes as portas do espaço público. “É o pai que, muitas vezes, também lhes abre as portas do mundo” (PERROT, 1993, p. 115).

Cabe aqui um breve paralelo. A relação de Zito com a filha assemelha-se a de Getúlio Vargas, Presidente da República, com a filha, Alzira Vargas. Alzira, tal como Andreia, teve uma infância e adolescência distante do pai, sua mãe impedia que ela e seus irmãos interrompessem a rotina política de seu pai (COSTA, 2014). A aproximação deles se dá através dos livros, da biblioteca particular de Getúlio, pelos quais Alzira se interessava. Ela não somente aprendeu a classificá-los, mas a organizá-los de forma mais acessível ao pai. Até que percebendo o interesse de Alzira, percebendo a “identidade política” (COSTA, 2014), comungada por ambos, o pai lhe sugeriu que fizesse o Curso de Direito e lhe disse que caso ela seguisse a mesma carreira que ele, todos seus livros seriam dela, já que os outros filhos não tinham feito tal escolha.

Acredito que a perda prematura do filho fez com que Zito refletisse sobre sua paternidade, bem como o quanto os conflitos entre ele e a primeira esposa, Levinete,

¹⁹² NASCIMENTO, Milton. *Encontros e Despedidas*. São Paulo, 1985.

¹⁹³ Andreia atualmente tenta fazer com o meio irmão, Ramssés Zito, de 22 anos, filho de Zito com Narriman, o que seu pai fizera com ela, há mais de 20 anos. O jovem trabalha com ela, em seu escritório, em Duque de Caxias. Ele teve um papel significativo na sua campanha política de 2014, sendo o responsável por todos os profissionais contratados para a divulgação da imagem de Andreia. A deputada federal explicou que o jovem embora, ainda não tivesse ainda decidido se deseja seguir a carreira política, foi trabalhar com ela. Isso para que, observando o cotidiano da vida política, pudesse tomar uma decisão. É interessante perceber o papel que Andreia vem desempenhando no “clã Zito” (BARRETO, 2006), visando à consolidação de sua segunda geração.

impactaram a sua relação com os filhos. Andreia, logo que terminou o Ensino Médio, fez o primeiro vestibular e não passou. No ano seguinte, foi aprovada para o curso de Letras, da UFRJ que escolheu porque Língua Portuguesa era a sua disciplina predileta, tanto no Ensino Fundamental como no Médio. Atualmente, ela avalia que a escolha não foi boa, talvez por não ter tido a orientação dos pais, na escolha de uma carreira profissional. Andreia confidenciou que quando criança tinha o sonho longínquo de ser médica, mas o mesmo foi abandonado após a doença de Eduardo. Ao ingressar na universidade com 18 anos de idade, tornou-se a primeira de sua família de origem a chegar a esse patamar educacional. Anos depois, seu pai iniciaria a graduação em Direito.¹⁹⁴

Sua mãe cursaria Serviço Social.¹⁹⁵ É possível que o fato de Andreia ter entrado para uma das melhores universidades brasileiras, mesmo com uma vida marcada por adversidades, possa ter influenciado seus pais, fazendo com que eles voltassem já na maturidade aos bancos escolares.

Embora nunca tenha almejado a carreira política, aos quatorze anos, um pouco antes de se mudar com a mãe e o irmão do quintal onde morava seus avós, Andreia viu, por um acaso, a carteira de identidade de seu pai, já na condição de vereador. Assim, descobriu que ele havia incluído o apelido Zito, transformando-se em José Camilo Zito dos Santos Filho.

Nesse momento, ela teve o desejo de incluir Zito também em seu nome, mas não contou para seus pais. Como seu pai já era vereador, ele tinha uma conhecida que era advogada e trabalhava no IPMDC,¹⁹⁶ a quem Andreia procurou pedindo ajuda. Ela achou a ideia engraçada, mas aceitou orientá-la. Explicou que o primeiro passo era Andreia decidir como ficaria o seu nome com a inclusão do nome Zito e que após tal decisão ela providenciaria cartas de clientes de seu escritório para a casa da adolescente. Tais cartas serviriam de base para que ela iniciasse esse processo de mudança, pois a informaria já ser conhecida daquela forma. De fato, pouco tempo depois, ela começaria

¹⁹⁴ Zito cursou até o quinto período da graduação de Direito numa faculdade privada de Duque de Caxias, mas não concluiu o curso. Em virtude de sua carreira política optou por trancar o curso ao ser eleito prefeito pela primeira vez de Duque de Caxias. (Entrevista Estela Alves de Vasconcelos). Em entrevista concedida por Zito ao Jornal Extra em outubro 2012, após ser derrotado nas urnas, na busca de seu quarto mandato como prefeito do município, Zito falou que talvez voltasse a estudar após o término de seu mandato, que se daria em dezembro do mesmo ano.

¹⁹⁵ Levinete cursou e concluiu a graduação em Serviço Social numa faculdade privada de Duque de Caxias, tendo inclusive sido minha aluna.

¹⁹⁶ Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Duque de Caxias.

a, receber cartas endereçadas à Andreia Almeida Zito dos Santos. Alguns meses depois, Andreia. Só depois de todo o trâmite realizado, de posse da nova carteira de identidade, ela contou para os pais. Ao ver o documento, seu pai achou que se tratava de uma brincadeira. “Aí, eu cheguei pro meu pai, tirei a minha carteira de idade e disse: Agora sou Andreia Zito, [...] sou Andreia Almeida Zito dos Santos.”

Aos quatorze anos, quando Andreia diz ao seu pai: “Agora sou Andreia Zito”, ela está fazendo quase que uma premonição de sua carreira política, de sua herança política, inclusive porque consolidou seu nome político como “Andreia Zito”.

Correa (2003 apud DUARTE, 2008) estuda o renome como uma prática que associa o nome político de mulheres¹⁹⁷ ao de figuras masculinas, seus padrinhos políticos, normalmente maridos e pais – como Rosinha Garotinho e Clarissa Garotinho, esposa e filha, respectivamente, do deputado federal e ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. Entretanto, penso não ser este o caso de Andreia ou que ela se encaixe nesse tipo de perfil. Pois ela incluiu o nome Zito, não só um nome, mas a marca do pai na política da região, na sua adolescência, tudo indica que buscando com tal iniciativa um enlace identitário, expondo a tentativa de refazer um elo, não só de sangue, mas de paternidade efetiva. É interessante perceber que, apesar de Andreia se solidarizar muito com a mãe, sendo sua companheira na pobreza, nos cuidados com Eduardo, nas tarefas domésticas, nas separações conjugais entre ela e o seu pai, essa adolescente também ansiava uma identificação com o pai. Interpreto que a atitude de Andreia ao decidir incluir Zito em seu nome, pretende r dizer “Eu estou aqui!” “Eu sou sua filha!”.¹⁹⁸

Ao convidar Andreia para trabalhar na Prefeitura de Duque de Caxias, naquele momento, provavelmente Zito tentou minimizar seu sofrimento com a morte prematura do irmão, quase um filho seu, já que desde o seu nascimento dividiu com a mãe os cuidados para com ele. Dessa forma, tal como Getúlio Vargas, na década de 1930 (COSTA, 2014; COSTA et al., 2001; CARVALHO, 2015; GOMES, 1996) e também José Sarney, na década de 1970, (GONÇALVES, 2006), Zito introduziu sua filha no cenário político.

¹⁹⁷ Muitas das mulheres estudadas por Correa (2003 apud DUARTE, 2008) não modificaram seus registros civis.

¹⁹⁸ Andreia explicou que, anos depois, quando seu pai já era prefeito, ele pediu a sua esposa, na época, Narriman Felicidade e aos demais filhos que incluíssem Zito em seus nomes “por conta da política”, como ela explicou. Sendo que Andreia já tinha tido essa atitude há mais de 10 anos antes.

Um dos ritos de passagem de Andreia para o universo político foi sua filiação ao PSDB, aos vinte e um anos de idade. Um ambiente político que, inicialmente, se mostrara muito distante do seu: uma menina pobre, de Duque de Caxias, filha de um conflituoso casamento, ao mesmo tempo, mostrou-lhe a possibilidade de dar um novo rumo para sua vida. É interessante ressaltar que nesse universo ela encontra, ou melhor, reencontra o pai, não mais como o pai que não desejou ter tido uma filha, o pai ausente financeira e amorosamente, mas o pai político, com significativa projeção, que estava se consolidando como liderança política nessa região. Ela explicou como se deu esse encantamento:

[...] aí fui conhecendo todo mundo e depois acompanhando o trabalho do PSDB, eu gostei muito, né, pelo governador, Dr. Marcello Alencar, como um todo, assim. Mesmo não se interessando muito pela política, mas vendo a cidade (Duque de Caxias) crescer. Tem o lado da filha coruja! (risos) [...] Vendo meu pai, prá mim... meu pai, prefeito [...]

A filiação de Andreia se dá quase em concomitância com a primeira candidatura de seu pai à Prefeitura de Duque de Caxias, em 1996. Nesse período, acontece um fato inusitado: Andreia estava numa das rodoviárias de Duque de Caxias, a que é chamada de Shopping Center, por volta das seis horas da manhã esperando o ônibus para a Cidade Universitária, campus da UFRJ onde cursava Letras, quando viu vários cabos eleitorais de seu pai chegarem para fazer a divulgação da candidatura dele para prefeito para com a população local que esperava o transporte para seus locais de trabalho. Ela ali, anônima, começou a refletir sobre a imagem de seu pai estampada em camisas e em papéis, chamados “santinhos”. Nesse momento, ela percebeu que seu pai não era mais só o José vindo do nordeste, ausente de seu crescimento; ele se tornara uma figura política, mas que continuava sendo seu pai.

A presença política de Andreia também não se dá somente como uma auxiliar administrativo da Prefeitura de Duque de Caxias; ela começa, pouco a pouco, a participar das atividades políticas organizadas pelo pai e sua equipe de campanha, como os comícios, mostrados nas fotografias a seguir:

Foto 31- Andreia veste blusa estampada rosa e branca.



Fonte: acervo pessoal de Estela Alves de Vasconcelos.

Foto 32- Andreia é a segunda figura feminina da esquerda para a direita, atrás do pai, ela traja blusa preta e um uma longa saia bege claro.



Fonte: acervo pessoal de Estela Alves de Vasconcelos.

As fotos mostram diferentes momentos políticos de Zito; na primeira, ele aparece em primeiro plano, discursando, na segunda fazendo um gesto de força e vitória para seu eleitorado. E Andreia, nas duas ocasiões, se encontra a poucos metros atrás dele, na sua “retaguarda”.

Como pode ser percebido, Andreia era extremamente jovem nas duas fotografias. Ela não está sozinha, mas junto com outras pessoas ligadas à política: na

primeira, com a vice-prefeita Estela Alves de Vasconcelos¹⁹⁹ e na segunda com outras mulheres, que provavelmente eram cabos eleitorais. Mas, embora ela achasse que, naqueles momentos, ela significava apenas mais um cabo eleitoral de Zito, seu pai, tinha já outros planos para sua primogênita. Ela estava sendo preparada para ser a sua aliada, sua parceira.

Tal como Alzira Vargas e mesmo Roseana Sarney, Andreia Almeida Zito dos Santos foi conduzida pelo seu pai à política. As três mulheres, filhas de políticos, iniciam suas carreiras na juventude, trabalhando nos gabinetes dos pais.

Alzira ainda na década de 1930, com aproximadamente vinte anos, logo após terminar seus ensinamentos básicos, passou a trabalhar com seu pai, o então Presidente da República, Getúlio Vargas em seu gabinete, diferentemente de seus três irmãos, (COSTA, 2014; COSTA et al., 2001; CARVALHO, 2015). Após a conclusão do curso de Direito, feito por incentivos do pai, passou a integrar o Gabinete Civil da Presidência da República, ocupando o cargo de auxiliar de gabinete, de 1950 a 1954, até o suicídio do pai.²⁰⁰

O trabalho de Alzira com o pai é um desdobramento da relação íntima e cúmplice que desenvolveram como aponta Costa: “Getúlio busca sua presença e conta com sua companhia. Ele a chamava quase sempre para ajudá-lo nos despachos simples da rotina e como reconhece Alzira: “[...] Queria companhia e não ousava confessar” (COSTA, 2014, p. 6).

Já Roseana Sarney, com 21 anos de idade, 20 anos antes de participar de sua primeira eleição ao cargo de governadora do Maranhão, foi indicada ao seu primeiro cargo político por seu pai, o então senador José Sarney. No período entre 1974 e 1976, ela atuou em Brasília como assessora da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), tendo ocupado diversos cargos, no Maranhão e em Brasília. Em 1985, foi nomeada assessora do Gabinete Civil da Presidência da República no mandato de seu pai, cargo que ocupou até 1989 (GONÇALVES, 2006).

¹⁹⁹ Uma das protagonistas desta tese.

²⁰⁰ No Gabinete Civil da Presidência da República, Alzira conheceu Ernani do Amaral Peixoto, com o qual se casou algum tempo depois. Alzira continuou desenvolvendo seu protagonismo político como esposa do governador eleito do antigo Estado do Rio de Janeiro em 1937. Ela atuou na “configuração do sistema assistencial do Estado do Rio de Janeiro, através iniciativas que fundam neste Estado, a Escola de Enfermagem (1944) e a Escola de Serviço Social (1945)” (COSTA, 2014, p. 2).

O pai de Andreia é eleito prefeito de Duque de Caxias, em sua primeira candidatura, em 1996.²⁰¹

Foto 33- Andreia ao lado do pai.



Fonte: acervo pessoal de Estela Alves de Vasconcelos.

A imagem retrata o lugar de destaque de Andreia ao lado do pai, posicionada do seu lado esquerdo, enquanto ele fala, do outro lado, Dr. Heleno, advogado e assessor de Zito.

Pode-se dizer que a partir da eleição de seu pai como prefeito, Andreia viveu um dilema, uma vez que, ao mesmo tempo, em que era apresentada à sociedade política caxiense quase que como uma “debutante”, ela continuou a fazer o curso de letras na UFRJ sendo, naquele espaço, uma moça comum, uma anônima. É como se ela levasse duas vidas, a Andreia que se encantava com o universo político e com o apoio do pai e a Andreia insegura diante da carreira universitária que escolheu. Ela sabia em seu íntimo que teria que decidir por uma dentre essas duas Andreias.

Inicialmente, nada se modificou na vida profissional de Andreia. Ela continuava cursando Letras na UFRJ e trabalhando na área administrativa da Prefeitura de Duque de Caxias, sendo remanejada para o gabinete do prefeito. Ela explicou que sempre buscou a discrição, inclusive, na prefeitura, mesmo quando tinha que resolver algo em outro departamento ou em outra secretaria, nunca se identificava como filha do prefeito,

²⁰¹ Zito foi eleito no 2º turno, com 114.30 votos. (TSE, 2014).

mas como funcionária. E, assim sendo, ela passou a ser mais presente nas atividades externas realizadas pelo pai, como inaugurações e reuniões.

*“Eu apenas queria que você soubesse, que esta menina, hoje, é uma mulher. E que esta mulher é uma menina, que colheu seu fruto, flor do seu carinho”*²⁰²

No meio de seu primeiro mandato como prefeito, em 1998, o pai de Andreia constituiu uma meta audaciosa: lançar cinco candidaturas à ALERJ.

Ao tomar essa iniciativa, Zito legitima o que Gonçalves (2006), ao analisar a trajetória política de José Sarney, chama de “filhos políticos.” Dentre essas candidaturas, ele desejava que uma fosse de uma mulher, no caso, sua esposa, Narriman Felicidade, secretária de meio ambiente da Prefeitura de Duque de Caxias. Mas horas antes de fechar a lista de candidatos, o PSDB sugeriu o nome de Narriman como vice-governadora, na chapa encabeçada por Luiz Paulo Corrêa da Rocha. Zito então ficou sem a sua candidata, pensou em lançar como candidata Estela Alves de Vasconcelos, secretária de obras, seu “braço direito” e assessora por mais de dez anos, mas mudou de ideia. Desejava tê-la por perto, colaborando com sua administração. Foi ali que lhe ocorreu lançar a candidatura de Andreia.

Ela estava de férias da prefeitura de Duque de Caxias. Então, mesmo sem ter nunca conversado com a filha sobre seu interesse na política, sem ter comunicado a ela sua ideia, mandou um assessor à casa dela para buscar seus documentos pessoais, já que ele tinha poucas horas para passar os dados de Andreia para o partido político.

Quando o assessor de seu pai comunicou à Andreia a solicitação do prefeito, ela achou muito estranho e não entregou os documentos ao funcionário. Cautelosa, foi com ele à prefeitura para verificar a razão desse pedido de documentos. Lá chegando, ele lhe disse que a lançaria como sua candidata à deputada estadual. Embora Andreia já trabalhasse na prefeitura há aproximadamente quatro anos e, ao longo desse período tivesse se reaproximado do pai, tal decisão dele a surpreendeu: “... eu me assustei, até, também porque eu nunca me vi na carreira política”.

Nesse momento, a trajetória de Andreia se distancia, parcialmente, da de Alzira Vargas, já que esta nunca desejou se candidatar a cargos políticos, nem mesmo após a

²⁰² GONZAGUINHA. *Eu apenas queria que você soubesse*. [s.l.; s.n], [197-].

morte do pai. Alzira continuou a atuar na política, mas de outras formas: como primeira dama do Estado do Rio de Janeiro, bem como na qualidade de guardiã do acervo de seu pai (GOMES, 1996; NEDEL, 2008). Por outro lado, a história de Andreia se aproxima da de Roseana Sarney Murad, que é apresentada politicamente como Roseana Sarney, suprimindo sobrenome do marido (GONÇALVES, 2006).

Ao ser a única candidata do sexo feminino do rol de candidaturas lançadas por seu pai, Andreia, tal como Roseana, torna-se não somente filha biológica, mas social e política de Zito (GONÇALVES, 2006).

Andreia explicou que seu pai desejava que uma das candidaturas fosse de uma mulher porque ele acredita que as mulheres devem ocupar a política; seu próprio mandato no governo: ela favoreceu a posse de mulheres de vários cargos da administração municipal. Ela indica que “... várias secretarias eram compostas por mulheres, ou era assim, ou era secretária ou subsecretária que era sempre mulher. Ele sempre valorizou a presença da mulher no poder, na prefeitura [...]”. Mas a concepção de Zito sobre mulheres na política, salientada por Andreia, parece se assemelhar, parcialmente, a de Getúlio que, segundo registro de Alzira Vargas sua filha, Para quem “[...] mulher, [...] tinha que saber três coisas: datilografia, dirigir automóvel e falar inglês” (GOMES, 1996, p. 22).

Das cinco candidaturas à ALERJ dos “filhos políticos” de Zito, somente Andreia foi eleita.²⁰³ Assim, ela saiu da encruzilhada em que tinha adentrado após ser seduzida pelo universo político apresentado por seu pai, mesmo continuando com a sua vida pacata de estudante do curso de Letras da UFRJ. Mas Andreia modificou seu destino iniciando uma carreira política, tornando-se a herdeira política de seu pai, bem como, se transferindo para o curso de Direito de uma faculdade privada de Duque de Caxias.²⁰⁴

Essa é mais uma semelhança de Andreia com Alzira Vargas, já que a única filha do Presidente da República também cursou Direito (COSTA, 2014; COSTA et al., 2001; GOMES, 1996; NEDEL, 2008).

²⁰³ Andreia foi eleita em 1998 como deputada estadual pela primeira vez, com 59.820 votos. (TSE, 2014).

²⁰⁴ Acredito que a escolha do curso de Direito feita por Andreia tenha sido influenciada por seu pai já que ele iniciou o curso, mas não concluiu

“Como será amanhã? Responda quem puder. O que irá me acontecer? O meu destino será como Deus quiser”²⁰⁵

Ao ser eleita como deputada estadual, Andreia experimentou um protagonismo político totalmente novo: ela saiu dos bastidores para os holofotes da política. Tal protagonismo trouxe-lhe também medo, insegurança e dúvidas quanto a conseguir realizar a tarefa para qual fora destinada; a de representar o município de Duque de Caxias e, no caso, conseqüentemente, seu pai, na ALERJ:

Foi uma surpresa ser colocada na ALERJ [...] Eu estar entre 70 cadeiras, [...] uma delas, sem experiência nenhuma, só no meio de águias, mesmo [...] causa medo. A cobrança, mesmo, de ser filha de quem eu sou, naquela ocasião, o governo, com ascensão muito grande, né? Excelente! Eu sabia que qualquer coisa que eu fizesse de negativo [...] seria ruim para meu pai.

A partir da fala de Andreia percebo que ela avaliava o grau da responsabilidade de se a herdeira de um grande patrimônio político. Andreia, mais uma vez se assemelha à Roseana Sarney, vista como uma “herdeira natural” do que seu pai, José Sarney (GONÇALVES, 2006).

Embora ela fosse somente uma das dez parlamentares do sexo feminino na ALERJ eleitas em 1998, nunca percebeu nenhuma discriminação pelo fato de ser mulher, mas, sim, por sua herança familiar e política. Alguns parlamentares falavam de forma preconceituosa: “A filha do Zito chegou aqui!”. E seu pai já era considerado uma figura polêmica que impactava a política de todo Estado do Rio de Janeiro. Muitas vezes, viu o nome de seu pai ser citado em tom acusatório e ofensivo. Como ela mesmo disse: “Isso acabava comigo!”. Tais episódios fizeram com que, inicialmente, Andreia percebesse a ALERJ como um ambiente hostil, como ela mesmo disse: - “Cheio de águias”.

A ex-vereadora, ex-prefeita e ex-deputada federal, Angela Amin e a ex-vereadora e ex-deputada estadual Lucy Choinacki, ambas de Florianópolis (SC), interpretam, tanto o ambiente partidário como o parlamentar, como agressivo e intimidador para com as mulheres (MENEGUELLO et al., 2012). Suas percepções se coadunam com as primeiras experiências de Andreia, na ALERJ.

²⁰⁵ JOÃO SÉRGIO. *O amanhã*. [s.l.; s.n], 1977.

Apesar da relação que tinha com o pai, das dicas que ele e outros políticos aliados lhe davam sobre como lidar com a tensão e a pressão do ambiente político, foi o reconhecimento do povo, a busca de cidadãos ao seu gabinete trazendo-lhe questões, solicitações, pedindo-lhe ajuda, que fizeram com que ela encontrasse o empoderamento necessário e se percebesse como uma parlamentar.²⁰⁶

Através desses contatos protagonizados pela população, Andreia tomou conhecimento da luta das mães de crianças desaparecidas, temática que se tornou uma marca de sua trajetória política. Ao atender aquelas mães em seu gabinete, ela tomou conhecimento da triste realidade daquelas famílias. Mães que buscavam ter o direito de pelo menos sepultar seus filhos. Mães que desejam silenciar suas preocupações em indagações, como: “será que meu filho está com fome?”, “será que meu filho está passando necessidade?”, “será que meu filho está sofrendo?”.

Ao atender essas mulheres, Andreia se lembrava da mãe, que também sofreu a perda de um filho, não a perda de um desaparecimento, mas da morte precoce. A perda unia aquelas mulheres que buscavam a jovem deputada, fazendo com que as solicitações de ajuda tomassem o coração de Andreia.

O contato da deputada com essas mães de crianças desaparecidas que desenvolveu solidariedade entre elas é

[...] o pacto entre as mulheres que se reconhecessem como próximas fisicamente e afetivamente; são relações contínuas e regulares que com o tempo assumem uma equivalência muito semelhante aquelas que se estabelecem nos espaços familiares ou através de vínculos sanguíneos(MAUSS, 2003; SIMEL, 2006; CAILLÉ, 2009; MARTINS; NUNES, 2004 apud ALVES, 2014, p. 73).

Há uma regra comum entre as mulheres a ser cumprida: a de guardiã dos segredos. História secretas, em geral de dramas pessoais e familiares, expõem essa cumplicidade, nem sempre visível, mas tão observável (COSTA, 2009, p. 20).

Outro foco de atuação parlamentar de Andreia na ALERJ foi a Educação; ela foi presidente da Comissão de Educação por dois anos. Seu passado como estudante de escolas públicas em Duque de Caxias motivou-a: “[...] eu sempre tive uma frustração muito grande pela questão da minha educação, que eu acho [...] que não foi uma coisa

²⁰⁶Embora Vasconcelos (2003, p. 20) não concorde com o termo da língua portuguesa: empoderamento e o utilize na língua inglesa “*empowerment*”, ele aponta tal fenômeno como: o “aumento do poder, autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucional, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, dominação e discriminação social”.

legal [...] passou por greves. Nunca tive um incentivo para ler [...]”. É interessante perceber a atuação parlamentar de Andreia como intimamente relacionada a sua própria história de vida.

Outra iniciativa de Andreia à frente da Comissão de Educação foi a de criação da Comissão Especial de Gravidez Precoce e Prevenção à AIDS, uma comissão provisória, que tinha como foco o combate à evasão escolar provocada pela gravidez na adolescência. Para tal, foi desenvolvido - por ela e outros parlamentares, um projeto que implementava a atuação de profissionais de Psicologia nas escolas. Mas somente o município de Belford Roxo que, na época tinha como prefeito seu tio, Waldir Zito e de Duque de Caxias, seu pai, aceitaram implementá-lo.

O primeiro mandato de Andreia como deputada estadual foi uma surpresa para todos, inclusive para ela e seu pai. Na ALERJ, ela aprendeu a gostar de política, como disse: “aprendeu a entrar no meio político”. Seu pai, anos após sua primeira candidatura, confidenciou-lhe que, quando a escolheu como candidata não imaginava o quanto ela, na ALERJ, poderia colaborar com o Estado e fortalecer, assim, sua base política.

A fotografia abaixo registra o momento em que Zito e Andreia fazem quase o mesmo gesto no mesmo momento, atualizando o ditado popular: “Tal pai, tal filha!”.

Foto 34 - Andreia Zito e o pai são flagrados pela lente da fotográfica fazendo quase a mesma expressão corporal.



Fonte: Olhares de Sula.²⁰⁷

²⁰⁷Disponível em: <<https://olharesdesula.wordpress.com/page/3/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Ao final do primeiro mandato como deputada estadual, Andreia começa a desenvolver seu potencial político, passando, pouco a pouco, de sucessora do pai a sua parceira política.

Tenho a impressão de que, em boa parte de seu primeiro mandato, Andreia ficou tão tensa com a expectativa que nutriam sobre ela, bem como “na defensiva”, se considerados os diversos ataques que recebeu por parte dos opositores de seu pai. Só no final da vida dele, Andreia irá perceber que poderia fazer um bom trabalho voltado à defesa dos interesses da população que a procurava, especialmente de Duque de Caxias. Somente no término do primeiro mandato, Andreia conseguiu perceber e sentir prazer naquele espaço que lhe fora inicialmente hostil. E assim, após ser reeleita,²⁰⁸ Andreia conseguiu, no seu segundo mandato, ser ela mesma na ALERJ, e não só “a filha do Zito”: conseguiu, assim, iniciar seu protagonismo político.

Nesta segunda eleição de Andreia, o número de deputadas continuava baixo, elas eram doze, já os deputados do sexo masculino eram quarenta e oito. Embora ela fizesse parte da Comissão de Mulheres, não participava das reuniões. A parlamentar explicou que todas as deputadas estaduais da ALERJ são inscritas nessa comissão, independente de manifestação.

Tal como no mandato anterior, Andreia não percebia situações de discriminação para com as deputadas estaduais na ALERJ. Acredito que a deputada não tinha tal percepção por alguns motivos: um deles seria sua ausência das atividades da Comissão de Mulheres, âmbito onde tais questões eram discutidas e, o outro, estaria no fato de um grande número de parlamentares opositores ao seu pai não a verem como uma mulher como as demais, por não a distinguirem da figura de seu pai. Questiono: até que ponto, essa simbiose de imagens de Andreia e Zito não fez com que ela não se percebesse como mulher e assim não percebesse os desafios vivenciados pelas mulheres naquele ambiente político?

Andreia relatou que, ao longo dos oito anos, como deputada estadual na ALERJ, pode perceber o quanto os parlamentares fluminenses possuíam um olhar discriminatório da Baixada Fluminense, muitas vezes, relacionando diretamente à violência, dada como característica dessa região, numa associação da figura política de seu pai como a de sucessor de Tenório Cavalcante (SOUZA, 1980; ALVES, 2003; MONTEIRO, 2007).

²⁰⁸Andreia foi reeleita para o segundo mandato na ALERJ com 56.511 votos. (TSE, 2014).

Ao longo dos dois mandatos de Andreia como deputada estadual, ela participou não somente da Comissão de Educação, mas das Comissões de Segurança Alimentar, de Trabalho, de Legislação Social e Seguridade Social, de Tributação e de Arrecadação Estadual e Fiscalização de Tributos Estadual. Como também foi membro da de Políticas Públicas para a Juventude e daquela Especial para Averiguar o Cumprimento das Leis.²⁰⁹

Ela também apresentou vários projetos de leis, sendo dois deles aprovados e sancionados: a lei estadual número 4756/2006, que exige que bancos instalem divisórias entre os caixas, visando promover a segurança e a privacidade dos clientes, e a lei estadual número 4558/2008, que implanta a sala de videoconferência no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, visando dar celeridade aos processos criminais, bem como, manter a segurança da população e poupar gastos referentes ao transporte de presos.²¹⁰

Ao final de segundo mandato na ALERJ, os olhos de Andreia já brilhavam pela Câmara dos Deputados. Ela explicou que, antes de se decidir pela sua candidatura em 2006, teve uma conversa com seu pai, já que ele não era mais prefeito de Duque de Caxias na época. Ela desejava saber se ele preferia tentar a candidatura na Câmara dos Deputados ou na ALERJ; caso ele desejasse ir para Brasília, ela abriria mão, momentaneamente, de seu sonho; mas após uma conversa, eles decidiram que ele ia ser candidato ao cargo de deputado estadual e ela iria ser candidata ao cargo de deputada federal.

Andreia explicou que, inicialmente, seu pai teve resistência até ao retorno para a ALERJ, já que ele não gosta de atuar no Legislativo, e sim no Executivo. Mas para a Câmara dos Deputados, sua resistência foi maior ainda, ele lhe disse: “Eu jamais vou para Brasília!”. Ela, então, sugeriu ao pai que, naquele momento, ele não estava ocupando nenhum cargo político e, que mesmo não gostando do legislativo, se candidatasse: “Poxa, eu acho legal que o senhor voltasse para a vida pública!”. É interessante perceber o quanto Andreia se transforma de debutante em conselheira do pai.

²⁰⁹ ALERJ, 2014.

²¹⁰ *Ibidem*.

Foto 35- Pai e filha são flagrados conversando entre uma atividade e outra da campanha eleitoral, de 2014, na Praça da igreja matriz, no centro de São João de Meriti.



Fonte: página pessoal de Andreia.²¹¹

Nessa ocasião, percebo mais uma semelhança entre Andreia Zito e Alzira Vargas: ambas tornam-se conselheiras de seus pais, expondo, nessas relações, indícios de uma “interseção entre o mundo político e o mundo privado” (CARVALHO, 2015).

Foto 36 - Pai e filha posam juntos num evento em Duque de Caxias.



Fonte: Site do FUNDEC.²¹²

²¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/andreiazito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015. Acesso em: 18 jul. 2015.

²¹² Disponível em: <www.fundec.rj.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Foto 37 - Apesar de Andreia e seu pai terem se tornados grandes parceiros políticos, tornando-se em determinados momentos, inclusive, conselheiros políticos, um do outro, o carinho entre eles se mantém.



Fonte: Site do jornal Extra.

Acima, registros do carinho de pai e filha. Na primeira fotografia, Andreia já deputada estadual, posa ao lado do pai, numa inauguração da Prefeitura de Duque de Caxias, na época sob seu comando. Na segunda fotografia, anos depois, na campanha eleitoral de 2014, quando ela concorria à reeleição como deputada federal e ele ao cargo de deputado estadual: ela o beija numa praça em Duque de Caxias. A admiração de Andreia pelo pai se transforma, pouco a pouco, numa forte parceria.

Desde a primeira campanha de Andreia em 1998, ela não somente ostentou o nome do pai em seu próprio nome, como ele sempre esteve presente nas peças publicitárias, abraçando-a nas caminhadas e discursos, ressaltando à população da Baixada Fluminense que ela era a sua candidata e que, ao votar nela, a população o apoiava.

Ao apoiar, declaradamente, as candidaturas da filha, inclusive associando sua imagem à dela, Zito assemelha-se ao desempenho de José Sarney na candidatura da filha Roseana Sarney ao governo do Estado do Maranhão em 1994, quando disse ao

Jornal O Estado do Maranhão: "Roseana vem de uma nova geração para administrar o Estado com ideias novas [...]" O Estado, (1994, p. 3, apud GONÇALVES, 2006, p. 112).

Embora Zito tivesse outros filhos e filhas sociais e políticas, como Dr. Heleno, seu assessor, deputado federal por dois mandatos consecutivos, de 1999 a 2007; Waldir Zito, seu irmão, eleito prefeito de Belford Roxo, em 2000; Narriman Felicidade, sua esposa, na época, eleita prefeita de Magé, em 2000; Estela Alves de Vasconcelos, sua assessora, secretária de obras e posteriormente, em 2000, sua vice-prefeita, Andreia, como já salientado tinha um diferencial: era sua “filha biológica, social e política” (GONÇALVES, 2006), título que ainda hoje pertence somente a ela.²¹³

Zito e Andreia, pai e filha, foram candidatos na eleição de 2006; pela primeira vez, eles dividiram uma campanha e, depois de alguns meses, dividiram a vitória.²¹⁴

“Mulher é bicho esquisito. Todo o mês sangra. Um sexto sentido. Maior que a razão Gata borralheira. Você é princesa. Dondoca é uma espécie. Em extinção...”²¹⁵

Embora desejasse um lugar na Câmara de Deputados e tivesse trabalhado com afinco nos dois mandatos que obteve na ALERJ e em sua campanha eleitoral, Andreia não sabia se alcançaria seu sonho, como ela mesma disse: "Quando eu fui ver, eu já estava em Brasília [...]".

²¹³ Andreia possui, atualmente, três irmãos por parte de pai, os dois mais velhos, um casal, são frutos do casamento do pai com Narriman Felicidade, possuem 30 e 23 anos, e outro de aproximadamente dois anos de idade, fruto do último casamento do pai. Dos três, somente, Ramsses, de 23 anos, encontra-se na política; trabalhou com ela em sua última campanha, sendo visto inclusive em caminhadas e comícios. Andreia relatou que está fazendo pelo irmão o que o pai fez com ela há anos atrás, para que daqui há algum tempo seu irmão, que cursa Psicologia, decida se quer seguir a carreira política ou não.

²¹⁴ Ele foi eleito deputado estadual com 204.088 votos e ela, deputada federal com 190.413 votos. (TSE, 2014).

²¹⁵ LEE, Rita. *Rosa Choque*. [s.l.; s.n], 1983.

Foto 38 - Andreia Zito posa na frente do Congresso Nacional, logo após tomar posse como Deputada Federal, pela primeira vez.



Fonte: PSDB

Andreia foi eleita deputada federal com 33 anos, sendo uma das mais jovens parlamentares. Desde o início de seu mandato, chamou atenção pela sua juventude. Ela tinha a impressão de que alguns deputados a olhavam e pensavam: "O que essa menina veio fazer aqui? Brincar de amarelinha?". Também pela sua beleza, remarcando que o primeiro a salientar tal característica de Andreia Zito foi o jornalista Etevaldo Dias, em seu Blog, no Portal IG; poucos dias depois de o Jornal *O Dia* ter realizado em 2007 uma enquete junto aos parlamentares do sexo masculino, que a apontou como a deputada federal mais atraente (CARVALHO, 2008). Ao ser questionada por mim sobre esse título, Andreia mostrou-se encabulada e respondeu em meio a risos: "[...] é bom a gente ser elogiada, não vou ser hipócrita. Mas eu levei na brincadeira!".

Contudo, Andreia mostrou que não era somente a dona de um belo corpo e um sobrenome marcante: ela era uma parlamentar que ali estava para atuar em prol dos interesses de sua localidade de origem, Duque de Caxias, mas também pela continuidade das lutas por causas a que já tinha se dedicado na ALERJ.

Se na ALERJ os ataques que sofria eram frequentes, devidos, principalmente, à trajetória de seu pai, isso não acontecia na Câmara de Deputados, em Brasília. Como ela mesmo narrou, até o olhar discriminatório que percebia junto aos deputados do Estado do Rio de Janeiro sobre a Baixada Fluminense, não aconteceu por parte dos seus colegas deputados federais. Mas surpreendia o fato de Andreia ainda residir onde havia nascido: seus colegas não acreditavam, pois quando diziam que viriam ao Rio de Janeiro no final de semana, que ficariam na Barra da Tijuca, em Copacabana, em Ipanema, e ela lhes respondia que o município de Duque de Caxias, onde morava, ficava distante do complexo turístico do Rio de Janeiro.

Foi em Brasília que Andreia amadureceu sua vocação: “posso dizer que passei assim a ser política e tudo e mais, foi na Câmara, porque aí sim eu fiquei fascinada com aquilo, fascinada com a Câmara, porque eu vi que o trabalho era muito mais extenso, assim, é um trabalho amplo”.

Na Câmara Federal, Andreia percebeu, pela primeira vez, o quanto as mulheres são discriminadas na política e, não somente no período eleitoral.

Andreia salientou que todos os anos no mês de março ocorriam atividades organizadas pela Presidência da Câmara visando mostrar as iniciativas das deputadas, mas era algo muito superficial. Explicou ainda que tais atividades ocorriam principalmente porque no período a imprensa normalmente buscava junto à Câmara, em virtude de ser o mês da mulher, verificar como a questão da feminina estava sendo trabalhada por aquela que é uma das maiores instâncias políticas da democracia brasileira. Tal discriminação para com as deputadas também se dava no espaço dado às parlamentares para apresentação dos seus projetos de lei.

Através de sua participação da Bancada Feminina, Andreia vivenciou a experiência chamada, há quase vinte anos atrás, do *Lobby* do Batom,²¹⁶ ocasião em que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher desenvolveu todo um movimento de

²¹⁶ A nomenclatura *Lobby* do Batom surgiu de um brincadeira realizada nos corredores da Câmara dos Deputados, por parte dos parlamentares, do sexo masculino, apontando as reuniões das deputadas como uma espécie de “Clube da Luluzinha”, deixando explícito um olhar machista e preconceituoso. Como se mulheres reunidas tivessem capacidade somente para conversas sobre futilidades, como maquiagem, batom (MOREIRA, 2010 apud CARVALHO, 2013).

sensibilização junto às vinte e seis deputadas federais de diferentes partidos para a inclusão na Assembléia Constituinte de questões que contemplassem as mulheres. Tal iniciativa foi extremamente exitosa, fazendo com que trinta ementas sobre os direitos das mulheres, englobando praticamente todas as reivindicações do movimento feminista fossem contempladas (PINTO, 2007 apud CARVALHO, 2013). A partir desse exercício de articulação suprapartidária por parte das deputadas federais foi criada a Bancada Feminina (PITANGUY, [20-?], p. 2, apud CARVALHO, 2013).

Considero interessante salientar que somente como deputada federal e conseqüentemente, afastada de seu pai, uma vez que ele fora eleito deputado estadual, no Rio de Janeiro, Andreia pode se reconhecer como uma mulher na política. Assim, conseguiu perceber os desafios encontrados pelas mulheres brasileiras no âmbito dos partidos políticos e dos espaços legislativos. É como se a chegada de Andreia à Brasília desse início a uma nova fase desse um passo além no sentido de seus estado de consciência política . Não somente porque ela é eleita para um dos mais altos cargos da democracia brasileira, nos quais a presença de mulheres é baixa; mas, porque, nesse momento, ela também inicia um processo de rompimento com o pai. Esse foi um rompimento não pautado em brigas, mas porque ela atingira, nessa trajetória um novo estado de consciência de si, como mulher. E percebeu que como parlamentar precisava ter seu próprio protagonismo e, assim, escrever a sua própria história política. Isso passou a significar também ir além e não mais ficar refém da história política do pai. Embora, como aponta Davis (1997), as mulheres sempre encontram coisas novas nas margens.

O movimento realizado por Andreia se assemelha ao de Alzira Vargas quando após viagem aos Estados Unidos, onde teve contato com a luta pela busca da cidadania feminina travada pelas mulheres americanas, volta ao Brasil mais segura do papel que desejava ter: “Queria ser gente e estava disposta a lutar por um lugar ao sol meu, e não um reflexo por herança” (COSTA, 2014, p. 9, grifo de Alzira). Esse crescimento também é vivenciado por Andreia, quando após ser eleita para a Câmara dos Deputados e passar grande parte de seu tempo em Brasília, distancia-se parcialmente do pai. Tal distância possibilita que ela se posicione cada vez mais como política, fazendo com que ela construa a sua própria identidade política.

Em ambos os casos, fica evidente o quanto a distância dos pais e a vivência de uma outra experiência, faz com que Alzira e Andreia entendam a possibilidade de

desenvolver estratégias de emponderamento. Trata-se de algo que também é registrado para tantos outros protagonismos femininos e “que aparece como uma estratégia conquistada por mulheres de diferentes países em desenvolvimento para mudar as próprias vidas, acarretando um processo de transformação social [...]” (GROW; SEN, 1985 apud SOUZA, 2012, p. 27).

Alzira e Andreia modificam suas posturas e suas perspectivas acerca do seu cotidiano político, a partir do contato com outras empenhadas em lutas e conquistas por uma outra história das mulheres. Alzira conheceu o movimento feminista americano; Andreia, a Bancada Feminina da Câmara de Deputados. Fica evidente, como salienta Souza (2012) e Deleposte (2012), o quanto o empoderamento de mulheres se dá, principalmente, nesse contato com outras mulheres, no conhecimento e na participação de lutas tornadas suas.

O distanciamento de Andreia em relação ao pai não fez com que a parceria política e a relação carinhosa que compartilham ficasse abalada. Ela ressaltou o quanto seu pai durante toda a sua vida política nunca deixou de vê-la como sua filha, não somente como sua herdeira, mas inúmeras vezes se mostrou preocupado com ela e lhe chamava a atenção por sua demasiada dedicação à atuação parlamentar e a ausência de momentos de lazer e férias, por exemplo.

Ao longo dos oito anos de mandato de Andreia na Câmara de Deputados, já que ela foi reeleita em 2010,²¹⁷ seus focos foram a defesa das crianças e dos adolescentes; a educação e os servidores públicos.

Na defesa das crianças e dos adolescentes, como participante da Comissão de Seguridade Social e Família, Andreia conheceu a cruel realidade de mais de sessenta Conselhos Tutelares de todo o Brasil. Como ela mesma salientou, a realidade de alguns conselhos tutelares do Rio de Janeiro é extremamente complexa, mas não se compara a outras que ela pode ver de perto. Em resposta a tal situação, Andreia conseguiu a destinação de emendas parlamentares para a compra de dois kits com um materialmínimo necessário à atuação dos membros de dois Conselhos Tutelares do Estado do Rio de Janeiro, o do município de Queimados e o do município de Paraíba do Sul. Cada kit continha um veículo novo, três computadores, uma impressora e uma geladeira. Ela explicou que em virtude da tal condição de deputada federal e

²¹⁷ Andreia foi reeleita deputada federal com 82.832 votos. (TSE, 2014).

representante do Rio de Janeiro, não pôde intervir mais diretamente na situação dos outros conselhos tutelares visitados.

Foto 39- Andreia Zito (de roupa clara) entregando um dos carros que conseguiu através da CPI das crianças desaparecidas, já deputada federal a um dos Conselhos Tutelares selecionados.



Fonte: Site de Andreia Zito.²¹⁸

Outro ponto alto de sua atuação parlamentar foi a CPI das Crianças e Adolescentes Desaparecidos, da qual foi presidente e relatora.

Todos os dois, a gente sabe que, pelo menos 10 crianças ou adolescentes desaparecem. Só que a pessoa não tem noção da gravidade disso. Então, eu luto até hoje pelo cadastro único de crianças e adolescentes desaparecidas, que o governo diz que existe, mas se você entrar lá, não existe porcaria nenhuma. Se desaparecer um carro, a gente encontra [...] e se desaparece uma criança, a gente não encontra!.

A CPI apontou para a Presidência da República uma série de medidas que deveriam ser tomadas para o enfrentamento ao desaparecimento de crianças e adolescentes no Brasil. Andreia salientou que o fato de termos uma Presidenta da

²¹⁸ Disponível em: <www.andreiazito.com.br>. Acesso em 18 jul. 2015.

República²¹⁹ e dispormos de uma Secretaria de Direitos Humanos comandada por uma mulher,²²⁰ além do fato de ambas serem mães, não fizeram qualquer diferença para que as iniciativas apontadas pela CPI fossem implementadas. A parlamentar se mostrou frustrada e desapontada pelo que ela chama de descaso do governo federal com tal problema social.

Outro desdobramento da atuação de Andreia na Comissão de Seguridade Social e Família foi sua participação na CPI do Trabalho Infantil e na Comissão Externa de Exploração de Mulheres e Adolescentes em Altamira (PA), ambas em 2013. Ainda na defesa das crianças e dos adolescentes, Andreia redigiu dois projetos de lei, o PL nº 3319/2012, que torna obrigatória a identificação de crianças e adolescentes que se hospedem em estabelecimentos comerciais e o PL nº 7066/2014, que torna obrigatória a emissão da Carteira de Identificação de crianças, a partir dos quatro anos de idade. Tais medidas, segundo a parlamentar, ajudariam a coibir o desaparecimento de crianças e adolescentes. Mas até abril de 2014, essas iniciativas não tinham sido votadas pelo Plenário da Câmara.

Já na área da Educação, motivada pela participação na Comissão de Educação e Cultura, Andreia atuou fortemente na implantação nas unidades de ensino no município de Duque de Caxias, sendo a relatora da lei que criou os Institutos Federais de Educação de Ciência e Tecnologia (IFETS), assim, exercendo influência para que um dos campi desse instituto fosse implantado neste município em 2010.²²¹ Outro grande feito da parlamentar foi a implantação de um campus do colégio Pedro II também no município, inaugurado em 2012, tendo sido considerada “madrinha do campus” pelo diretor do estabelecimento de ensino, certamente, de novo, um título que relembra antigas tradições e representações femininas.

²¹⁹ Em 2009, Dilma Rousseff foi eleita a primeira Presidenta da República da história do Brasil.

²²⁰ Na época, Maria do Rosário era a ministra da Secretária de Direitos Humanos.

²²¹ O empenho de Andreia para a criação do IFETS foi reconhecido inclusive pela ALERJ, com a condecoração feita a ela com a medalha Tiradentes.

Foto 40- Andreia Zito na inauguração do campus do Colégio Pedro II, em Duque de Caxias.



Fonte: Site de Andreia Zito.

Já o contato de Andreia com as causas dos servidores públicos se deu por acaso, quando logo após a sua posse ela começou a participar das reuniões da Comissão de Administração e Trabalho Público e lá teve a oportunidade de conhecer as problemáticas que envolviam tal categoria: o avanço da terceirização, o não cumprimento da lista de aprovados nos concursos públicos em diversos estados do país, a diminuição dos salários dos servidores, caso dessem entrada no benefício auxílio-doença. E começou a ser procurada por esses servidores.

Ela ficou nessa Comissão ao longo dos dois mandatos e um dos frutos dessa atuação foi a PEC²²² 270/2008, que garante ao servidor aposentar-se por invalidez com o mesmo valor do salário. Ao longo de seis anos, a PEC teve o apoio de vários sindicatos de servidores públicos de todo o país, inclusive recolhendo mais de 15 mil assinaturas num abaixo assinado, mas a Mesa Diretora da Câmara não fez sua votação.

Na percepção de Andreia, a Proposta de Emenda Constitucional que é de sua autoria não foi votada porque "a Câmara só vota matérias que são do interesse do

²²² Proposta de Ementa Constitucional.

executivo".²²³ Andreia acredita que o fato de seu partido (PSDB) ser oposição no Congresso Nacional influenciou decisivamente para que suas proposições como deputada fossem engavetadas.

Outras iniciativas de Andreia foram as emendas parlamentares que trouxe para o Estado do Rio de Janeiro, especialmente para o município de Duque de Caxias, uma passarela na rodovia Washington Luiz, em frente ao Hospital Municipal Moacyr Rodrigues do Carmo e as obras da Casa da Mulher Caxiense, em Santa Cruz da Serra, um hospital que até o presente momento não foi inaugurado.

Andreia salientou que nos últimos anos trouxe várias emendas para o município, uma significativa parcela quando a prefeitura não estava sobre o comando de seu pai, mas a maior parte delas não foi aceita pelos prefeitos. Como ela explicou: “[...] precisa haver uma conversa entre o parlamentar e o prefeito para que seja acertada a contrapartida da prefeitura”. Os dois últimos prefeitos, Washington Reis que governou a cidade de 2005 a 2008; e Alexandre Cardoso, que governa a cidade desde 2013 e terá o mandato encerrado em 2016,²²⁴ não aceitaram conversar com ela para tal, principalmente porque ela é filha de um grande opositor deles, Zito.

Andreia participou ainda das Comissões Permanentes: de Turismo; de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado; e de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática.

Mesmo com todos os desafios políticos enfrentados por Andreia em Brasília, ela quis tentar a reeleição, em 2014, na busca de um terceiro mandato. Tais desafios não somente fizeram com que Andreia se tornasse uma política mais forte, mas também foram reconhecidos publicamente: ela foi apontada pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, o DIAP, como integrante da lista dos cem parlamentares mais influentes do Brasil em 2014; também foi apontada pelo Jornal Extra um dos dez parlamentares mais atuantes no Congresso.

Se os desafios políticos já foram muitos, maiores ainda foram os pessoais. Andreia passou os oito anos de seus dois mandatos voando do Rio de Janeiro para Brasília, e vice-versa: na segunda-feira a tarde, indo para Brasília, para participar das reuniões das Comissões e das sessões no plenário de terça-feira a quinta-feira, na sexta-feira voava de volta para o Rio de Janeiro e dedicava boa parte de seus finais de semana

²²³ Entrevista concedida a Revista do Sinal, em 2011.

²²⁴ O pai de Andreia, Zito, foi o prefeito de Duque de Caxias, de 2009 a 2012.

para atividades políticas. Tal vida corrida fez com que ela, que mora com a mãe em Duque de Caxias, tivesse pouco tempo com amigos, os quais ela diz contar nos dedos de uma mão só, bem como poucos namoros, inclusive porque a maior parte dos namorados não concordava com a sua rotina política. Explicou: “[...] nem sempre essa pessoa tem a noção ou a compreensão que no final de semana, você não pode ir a um teatro, não pode passear! A pessoa não tem noção disso! E acaba não aceitando muito e aí começam os problemas”.

O fato de não ter encontrado o "príncipe encantado", como ela brincou, é uma coisa que a incomoda. A solidão vivenciada e salientada por Andreia é uma questão apontada por Speck et al. (2012), onde num estudo realizado com parlamentares do sexo feminino verificou que grande parte delas se separaram de seus maridos ou companheiros a partir do momento em que foram eleitas para cargos com maior projeção. Elas apontaram o quanto a política leva a uma solidão conjugal, já que maridos e companheiros não aceitam o avanço de suas carreiras.

A fala da vereadora baiana Olívia Santana também ajuda a ilustrar tal dilema vivenciado por grande número de mulheres:

Os homens vão para a política e tem suas esposas, as mulheres sempre são solidárias com os homens. Mas a recíproca não é verdadeira. Em geral, o cara não está a fim de estar ali fim, de apoiar, de conviver com a mulher que tem uma vida pública, de assumir o ônus e o bônus da situação (MENEGUELLO et. al., 2012, p. 29).

Mesmo ciente de todos os desafios, Andreia se lançou na aventura de um novo mandato na Câmara de Deputados. Mais uma vez foi candidata com o pai, ele na busca de um retorno a ALERJ e ela na permanência junto a Câmara de Deputados. Sua campanha foi baseada na continuidade das ações que já tinha iniciado, algumas na ALERJ e outras na Câmara.

Foto 41 - Andreia (de blusa rosa) com parte de sua equipe de cabos eleitores, na eleição de 2014.



Fonte: página pessoal de Andreia Zito.²²⁵

A fotografia na qual posam Andreia Zito e parte de sua equipe de campanha retrata os bastidores da política, o que Barreira (2006) chama do “tempo de político”, período em que candidatos e candidatas se aproximam da população através de atividades como caminhada, planfletagem, comícios e discursos entre outras. Chama atenção os uniformes de quase todos, nas cores amarela e azul, que são as do PSDB (que tem o nome impresso no peito, quase que no coração), partido político o qual Andreia é fiel há quase 20 anos. Andreia veste rosa, diferenciando-se dos demais. Ramssés, seu irmão, o terceiro da esquerda para a direita em pé, está bem próximo dela.

Essa campanha de Andreia teve um diferencial das demais: pela primeira vez, ela e pai estavam filiados a partidos políticos diferentes, ela ao PSDB e ele ao PP, mas poucas pessoas do eleitorado perceberam isso. O partido político parece deixar de ter importância quando se fala na Baixada Fluminense de Zito, que se tornou a maior liderança dessa região ao longo das décadas de 1990 e 2000, fazendo com que ele,

²²⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/andreiazito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

independente do partido ao qual esteja filiado, receba o apoio e o voto da maioria da população.

Semelhante ao processo ocorrido em 2006, Andreia mais uma vez aconselhou seu pai a ser candidato a deputado estadual, mostrando-se como uma das principais incentivadoras da carreira política dele, da mesma forma que ele também atua sobre a candidatura da filha. “Ele saiu da vida pública, como eu tô falando, acabou ficando sem mandato e queria pendurar a chuteira, mas [...] o pessoal não deixa não!”.²²⁶ Embora Andrea se refira à base política de seu pai como “o pessoal”, ela se inclui na mesma.

Andreia e Zito ao longo de suas carreiras políticas definiram áreas de atuação; enquanto ele prefere o executivo, ela prefere o legislativo. Interessante perceber que ao fazerem essas diferentes escolhas, eles se complementam politicamente.

Mesmo com a resistência da filha de Zito ao executivo, em 2012 o PSDB encomendou uma pesquisa de opinião com o objetivo de perceber o nível de aceitação da candidatura dela ao cargo de prefeita de Duque de Caxias e o resultado foi positivo. Explicou: “[...] um grande número de pessoas me queria candidata. Meu pai pediu que eu fosse a candidata, mas eu não quis [...]”.

Tal decisão de Andreia fez com que seu pai tentasse a reeleição; mas ele foi derrotado²²⁷ por dois de seus grandes inimigos políticos municipais: Washington Reis, seu primeiro vice-prefeito, na época deputado federal²²⁸ e Alexandre Cardoso, na época também, deputado federal,²²⁹ o qual foi candidato a prefeito em todas as cinco últimas eleições municipais, juntos concorreram na eleição de segundo turno.²³⁰

Andreia disse que não se vê prefeita de Duque de Caxias, por isso não aceitou ser candidata em 2012. Interpreto esse posicionamento como uma resistência a uma política de continuidade, diferentemente da atitude de Roseana Sarney quando se candidatou ao cargo de governadora do Maranhão (GONÇALVES, 2006).

²²⁶ Pude perceber a afinidade, a proximidade e cumplicidade entre os dois na última entrevista, na qual no meio de sua fala, seu telefone celular tocou e era seu pai querendo saber como ela estava e como tinha ido sua ida a Brasília no dia anterior, na qual ela tinha feito contatos com a base nacional do PSDB. Embora o telefonema tenha sido breve, encerrado por um convite do pai para que ela fosse à ALERJ conversar pessoalmente com ele, o qual ela aceitou, ficou explícito o quanto o relacionamento de Zito e Andreia é um emaranhado de relações privadas e relações políticas.

²²⁷ Derrota nas urnas põe fim a dinastia de figurões da Baixada (BRUNO, 2012); Prestígio na lata de lixo (MELO, I., 2012).

²²⁸ Washington Reis foi vereador de Duque de Caxias, de 1993 a 1994; deputado estadual, por três mandatos consecutivos de 1995 a 2004; e prefeito de Duque de Caxias, de 2005 a 2008.

²²⁹ Alexandre Cardoso foi deputado estadual por dois mandatos consecutivos, de 1989 e 1994; Secretário Estadual de Saneamento e Recursos Hídricos do Rio de Janeiro, de 1999 a 2002; e Secretário de Ciência e Tecnologia, do Rio de Janeiro, de 2007 a 2010.

²³⁰ Alexandre Cardoso foi eleito com 230.549 votos. (TSE, 2014).

Percebo que a parlamentar caxiense deseja implementar em sua vida política o “jeito Andreia de legislar”,²³¹ o qual pode iniciar quando foi eleita deputada federal pela primeira vez, longe do manto do pai, um manto que a protegia, mas que fazia com que inclusive grande parte dos parlamentares da ALERJ não a vissem, e sim ao pai, como já exposto. Embora seu pai tenha apontado ao Jornal O GLOBO em maio de 2012 Andreia como sua principal sucessora, acredito que ela já vem criando uma nova alternativa, na qual concilia sua herança política e sua identidade política, a qual é diferente da de seu pai.

Andreia mais uma vez se assemelha a Alzira Vargas que aprendeu que “podia ser alguém [...] não apenas uma das “senhoritas Getúlio Vargas”, como era referida pelas colunas sociais”. A ex-parlamentar caxiense não deseja ser conhecida somente como a “filha do Zito”. Tal semelhança também se dá com Roseana Sarney, quando esta, contrariamente à fala de seu pai, José Sarney, à imprensa, em sua candidatura ao cargo de governadora do Estado de Maranhão, apontava que ela desenvolveria uma política de continuidade; ela disse ao Jornal O Estado do Maranhão: “Durante toda a campanha afirmei que não era candidata por causa de uma certidão de nascimento, mas porque me considerava preparada e motivada para governar o Maranhão” (GONÇALVES, 2006, p 119).

Foto 42 - Andreia e o pai, numa das várias atividades da campanha eleitoral de 2014.



Fonte: página pessoal de Andreia Zito.²³²

²³¹Tal terminologia criada pela autora dessa tese se refere a um dos *jingles* das campanhas de Zito à Prefeitura de Duque de Caxias, que dizia num dos trechos: “oPa jeito Zito de governar!”.

²³² Disponível em: <<https://www.facebook.com/andreiazito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

A fotografia tirada nas campanhas políticas de Andreia e de Zito em 2014 ressalta a parceria e a lealdade entre pai e filha. Eles estão de mãos dadas no primeiro plano, tendo ao fundo cabos eleitorais e um veículo adesivado com o nome de Andreia e o número de sua candidatura. Eles caminham à frente dos demais como que abrindo caminho, quase que como um rei e uma princesa à frente de seus súditos. Mas o destino mostraria para Andreia que Brasília, neste momento, não seria o seu foco e pela primeira vez em sua vida política ela sofreu uma derrota.²³³

“Estou de volta pro meu aconchego / Trazendo na mala bastante saudade / Querendo / Um sorriso sincero / um abraço / Pró aliviar meu cansaço”²³⁴

Embora a derrota tenha sido um duro golpe, ela fez com que Andreia percebesse o quanto se dedicou ao trabalho ao longo de 16 anos de atuação parlamentar e quanto abdicou de momentos de lazer e descanso. Explicou que seu pai várias vezes lhe chamou atenção sobre os raros momentos de descanso que ela tinha, ou melhor, que ela se permitia. Tal dedicação fez com que conseguisse ótimos índices de avaliação como o apontado pelo DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), mas também fez com que diversas vezes ela se sentisse só, não somente por não ter um namorado ou marido, mas também pelo pequeno número de amigos que possui.

Esse golpe da vida fez com que ela se definisse como prioridade, buscando assim o que Vasconcelos (2003) chama de auto-empowerment, um cuidado de si, que tem como uma de suas idéias-chave

conhecer melhor a si mesmo, dialogando e explorando nossas dimensões interiores e desenvolvendo um autêntico processo em que vamos tomando conhecimento tanto de nossos valores / qualidades quanto de nossas formações e dinâmicas obscuras / misteriosas ou indesejáveis, assumindo-as para produzir um estilo de vida criativo e singular (VASCONCELOS, 2003, p. 263).

E como sua principal prioridade, ela tomou várias decisões e uma delas foi voltar a estudar: ela se matriculou no Curso de Direito Constitucional da Fundação Getúlio Vargas, já que ela é formada em Direito e via com tristeza e frustração o fato de ter

²³³ Andreia recebeu 34.288 votos, já seu pai foi vitorioso e se elegeu deputado estadual com 24.431 votos. (TSE, 2014).

²³⁴ DOMINGUINHOS. *De volta pro aconchego*. [s.l.; s.n.], 1980.

concluído o curso há mais de 8 anos e não ter desenvolvido a vida acadêmica; a segunda é colocar em prática um projeto que ela possui há mais de 7 anos de ter um filho,²³⁵ pois ela quer se realizar também pela maternidade e não somente pela política.

Os três encontros que tive com Andreia me mostraram uma mulher bela, perspicaz e segura. Pude perceber que a menina abalada pelos conflitos conjugais dos pais e a adolescente triste em virtude da doença e morte prematura do irmão deram lugar a mulher forte. Uma mulher que não deseja somente carregar o nome Zito na política, seja na ALERJ, na Câmara dos Deputados ou na Prefeitura de Duque de Caxias, mas mostrar que ela não é só uma sucessora, ela não é só uma política com sobrenome; ela construiu uma identidade própria, ela é Andreia.

Uma Andreia que percebeu a duras penas que a política faz parte de sua vida, mas que sua vida não se resume a política; percebeu que mais que uma deputada estadual ou uma deputada federal, que ela é uma mulher que deseja e “merece viver e amar, como outra qualquer do planeta”.²³⁶

²³⁵ Ressalto que Andreia Almeida Zito dos Santos foi entrevistada pela autora desta tese em março de 2008 para a dissertação de mestrado da mesma e já naquele momento apontou seu desejo de ser mãe.

²³⁶ NASCIMENTO, Milton. *Maria, Maria*. [s.l.; s.n.], 1979.

5 “Sou uma mulher de verdade, resolvi ser Claise Maria para lutar por você”²³⁷

Nascida em São João de Meriti, Claise Maria Alves, assistente social, separada²³⁸ e mãe de um jovem de 20 anos, apesar de nunca ter sonhado com uma carreira política, foi levada a ela pelos caminhos do coração.

Em 2010, aos 38 anos, foi eleita deputada estadual com votação expressiva. Esse foi um resultado dos encargos da sua condição de primeira-dama de Duque de Caxias – quando casada com José Camilo Zito dos Santos Filho – e de secretária de Assistência Social e Direitos Humanos do mesmo município.

Foto 43- Claise é fotografada na ALERJ, em uma sessão.



Fonte: ALERJ (2014).

Um olhar penetrante, um olhar que vê ao longe, essa é uma das características de Claise. A fotografia acima ilustra seu cadastro na ALERJ. A utilização do retrato em preto e branco salientou a beleza da deputada estadual.

²³⁷Trecho de um discurso de Claise Maria Alves, em sua propaganda política, veiculada para canais de televisão, em campanha de reeleição ao cargo de deputada estadual, em 2014.

²³⁸No momento da primeira entrevista realizada com Claise, em agosto de 2014, ela informou-me que estava em tramitação o Processo Judicial de Separação Conjugal entre ela e José Camilo Zito dos Santos.

“Quem sabe eu ainda sou uma garotinha, esperando o ônibus da escola, sozinha”²³⁹

Claise é a caçula de uma família de classe média baixa de Duque de Caxias, filha de um auxiliar administrativo e de uma professora de história do município. Nasceu em 1972, em São João de Meriti, embora sua família sempre tenha morado em Duque de Caxias. Assim como seu irmão, seis anos mais velho, Claise nasceu no município vizinho porque a mãe desejava que seus partos fossem realizados por um “médico de família” que também havia feito o parto da avó de Claise, no nascimento de sua mãe. E esse profissional atendia somente nesse município.

Claise cursou parte do Ensino Fundamental no Colégio Santo Antônio, a escola mais tradicional de Duque de Caxias, coordenado por freiras. Ao final, em virtude de dificuldades financeiras dos pais, foi transferida para a antiga Escola Municipal Castelo Branco, uma das escolas públicas mais exigentes do município.²⁴⁰ Sua mãe, na época, trabalhava nessa escola, conhecia a diretora, o que fez com que seus pais se sentissem seguros com a mudança.

A vida de Claise e do irmão sempre foi muito sacrificada por muitos encargos: ao longo de sua infância e adolescência, o pai, por diversas vezes, esteve desempregado. Sua mãe, nessas ocasiões, sustentava a casa sozinha.

Graças a Deus na minha casa nunca faltou nada [...] Na infância usava roupas da minha prima, calçados da minha prima, não é, porque a minha mãe poupava. Brinquedos eram minha avó, minha madrinha. Aproveitava brinquedos das minhas primas. Então, minha infância foi assim. Não houve desperdício de nada.

“Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”²⁴¹

Ao final do Ensino Fundamental, Claise optou pelo Curso de Formação de Professores; assim, matriculou-se no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, uma escola municipal, até hoje referência de qualidade na formação de professores na Baixada Fluminense.

²³⁹ CAZUZA; FREJAT. *Malandragem*. [s.n.; s.l.], 1988.

²⁴⁰ Atualmente, essa escola chama-se Olga Bezerra de Oliveira, nome da diretora, responsável pela rigidez da instituição. Após seu falecimento na década de 1990, ela foi homenageada dessa forma: dando seu nome à instituição de ensino. Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias (2014).

²⁴¹ BELCHIOR. *Como nossos pais*. [s.n.; s.l.], 1976.

Para ela, tal decisão deu-se de forma muito natural, pois durante a infância e adolescência acompanhava sua mãe nas escolas onde ela trabalhava e a ajudava em tarefas como elaboração de planos de aula e de provas e preenchimento de diários. Segundo ela: “Para mim, ser professora era tudo, por isso, fiz formação de professores. Era o que eu queria”.²⁴²

Embora tenha sido influenciada pela mãe, foi ao longo do Ensino Médio que Claise se apaixonou pelo magistério. No final dessa etapa, em virtude das sucessivas greves, ela foi transferida por seus pais para o Colégio da AFE, atual Colégio de Aplicação da Unigranrio em Duque de Caxias. Eles temiam que ela acabasse perdendo o ano letivo. Aos 17 anos, terminado o Ensino Médio, Claise se deparou com a docência e criou sua própria escolinha nos fundos da casa dos pais.

Na ocasião, os pais de Claise já haviam se mudado da casa alugada onde viviam no bairro Centenário para uma casa própria, localizada próxima ao centro do município. Ela e o irmão, por toda a infância e adolescência, sonharam com a casa própria, projeto que não era só dos pais, mas da família. Para alcançá-lo, todos economizavam em tudo.

A influência desse passado, ou desse valor, como ela mesma disse, fez com que ambos, tanto ela como o irmão, antes de se casar, adquirissem casas próprias.²⁴³ Como ela mesma disse, seus pais os orientavam os dois a não morarem no terreno de ninguém, bem como a não construir em cima da casa de ninguém, fazendo, assim, o famoso “puxadinho”, muito comum em áreas pobres, como a Baixada Fluminense.

Ao mesmo tempo em que deu início às atividades do Jardim de Infância de Claise, ela iniciou a graduação em matemática. Mas não levou adiante tal projeto de formação acadêmica, em virtude de ter, na época, conhecido seu primeiro marido e decidido, poucos meses depois, casar-se com ele.

O Jardim de Infância funcionou por três anos. Foi fechado alguns dias antes de ela dar à luz Yuri, seu único filho. Claise fechou o estabelecimento porque não tinha funcionárias, só ela trabalhava na escolinha. Também, porque decidiu que, a partir do nascimento do filho, acompanharia de perto todo o seu desenvolvimento, bem como cuidaria da casa e do marido e não trabalharia fora por algum tempo.

Claise já tinha o sonho de ser mãe e de um menino, o que aconteceu quando ela tinha 19 anos. Sentiu-se maravilhada com a experiência da maternidade. Yuri, seu filho,

²⁴²Todas as citações posteriores de Claise referem-se à mesma entrevista concedida a autora.

²⁴³ Claise não somente teve a sua casa própria com o primeiro marido como, depois de se separar, comprou uma casa para si e seu filho, para onde se mudou.

atualmente está com 20 anos, é estudante do curso de Direito e mora com ela. Mesmo com a experiência positiva da maternidade, Claise decidiu não ter outros filhos, mesmo em seu segundo casamento.²⁴⁴

Foto 44- Claise e o filho, Yuri.



Fonte: Página pessoal de Yuri.²⁴⁵

Ela fez questão de dedicar-se totalmente ao desenvolvimento do filho e aos cuidados com a casa. Dispensou até mesmo a empregada doméstica, ficando somente com uma diarista.

Quis ter uma experiência diferente da de sua mãe, que nunca teve empregada doméstica, por não ter condições financeiras para isso, e precisou conciliar, desde o nascimento dos filhos, os cuidados com eles e o trabalho, chegando até, em algumas ocasiões, a levá-los para as escolas onde lecionava.

Quando Yuri fez cinco anos, Claise o matriculou no Colégio Santo Antônio, onde estudara na infância. Pediu, então, que sua mãe – já aposentada – cuidasse dele, já que ela voltara a trabalhar. Todos os dias pela manhã, ela levava o filho para a casa da mãe e no início da noite voltava para buscá-lo.

²⁴⁴No segundo casamento, com Zito, ela disse haver motivos para isso: ele já tinha vários filhos e filhas, alguns legítimos e reconhecidos, outros, não. Seu casamento era inseguro, fazendo com que o casal vivesse em um ambiente que ela avalia como impróprio para o nascimento e crescimento de uma criança.

²⁴⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/yuri.alves.ramalho?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Costa (2002) aponta que para exercer atividades fora do âmbito doméstico, as mulheres precisaram delegar a outras mulheres, os cuidados com a casa e com os filhos, processo que denominou de *maternidade transferida*, marca da vida social brasileira: “Tal transferência pode implicar cumplicidade entre as mulheres, certas de mobilidade social, tantas vezes compensatórias, que redefinem a posição de todas elas” (COSTA, 2002, p. 306). No caso de Claise, fica evidente uma aliança entre ela e sua mãe, fundamental para que pudesse iniciar a carreira como empresária e, posteriormente, como política.

Claise recomeçou sua vida profissional trabalhando com o marido, um empresário do ramo de material de construção de Duque de Caxias. Nessa época, o negócio passava por uma boa fase financeira e ele decidiu abrir outra loja. Claise ficava em uma, e ele, na outra. Após cerca de nove anos de casamento, o casal decidiu se separar.²⁴⁶ Ela foi morar com o filho em uma casa comprada por ela, em um bairro nobre do município.

Alguns meses depois, ela conheceu, através de amigos em comum, José Camilo Zito dos Santos Filho, que já havia sido vereador por dois mandatos consecutivos, deputado estadual e prefeito de Duque de Caxias, também por dois mandatos consecutivos. Depois de algum tempo de namoro, os dois se casaram.

*“Quando um certo alguém, cruzou o seu caminho, te mudou a direção ...”*²⁴⁷

O casamento de Claise com Zito transformou sua vida. Ela, que até então era uma moradora de Duque de Caxias, comerciante, anônima, torna-se a primeira-dama de um dos maiores municípios da Baixada Fluminense. Uma figura de destaque nesse ambiente político no qual a ausência de figuras femininas era a regra.

²⁴⁶Percebeu-se resistência de Claise, nas entrevistas, em falar de seus casamentos e dos respectivos rompimentos. Acredito que isso se deva a não desejar expor sua vida pessoal e a dos ex-maridos.

²⁴⁷ SANTOS, Lulu. *Quando um certo alguém*. [s.l.]: WEA Records, 1983.

Foto 45- Claise e o marido Zito em uma das primeiras aparições públicas do casal.



Fonte: Blog Carlinho Antonio da Silva, 2010.

Na foto acima, a serenidade e tranquilidade apresentadas por Claise contrastam com a fisionomia de Zito, que aparenta contrariedade. A foto foi tirada em um grande evento onde ela e o marido, do qual participou a população. Ela busca uma aproximação do marido, com sua mão esquerda, enquanto ele permanece de braços cruzados.

Claise e Zito se casaram em 2005, após o cumprimento de seu segundo mandato consecutivo na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (2000 – 2004).²⁴⁸ Logo nos primeiros anos do casamento, ela começou a ser vista com o marido em atividades políticas,²⁴⁹ especialmente em sua campanha para a prefeitura em 2008. Sua presença era constante em comícios e carreatas.

²⁴⁸Na época, ele tentou eleger um sucessor, Laury Villar, secretário de esportes e vereador, mas não obteve êxito. Assim, seu primeiro vice-prefeito Washington Reis, naquele momento seu opositor, chegou à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias em 2005.

²⁴⁹Pesquisa realizada por Meneguello et al. (2012) aponta –se como é comum na política brasileira as esposas de políticos transformarem-se inicialmente em cabos eleitorais e, posteriormente, terem suas responsabilidades aumentadas, tornando-se até coordenadoras de suas campanhas. Esse é o caso de Ada

Foto 46 – Cenas da campanha política de José Camilo dos Santos Zito à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, realizada em 2008. Em ambas fotografias, datadas de 27 jul. 2008, o candidato tem ao seu lado esquerdo, a esposa Claise Maria, de blusa branca.



Fonte: blog Amigos do Zito.²⁵⁰

de Luca, deputada estadual de Santa Catarina, casada com Walmor de Luca, deputado federal. “... quando eu voltei da lua de mel ele já era candidato a vereador [...]”. Já participei da campanha dele, direto; depois prefeito, depois deputado federal [...]”. Entrevista concedida a (MENEGUELLO et al, 2012, p. 17). Outra mulher que viveu situação semelhante foi Ângela Amin, vereadora e prefeita de Florianópolis – SC e deputada federal, esposa de Esperidião Amin, governador de Santa Catarina: “Depois da candidatura a deputado federal, ele já se preparou como candidato ao governo do Estado em 1982. Eu participei da candidatura dele na coordenação de campanha [...] Eu participava mais para ajudar” (MENEGUELLO et al., 2012, p. 17). Dessa forma, essas esposas atuavam nos “bastidores” da carreira política de seus maridos quando ainda não se imaginavam na política, reatualizando o papel da mulher como articuladora da imagem do marido, função muito evocada no passado. “Do modo como as mulheres se comportavam, recebiam, hospedavam ou se insinuavam junto a personagens ilustres e prestigiados dependia, muitas vezes, [...], o bom andamento da carreira política ou econômica de seu esposo” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 89).

²⁵⁰Disponível em: <http://www.amigosdozito.blogspot.com.br/2008_07_01_archive.htm>. Acesso em 18 jul. 2015.

Como fica evidente nas imagens, Claise se encontrava sempre ao lado de Zito em sua campanha à prefeitura de Duque de Caxias, apoiando suas iniciativas políticas. Essa parceria se desenvolveu quando ele foi novamente eleito e a nomeou para cargos públicos. É interessante perceber nas duas imagens que, embora ele esteja cercado de pessoas, lideranças políticas e populares, Claise tem lugar de destaque.

Embora Claise vivesse em Duque de Caxias desde o nascimento, era uma simples empresária da região, uma mulher desconhecida, mas a partir do casamento com o “Rei da Baixada” sua vida muda significativamente: ela passa a ser vista constantemente ao lado dele em atividades políticas.

A experiência vivenciada por Claise levou-me à trajetória de Eva Perón. Ambas têm suas vidas modificadas a partir de suas inserções políticas, iniciadas a partir do casamento, porém enquanto Claise sai do anonimato ao se casar com Zito, Eva já era uma figura muito conhecida na Argentina, atriz de rádio, carreira iniciada em 1935. Somente em 1945, casou-se com o general Juan Domingo Perón (SARLO, 2005).

Logo após a posse de Zito como prefeito de Duque de Caxias em 2008, a primeira-dama foi nomeada secretária geral do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos de Duque de Caxias (IPMDC). Nessa época, Claise cursava o sétimo período do curso de Direito em uma faculdade privada da região.

Já em 2009, foi empossada na direção da Secretária Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. A vida de Claise, nesse momento, já havia se modificado bastante. Assim, além de ocupar a chefia de uma das secretarias da prefeitura sob comando de seu marido, convivia com figuras políticas influentes na Baixada Fluminense, como esposa de uma liderança dessa região.

A fotografia, a seguir, revela um momento de descontração, quando ela e Zito se encontram em um evento esportivo realizado no município. Seu marido conversa animadamente com Lindberg Farias (PT) e Sandro Mattos (PDT), na época prefeitos de Nova Iguaçu e São João de Meriti, respectivamente.

Foto 47 - Em clima de descontração (da esquerda para a direita: Lindberg, Sandro Zito e Claise assistem a evento esportivo em Duque de Caxias.



Fonte: Fonte: Blog Aconteceu em Magé.²⁵¹

Tal registro fotográfico foi publicado no jornal *Aconteceu em Magé*, em matéria que teve como título: “Por trás de um grande homem sempre existe uma grande mulher.”²⁵² Sra. Claise Maria Zito”. O uso dessa velha frase parece reafirmar a clássica subalternidade do lugar feminino em relação ao masculino. A matéria jornalística fala da atuação de Claise à frente da SMASDH.

A imagem colhida parece, à primeira vista, conferir centralidade à figura dos três políticos. Mas situada no canto direito da foto, jovem, linda e sorridente, Claise repousa a mão sobre a perna do marido, num íntimo e carinhoso gesto, posição que torna pública sua proximidade com ele, quiçá um gesto significativo de posse. Ela está no primeiro plano à direita, ao lado de Zito: sua presença marcante não pode ser ignorada. O fotógrafo colheu a cena já montada, mas essa figura feminina à direita, em primeiro plano, por si só, cresce em tamanho, como Zito. Comparada com os demais, ela não é uma figurante; divide com o marido a centralidade da cena.

²⁵¹Disponível em: <<http://aconteceuemmage.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

²⁵²Como aponta Rocha-Coutinho (1994), na década de 1960 surge o ditado popular citado pela reportagem do jornal apontando a atuação das mulheres, no mundo público, indiretamente ou através dele, e como tal postura possibilita o sucesso de seus filhos e marido.

Eva Perón foi apontada, em 1946, pelo jornal argentino *Newsweek*, como “a mulher atrás do trono mais importante na história da América Latina” (NAVARRO, 1997, p. 155 apud DÍAZ, 2005, p. 79). Questiono-me se Eva Perón estava realmente atrás do trono. Como radialista, atriz, modelo e também como presidente do sindicato dos artistas, já era reconhecida na Argentina como uma mulher de vida pública. Mas na qualidade de primeira dama, como manda o rito político, estará sempre ao lado dele.

Embora pudesse ser apontada como uma “Rainha da Baixada”, já que, em 2001, seu marido foi intitulado “Rei da Baixada”, Claise mantinha-se com os pés no chão, reconhecendo que somente títulos - como esse de primeira-dama não seriam suficientes para a atuação junto à SMASDH. Assim, ela optou pelo trancamento do curso de Direito e se matriculou no curso de Serviço Social.

A graduação em Serviço Social²⁵³ foi o terceiro curso superior iniciado por Claise. O primeiro foi o de Matemática, ainda na juventude, no início de sua carreira como professora; o segundo foi o de Direito, iniciado após o casamento com Zito; nenhuma deles foi concluído.

A escolha do Serviço Social se deveu às funções do órgão que ela passara a dirigir na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Embora ela tenha apontado que o curso lhe trouxe desafios, em seu íntimo, sentia que era aquilo que desejava, sentimento diferente do vivenciado quando cursara outras graduações. Afirmou: “Meu foco é a assistência social e não o assistencialismo. Eu tento [...] conscientizar a população da diferença do Serviço Social para o assistencialismo. Tudo isso eu aprendi na minha faculdade”.

Chama a atenção as decisões de Claise quanto a sua incessante busca de formação intelectual, mesmo após iniciar sua atuação junto à SMASDH. Ela percebeu que somente o capital político delegado pelo marido, uma das maiores lideranças da Baixada Fluminense, não lhe daria suporte suficiente para sua atuação. Acredito que Claise, desde o início de sua carreira política, não desejava ser “mais uma” primeira dama, mas marcar um diferencial com sua presença.

²⁵³ Claise foi minha aluna no curso de Serviço Social, bem como minha orientanda no Trabalho de Conclusão de Curso.

Muito mais que a mera aparência, é certo que primeiras-damas traduzem culturas e, com esse ou aquele estilo, sob diversas circunstâncias, expressam uma quase predestinação para ações assistenciais de muitos tipos. Nelas, sociabilidades próprias a maternalismos – de tempos e sinais políticos diversos, fixam ritos protocolares que persistem com notável continuidade, recriados efeitos em convivências simultâneas de diferentes gerações (COSTA et al., 2011, p. 8).

Embora Claise acreditasse que a graduação em Serviço Social lhe possibilitaria conhecimento teórico, também percebia que era necessário construir uma imagem política em relação a outros municípios: “[...] para que quando eu fosse falar da assistência social para outros municípios [...], soubesse das realizações que eu estava fazendo [...], assim pudesse realmente falar do que estava vivendo. Precisava conhecer para realizar!” Era como se Claise, nessa busca de conhecimentos, estivesse prevendo os desafios futuros de sua trajetória, como sua eleição para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e, depois, a posse como secretária estadual de Trabalho e Renda, a mudança partidária dentre outros acontecimentos que se seguirão.

Embora sua vida pudesse parecer um conto de fadas, não era. Seu marido não concordava com suas atividades profissionais e acadêmicas, mesmo que fossem relacionadas à figura dele: “O meu marido não aceitava isso, não aceitava a independência da Claise, porque até então ele achava que a Claise deveria só lavar, passar, cozinhar, ser esposa, dentro de casa”. É interessante registrar que Claise, durante a entrevista, em alguns momentos fala de si mesma na terceira pessoa. Então, eu me pergunto: até que ponto essa postura pode ser uma resistência em perceber a si mesma diante de momentos de dificuldades em seu relacionamento conjugal?

“Conhecer as manhas e as manhãs / o sabor das massas e das maçãs / É preciso amor prá poder pulsar / É preciso paz prá poder sorrir / É preciso chuva para florir”²⁵⁴

Ao examinar a história política da atuação de Claise como secretária municipal de Assistência Social e Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, chamou-me a atenção o destaque conferido por ela às políticas municipais de gênero. Coube-lhe a estruturação do Departamento dos Direitos da Mulher; o apoio dado ao Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, inclusive em relação ao espaço físico; o

²⁵⁴ SATER, Almir. *Tocando em frente*. [s.l.; s.n.], 1991.

reconhecimento da atuação do Centro de Referência da Mulher, órgão de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica; e a criação da Casa da Mulher Caxiense, voltada para a capacitação profissional das mulheres, através da organização de cursos e oficinas.²⁵⁵ Até sua vida acadêmica teve a marca das políticas de gênero.²⁵⁶ Sua monografia de fim de curso buscou discutir a atuação do Centro de Referência de Atendimento à Mulher de Duque de Caxias, a partir das falas das mulheres em situação de violência doméstica atendidas por esse órgão. No estudo, ela apontou “que a estrutura de uma política para as mulheres faz muita diferença no empoderamento das mesmas na sociedade” (SANTOS, 2011, p. 30). Fica evidente, portanto, o quanto a atenção voltada para as mulheres sempre esteve presente na atuação política de Claise, sinalizando lugares aos quais sua determinação a levaria. Claise, como Eva Perón, atuou na conquista dos direitos femininos. Eva, especialmente, dedicara-se ao do voto feminino, em 1946, tornando-se a primeira delegada do Partido Peronista Feminino:

Para Eva, as mulheres estavam capacitadas a empreender a luta política, porque sempre tinham sido atuantes nos processos sociais. A luta política deveria ser vista como uma honra e como um direito que todas as mulheres souberam ganhar. Eva conclamava as mulheres a saírem da passividade (DÍAZ, 2005, p. 89).

A atuação de Claise à frente da SMASDH, ao longo do ano de 2009, lhe possibilitaria ganhos de projeção política; seu nome seria cogitado para a candidatura ao cargo de deputada estadual no ano seguinte, por iniciativa de um grupo do PSDB, partido ao qual ela e o marido eram filiados.²⁵⁷ O convite e o reconhecimento de seu trabalho a assustaram, fazendo com que ela reagisse a tal desafio, como explicou: “Infelizmente a vida de político na Baixada Fluminense, posso até dizer, em geral, é muito difícil. É um preço muito alto ser político! Sua vida fica exposta, inventam um monte de mentiras sobre você”.

²⁵⁵ Entrevista concedida por Claise Maria Alves ao jornal *Aconteceu em Magé*. Disponível em: <<http://aconteceuemmage.blogspot.com.br/2010/04/por-tras-de-um-grande-homem-existe.html>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

²⁵⁶ Ao analisar o Trabalho de Conclusão de Curso de Claise como fonte para esta pesquisa, chamou minha atenção o fato de não mencionar José Camilo dos Santos Zito Filho, nome de seu marido, nos agradecimentos, conduta muito comum entre alunas casadas de diferentes curso de graduação. Tal “ausência” pareceu-me indicar o início da crise conjugal que levaria à separação. Claise defende sua monografia e termina a graduação em Serviço Social em dezembro de 2011, época do encerramento de seu primeiro ano de mandato.

²⁵⁷ Nesse momento, José Camilo dos Santos Zito Filho era o presidente estadual do PSDB no estado do Rio de Janeiro.

É interessante perceber o quanto a apreensão de Claise não se devia às funções e às atribuições do cargo de deputada estadual para o qual estava se candidatando, mas ao nível de exposição de sua vida, ou seja, nesse momento, suas preocupações políticas giravam em torno de sua vida pessoal, considerando o nível de tensão que já vivia no casamento.

O dilema de Claise em relação ao novo passo a ser dado em prol de sua trajetória política, assumindo, no caso, a candidatura ao cargo de deputada estadual, é comum a outras mulheres que investem na carreira política. Lembro que, ainda hoje, os “deslocamentos femininos” se dão a partir de arranjos e rearranjos que envolvem o público e o privado (COSTA, 2004).

Após titubear inicialmente, Claise aceitou o desafio, considerando o fato de o PSDB ter projetado em sua candidatura “[...] a esperança de questões mal resolvidas no nosso município (Duque de Caxias)”. Mas Zito mostrou-se, desde o início, contra a sua candidatura.²⁵⁸ Ela explicou: “Ele não queria que eu fosse, e aí aconteceu que ele não teve como dizer pra eu não ser, mas eu fui candidata”.

É interessante perceber que Claise foi inserida no “mundo político” por Zito, mas, contraditoriamente, quando ela decidiu avançar e investir na carreira política, as atitudes dele se modificaram, tentando levá-la ao desânimo e à desistência.²⁵⁹ Mas, apesar da resistência do marido, a palavra final acerca da candidatura foi de Claise. Mesmo com o posicionamento contrário de Zito, o PSDB iniciou as atividades em prol do lançamento de sua candidatura.

²⁵⁸ O Jornal a Folha de São Paulo, de 21 set. 2010, período próximo às eleições, aponta uma mudança na postura de José Camilo dos Santos Zito Filho: ele se arrependera de, no passado, ter apoiado as candidaturas de seu irmão e de sua esposa às prefeituras de Belford Roxo e Magé, respectivamente, e não mais apoiaria candidaturas de membros de sua família, exceto a de sua filha, Andreia Zito. O jornal acreditava que ele recuava desse posicionamento pelo fato de sua então esposa ser candidata ao cargo de deputada estadual. Cf. Isto é Zito. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2109201038.htm>. Acesso em: 27 set. 2014.

²⁵⁹ Araújo et al., (2012) verificaram junto aos candidatos e candidatas à Câmara de Deputados em 2010, que estas percebiam mais resistência às suas candidaturas do que os candidatos. Cerca de um quarto das candidatas apontaram que as resistências vinham principalmente de seus maridos e filhos; acreditavam que tal posicionamento se devia ao fato de elas terem menos tempo para a família, após assumir um cargo político. Outra descoberta dos autores foi a resistência diferenciada entre candidatos e candidatas derrotados a concorrerem a novas eleições. As mulheres disseram não desejar novas experiências políticas em maior número do que os homens. Percebe-se, assim, o quanto a experiência vivenciada por Claise não é um fato isolado e o quanto é comum esse tipo de atitude machista e preconceituosa por parte das famílias de mulheres que seguem a carreira política.

O primeiro evento foi realizado no bairro Dr. Laureano²⁶⁰ em abril de 2010, com a presença de lideranças políticas. Claise, em discurso, justificou sua saída da SMASDH, considerando os encargos de sua campanha, situando as razões pelas quais seu nome fora escolhido para concorrer a tal cargo: “E eu sei que o meu nome foi escolhido para eu ser candidata a deputada estadual, não só porque eu sou a esposa do Zito, mas também porque eu tenho credibilidade.”²⁶¹ Ela apontou, ainda, sua preocupação com o futuro político do marido e a percepção que tinha de sua candidatura e a de sua enteada, Andreia Zito, candidata à reeleição, como deputada federal, ambas ligadas à campanha dele para a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

A reeleição do Zito já está aí. Esse ano vai passar correndo por conta da eleição, Copa do Mundo. Nós queremos o ano que vem para realizar tudo que temos que realizar, porque o próximo ano já é a reeleição do nosso prefeito. E eu sei que através da minha eleição, da eleição da Andreia Zito (deputada federal), portas vão se abrir para o nosso governo.²⁶²

Através dessa fala percebe-se, mais uma vez, a semelhança da trajetória de Claise com a de Eva Perón que, em seus discursos, enfatizava o trabalho e a carreira política do marido. Eva levava essa postura até o leito de morte: em seu último discurso, cerca de um mês antes do seu falecimento, já gravemente acometida por um câncer, pediu à população argentina que cuidasse de Perón em sua ausência (DÍAZ, 2005).

O lançamento oficial da candidatura de Claise aconteceu em maio de 2010, em um clube de Duque de Caxias. Seu discurso buscou apresentá-la como uma política que caminhava em direção a novos desafios:

Quero dizer, para todas as lideranças que estão presentes do PSDB, que vocês não vão se arrepender de ter uma mulher (postulante a uma cadeira de deputada estadual), porque eu sou a Claise Maria Zito [...]. Eu descobri esse dom que eu não sabia que eu tinha. Porque ser político, eu vejo que é um dom. Porque não é fácil ser político com

²⁶⁰ O bairro Dr. Laureano é a localidade onde José Camilo dos Santos Zito Filho iniciou sua vida como empresário, antes de dar início à carreira política. Situa-se próximo ao bairro Copacabana, onde ele e sua família moraram desde os seus nove anos de idade, pouco tempo depois de chegarem do Nordeste. Foi lá que ele iniciou sua atividade política, possibilitando uma melhoria significativa em suas ruas e praças. Até hoje, Zito possui uma residência oficial localizada em frente a uma das praças do bairro (Fonte: Entrevistas concedidas à autora desta tese por Andreia Almeida Zito dos Santos e Estela Alves de Vasconcelos).

²⁶¹ Trecho do discurso proferido por Claise, no Blog Por Priscila Paiva. Disponível em: <<http://porpriscilapaiva.wordpress.com/2010/04/30/claise-maria-zito-ja-costura-sua-caminhada-a-deputada-estadual/>>. 30 abr. 2010. Acesso em: 21 fev. 2015.

²⁶² Ibidem.

responsabilidade e credibilidade [...]. Sendo o meu marido presidente (estadual) do PSDB, eu participei em algumas visitas que ele fez nos municípios do Estado. E nós tivemos reuniões partidárias, onde eu percebi a falta da presença das mulheres [...]. Eu me senti na responsabilidade de mudar essa história, e coloquei a mão na massa.²⁶³

Cabe aqui uma observação: o trecho do discurso acima destaca que sua candidatura foi fruto de uma observação sobre a ausência das mulheres nas atividades do partido, diferentemente da sua fala em entrevista à autora desta tese, quando Claise apontou que o desejo de sua candidatura não foi seu, e sim do partido político.

Claise reconhecia o quanto suas atitudes em prol da candidatura estavam trazendo impactos para sua vida conjugal. “Eu comecei a me destacar muito [...] e aí eu tive um problema muito sério no meu casamento: meu marido não aceitava isso, não.”

Embora, como marido, tenha sido contrário a sua candidatura, Zito foi o “padrinho político” de Claise, apoiando-a publicamente em diversos aspectos: vinculou e veiculou sua imagem à da esposa em todos os materiais de campanha, inclusive abraçado a ela e a sua própria filha, Andréia Zito que era candidata à reeleição como deputada federal. Compareceu a várias atividades de campanha, como caminhadas e comícios e, principalmente, apontou-a como sua candidata.

Na fotografia abaixo, fica explícito o apoio de Zito à campanha de Claise ao cargo de deputada estadual. Ela e a enteada apoiam-se nele, deixando evidente que ele lhes servia de sustentáculo político.

²⁶³Ibidem.

Foto 48 - Zito aparece ao lado das suas duas candidatas nas eleições de 2010.



Fonte: Site Globo.²⁶⁴

Ao lançar sua candidatura como “Claise Maria Zito”, ela faz uso do que Correa (2003 apud DUARTE, 2008) chama de “renome”, ou seja, a utilização do sobrenome e/ou apelido do marido como estratégia de “re-conhecimento” de suas biografias socio-políticas. Duarte (2008) verificou em seu estudo, realizado em um município da Baixada Fluminense, que tal atitude é comum às mulheres que se candidatam a cargos políticos nessa região e que são esposas de lideranças políticas, comunitárias e/ou religiosas.

Considero extremamente interessantes e paradoxais os dois papéis desempenhados por Zito. De um lado, estava o marido que não queria que a esposa concluísse o curso superior, nem que se destacasse profissionalmente: “A minha vida profissional nunca importou para ele, então, eu tive que lutar para fazer uma faculdade, tive que romper várias barreiras”, como Claise me apontou em entrevista: um marido que desejava que se voltasse para o espaço doméstico e todas as tarefas inerentes a ele: “Ele achava que a Claise deveria só lavar, passar, cozinhar, ser a esposa e dentro de casa”. De outro, tratava-se de um dos maiores líderes políticos da Baixada Fluminense: vereador, deputado estadual e prefeito de Duque de Caxias em mais de um mandato,

²⁶⁴ Disponível em: < www.extra.globo.com>. Acesso em: 18 jul. 2015.

tendo como característica de sua trajetória política o apoio a candidaturas de aliados e parentes, construindo o que Barreto (2006) chama de “clã Zito”.

Neste sentido, as “saídas” das mulheres (COSTA, 2004 apud PERROT, 1994, p. 1) põem em cena as crises de masculinidade, que se transformam em “fenômenos naturais da intimidade, vistas como decorrências das chegadas das mulheres a lugares masculinos, ocultam pactos e outros processos sociais complexos, cheios de ambiguidades”. Questiono, portanto, até que ponto essa atitude paradoxal de Zito não é fruto de uma crise de masculinidade, que poderia ser amenizada através da conciliação e de acordos entre os envolvidos, ou seja, ele e Claise, ou se somente poderia ser sanada de forma radical, com a separação conjugal. Foi esta a atitude tomada por ele.

“A abelha fazendo o mel vale o tempo que não voou / A estrela caiu do céu, o pedido que se pensou / O destino que se cumpriu de sentir seu calor e ver todo / Todo dia é de viver para ser o que for e ser tudo”²⁶⁵

A atuação e o carisma de Claise fizeram com que, em outubro de 2010, fosse eleita deputada estadual, com significativos 34 mil votos, então, a única parlamentar mulher eleita por Duque de Caxias para a ALERJ, dentre outros seis parlamentares. Mas ao alcançar esse posto político, a bancada feminina será de apenas 13 mulheres entre os 70 parlamentares da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Expressa-se, também, a oposição de forma mais evidente daquele que a levara para a política: seu marido, Zito.

²⁶⁵ GUEDES, Beto. *Amor de índio*. [s.l.; s.n.], 1978.

Foto 49- Claise na porta da ALERJ, no dia da posse, com uma vereadora de Duque de Caxias e parentes.



Fonte: Site da vereadora Fatinha.²⁶⁶

Na foto acima, Claise demonstra felicidade em sua posse como deputada estadual. Junto a ela estão seus pais, seu filho, seu irmão e uma vereadora de Duque de Caxias, Maria de Fatima Pereira de Oliveira. Chama a atenção no registro, a ausência de seu marido e padrinho político. A ausência de Zito expõe indícios do rompimento conjugal que aconteceria em breve. A postura dele pode ter sido mais um sinal de “crise de masculinidade”, resultado do movimento feito pelas relações de gênero e pelas relações sociais a partir da busca das mulheres por instrução (COSTA, 2004), bem como, por um lugar no espaço político.

A chegada à ALERJ trouxe para Claise o que ela chama de “independência política”. Tal patamar fez com que a resistência inicial do marido a sua candidatura se transformasse na impossibilidade da convivência conjugal. Algum tempo após a posse, como deputada, Zito saiu de casa; o casamento acabara.²⁶⁷ Ela diz: “Ele me abandonou, abandonou o lar. Eu não tenho pudor nenhum em falar isso. Ele me abandonou para que eu, sozinha, não conseguisse chegar a lugar nenhum”.

²⁶⁶ Disponível em: <<http://fatinhavereadora.myrina.uni5.net>>. Acesso em 18 jul. 2015.

²⁶⁷ Pesquisa realizada por Meneguello et al. (2012, p. 28) junto às parlamentares brasileiras revelou experiências e situações semelhantes à da primeira-dama de Duque de Caxias: “Fui casada com um homem machista que não compreendeu o meu papel na política. Terminamos nos separando [...]. Ele achava que o papel das mulheres não era na política” (Entrevista concedida pela deputada estadual da Bahia Eliana Boaventura).

Foi perceptível na entrevista que Claise me concedeu, o tom de denúncia, mágoa e tristeza; um misto de emoções e sentimentos ao falar das atitudes de resistência de seu marido à sua carreira e do fim do casamento. Chamou a atenção, também, que, durante as duas entrevistas, a deputada estadual não mencionasse o nome de José Camilo dos Santos Zito Filho e nem mesmo o seu apelido Zito. Ela se referia a ele como “ex-prefeito de Duque de Caxias”. Era como se a figura pessoal de seu ex-marido, do homem com o qual, no passado, dividia sua vida, tivesse deixado de existir e tivesse de ser substituída pela figura pública: a de “ex-prefeito”.

*“Livre, livre para o amor / Quero ser assim / Senhora das minhas vontades e dona de mim”*²⁶⁸

A separação conjugal e política irá descortinar para essa assistente social sua força interior e um novo universo. E, se auto-define: “Sou uma mulher guerreira. Tirei o sobrenome dele e hoje eu enfrento a vida profissional como Claise Maria.” A fala de Claise demonstra o quanto, a partir de uma experiência traumática, ela desenvolveu forças para a superação de questões conflitivas, como também cunhou uma identidade, não mais à sombra política e conjugal do marido, mas a partir de sua própria personalidade.

Em entrevista ao jornal *Extra*, após perder a reeleição para a prefeitura de Duque de Caxias, em outubro de 2012, Zito falou sobre a eleição de Claise: “Eu a elegi! Uma eleição difícil. [...] Mas ela foi eleita”. É interessante perceber como ele se coloca como o principal responsável pela eleição da ex-mulher, desconsiderando, inclusive, o papel dos eleitores, através do voto direto. Ele confessou: “Eu não queria ela candidata. Sabia que daí a um tempo isso ia afetar nosso relacionamento”.

Nessa reportagem, Zito disse, pela primeira vez publicamente, ter sido contra a candidatura de Claise. Ele lembrou outro episódio em que sua vida pessoal acabou se misturando com sua vida política, quando, anos atrás, tinha se separado de Narriman Felicidade, após sua eleição para a prefeitura de Magé.²⁶⁹ Ele ressaltou também ter sido contra a candidatura de sua esposa, na época: “Ela se candidatou. [...] Eu avisei que não seria uma boa e deu no que deu. As coisas a partir dali não ficaram como antes.” Ele

²⁶⁸ DEBÉTIO, Paulo; REZENDE, Paulinho. *Uma nova mulher*. [s.l.; s.n.], 1989.

²⁶⁹ Primeira mulher a ocupar o cargo e também protagonista desta tese.

encerrou a entrevista rindo, quando o repórter lhe disse: “As mulheres foram reconhecidamente o seu ponto fraco”. Ele disse ainda que seus planos para o futuro eram constituir uma nova família e ter mais filhos.²⁷⁰

Como aponta Scott (1994, apud MARTINS, 1997), é interessante e necessário compreender “[...] como as hierarquias de gênero são construídas e legitimadas. A ênfase no “como” sugere um estudo de processos, não de origens, de causas múltiplas, ao invés de causas únicas, da retórica e do discurso, ao invés da ideologia ou da consciência” (MARTINS, 1997, p. 152). Não considero esse posicionamento de Zito como explicativo para toda a trama de sentimentos, paixões e política que existia entre ele e Claise, mas o considero importante, pois foi esse o único momento em que ele se posicionou publicamente sobre a carreira política dela.

Claise transformou toda a frustração e mágoa de não ter tido o apoio político do marido no foco de seu mandato como deputada estadual: a atenção às mulheres, especialmente, às chefes de família que foram abandonadas pelos maridos e companheiros. Como ela mesma explicou, mulheres que “têm que ser pai e mãe ao mesmo tempo e precisam ter seu espaço no mercado de trabalho para garantir o sustento da família e a sobrevivência dos filhos”. Claise acredita que “[...] nada acontece por acaso, tudo tem um porquê, um para quê”; assim, tal episódio traumático em sua vida a direcionou para um segmento populacional extremamente vulnerável: mulheres pobres e chefes de família.

O modo como a ex-deputada estadual lidou com a separação conjugal, transformando o abandono que sentiu em bandeira de luta – fazendo desse episódio uma possibilidade de identificação com outras mulheres que viveram situações semelhantes – evidencia uma sororidade, ou seja,

expressa um “natural” sentimento de solidariedade entre mulheres. [...] uma ideia-força” que atua “associando e mobilizando mulheres diferentes entre si em lutas por direitos [...]. Essa ideia, de fato, toca fundo as sensibilidades das mulheres, e tem um caráter inaugural e propulsor de agitação e de movimento intensos [...] Essa matéria invisível, além de associar mulheres muito diferentes entre si, define pertencas a “causas” comuns [...] (COSTA, 2009, p. 13).

²⁷⁰ Zito possui três filhos: uma de seu primeiro casamento, Andreia Zito, e dois do casamento com Narriman Felicidade.

Dessa forma, ao contar para suas eleitoras o que aconteceu em sua vida privada, especialmente em sua campanha eleitoral, em busca da reeleição, ocorrida em 2014, Claise tentava mostrar: “Eu sou mulher! Eu sou como você! Eu te entendo!” Ela contava de forma resumida para seu eleitorado que havia sentido a dor do abandono conjugal, evocando esse pertencimento como mulher em seus discursos, inclusive, no horário eleitoral. Tal posicionamento também pode ser analisado a partir de possíveis elos entre ela e seu eleitorado, como aponta Álvares(2013, p. 3): “Os vínculos que as mulheres estabelecem com sua comunidade se tornam maneiras de ‘fazer política’”.

Mais uma vez, Claise se assemelha a Eva Perón quando esta retratou em seu discurso o quanto se reconhecia como mais uma das mulheres argentinas e como percebia a necessidade do reconhecimento dos direitos, especialmente políticos, para esse segmento:

La mujer del Presidente de La Republica que os habla no es mas que una argentina más, la compañera Evita, que está luchando por la reivindicación de millones de mujeres injustamente postpuestas em aquello de mayor valor em toda consciencia. [...] Yo considero, amigas mias, que há llegado el momento de unimos em esta fase distinta de nuestra actividad cotidiana. [...] Aquella que se volco em la Plaza de Mayo em el 17 de octubre, aquella que hizo oir su voz em la fábrica, em la oficina y em la escuela, aquella que dia a dia trabaja junto al hombre em toda gama de las actividades de una comunidad dinámica, no puede ser solamente la expectadora de los movimientos políticos. [...] La mujer debe afirmar su acción [...] debe ocupar su sitio em el complejo engranaje social de um pueblo (BORRONI et al., 1970, p. 77-79 apud DÍAZ, 2005, p. 77).

Houve outra mudança na vida de Claise, após a separação conjugal, a partidária: ela saiu do PSDB e filiou-se ao PSD, já que também se percebia sem espaço no partido. Ela se viu “sozinha, na ALERJ, sem a ajuda de ninguém, rompendo barreiras”. Outro aspecto que fez com que ela realizasse essa transição foi o caráter de oposição que o PSDB tinha em relação ao governador do estado do Rio de Janeiro, na época Sérgio Cabral, fazendo com que a atuação dos parlamentares fosse prejudicada, já que constantes eram as brigas na ALERJ quando eles desejavam se posicionar. Era “o tempo todo uma brigalhada, e eu não tenho perfil para brigar, mas eu queria realizar. Eu, sendo oposição ao governo, como eu ia realizar?” Claise encontrou então, no PSD, o apoio de que precisava. “Foi aí que mudei, tomei a decisão mais acertada para mim,

porque foi quando consegui construir minha história independente na política”, sendo, inclusive, em 2014, a presidente do partido no município de Duque de Caxias.

As fotos a seguir são do lançamento do PSD Mulher, o diretório feminino do partido; Claise aparece em ambas. Na primeira, à esquerda, vestindo rosa, flagrada conversa com a deputada estadual Solange Amaral, enquanto os demais observam a deputada Miriam Rios discursando. Na segunda, Claise esbanja simpatia, mais uma vez, ao lado de Solange Amaral e da deputada Graça Pereira, em homenagem à major da Polícia Militar, Priscilla Azevedo, da UPP do Morro Santa Marta.

Foto 50- Lançamento do PSD Mulher, ocorrido em 2012.



Fonte: PSD Goiás.²⁷¹

Essa assistente social, especialista em Gestão Pública, ao longo de seu primeiro mandato como deputada estadual foi autora de 65 projetos de Lei²⁷² e 22 leis²⁷³ (ALERJ, 2015).

²⁷¹Disponível em: <<http://psdgoias.blogspot.com>>. Acesso em: 18 jul. 2015

²⁷² Um deles é o SISTMULHER – RJ, que prevê a criação de um programa informatizado específico para o registro de casos de violência contra as mulheres.

²⁷³ Entre elas, a Lei 6.381/13, que garante às crianças e adolescentes o reconhecimento de paternidade e o acréscimo do nome do pai às certidões de nascimento e demais documentos a partir da atuação das direções de escolas, que devem comunicar ao Ministério Público tais casos, com base no seu universo de alunos, de modo que o órgão possa acionar a mãe da criança para que efetue contato com o pai e sejam tomadas as medidas necessárias. Em entrevista à autora, Claise explicou essa lei, bem como as suas motivações: “Hoje é obrigação ter o nome do pai no registro de nascimento da criança por conta dessa minha lei. Aqui em Duque de Caxias está acontecendo o *Cumpra-se*; se a mãe for matricular seu filho no colégio, nós temos parceria com as escolas municipais e estaduais. Quando a mãe vai matricular e o colégio observa que não tem o nome do pai, pergunta para essa mãe se há interesse em colocar o nome do

Foto 51 - A ex-deputada Claise recebe homenagem da ACTERJ.



Fonte: Jornal Capital.²⁷⁴

Claise foi Presidente da Comissão de Assuntos da Criança, do Adolescente e do Idoso e, a partir de tal atuação, organizou uma audiência pública sobre o combate ao crack.²⁷⁵ O trabalho à frente dessa comissão foi reconhecido inclusive por conselheiros tutelares, que a homenagearam com a entrega do troféu Amiga do Conselheiro Tutelar, em fevereiro de 2014, através da Associação dos Conselheiros Tutelares do Estado do Rio de Janeiro (ACTERJ).

pai, se a mãe falar que há o interesse, mas o pai não quis assumir, é enviado para o Ministério Público, e o Ministério Público acha esse suposto pai, conversa com ele e se ele continuar afirmando que ele não é o pai, é feito um teste de DNA gratuito. Comprovando que o Sr. Joaquim é o pai do Pedrinho, entra automaticamente o nome do Sr. Joaquim no registro do Pedrinho. Isso está beneficiando várias e várias crianças que não passam mais por bullying por causa disso, que não passam mais por tratamento psicológico por não ter o nome do pai. Quantas e quantas vezes as crianças têm falta de rendimento escolar por não ter o nome do pai no registro.”

²⁷⁴Disponível em: < www.jornalcapital.jor.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

²⁷⁵Ferreira (2006) e Pinheiro (2008) apontam que as comissões presididas por mulheres, na maioria das vezes, são voltadas para temáticas ligadas ao cuidado, como crianças, adolescente, idosos, assistência social e direitos humanos, reatualizando, assim, o papel de cuidado que historicamente coube à mulher na sociedade patriarcal. Ferreira (2006), ao analisar a atuação das deputadas estaduais do Maranhão, verificou que as lideranças de tais comissões pelas deputadas possibilitou um avanço dessas comissões no espaço legislativo, algo que nunca tinha ocorrido anteriormente.

Foto 52 - Reunião da comissão de Assuntos da Criança e do Adolescente e do Idoso, presidida pela deputada estadual Claise Maria realizada em 11 dez. 2013.



Fonte: ALERJ, 2014.²⁷⁶

Esse trabalho junto à Comissão de Assuntos da Criança, do Adolescente e do Idoso trouxe satisfação à Claise, fazendo com que o descrevesse com entusiasmo. Mas a ex-deputada chamou a atenção para as raras matérias jornalísticas sobre a atuação dos parlamentares, daquela comissão específica ou de qualquer outra:

A gente não consegue que a mídia venha dar suporte [...], que venha estar lá para dar a notícia, para dizer o que foi falado [...]. Um jornal: O Dia, O Extra, O Globo, que venha nos dar suporte. É difícil. A não ser que seja um assunto do momento.

Ela comparou o espaço que teve em um jornal, quando uma lei de sua autoria sobre reconhecimento de paternidade foi sancionada, ao espaço de uma notícia sobre corrupção. Contudo, concorda com as iniciativas - como a Ficha Limpa, que garantem a conduta do político.

Percebe-se como, apesar da inexperiência, a ex-parlamentar se orgulha da sua conduta política ilibada. Outro feito de Claise, dessa vez no âmbito municipal, foi o apoio ao “Projeto 60 mais / Terceira Idade com Qualidade”, da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Sob o comando de Alexandre Cardoso (PSB), o projeto visa à implantação de academias de ginástica para idosos em praças do município. Claise esteve presente na inauguração da primeira academia, localizada no bairro 25 de agosto, ocorrida em dezembro de 2013, como mostra a imagem.

²⁷⁶ Disponível em: < Fonte: www.alerj.rj.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Foto 53 - Inauguração da primeira academia para idosos de Duque de Caxias, em dezembro de 2013.



Fonte: Portal da Prefeitura de Duque de Caxias.²⁷⁷

A fotografia retrata o encontro de Claise com o atual prefeito de Duque de Caxias, Alexandre Cardoso, o vice-prefeito, Laury Villar, e o secretário estadual de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida, na inauguração da obra municipal. A imagem deixa em evidência a postura de quatro políticos em primeiro plano, com um dos aparelhos da academia de ginástica ao fundo. Mais uma vez, única mulher na cena, a ex-deputada aparenta uma postura de posicionamento político. E sua beleza está salientada pela vestimenta formal e discreta. Pode-se observar claramente o crescimento da imagem política de Claise: em três anos de atuação como deputada estadual, após um período de um ano à frente da SMASDH de Duque de Caxias, ela se tornou uma referência feminina na política da Baixada Fluminense. Exemplo disso é sua circulação em diferentes ambientes político-partidários. Ao apoiar a iniciativa municipal, ela se relacionou politicamente com dois personagens da história política recente de Duque de Caxias: Alexandre Cardoso, o atual prefeito, que enfrentou Zito nas eleições municipais de 1996, 2004 e 2012, saindo vitorioso somente em 2012; e Laury Villar, o atual vice-prefeito, secretário de esportes de diferentes governos municipais, inclusive nas gestões

²⁷⁷Disponível em: < www.duquedecaxias.rj.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

de Zito, e vereador.²⁷⁸ O encontro imortalizado pela fotografia mostra duas figuras masculinas do município de Duque de Caxias – Alexandre Cardoso e Laury Villar – que se tornaram líderes políticos, com uma figura feminina que deixou o posto de primeira-dama e desenvolveu sua identidade política. Como aponta Perrot (1991 apud SAYÃO, 2003, p. 138), “as mulheres souberam apoderar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados para alargar sua influência até as portas do poder”.

Outro aspecto da atuação parlamentar de Claise foi a sua participação na Frente Parlamentar da Bancada Feminina da ALERJ.²⁷⁹ Ela deixou em evidência o entusiasmo que tinha por fazer parte dessa iniciativa pautada em encontros em que se discutiam estratégias a serem criadas pelas deputadas estaduais, que eram minoria na Casa, visando parcerias. Em tom descontraído, ela confessou: “Porque tem muito homem para pouca mulher, amiga, não é mole não”.

²⁷⁸ Em 2004, o “Rei da Baixada” apoiou a candidatura de Laury Villar à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, pois não poderia concorrer ao terceiro mandato consecutivo. Villar não foi eleito, e na época a imprensa noticiou que uma das diferenças entre o “discípulo e o mestre” era a ausência de carisma do primeiro (BARRETO, 2006).

²⁷⁹ A bancada era composta pelas 13 deputadas de diferentes filiações partidárias que, através de reuniões quinzenais, buscaram aliança na criação de políticas públicas para as mulheres. Em 31 de maio de 2011, através do Projeto de Resolução 50/11, foi criada a Frente Parlamentar da Bancada Feminina da Assembleia Legislativa do Rio (ALERJ), com o objetivo de discutir a baixa representação de mulheres “nos espaços de poder e decisão”. O grupo foi criado pelas 13 deputadas eleitas para a legislatura de 2011 a 2015. “Sabemos que, mesmo o Brasil vivendo uma democracia, as mulheres ainda representam minoria nos espaços de poder. Por isso, achamos muito importante que estejamos unidas na discussão de todos os assuntos, não somente aqueles que a sociedade pensa ser da alçada das mulheres – mas todos os assuntos sob o nosso ponto de vista”, defendeu a presidente da comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da ALERJ, a deputada Inês Pandeló (PT). “A criação dessa frente não se trata de forma alguma de travar uma guerra de gêneros, uma guerra entre homens e mulheres. Pelo contrário: vem apenas reafirmar o papel da mulher, que vive um momento muito especial com a eleição da primeira mulher presidente do Brasil, que tem servido de exemplo para tantas que querem se engajar na luta política, na luta pelo bem comum”, apontou a deputada Clarissa Garotinho (PR). A deputada Rosângela Gomes (PRB) também defendeu a frente como uma incentivadora da participação feminina na disputa eleitoral. “Espero discutir políticas públicas que incentivem as mulheres a participar do processo político. É importante vermos mais mulheres submetendo seus nomes ao processo eleitoral para termos uma maior representação nas casas municipais e também neste Parlamento, onde, de 70 deputados, apenas 13 são mulheres”, afirmou. Fonte: ALERJ.

Foto 54 - Fotografia de uma das reuniões da Frente Parlamentar Feminina da ALERJ.



Fonte: ALERJ, 2014.

Esse grupo de mulheres reunidas: são as deputadas do estado do Rio de Janeiro, um dos registros fotográficos da Frente Parlamentar Feminina. Claise, trajando vestido floral, presta atenção à fala da colega; em seu colo, alguns papéis que, provavelmente, serviam de subsídio à sua atuação parlamentar. Neste universo, a deputada pode conviver e, provavelmente, aprender, com grandes nomes femininos da política carioca, como Cidinha Campos,²⁸⁰ que está do seu lado direito, e Inês Pandeló,²⁸¹ que está a sua frente. Tal iniciativa relembra o *Lobby do Batom*,²⁸² ocorrido em 1988, que se organizou a partir da iniciativa de 26 deputadas federais de diferentes partidos políticos, que se uniram para a apresentação de 30 emendas para a Constituição Federal voltadas para os direitos das mulheres (PINTO, 2007).²⁸³

²⁸⁰ Jornalista que iniciou sua carreira política na década de 1990, tendo tido vários mandatos como deputada estadual do Rio de Janeiro e como deputada federal.

²⁸¹ Vereadora e prefeita de Barra Mansa, município do interior do Rio de Janeiro. Deputada do estado do Rio de Janeiro desde 2002, tendo sido eleita sucessivamente, encontrando-se, atualmente, no seu quarto mandato.

²⁸² Segundo Borba (1998 apud MOREIRA, 2010, p. 24), a origem da nomenclatura “Lobby do Batom” se deu em virtude de uma “brincadeira” realizada por alguns constituintes acerca da articulação do movimento feminista no Parlamento Federal.

²⁸³ Assim constituiu-se o “movimento de sensibilização dos deputados e senadores sobre a relevância de considerar as demandas das mulheres para a construção de uma sociedade guiada por uma Carta Magna verdadeiramente cidadã e democrática” (PITANGUY, [20-?], p. 2). Como aponta Azevedo et al. (2011, p. 121), “A semente da bancada feminina já estava lançada quando as mulheres constituintes começaram a ser vistas como um grupo que, embora internamente divergente em outros aspectos, mostrava um grau elevado de convergência quanto a temas especialmente relevantes para as mulheres. Foi [...] o surgimento de uma nova realidade política”.

Mas a vida ainda tinha mais surpresas para essa meritiense de origem modesta. Em fevereiro de 2013 ela recebeu o convite de Sérgio Cabral, então governador do Estado do Rio de Janeiro, para assumir a Secretaria Estadual de Trabalho e Renda. De março a junho de 2013, ela foi a primeira mulher a ocupar tal posto em toda a história do governo do Estado. Ela avalia essa experiência: “Foi uma grande oportunidade que eu tive até por conta da decisão da mudança de partido”. Ela teve uma gestão à frente dessa secretaria estadual voltada para a mulher, já que observava que as gestões anteriores não haviam tido esse olhar.

Percebo que essa é a marca da sua atuação política, desde o início de sua trajetória, ainda no âmbito municipal. Já na posse do novo cargo, ocorrida na Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro, ela anunciou em seu discurso que uma de suas prioridades seria a criação de linhas de crédito voltadas à geração de empregos para mulheres.

Ao avaliar o trabalho que desenvolveu à frente desse órgão, ela acredita que conseguiu transformá-lo a partir de uma perspectiva de gênero: “Eu pude dar um diferencial naquela secretaria, focando para a mulher, que antes não existia”.

Foto 55 -Posse de Claise, como secretária estadual de trabalho e renda.



Fonte: Governo do Rio de Janeiro.²⁸⁴

²⁸⁴ Disponível em: < www.rj.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Foto 56 - Claise em sua posse junto a lideranças do PSD.



Fonte: Governo do Rio de Janeiro.²⁸⁵

As fotografias da posse de Claise demonstram sua empolgação e alegria ao aceitar o novo desafio. Na primeira fotografia, ela discursa espontaneamente utilizando, inclusive, as mãos para se expressar, conferindo ênfase a suas colocações. A segunda mostra todos os presentes, lideranças do PSD, junto com a mais nova secretária estadual, que segura um belo buquê de flores. Chama a atenção o baixo número de mulheres, três, em comparação com o número de nove homens.

*“Nada do que foi será / De novo do jeito que já foi um dia ...”*²⁸⁶

Mas como a vida de Claise não combina com monotonia, um novo capítulo estava por se inaugurar: a sua candidatura à reeleição como deputada estadual, em junho de 2014.

Foto 57 – Divulgação da campanha de 2014.



²⁸⁵ Ibidem.

²⁸⁶ SANTOS, Lulu. *Como uma onda*. [s.l.; s.n.], 1996.

Fonte: Eleições 2014.²⁸⁷

Claise falou com muito entusiasmo sobre sua campanha eleitoral na primeira entrevista, como se aquela fosse a sua primeira campanha política. Suponho que isto se deve ao fato de seu protagonismo, diferentemente de sua campanha anterior, quando ainda era a primeira-dama de Duque de Caxias, esposa de Zito. Ela explicou:

Preciso ser reeleita para dar continuidade a esse trabalho. Minha reeleição é muito importante para me consolidar Claise Maria na política, então para mim é uma questão de honra a minha reeleição. Pretendo continuar trabalhando em prol das mulheres. Sendo reeleita eu tenho aí um objetivo.

Claise obteve um significativo apoio do PSD na campanha em busca de sua reeleição. Na Convenção Estadual, ocorrida em junho de 2014, ocasião em que sua candidatura foi confirmada, ela também recebeu elogios de outros políticos. Índio da Costa, presidente do partido, afirmou ao jornal *O Capital*: “O PSD realizou um ótimo trabalho na pasta de Trabalho e Renda com a criação da Casa do Trabalhador e elevou o estado à condição de maior gerador de vagas de empregos do país, e tudo isso começou com a Claise”.

Foto 58- Claise com Pezão, candidato do PSD ao governo do estado do Rio de Janeiro, e com Índio da Costa, presidente do PSD e candidato a deputado federal.



Fonte: Jornal Capital.²⁸⁸

²⁸⁷ Disponível em: < www.eleicoes2014.com.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

²⁸⁸ Disponível em: < www.jornalcapital.jor.br>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Como observado nas fotografias, Claise recebeu o apoio de duas significativas lideranças do partido: Pezão, o então candidato ao governo do estado do Rio de Janeiro e Índio da Costa, candidato a deputado federal.²⁸⁹ Assim, iniciava-se mais uma jornada dessa “guerreira”, como ela mesmo se intitula.

Foto 59- Claise Maria Alves em diferentes momentos de sua campanha à reeleição.



Fonte: página pessoal de Claise.²⁹⁰

O conjunto de fotografias que foram selecionadas de uma página de rede social, (*Facebook*) criada pelos assessores de Claise, mostra diferentes momentos de sua

²⁸⁹ Ambos, Pezão e Índio da Costa, foram eleitos em 2014.

²⁹⁰ Disponível em: < <https://www.facebook.com/claisemaria?fref=ts>>. Acesso em: 2014.

campanha eleitoral à ALERJ, em 2014. A primeira fotografia salienta o protagonismo político de Claise e a segunda apresenta a ex-deputada aberta ao diálogo com seus eleitores e eleitoras. Na terceira fotografia, Claise aparece discursando, argumentando e, assim, apresentando o seu jeito de ver e de fazer política.

Ficou evidente o quanto apesar de ela ter uma grande equipe de assessores e profissionais responsáveis pela sua campanha, ela foi a comandante de todas as estratégias e atividades. Percebi, no primeiro encontro, também, minha primeira entrevista com Claise, que ela tomou para si as rédeas dessa sua campanha política, diferentemente da ocorrida quatro anos antes, quando ainda era casada com Zito. Vislumbro que esse foi um desdobramento da postura iniciada por ela, anos atrás, quando tomou para si a condução de sua vida pessoal, seus sonhos e desejos.

Claise tinha a última palavra em tudo o que se referia a sua campanha, desde a definição da agenda, das roupas a usar, da programação e dos itinerários de suas caminhadas políticas. Pude perceber isso quando, após me conceder a primeira entrevista, Claise perguntou a um assessor, qual seria o trajeto da caminhada que iriam fazer em Xerém.²⁹¹ Diante da resposta, ela disse: “Essa é a área de “fulano de tal”!²⁹² Não vamos para lá! Xerém é enorme!”.

Todo o material da campanha política de Claise, na eleição de 2014, a apresentava como “Claise Maria”. Ficou claro para a população de Duque de Caxias que ela e Zito estavam separados.

Ao iniciar sua segunda candidatura à ALERJ, Claise não imaginava que, além de enfrentar 2.038 candidatos (TSE, 2014), alguns deles de Duque de Caxias, um seria seu ex-marido.²⁹³ Tal fato é inédito na carreira política de Zito, embora ele tenha lançado vários políticos que nomeio como seus filhos políticos conforme Gonçalves (2006): Dr. Heleno, seu advogado; Waldir Zito, seu irmão; Laury Villar, secretário de esportes de seu governo; Andreia Almeida Zito dos Santos, sua filha; Narriman Felicidade e Claise Maria, todas suas ex-esposas. Ele nunca os tinha enfrentado nas urnas, após o rompimento das relações, até então, estabelecidas.

²⁹¹ Distrito rural de Duque de Caxias.

²⁹² O nome de determinado candidato à ALERJ.

²⁹³ Em entrevista concedida ao Portal G1, Zito sinalizou que o cargo de deputado estadual ao qual estava se candidatando fazia parte de uma estratégia política para sua volta à Prefeitura de Duque de Caxias. “Ainda sou jovem, tenho 61 anos. Quero mostrar que o povo é digno e a cidade de Caxias digna de ter um prefeito que tem a cara do povo. Fiquei devendo no meu último mandato, mas quero voltar a ser prefeito”. Zito não cita na reportagem o nome de Claise.

Claise, como uma guerreira, como ela mesma se intitula, foi a única das “filhas políticas” de Zito (GONÇALVES, 2006) que o enfrentou nas urnas, após o rompimento do seu relacionamento conjugal. Mas na empreitada em busca de seu segundo mandato na ALERJ, Claise Maria não foi vitoriosa, tendo recebido, em outubro de 2014, 7.762 votos.²⁹⁴ A primeira atitude pública de Claise após a apuração dos votos foi publicar uma carta de agradecimento aos seus eleitores na página de sua campanha eleitoral, disponível em uma rede social (*Facebook*), que pode ser lida a seguir:

Foto 60- carta de agradecimento aos eleitores.

Querido amigo e amiga, durante todo este meu mandato você acompanhou o meu trabalho, representando você e a sua família. Tenho a certeza que honrei o meu compromisso com a população do estado do Rio de Janeiro, sendo eleita por duas oportunidades a deputada mais atuante da Alerj.

Mesmo com uma atuação irretocável na Assembleia e um enorme esforço para ver este meu trabalho reconhecido pela população, não foi desta vez que consegui os votos suficientes para seguir por mais um mandato.

Lutei além dos meus limites, mas o resultado não correspondeu ao meu esforço. Sozinha, tive que enfrentar gigantes! Fui às ruas e caminhei pelos quatro distritos de Duque de Caxias, passando por cada bairro, falando em cada esquina e visitei todas as cidades da Baixada Fluminense e quase todo o estado, apresentando o meu trabalho.

A única ajuda com a qual pude contar, veio de vocês, amigos que sempre confiaram em mim e serei eternamente grata por isso. O resultado surpreendeu a todos, mas já estamos de cabeça erguida para seguir em frente! Às vezes, é preciso virar a página e começar do zero, mesmo que isso custe ou doa.

O melhor guerreiro não é quem sempre triunfa, mas quem volta sem medo à batalha!

O meu mandato como deputada estadual irá até fevereiro de 2015 e continuarei meu trabalho à frente da Comissão da Criança, Adolescente e Idoso da Alerj com o mesmo compromisso. Continuo sendo a representante não só daqueles que me confiaram o seu voto, mas de todas as famílias do estado do Rio de Janeiro.

Faço minhas as palavras de Martin Luther King:

"Posso não ter conseguido o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito!"

Um forte abraço!

**Da sua Deputada Estadual
CLAISE MARIA**



Fonte: página pessoal de Claise.²⁹⁵

²⁹⁴ Seu ex-marido, Zito (PP) foi eleito deputado estadual, com 24.491 votos (TSE, 2014).

²⁹⁵ Disponível em: < <https://www.facebook.com/claisemaria?fref=ts>>. Acesso em: 2014.

A candidatura de Claise mostrou o quanto ela havia crescido e amadurecido e conquistado um espaço seu a partir de alianças, apoiada, principalmente, pelo PSD, seu partido político. Tal candidatura a apresentou longe das possíveis sombras de outrora. Tal momento fez com que a luminosidade fosse lançada sobre ela e assim pudesse apresentar sua identidade, como mulher, deputada estadual, oriunda da Baixada Fluminense.

Percebo que nessa campanha, Claise lutou em prol de sua reeleição, mas também de sua “independência política”. Isso lhe custou mudanças, a sua vida pessoal e conjugal. Claise, na primeira entrevista à autora desta tese, confidenciou que possuía planos políticos também para o município de Duque de Caxias:

Quem sabe posso enfrentar aí um desafio de uma campanha de candidatura para prefeita no nosso município, de Duque de Caxias, até porque nunca houve na história de Duque de Caxias, uma mulher, não é? Se eu tiver um grupo político que me apóie nisso, se eu vir que essa questão da mulher está empolgando as mulheres do nosso município. Se eu realmente vir que há um desejo das mulheres do meu município, eu enfrento esse desafio por elas, por nós, entendeu?

“Como será o amanhã? / Me diga quem puder / O que irá me acontecer? / O meu destino será / Como Deus quiser”²⁹⁶

Meu segundo encontro com Claise se deu em dezembro de 2014, em seu gabinete na ALERJ, com paredes delicadamente decoradas nas cores rosa e creme.²⁹⁷ Nessa ocasião, ela disse que não desejava falar sobre planos futuros, mas confessou que pensava em voltar a estudar, fazer uma nova graduação, em Direito, estimulada pelo filho Yuri, que estava com 20 anos de idade e quase terminando esse curso.

Também declarou que seu filho estava se interessando cada vez mais pela política, mas que ela não o incentivava nessa carreira. Ao longo de sua pequena, mas intensa experiência política, pôde perceber o quanto esse ambiente é hostil. Ela teve maior percepção desse cenário ao ter sido derrotada na última eleição, quando tentava a

²⁹⁶ SÉRGIO, João. *O Amanhã*. [s.l.; s.n.], 1978.

²⁹⁷ Chamou minha atenção a riqueza de detalhes do gabinete de Claise, que contrastava com o ambiente austero e um tanto quanto sombrio da ALERJ. Um papel de parede que alternava listras creme e rosa-bebê dava o tom do mesmo, o chão possuía o tom bege claro, as poltronas eram brancas e todos os móveis bem modernos. Acredito que o ambiente revelava a personalidade daquela que o ocupou por quatro anos. Ao elogiar a decoração de seu gabinete, Claise me agradeceu e falou com certo pesar, que ela e a sua equipe já estavam se organizando para entregar tal gabinete, já que ela não havia sido reeleita.

reeleição como deputada estadual. Contudo, o abatimento de Claise durou pouco tempo. Meses depois do término de seu mandato na ALERJ, foi convidada mais uma vez para ser secretária estadual, como ocorrera dois anos antes. O atual governador do Estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, seu colega de partido, nomeou-a, em abril de 2015, responsável pela Subsecretaria Estadual de Desenvolvimento da Baixada Fluminense. Tal cargo simboliza o quanto Claise se destacou, em um cenário árido para as mulheres, como a política da Baixada Fluminense e como vem construindo um nome forte e cada vez mais reconhecido nesse território. Como ela mesma disse: “Nós, mulheres, temos muito valor. [...] Porque nós ainda temos muitas barreiras para serem rompidas, e eu me vejo como um instrumento para que isso aconteça”.

Toda a trajetória política de Claise deixa evidente o quanto ela construiu e desenvolveu seu empoderamento,²⁹⁸ fazendo que com saísse das possíveis sombras de seu ex-marido, buscasse e encontrasse sua própria luz, seu espaço, seu protagonismo, não somente político. Tal processo envolve sua identidade, fazendo inclusive, com que seu nome se modifique. Claise não somente sobreviveu a todos os grandes obstáculos que surgiram ao longo dos últimos anos, mas fortaleceu-se, transformando-se numa grandelutadora.

Foto 61- Claise com parte de sua equipe de trabalho da Subsecretaria Estadual da Baixada Fluminense, em uma atividade realizada em junho de 2015.



Fonte: página pessoal de Claise.²⁹⁹

²⁹⁸ Conforme aponta Vasconcelos (2003), o empoderamento constitui-se num processo que envolve o aumento de poder e autonomia de sujeitos submetidos a relações de opressão e dominação.

²⁹⁹Disponível em: < <https://www.facebook.com/claisemaria?fref=ts>>. Acesso em: 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Só me resta agora dizer adeus
E depois o meu caminho seguir”³⁰⁰*

Ao iniciar o Curso de Doutorado, apoiada numa perspectiva quantitativa, possuía um olhar muito pessimista sobre a realidade das mulheres na política brasileira, já que o focava somente na escassez delas. A mudança da perspectiva teórica, a aventura da pesquisa qualitativa e o novo desenho que dei a este estudo, fixando-a no exame das trajetórias de quatro mulheres que se destacaram no cenário político da Baixada Fluminense, mostrou-me quase que outro mundo. Percebi que somente a análise quantitativa não daria conta, tamanha a multiplicidade de questões experimentadas por essas mulheres.

Reconheço que tal mudança trouxe-me medo e insegurança, inclusive, porque a fiz no meado do curso. Tal como a metáfora que diz que alguém estava tão ocupado, no quintal, procurando um trevo de sete folhas, acreditando que este lhe daria sorte, que não ouviu as várias vezes em que as oportunidades bateram à sua porta. Eu estava com o olhar voltado para o Parlamento Nacional, sem perceber o que era tão próximo de mim, no município de Duque de Caxias. Entretanto, eu quase que cruzava, como moradora, assistente social, docente e participante do movimento feminista dessa região, com as histórias dessas mulheres que desenvolveram diversas estratégias³⁰¹ a fim de encontrar seus protagonismos políticos. Como aponta Santana (2013, p. 14),

pesquisar experiências de vida não significa abdicar de questões ligadas ao contexto social [...]. As singularidades presentes nas histórias locais requerem o conhecimento de grupos sociais, de ideias e valores disseminados, mas, nem sempre, partilhados da mesma forma.

³⁰⁰ CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. *Despedida*. [s.l.; s.n.]: 1974.

³⁰¹ CERTEAU, 1994.

Ao voltar o meu olhar para o “aconchego”³⁰² da Baixada Fluminense, pude não somente perceber essas trajetórias: elas passavam por mim, desenhando uma delicada trama, já que eu não somente nasci, moro, trabalho há 13 anos como assistente social na região e há 8 anos sou docente do primeiro curso de Serviço Social, de Duque de Caxias. Acompanhei indiretamente a trajetória dessas mulheres, não somente como eleitora, mas também como docente, já que tive amigas, mães e filhas das mulheres apontadas nesta tese, como alunas, bem como orientei o Trabalho de Conclusão de Curso de uma das protagonistas.

Assim, pouco a pouco, percebi o quanto dividia com essas mulheres esse lugar; eu não era uma “estrangeira” no meu campo de pesquisa. Reconheço que essa identidade local favoreceu-me muito. Imagina que as resistências dessas mulheres aos encontros comigo seriam significativas, mas para minha surpresa, todas aceitaram; a grande maioria, logo no primeiro contato. Ao me encontrar com elas pude perceber suas generosidades, aceitando contribuir com minha pesquisa, sem reserva ou pudores, dividindo assim seus sonhos, frustrações e desejos.

Esta tese se ocupou da trajetória de quatro mulheres na política: Estela Alves de Vasconcelos, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos Santos, Andréia Almeida Zito dos Santos e Claise Maria Alves, buscou examinar como o empoderamento desenvolvido por essas mulheres lhes possibilitou crescimento e autonomia, fazendo assim que redesenhassem suas identidades. Empoderamento constitui-se numa estratégia conquistada por mulheres visando mudar suas vidas e assim possibilitar uma transformação social (GITASA et al., 1985 apud SOUZA, 2012, p. 27).

Tal movimento iniciou-se a partir de um afastamento dessas mulheres de José Camilo Zito dos Santos Filho, só assim, elas puderam encontrar seus espaços. Em alguns casos, esses afastamento evoluiu para um rompimento definitivo, como o vivenciado por Narriman e Claise. Já os de Estela e Andreia, possibilitou-lhes o autoconhecimento de seus potenciais, mesmo continuando a atuar com Zito.

Embora, não acredite que o empoderamento se mostre em um momento da vida dessas mulheres, percebo que ele perpassa suas vidas, saliento alguns episódios onde ficou mais evidente: Estela, em 2002, optou por deixar a “segurança” do cargo de viceprefeita e o município de Duque de Caxias, após perceber toda uma trama de mentiras, contruída por secretários municipais, visando não somente, retirá-la do

³⁰² Lembro-me da música de Dominginhos: *De volta pro aconchego*, [19-?].

governo, mas destruí-la politicamente e abalar sua credibilidade para com Zito. E aceitou um convite de um grupo político opositor, para atuar na política de outro município, deixando o cenário, o qual já estava acostumada, para lançar-se no novo, permitir-se uma experiência política, longe daquele que lhe abriu as portas da política. Já Narriman, mesmo estando, ainda, casada com Zito, que na época era um dos maiores líderes políticos do PSDB no Estado do Rio de Janeiro, ao perceber que não tinha seu apoio, em 2002, quando enfrentava significativas dificuldades políticas como prefeita de Magé, se aliou e se solidarizou com Benedita da Silva, do PT. Tal “rebeldia” lhe custou, inclusive, a saída do PSDB. Andreia ao tomar posse como deputada federal, em Brasília, em 2008, buscou sua identidade, o seu modo de fazer política, após afastar-se geograficamente do pai. E Claise, mesmo tendo tido uma complexa separação conjugal, em 2011, com aquele que poucos anos antes era o seu padrinho político, se reconstruiu em diversos aspectos, mudou de partido político, buscou novos aliados, alterou, inclusive, seu nome. E em 2014, enfrentou Zito, seu ex-marido, nas urnas, ambos eram candidatos ao cargo de deputado estadual.

Pude perceber como todas não se deixaram ser possíveis sombras ou marionetes dele, imagem muito comum, conferindo um certo preconceito para com essas mulheres.³⁰³ Como aponta Davis (1997, p. 196): “Cada qual a sua maneira, essas mulheres apreciaram ou adotaram uma posição marginal, reconstituindo-a como centro definido”.

A análise de suas trajetórias mostrou-me muitas diferenças entre essas mulheres, mas também semelhanças as quais chamo de “elos de ligação”.

Esta tese trata de um território pobre, chamado Baixada Fluminense e, coincidentemente, se é que coincidências existem, suas quatro protagonistas possuem uma origem familiar pobre. Três - Estela, Andreia e Claise - nasceram na Baixada e, Narriman, em São Luis (MA). Elas vivenciaram, ao longo da infância e da juventude, as dificuldades financeiras, a preocupação com o amanhã, o comedimento muito característico dessa parcela da população.

Como aponta Santana

pesquisar experiências de vida não significa andicar de questões ligadas ao contexto social (...). As singularidades presentes nas histórias locais também requerem

³⁰³Especialmente no tocante ao “primeiro damismo” nas produções científica do Serviço Social.

o conhecimento de grupos sociais, de ideias e valores disseminados, mas, nem sempre compartilhados da mesma forma (2013, p. 14).

Estela nasceu e foi criada em São João de Meriti, filha de uma dona de casa e de um corretor de imóveis. Dividiu com os três irmãos, sendo ela a mais velha, os altos e baixos financeiros que a família vivenciou, sendo um deles, a falência de seu pai e a perda do único bem que possuíam, a casa onde moravam.

Andréia nasceu em Duque de Caxias, passou a infância nesse município e a adolescência em São João de Meriti, município vizinho e mais carente. Quando nasceu, embora seus pais já fossem casados há dois anos, não tinham casa própria e nem um espaço de privacidade, enquanto casal. Eles viviam na mesma casa que os seus avós paternos. Aliás, a busca da conquista da casa própria, longe das interferências da família de seu pai, só se deu quando ela já era uma adolescente. Andreia presenciou muitos episódios em que sua mãe era humilhada por parentes de seu pai, especialmente, por morar “de favor” no terreno de propriedade deles. A casa própria, após a separação judicial dos pais, surge quase como uma “libertação” do quintal, já que muitas eram as lembranças negativas do período em que ali viveu.

Narriman, a filha mais velha de três irmãos, lembrou com detalhes como a vinda da família de São Luis (MA) para o Rio de Janeiro pareceu a solução das dificuldades: problemas financeiros enfrentados por seu pai, que trabalhava com a exportação de babaçu e estava tendo prejuízos, em virtude de uma crise econômica internacional. Houve também problemas políticos (os quais ressuscitaram anos depois), que faziam com que sua mãe, uma dona de casa, temesse pela segurança de sua família, já que parentes envolvidos na política maranhense estavam sendo ameaçados de morte por grupos políticos inimigos. Ao chegarem à “Cidade Maravilhosa”, a família conseguiu refúgio no bairro suburbano de Bangu.

Claise, embora tenha nascido em São João de Meriti, passou toda a sua vida em Duque de Caxias. Filha de uma funcionária pública da prefeitura do município, professora de história, e de um comerciário, viu inúmeras vezes sua mãe ser a responsável pelo sustento da casa, porque seu pai estava desempregado. O maior sonho da família só pôde ser alcançado quando ela já era uma adolescente: a compra da casa própria, um desejo, uma conquista, que foi de todos, não somente de seus pais, mas também dela e do irmão, mais velho, que sabiam, desde pequenos, que precisavam

economizar em tudo, para que a famílias saísse do aluguel. Por isso, eles usavam roupas doadas por primos mais velhos e os poucos brinquedos que tinham eram dados pela avó ou por uma madrinha, já que os pais não tinham condições financeiras, para comprá-los.

Todas elas, hoje, são pertencentes à classe média alta; são possuidoras de nível superior: Estela é pedagoga e psicóloga, Andreia é advogada, Narriman é engenheira e Claise é assistente social; são proprietárias de imóveis, mas conhecem bem de perto as dificuldades vivenciadas pela população mais pobre, não como políticas, mas porque as vivenciaram com seus pais, mães, irmãos e irmãs.

Elas possuem a cara das mulheres dessa região, embora tenham galgado significativos degraus na política. São mulheres comuns, se vestem, se portam, se expressam de forma simples. Pertencem a essa localidade, não somente porque ainda moram nela, mas porque têm uma ligação afetiva com esse lugar. Não desenvolveram personagens que são incorporada em períodos eleitorais para que suas eleitoras e seus eleitores se identificassem com elas.

Tal análise não se faz somente a partir da estética delas, ou seja, da forma como se vestem, mas com base nos contatos que tive pessoalmente, com todas, nas entrevistas. Inicialmente fui recebida com desconfiança, mas passados os primeiros minutos e concedidas as devidas explicações sobre a pesquisa, pude perceber a simplicidade, a afetuosidade e a confiança demonstrada por todas, de diferentes formas³⁰⁴.

O esforço para o encontro com essas mulheres que são corpo às figuras públicas foi fundamental para que eu pudesse conhecê-las.

Embora, num primeiro olhar, possamos acreditar que a maioria das mulheres deste estudo tenham sido as primeiras de sua família de origem a desenvolver relações políticas, ao aprofundar a análise percebemos que a política já fazia parte, um pouco timidamente ou distanciadamente, de suas vidas.

³⁰⁴Como aponta Sschwarcz, uma das dificuldades do gênero biografia está nas armadilhas postas ao pesquisador, quando ele acaba “virando amigo íntimo de seu biografado, parente longuíquo ou próximo, amante, fiel confidente, quando não conselheiro” (2013, p. 71). Reconheço é necessária uma quase que vigilância para com os possíveis vínculos que se acabam se desenhando entre o pesquisador e seus biografados. Desenvolvi com todas as minhas biografadas uma relação de muito respeito e cumplicidade, que fez com que em alguns momentos elas me percebessem como alguém muito íntimo, já que estavam me relatando situações as quais nunca tinham relatado com tal nível de detalhamento para ninguém. Eu, muitas vezes, após os encontros, percebi que tinha um tesouro em minhas mãos, a história de vida dessas mulheres.

Estela percebe desde a infância o interesse de seu pai pela política e embora tenha sido eleito vereador em São João de Meriti, não tomou posse, por motivos os que desconhece; anos depois, já adulta, casada e mãe, foi apresentada por ele a um deputado estadual, candidato à prefeitura de Duque de Caxias, e, assim, ela tornou-se um dos seus cabos eleitorais, iniciando, assim, de forma desprezível, sua trajetória política.

Andreia, no início da adolescência, teve seu pai eleito vereador por Duque de Caxias. Nessa época, seu contato com ele era pouco, pois o casa já estava separado. Embora ela não gostasse de dizer aos colegas de turma e professores da escola pública, onde concluiu o Ensino Fundamental, que era filha de um vereador, paradoxalmente, nutria o desejo de incluir o nome político de seu pai, “Zito”³⁰⁵, no seu sobrenome. Aos 14 anos de idade, aproximadamente, por intermédio de uma advogada, que trabalhava com seu pai, ela se tornou “Andreia Almeida Zito dos Santos”.

Um dos motivos que fizeram com que Narriman visse para o Rio de Janeiro foi político. Ameaças de morte dirigidas à parentes de sua mãe, que ocupavam cargos políticos no Maranhão, fizeram com que seus pais decidissem mudar-se com os filhos. O que ninguém podia imaginar era que, cerca de 40 anos depois, ela quase fosse vítima de um atentado, quando era prefeita de Magé. Sua vida não foi ceifada, talvez porque não fosse a “sua hora”, mas a de sua vice, sim. Lígia de Menezes foi baleada e queimada viva no interior de seu automóvel, no referido município.

Claise é a única que coloca o nome da família Alves na política. Seus pais e seu irmão nunca se interessaram por assuntos políticos. O coração a levou a esse universo por meio de alguém que a apresentou a ele. Apaixonou-se pela política e se descobriu como uma mulher que deseja não somente inserir o sobrenome de sua família nessa realidade, mas lutar por melhores condições para as famílias da Baixada Fluminense, simples, como a sua.

Outra característica comum a essas quatro mulheres é a religião. Todas se identificam como evangélicas. Mesmo após a inserção na política, elas continuaram a frequentar cultos e outras atividades religiosas. Todas acreditam no sagrado e que a presença divina orientou suas vidas em direção à política. No entanto, optaram por não expor suas convicções religiosas em atividades políticas; preferiram a discrição.

³⁰⁵Zito é uma espécie de diminutivo de Zezinho, um apelido que o pai de Andreia ganhou de parentes, ainda no Nordeste, mas do qual ele nunca gostou. (Fonte: Entrevista de Andreia Almeida Zito dos Santos à autora desta tese).

Estela, ao longo da carreira política, trocou o catolicismo pelo protestantismo e há oito anos, aproximadamente, tornou-se pastora. No momento das entrevistas, ainda não possuía uma igreja sob sua responsabilidade, mas esse é um de seus projetos.

As vidas dessas mulheres foram marcadas por iniciativas de resistência a um possível papel de submissão.

Baseadas nos estudos de Susan Rogers, Perrot insiste na existência dos “poderes informais” das mulheres que controlam de fato a parte mais importante dos recursos e das decisões; nessas condições a perpetuação “do mito” do poder masculino serve aos interesses dos dois “gêneros”; por trás da ficção desse poder, as mulheres podem desenvolver à vontade, suas próprias estratégias (2001 a, p. 171, grifos da autora, apud SAYÃO, 2003, p. 137).

Pode-se imaginar que essas mulheres tornaram-se insensíveis, mas não foi o que aconteceu. Aventuro-me a dizer que a adesão à política, apesar do cenário árido aguçou ainda mais suas sensibilidades. Pude perceber isso de diversas formas, na emoção, nas lembranças e até no orgulho de resgatar o passado da família.

Uma das vertentes, na qual ficou explícita essa sensibilidade, foi a ligação afetiva com suas mães. Percebo tal ligação como fundamental, em inúmeras ocasiões, para que elas alcançassem seus objetivos, inclusive políticos. Elas tiveram mães que educaram, cercearam, cobraram, mas que corroboraram a realização de seus sonhos, algumas vezes, mães que se realizaram através das filhas.

Estela, já na vida adulta, teve a participação de sua mãe num momento delicado e significativo. Foi a mãe, junto com uma irmã, que cuidaram de suas filhas, por quase dois anos, quando foram despejadas do apartamento onde a família vivia. Anos depois, Estela tentou retribuir todo o cuidado e carinho que sua mãe teve com suas filhas, alugando uma casa simples, na mesma rua onde ela morava, para que ela, depois de muitos anos, após a viuvez, pudesse voltar a ter uma casa para si.

Andréia tornou-se, ainda na infância, a grande parceira e quase advogada da mãe. Muitas vezes, foi testemunha das brigas entre os pais. Tornou-se um pouco mãe do irmão mais novo, para que sua mãe pudesse trabalhar fora e trazer o sustento para a família. Após a eleição para o primeiro cargo público, fez com que sua mãe, que sempre morou com ela, tivesse uma vida mais tranquila, já que o passado fora

extremamente sacrificante. Incentivou a mãe para que voltasse a estudar, após mais de 20 anos fora do ambiente escolar. Sua mãe formou em Serviço Social.

Narriman desenvolveu uma grande aliança com a mãe, quando estava terminando a graduação em Engenharia, com um bebê de poucos meses e separando-se do primeiro marido. Sua mãe criou por algum tempo a neta, enquanto a filha morava no interior do estado do Rio de Janeiro, onde ficava a faculdade. Após a conclusão do curso, sua mãe continuou colaborando, nos cuidados com a neta, para que ela iniciasse sua carreira de engenheira.

Claise e a mãe possuem uma ligação que se desenhou ao longo da vida de ambas. Ela decidiu fazer o curso de Formação de Professores porque desde criança ajudava sua mãe nas tarefas desta como professora. Sua mãe lhe deu todo o apoio para que, após formar-se professora, Claise criasse, nos fundos da casa da família, um Jardim de Infância. Anos depois, quando Claise tornou-se mãe de Yuri, sua mãe ajudou-a nos cuidados com o neto e também mais tarde, para que ela pudesse trabalhar com o marido, no ramo da construção civil.

Outro traço da vida dessas mulheres é a maternidade, o que pode ter aprofundado o vínculo com suas mães. Todas as protagonistas desta tese já foram mães, exceto Andreia. Estela, inclusive, já é avó.

Fica evidente nas trajetórias de Estela, Narriman e Claise, a maternidade transferida apresentada por COSTA (2002). Somente através da transferência de responsabilidades acerca do universo privado para outras mulheres, especialmente, para as mães, no caso das mulheres desse estudo, foi possível a saída delas para a vida pública. Tal transferência se deu a partir de pactos de convivência entre essas mulheres e suas mães. “A noção de maternidade transferida dá visibilidade a nexos políticos, econômicos e sociais de práticas do cotidiano doméstico” (COSTA, 2002, p. 306).

As quatro apontaram como a maternidade transformou suas vidas e como sofreu interferências e modificações a partir da vida política.

Estela e Narriman se culpabilizam por não poderem estar próximas de seus filhos, no passado, como acreditam que seria necessário. Tal situação não se dá com Claise, porque, quando ela inicia sua vida política, seu filho já está na adolescência.

Questiono-me se elas não desenvolveram um tipo de empoderamento político, o qual foi estendido aos seus filhos. O fato de eles perceberem, desde a infância e a adolescência, que a política fazia parte do dia a dia da vida de suas famílias, através dos

compromissos e atividades políticas de suas mães, faz com que eles se sintam cada vez mais próximos do ambiente político.

Atualmente, elas percebem os desdobramentos desse empoderamento político: a filha mais jovem de Estela atuou na campanha política de José Camilo Zito dos Santos Filho à ALERJ, em 2014³⁰⁶; o filho mais novo de Narriman atuou na campanha política de sua irmã paterna, Andreia, na reeleição como deputada federal, também em 2014; o filho de Claise, durante sua campanha política em busca da reeleição como deputada estadual, ocorrida em 2014, lhe confidenciou a vontade de candidatar-se no futuro a algum cargo político. Embora Narriman e Claise tenham apontado que não desejam que seus filhos sigam carreiras políticas, indago-me se eles não estão simplesmente mostrando o quanto a inserção política de suas mães fez com que eles tivessem um olhar de proximidade para com a política. Fica evidente que “as mulheres não têm poder, mas ‘poderes’ que se manifestam na vida pública e na vida privada, poderes femininos” (PERROT, 1998 apud MENEZES, 2002, p. 68).

Já Andreia deseja realizar o sonho da maternidade. Um sonho que ela reconhece ter adiado por um tempo, mas que cresceu após a primeira derrota na eleição de 2014. Nessa ocasião, ela pôde perceber o quanto ao longo de 16 anos, desenvolveu uma carreira política, mas pouco se dedicou a sua vida pessoal.

Torna-se interessante perceber que mesmo que Estela, Narriman, Andreia e Claise tenham inúmeras semelhanças, como expus, elas não desenvolveram ao longo de suas vidas nenhum tipo de amizade, pelo contrário, algumas delas possuem, inclusive, algum tipo de hostilidade³⁰⁷.

Através de diferentes habilidades, essas mulheres romperam com experiências de subalternidade e assim, puderam desbravar os “seus” caminhos políticos. Como salienta Perrot (apud SAYÃO, 2003, p. 127 e 138), as mulheres através do poder

³⁰⁶Pouco a pouco, ocupou funções que no passado foram desempenhadas pela mãe.

³⁰⁷Pude perceber como é complexa essa relação entre as quatro protagonistas deste estudo em dois episódios. Um deles foi quando após a segunda entrevista com Andreia, pedi sua ajuda para contactar Narriman, já que não havia encontrando êxito nos telefonemas realizados e nos e-mails enviados, e a mesma mostrou certa contrariedade. Com muita diplomacia, Andreia explicou-me que não possuía qualquer contato com a ex-esposa de seu pai, sugeriu-me o contato com seu irmão paterno, Ramssés, mas solicitou-me que seu nome não fosse tocado, por mim, quando viesse a entrevistar Narriman. O outro episódio se deu em setembro de 2014, quando o Jornal O Dia, fez uma matéria com sete mulheres, oriundas da Baixada Fluminense, candidatas tanto à ALERJ, como à Câmara de Deputados, entre elas, Andreia e Claise (CARVALHO, 2014). Embora, o jornal tenha feito uma única foto com todas as candidatas, no Caladão de Duque de Caxias, no mesmo dia que a referida matéria foi publicada, os sites pessoais de ambas candidatas, mostraram a fotografia, cortando a outra. Ou seja, o de Andreia, mostrava a fotografia, sem a imagem de Claise e o de Claise mostrava a fotografia, sem a imagem de Andreia.

masculino conquistaram „poderes”, apoderando-se de espaços que lhes eram confiados, chegando assim às portas do poder.

Constatei que os rompimentos protagonizados por essas mulheres podem ser compreendidos como expressões do movimento feminista, embora nenhuma delas se reconheça como feminista:

a história do feminismo, não é, porém a história das opções disponíveis ou da escolha tranquila de um projeto vitorioso; é antes disso a história das mulheres (e de homens) constantemente as voltas com a absoluta dificuldade de resolver dilemas que enfrentam (SCOTT, 2002, p. 47).

Apesar dessas mulheres terem desenvolvido relações no campo do privado com o mesmo homem, José Camilo Zito dos Santos Filho, circularem nos mesmos espaços, algumas vezes até em concomitância, verifiquei o quanto elas não se relacionavam entre si. Enfim, elas não estão juntas! Tal constatação ficou em evidência quando, pesquisando imagens, não consegui nenhuma fotografia das quatro juntas.

Conclui que essas mulheres possuem a cara dessa região, embora tenham galgado significativos degraus na política. São mulheres comuns, não desenvolveram personagens que são incorporados em períodos eleitorais para que seus eleitores e eleitoras se identifiquem com elas.

Embora possam ser apontadas como “rainhas” ou “princesas”, verifiquei que são só mulheres desse lugar. Como aponta Del Priore (1997, p. 9 apud MENEZES, 2002, p. 66), a história das mulheres não deve voltar-se às imagens de heroínas ou mártires, mas focar as mulheres a partir das contradições e tensões de suas vidas.

Outra conclusão desta pesquisa é a força do Clã Zito (BARRETO, 2006): todas as quatro mulheres cujas trajetórias examinei fizeram parte dele. Estela e Andreia ainda fazem parte dele, já Narriman e Claise romperam com ele. Embora o jornal O Globo, de 13/10/2012, tenha apontado que a derrota de Zito na reeleição para prefeito de Duque de Caxias, naquele ano, logo no primeiro turno era a sua queda, o fim de uma dinastia, a ruína desse clã, acontecimentos posteriores mostraram a sua força. Numa entrevista para o jornal Extra, de 14/10/2015, Zito, ainda abatido com a derrota, manda um recado, especialmente para seus inimigos políticos: “Se eu estou morto? Veremos!”. Em maio de 2015, ele declarou ao Jornal Extra que, embora fosse candidato ao cargo de

deputado estadual, seu grande desejo era voltar a ser prefeito de Duque de Caxias e que seria candidato nas eleições de 2016. Zito foi eleito deputado estadual. Logo após sua posse, desenvolveria uma postura mais discreta, comparada a das décadas 1990 e 2000. Nesse período era visto constantemente, opinava, criticava ou apoiava diversos episódios políticos do município. Também circulou na rede social (facebook), uma fotografia de seu filho, mais novo, de aproximadamente dois anos de idade. Nela, a criança vestida formalmente, de camisa branca, calça social e gravata azul-marinho, brincava na mesa de seu pai, no gabinete na ALERJ. A criança encontrava-se com o telefone na mão, como que conversasse com alguém, quase que imitando o pai. Ao ver tal imagem na entrevista concedida três dias após a derrota eleitoral, constatei que Zito não estava morto. Pelo contrário, do alto dos seus 62 anos de vida e mais de 20 anos de experiência política, ele deseja continuar nesse ambiente, esse que parece ser o combustível para sua vida e prosseguir na construção de articulações políticas que possibilitem suas conquistas, como também a de seus aliados e aliadas.³⁰⁸

Verifiquei que nas relações desenvolvidas por Estela, Narriman, Andreia e Claise com Zito aconteceu um empoderamento de “mão-dupla”, já que tanto ele aproveitou-se do carisma, da competência e da seriedade de todas elas para construir e consolidar suas plataformas políticas,³⁰⁹ avançando na construção do Clã Zito (BARRETO, 2006). Como elas ao desenvolverem com ele, relações no campo do privado, puderam empoderar-se e assim iniciar suas carreiras políticas.

As discussões apontadas por Rocha Coutinho (1994), Perrot (2007 e 2009),

Costa et al. (2011), Costa (2002, 2009 e 2014), Martins (1997), Soihet (1998), Scott (1998) e Davis (1997) contribuíram significativamente para a produção deste estudo, já que apontam a importância e os dilemas da história das mulheres. Já os estudos de Álvares (2004), Araújo (2001, 2005 e 2011), Barreira (2012), Miguel (2001), Phillips (2001), Pinheiro (2006), Rabay et al. (2011), material que me servira de base

³⁰⁸Na semana em que esta tese foi finalizava, circulavam rumores em Duque de Caxias que Andreia Almeida Zito dos Santos, uma das protagonistas deste estudo, a partir de uma articulação política, estava aproximando-se de uma fundação voltada ao desenvolvimento do município de Belford Roxo, que há 14 anos atrás foi governado pelo seu tio, Valdyr Zito. Tal articulação tinha como principal objetivo a construção de uma base política para sua candidatura como prefeita desse município, em 2016.

³⁰⁹Processo semelhante ao desenvolvimento entre o General Juan Domingos Péron e sua esposa, Eva Péron (DÍAZ, 2005; SARLO, 2005)

antes do novo desenho desta tese, embora tenham colaborado com a discussão sobre as mulheres na política brasileira, não me permitiram avançar no tocante às experiências dessas mulheres, como se não tivessem corpos, vontades, histórias. Os estudos propostos por Grossi et al. (2001) e Meneguello et al. (2012) foram os únicos que não apontaram os impasses da política brasileira encontrados pelas mulheres, mas também trouxeram suas experiências, falas e percepções.

Confirmei através do presente estudo algumas lacunas no campo das produções científicas; raras são aquelas sobre a cultura política da Baixada Fluminense; foram localizados somente os estudos de Alves (2003), Barreto (2003), Monteiro (2007) e Silva (2012), sendo que, em todos, a presença das mulheres nesse ambiente é negligenciada. Escassos também são os estudos sobre protagonismos desenvolvidos por mulheres na experiência dessa região. Foram localizados sobre os estudos de Monteiro (2007) e Duarte (2008). Já estudos sobre o empoderamento de mulheres nessa região não foram localizados. Assim, esta tese lança luz sobre um universo ainda obscuro.

Fica evidente a necessidade da realização de pesquisas que exponham essas realidades, bem como as falas e experiências dessas mulheres.

Por fim, como aponta Sayão (2002, p. 141), “se o „pessoal é político [...] podemos investir na recíproca pois, „o político também é pessoal ”. Através desta pesquisa, foi constatado que o público e o privado não são esferas separadas, se interpenetram, se conectam, como aponta Costa (2002). Estas mulheres circularam e ainda circulam nas conexões entre o público e o privado, já que as relações privadas as levaram ao espaço público, mas, mesmo já ocupando cargos públicos, elas não deixaram de ser influenciadas pelo espaço privado.

Concluo através das trajetórias e iniciativas, que tiveram como motor propulsor, o empoderamento, que Estela, Narriman, Andréia e Claise estão abrindo caminhos para a entrada de outras mulheres no cenário político da Baixada Fluminense.

Espero que este estudo venha a contribuir com futuras pesquisas acerca do protagonismo e do empoderamento das mulheres dessa região.

O mergulho nas vidas dessas quatro grandes mulheres possibilitou-me perceber parafraseando Milton Nascimento, que elas misturaram, ao longo de suas vidas, dores e alegrias, possuem manhas, graças e sonhos, e uma “estranha mania de ter fé na vida”.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. "Quem é frouxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. São Paulo v. 19, p. 173 – 188. 1999.

ALMEIDA, M. F. de. *Extermínio seletivo e limpeza social em Duque de Caxias: a sociedade brasileira e os indesejáveis*. 1998. 226 f. Dissertação (Mestrado de Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ALMEIDA, R. D. Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicas de Jean-François Sirinelli, Jean Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais. *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, ano 1, v. 5, p. 21 – 41, 2012.

ALERJ. *A Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) terá uma Frente Parlamentar da Bancada Feminina*. Rio de Janeiro, 2010a. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/escolha_legenda.asp?codigo=39156>. Acesso em 29 de dezembro de 2014.

_____. *Frente Parlamentar irá reunir integrantes da Bancada Feminina da ALERJ*. Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/common/noticia_corpo.asp?num=37789>. Acesso em 29 de dezembro de 2014.

ÁLVARES, M. L. M. et al. *Mulheres na Política: Histórias de Percursos e de Práticas*. Anais do Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.

_____. *Mulheres na competição eleitoral: seleção das candidaturas e o padrão de carreira política no Brasil*. 2004. 356 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro; Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Mulheres brasileiras em tempo de competição eleitoral de candidaturas e degraus de acesso aos cargos Parlamentares. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 51. n. 4, p. 895 – 939, 2008.

ALVES, C. M. Z. dos S. *Para além da “explosão”*: um estudo sobre a atuação do centro de referência de atendimento à mulher de Duque de Caxias. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade Flama, Duque de Caxias, 2010.

ALVES, J. C. S. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: APPH/CLIO, 2003.

ALVES, J. E. D. Diferenças sociais e de gênero nas intenções de voto para presidente em 2010. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 21 – 46.

_____. A definição de cor/'raça' do IBGE. *Combate Racismo Ambiental*. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2010/06/a-definicao-de-cor%E2%80%99raça%E2%80%99-do-ibge-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 21 out. 2013.

ALVES, S. S. *Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade e a outra educação*. 2014. 173 f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, 2014.

AMARAL, I. E. do et al. Resenha sobre o livro de Roger Chartier: a história cultural entre práticas e representações. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, ano 30, v. 16, p. 183 – 186, 2007.

AMARAL, R. B. *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Sextane, 2011.

AMADO, J. Introdução. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio Janeiro: Editora FGV, 1996.

AMORA, Gustavo Freitas. *Raça e representação política: uma análise das eleições para Deputado Federal no Distrito Federal*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ANDREWS, G. R. Democracia Racial brasileira 199 - 1990: um contraponto americano. *Estudos Avançados*, ano 11, n. 30. São Paulo, p. 95 – 115, 1997.

_____. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. *Lua Nova: Revista de Cultura Política*. São Paulo, p. 52 – 56, 1985.

ARAÚJO, C. As mulheres e o poder político – Desafios para a democracia nas próximas décadas. In: BASTED et al. *O Progresso das Mulheres no Brasil*. Brasília: CEPIA/ONU, p. 90 – 136, 2011.

_____. Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das rãs mulheres na representação política. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, n. 24, p. 193 – 215, 2005.

_____. As Cotas por Sexo para a Competição Legislativa: O Caso Brasileiro em Comparação com Experiências Internacionais. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 44. n. 1, 2001.

_____. et al. O “gênero”, os “elegíveis” e os “não-elegíveis”: uma análise das candidaturas para a Câmara Federal em 2010. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. São Paulo, 2012. p. 337 - 386.

ARAÚJO, C. F. Por que as mulheres negras são minoria no mercado matrimonial? In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 11., 2011, Salvador, BA. *Anais...Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais*, 2011.

ARAÚJO, M. P. N. et al. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, n. 79, p. 95-111, 2007.

_____. História, memória e esquecimento: implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 79, p. 95-111, 2007.

ASSUNÇÃO, M. Em menos de 30 anos, 72 políticos foram mortos no Brasil. *Carta Capital*. 25 out. 2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/em-menos-de-30-anos-72-politicos-foram-mortos-no-brasil>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

AVELAR, L. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001.

AZEVEDO, Débora B. de et al. *Palavra de mulher: oito décadas do direito de voto*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

BAÍÁ, P. R. dos S. *A tradição reconfigurada mandonismo municipal e poder local no município de Nilópolis e no bairro da Rocinha, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. 2006. 160 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, CPDA/UFRRJ, Seropédica, 2006.

Bandeira, L.; Melo, H. P. *Tempos e memórias: movimento feminista no Brasil*. Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. *Tempos e memória: movimento feminista no Brasil*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

BARRETO, A. S. *Cartografia política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense*. 2006. 392 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A política de perto: recortes etnográficos de campanhas eleitorais. *Novos Estudos-CEBRAP*, São Paulo, v. 74, p. 177-194, 2006.

BARREIRA, I. et al. “Presença” e “ausência” de candidatas: mapeando representações de dirigentes partidários In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 315 - 336.

BRASIL. Congresso. Senado Federal. *Senadoras: dados biográficos: 1979-2012*. Senado Federal. Brasília, 2012.

_____. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada et al. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4. ed., Brasília: Ipea, 2011.

BERNDT, A. et al. Marketing político: Dificuldades conceituais. *Revista de Administração*, São Paulo, ano 20, v. 1. 1985. p. 14 – 18.

BERTA, R. *Mais uma deputada ganha secretaria Claise Zito será a 11ª parlamentar a ocupar cargo no governo Cabral*. 08 mar. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mais-uma-deputada-ganha-secretaria-7790381>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

BERQUÓ, E.; ALENCASTRO, L. F. de. A emergência do voto negro. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, 1992. p. 77 - 88.

BLOG DO CARLINHOS ANTÔNIO DA SILVA. *Vitória Espetacular, Zito*. 08 out. 2010. Disponível em: <<http://carlinhoantoniodasilva.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

BOBBIO, N. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UNB. 2004.

BORGES, V. P. *Em busca de Gabrielle*. São Paulo: Ed. Alameda. 2009.

BOSI, Alfredo. Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, ano 18, n. 50, p. 6 – 20, 2004.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Editora Companhia da Letras. 1994.

BRITO, B. R. P. de. Mulher, negra e pobre – A tripla discriminação. *Revista teoria e debate*, São Paulo, n. 36. 1997.

BRITO, D. *Tucano Zito vence no 1º turno em Duque de Caxias (RJ)*. 05 out. 2008. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2008/ultnot/2008/10/05/ult6008u273.jhtm>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, 2013. p. 183 – 192.

_____. *A dominação masculina*. (Tradução: Maria Helena Kuchner). Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2002.

_____. *O poder simbólico*. (Tradução de Fernando Tomaz). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BROTTO, M. E. Assistência Social em Duque de Caxias/RJ: influências da história e da cultura. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 6., 2013, São Luís, *Anais...* São Luís, Maranhão, 2013.

_____. *Mudar para Permanecer? História, Cultura Política e Assistência Social em Duque de Caxias*. 2012. 294 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BRUNO, C. Derrota nas urnas põe fim à dinastia de figurões da Baixada: Clã dos Cozzolino também vê prestígio e influência acabarem em Magé. *O GLOBO*. 13 out. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/derrota-nas-urnas-poe-fim-dinastia-de-figuroes-da-baixada-6390902>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

CACCIAMALI, M. C.; TATEI, F. *A transposição do umbral da universidade: O acesso das mulheres, negros e pardos no ensino superior e a persistência da desigualdade*. São Paulo: LTR Editora. 2013.

CALDWELL, Lia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, p. 91 – 108, 2000.

CAMPOS, M. das D.; EFFNON, R. Assimetrias de gênero nas campanhas eleitorais para a Câmara Federal. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 2012. p. 387 - 416.

CANTALEJO, M. H. de S. *O município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar: 1964 – 1985*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Oral) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARDOSO, L. C. M. POLÍTICA DE POP STARS: o poder da personalidade no Governo de Roseana Sarney. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, Ponta Grossa: [s.l.], v. 5. ano 9. , 2008.

CARNEIRO, M. A saga de uma vencedora. Benedita da Silva, a nova governadora do Rio, saltou da miséria para o topo da política. *Revista Veja*, São Paulo, 17 abr. 2002. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170402/p_0746.html>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CARNEIRO, S. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Disponível em: <www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso: 10 out. 2013.

_____. Mulheres Negras e Poder: um ensaio sobre a ausência. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009. p. 50 – 55.

_____. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, C. et al. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 169 – 193.

CARVALHO, F. *Bancada feminina da Baixada almeja mais espaço na política. Atualmente formada por quatro mulheres no Legislativo, candidatas lutam para ampliar representação da Região*. *Jornal O Dia*. 13 set. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/odiabaixada/2014-09-13/bancada-feminina-da-baixada-almeja-mais-espaco-na-politica.html>> Acesso em 15 jul. 2015

CARVALHO, F. L. Encontros fortuitos entre feminismo e desconstrução. *Revista Gênero*, Niterói, ano 1, v. 2, p. 3 – 13, 2013.

CARVALHO, J. J. de. O confinamento racial no mundo acadêmico. *PADÊ: Estudos em Filosofia, Raça, Gênero e Direitos Humanos*. Brasília, p. 31 – 50, [19-?].

CARVALHO, J. M. de. O povo do Rio de Janeiro: bestializados ou bilontras? *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 8. p. 101 – 114, 2002.

CARVALHO, L. L. Estela, uma estrela na política de Duque de Caxias. *Revista Húmus*, São Luís, v. 5, ano 13, p. 57 – 74, 2015.

_____. Reflexões sobre Gênero e Raça na Política Brasileira. In: FREIRE, S. De M. et al. (Org). In: Seminário Internacional sobre Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação das crianças e adolescentes na América Latina hoje. 5., *Anais...* Buenos Aires, 2014.

_____. De Francica Senhorinha a Maria da Penha: Quase 150 anos do movimento feminista brasileiro. *Revista Uniabeu*, Belford Roxo, v. 5, n. 11, p. 204 – 218. 2012a.

_____. Um estudo sobre o “Lobby do Batom” na construção da Constituição Federativa de 1988. In: Encontro da ANDHEP, 7., *Anais...* Curitiba, 2012b.

_____. *Mais do que ‘levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima’*: um estudo sobre a autonomia superativa e emancipatória de mulheres negras cariocas. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. *Da “democracia racial” à “igualdade racial”*: Um esboço dessa trajetória histórica. Encontro Nacional de Política Social; Seminário de Práticas do Serviço Social 2.; 4. 2007. *Anais...* 2007. Vitória, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 1994.

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2013. p. 215 – 218.

CLAISE Maria Zito já costura sua caminha da à deputada estadual. *Blog de Priscila Paiva*. 30 abr. 2010. Disponível em: <<http://porpriscilapaiva.wordpress.com/2010/04/30/claise-maria-zito-ja-costura-sua-caminhada-a-deputada-estadual/>>. Acesso em: 30 dez.2014.

CICONELLO, A. 80 desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: OXFAM INTERNATIONAL. (Org.). *From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World*. Oxford: Oxfam International, 2008.

CINTRA, A. O. et al. A Câmara dos Deputados na Nova República: a visão da Ciência Política. In: AVELAR, L. et al. *Sistema Político Brasileiro: uma introdução*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p. 135 – 183.

COELHO, L. M. *Identidade feminina no cenário político brasileiro: análise de uma expressão contemporânea do mito de Lilith*. 2006. Dissertação (Mestrado Programa de Pós- Graduação em Psicologia) - Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16. p. 13-30, 2001.

- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO, H. P. De et al. *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação / UNESCO, 2009. p. 51 – 79.
- COSTA, C. F. C. da. *As emoções morais: a vergonha, a culpas e as bases motivacionais do ser humano*. 2008. 54 f. Dissertação (Mestrado integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.
- COSTA, L. D. *Os representantes dos estados no Congresso: composição social e carreira política dos Senadores brasileiros*. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- COSTA, S. Direitos Humanos e Anti-Racismo no Mundo Pós-Nacional. *Revista Novos Estudos*, São Paulo, n. 68, p. 23 – 37, 2004.
- COSTA, S. G. Reinações filantrópicas no diário de Alice Dayrell Caldeira Brandt. In: Sanglard, Gisele et al. (org). *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2015.
- _____. et al. Tutela e devir das mulheres no espaço público. *Revista La Manzana de la Discórdia*, Cali, Colômbia, v. 6, p. 7 – 24, 2011.
- _____. A chegada das mulheres ao poder: o caso de Alzira Vargas do Amaral Peixoto, a segunda consciência de Getúlio Vargas. In: VENÂNCIO, G. et al. (Org). *Sujeitos na história: perspectivas e abordagens*. Niterói: Editora da UFF. 2014.
- _____. Diga-me: o que significa gênero?. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 08, p. 104-124, 2011.
- _____. Onda, rizoma e “sonoridade” como metáforas: Representações de mulheres e dos feminismos. Paris, Rio de Janeiro: Anos 70 / 80 do Século XX. *INTERthesis*, v. 6, n. 2, Florianópolis, p. 1 – 29, 2009.
- _____. A voz das mulheres: linhas da vida e associativismos feministas. Rio de Janeiro, anos 70 e 80 do século XX. In: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca. *Culturas Políticas e Leituras do Passado: historiografia e ensino da História*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007. p. 437-456.
- _____. Das desventuras de ser doutora. *Cadernos Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 12, n. 15, p. 103 – 114, 2004.
- _____. Gênero, biografia e História. *Revista Gênero*, Niterói, v. 3. ano 2, p. 7 – 16. 2003.
- _____. Proteção Social, maternidade e lutas pela saúde reprodutiva. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 10. p. 301 – 323, 2002.
- CRENSHAN, K. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 10. p. 171 – 188, 2002.

- CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, 2013. p. 149 – 164.
- CUNHA, T. R. A. et al. CASAMENTO: representações, mudanças e permanências a partir do olhar feminino. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., *Anais...* Florianópolis, 2013.
- D'ADESKY, J. *Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti- racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2001.
- DAMACENA, A. B. *A função representativa do Parlamento na República Federativa do Brasil*. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- DAMASCENO, C. M. et al. Etnografia sobre rituais da politização pentecostal e valores de gênero em um município da Baixada Fluminense / RJ. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista*. Marechal Cândido Rondon, Paraná, ano 10, n. 21, 2009. p. 117-126.
- DATAFOLHA. *O racismo cordial: a mais completa análise do preconceito de cor no Brasil*. São Paulo, 1995.
- DAVID, Fatima Bitencourt; CAXIENSES, Epigramas. *Imagens: de azul e amarelo se pinta o futuro (incerto) da “Cidade Feliz”* (Duque de Caxias, 1998-2002). Disponível em: <www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Fatima%20Bitencourt%20David.doc>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- DAVIS, N. Z. et al. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DELESPOSTE, A. G. *Movimento dos Atingidos pela Barragem de Fumaça – MG: Caminho para o Empoderamento da Mulher?* 2012. 161 f. Dissertação (Pós Graduação em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.
- DELGADO, L. de A. Neves. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista Historia oral*, São Paulo, v. 6. p. 9-25. 2003.
- DELMAS, A. C. G. Trajetórias das infantas filhas de D. João VI e D. Carlota Joaquina: sua importância no contexto e política ibéricos à luz das biografias renovadas. Encontro Regional de História da ANPUH, 16., *Anais...* Rio de Janeiro: Saberes e Práticas Científicas 2014.
- DÍAZ, M. S. *Mulher e poder: o caso Eva Perón na política Argentina*. 2005. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

_____. O mito de Eva Perón. Evita: Uma mulher imaginada. In: FERREIRA, S. L. (Org.). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Salvador: Ed. Da UFBA, 2002. p. 165 – 177.

DIEGUEZ, C. Candidatos a ir para a cadeia. *Revista Veja*, São Paulo, v. 34, n. 2. p. 42 - 43, 2001.

DISCURSO proferido pelo Deputado Heleno, em abril de 2012, no Plenário da Câmara de Deputados. *Câmara*. Disponível em: <www.camara.gov.br/sileg/integras/24407.doc>. Data do Acesso: 15 jul. 2015.

DOMINGUES, P. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931 – 1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p. 517 – 596, 2008.

DORFMAN, A. A geopolítica e" o perfil do eleitor da Baixada Fluminense. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 22, p. 35 – 39, 1997.

DORNELAS, K. C. A. et al. O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 10, ano 2, p. 333-344, 2006.

DUARTE, T. dos S. A autoridade não vem do sexo, mas sim do Senhor: Investidura religiosa e delegação política. Simpósio de História, 25., Fortaleza, *Anais...* Fortaleza: ANPUH, 2009.

_____. Enredos de gênero: fragmentos da ‘história de vida’ de uma amplificadora da obra do Senhor. Reunião Brasileira de Antropologia, 26., Porto Seguro, *Anais...* Porto Seguro: FACINA, A. et. all., 2008.

ENNE, A. L. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. *Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense*. Rio de Janeiro, n. 14, 2004.

ERICKSON, K. P. *Sindicalismo no Processo Político no Brasil*, São Paulo: Ed. Brasiliense. 1979.

ESCOBAR, G. V. *Clubes Sociais Negros: Lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

FACINA, A. et al. Gênero e Memória: Algumas Reflexões. *Revista Gênero*, Niteroi, v. 5, n. 1, 2004.

FARIAS, H. S. S. de S. C.; SOBREIRA, J. C. M. Negro, escravo e muçulmano. Um breve estudo sobre a influência islâmica na “Revolta dos Malês”. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2011.

FEITOSA, F. A participação política das mulheres nas eleições de 2010: Panorama geral de candidatos e eleitos. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 139 - 166.

FELIPE, M. G. L. de et al. Empoderamento ou Violência Simbólica: Percepção de Mulheres Docentes em Cursos de Engenharia do CEFET-MG. Encontro de Estudos Organizações da ANPAD. 8., Gramado, *Anais...* 2014. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_b_EnEO339.pdf>. Data do Acesso: 13/08/2014>.

FERREIRA, M. de M. *Desafios e Dilemas da História Oral nos Anos 90: O caso do Brasil. História Oral*, São Paulo, n. 1, p. 19 – 30, 1998.

_____. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*. Petrópolis, v. 94, n. 3, p.111-124, 2000.

_____. *Os bastidores da tribuna: Mulher, Política e Poder no Maranhão*. 2006. 233 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

FIGUEIREDO, T. et al. Vice prefeita de Magé é encontrada morta. *Folha de São Paulo*. 03 jul. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0306200220.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

FINAMORE, C. M. et al. Mulheres candidatas: relações entre gênero entre gênero, mídia e discurso, mídia e discurso. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14. ano 2, p. 47-362, 2006.

FRANÇOIS, E. A fecundida da história oral. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, 2013. p. 3 – 14.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2009.

FRY, P. O que a cinderela negra tem a dizer sobre a "política racial" no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 122 – 135, 1995.

FRY et al. *Divisões Perigosas: Políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 2007.

GALETTI, C.C. H. Empoderamento Feminino e trajetória de vida: os modelos rígidos do ser mulher. *Revista Vernáculo*, Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/article/view/34399>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

GARCIA, A. C. B. B. F. *O processo de empoderamento de mulheres mastectomizadas: uma experiência em grupo de apoio (Niterói, 2002-2006)*. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

GIACOMINI, S. M. *Mulher e Escrava*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1988.

GIBSON, E. et al. Federalismo realocativo: sobre-representação legislativa e gastos públicos no hemisfério ocidental. *Opinião Pública*, Campinas, v. 9, ano 1, p. 98-123, 2003.

GINZBURG, Carlo. De A. Warburg a E. Gombrich. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 41 – 91.

GOIS, J. B. H. Quando a raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior, *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 16, n. 3, p. 743 – 768, 2008.

GOMES, A. de C. A guardiã da memória. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 9, ano 1-2, p. 17-30, 2011.

_____. *Burguesia e Trabalho: política e legislação social no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

GOMES, A. S. M. Eleições 2010 e a não observância da Lei de Cotas. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*. Brasília, 2010. p. 8 – 16.

GOMES, F. *Negros e Política (1888 – 1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GONÇALVES, B. D. Impactos da participação política na vida das mulheres versus impactos da participação das mulheres na vida política. Encontro da ABRAPSO. 14., *Anais...* Rio de Janeiro, 2007.

GONÇALVES, M. de F. da C. *A invenção de uma rainha de espada: reatualizações e embaraços na dinâmica política do Maranhão Dinástico*. 2006. 285 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.

GONÇALVES, R. de C. et al., Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálysis*, São Paulo, v. 10, n. Esp, p. 83-92, 2007.

GONZALES, L. Mulher negra. Carta. N. 13. Brasília, 1994. P. 171 – 182.

GOVERNO do Estado do Rio de Janeiro. *Claise Maria assume a Secretaria de Trabalho e Renda*. 15 mar. 2013. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=148986>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

GRENDI, E. Repensar a microhistória. In: REVEL, J. *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

GROSSI, Miriam P.; MIGUEL, Sônia M. Transformando a diferença: as mulheres na política. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 167-206, 2001.

GUIMARÃES, A. S. A. A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 39, 1999.

_____. Combatendo o Racismo: Brasil, África do Sul e Estado Unidos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 103 – 117, 1999.

- HASENBALG, C.; SILVA, N. V. Educação e diferenças raciais na mobilidade ocupacional no Brasil. In: HASENBALG, C. et al. *Cor e estratificação*, Rio de Janeiro, p. 217 – 230, 1999.
- HARAZIN, D. A raça das bananas. *Portal G1*. 10 out. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/a-raca-das-bananas-10731903>>. Acesso em: 24 nov. 2013.
- HARTOG, F. Tempo e história: como escrever a história da França hoje?. *História Social*, Campinas, v. 3, p. 127-154, 1996.
- HERINGER, R. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 18 (suplemento), p. 57 – 65, 2002.
- _____. Desigualdade Racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. *Texto para Discussão N° 807*, Rio de Janeiro: IPEA. 2001.
- HUNT, M. N. Dimensões de inclusão e exclusão política no Brasil: Gênero e Raça. *Banco Interamericano de Desenvolvimento*. Washington, 2003.
- _____. A política de cotas na América Latina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, ano 9, p. 225 – 230, 2001.
- IDOSOS ganham academia de ginástica na Praça Humaitá. Disponível em: http://www.duquedecaxias.rj.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=991:acadeidoso&catid=34:noticias-da-governo&Itemid=287>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- IGNATIEFF, M. Instituições totais e classes trabalhadoras: um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 7. n. 14. p. 185-193, 1987.
- INSTITUTO de pesquisas econômicas aplicadas. 4. ed. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*, Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada / Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, 2011.
- _____. *Relatório Anual do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero 2009 / 2010*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.
- JOHNSON III, O. A. Representação racial e política no Brasil: parlamentares negros no Congresso Nacional (1983 – 89). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 38. 2000.
- JORNAL A Folha de São Paulo. *Governadora petista recebe nota 4,4*, 08 jul. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0807200219.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- JORNAL Capital. *PSD confirma candidatura de Claise Maria e apoio a Pezão*. 23 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.jornalcapital.jor.br/materias/5376-psd-confirma-candidatura-de-claise-maria-e-apoio-a-peza.html>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

JORNAL Extra. *Ex-prefeita de Magé é acusada de fraude em três licitações para compra de alimentos da merenda escolar*. 31 out. 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/ex-prefeita-de-mage-acusada-de-fraude-em-tres-licitacoes-para-compra-de-alimentos-da-merenda-escolar-14417153.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. *Eleições 2012: 'Se estou morto? Veremos', diz Zito*. 14 out. 2012. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/eleicoes-2012/eleicoes-2012-se-estou-morto-veremos-diz-zito-6389589.html>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

_____. *Ministério Público Federal processa Waldir Zito por não concluir obra de aterro sanitário*. 09 mar. 2009. Acesso em: 10 dez. 2010. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/ministerio-publico-federal-processa-waldir-zito-por-nao-concluir-obra-de-aterro-sanitario-248286.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

JORNAL O Dia. *'Pronto para brigar', Zito critica falta de união de prefeitos da Baixada*. 31 mar. 2012. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/pronto-para-brigar-zito-critica-falta-de-uni%C3%A3o-de-prefeitos-da-baixada-1.426215>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. *Claise Maria: A acessibilidade metropolitana*. 13 ago. 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2013-08-13/claise-maria-a-acessibilidade-metropolitana.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

JORNAL O Estado de São Paulo. *Crimes políticos impõem rotina de medo no Rio*. 16/10/2013. Disponível em <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,crimes-politicos-impoem-rotina-de-medo-no-rio,20030216p5270>>. Acesso: 15 jul. 2015.

JORNAL O Globo. *No Rio, nove ameaçados pela lei*. 01 out. 2010. Atualizado em 23/05/2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/no-rio-nove-ameacados-pela-lei-4987236>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

JUNQUEIRA, Maria de F. P.da S. et al. Resiliência e maus-tratos à criança. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 19 (1), p.227-235, 2003.

HOBSBAWM, E. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. et al. *A invenção das tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.

KLEBA, M. E. et. al. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733 – 743, 2009.

LAQUEUR, T.W. *Corpos, detalhes e a narrativa humanitária*. In: HUNT, L. (Org.) *A Nova História Cultural*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995. p. 239-77.

LEMOS, R. de O. *Feminismo negro em Construção: a organização do Movimentos de Mulheres Negras do Rio de Janeiro*. 1997. 185 f. Dissertação (Mestrado em

Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

LOBATO, E. Aliado incômodo. Prefeito de Duque de Caxias e principal cabo eleitoral de Serra no Rio, Zito diz que só um erro de Dilma vira a eleição; para ele, PSDB perde ao atacar a presidenciável. *A Folha de São Paulo*. 21 set. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2109201036.htm#_=_>. Acesso em: 10 jul. 2015.

LOBO, L. Simone de Beauvoir e depois. *Revista Gênero*, Niterói, v. 1, n. 2, p. 57-72, 2001.

LOCATELLI, P. et al. O poder dos evangélicos na política. *Carta Capital*, 11 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/811/alem-do-misticismo-9696.html>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

LORIGA, S. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

_____. A biografia como problema. In: REVEL, J. *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro; FGV, 2013. p. 15 - 26.

MAGGIE, Y. et al. A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. *Estudos Avançados*, São Paulo, ano. 18, n. 50, p. 67 – 80, 2004.

MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.

MATOS, M. Opinião pública e representação política das mulheres? Novos horizontes para 2010. *Em Debate*, Belo Horizonte, v. 2, n.3, p. 31 – 37, 2010.

_____. Dilemas da Democracia e do Desenvolvimento no Brasil: Por que precisamos de mais mulheres na política? *Sinais Sociais*. Rio de Janeiro, ano 5, n. 17, p. 110 – 141, 2011.

MARTINS, A. P. V. Possibilidades de Diálogo: Classe e Gênero. *História Oral*, Campinas, n. 4, p. 135 – 156, 1997.

MARTINS, E. V. *A política de cotas e a representação feminina na Câmara de Deputados*. 2007, 58f. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo) - Centro de Formação da Câmara de Deputados. Brasília: Cefor, 2007

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Elas também desejam participar da vida pública: Várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. *Revista Gênero*, Niterói, n. 2, v. 4, p. 149 – 169, 2004.

MASCHIO, J. J. Eficácia/ineficácia do sistema de cotas para as mulheres. Resenha Eleitoral. *Revista Eletrônica do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina*. Disponível em: <http://www.tre-sc.jus.br/site/resenha-eleitoral/edicoes-impresas/integra/arquivo/2012/junho/artigos/eficaciaineficacia-do-sistema-de-cotas-para-as-mulheres/index74ad.html?no_ache=1&cHash=262f525d5fd6c20e295e31e2d86a3d29>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do museu paulista: história e cultura material*, São Paulo, v. 13, ano 1, p. 133-174, 2005.

_____. Imagens da terra: fotografia, estética e história. *LOCUS: Revista de História*, Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, v. 8, ano 2, 2002.

_____. Imagens de passagem: fotografia e os ritos da vida católica da elite brasileira, 1850-1950. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, 2000.

_____. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MELLO, I. Zito, prestígio na lata do lixo. 20 set. 2012. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/informe-jb/noticias/2012/09/20/zito-prestigio-na-lata-do-lixo/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MELO, C. Notas e reflexões sobre “Liderança Política”: contribuição para delimitação de um campo de estudo. *Aurora – Revista de Arte, Mídia e Política*, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 11-30, 2012.

MELO, H. P. de. Brasil: uma perspectiva de gênero em los poderes legislativo, ejecutivo y judicial del sistema federal. Encuentro Internacional de Estadísticas de Género - empoderamiento y autonomía de las mujeres: medición del cumplimiento de los compromisos internacionales de la región, 14., *Anais...INEGI* (Instituto Nacional de Estadística y Geografía), CEPAL, ONU Mujeres e Conferencia Estadística de las Américas, Instituto Nacional de las Mujeres, 4, 5y 6 de sep, 2013, Aguascalientes, México.

_____. Conceição Tavares: uma mulher política. In: PRADO, L. C. D. (Org.) *Ensaaios em comemoração aos 80 anos de Maria da Conceição Tavares*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora/Centro Internacional Celso Furtado de Política para o Desenvolvimento. 2012. p. 205 – 226.

_____. O Brasil e o Global Gender Gap Index do Fórum Econômico Mundial: algumas considerações. *Caderno Espaço Feminino*, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, NEGUEM, v. 24, n. 2, ago/dez de 2011.

_____; BANDEIRA, L. *Tempos e Memórias: Movimento Feminista no Brasil*. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres. 2010.

_____. et al. Raça e Nacionalidade no Mercado de Trabalho Carioca na Primeira República: O Caso da Cervejaria Brahma. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, ano 57, n. 3, 2003.

_____. MARQUES, T. N. Partido Comunista Republicano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, p. 71 – 77, 2000.

MENEGUELLO, R. et al. *Mulheres e negros na política: Estudo exploratório sobre o desempenho eleitoral em quatro estados brasileiros*. Campinas: Centro de Estudos da Opinião Pública /Universidade Estadual de Campinas, 2012.

MENEZES, Mulher, poder e subjetividade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 59 – 85, 2002.

MESSEMBERG, D. A elite parlamentar brasileira (1989 – 2004). *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 309 – 370, 2007.

_____. *A elite parlamentar pós-constituente: atores e práticas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2002.

METZGER, F. Partido Político e Eleições no Egito: o enigma de uma transição. Seminário Discente de Pós Graduação em Ciência Política da USP, 3., *Anais...* Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dcp/assets/docs/III_SD_2013/Mesa_12.2_-_Fabio_Metzger_III_SD_2013.pdf. Acesso em: 11 dez. 2013.

MIGUEL, L. F. Impasses da accountability: dilemas e alternativas da representação política. *Revista Sociologia Crítica*, Curitiba, n. 25, p. 25 – 38, 2005.

_____. Capital Político e Carreira Eleitoral: Algumas variáveis na eleição para o Congresso Brasileiro. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, n. 20, p. 115 – 134, 2003.

_____. Política de interesses, política do desvelo: representação e “singularidade feminina”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, n. 1, p. 253 – 267, 2001.

_____. et al. Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 14, n. 2. p. 363-385, 2006.

MINISTÉRIO Público pede impugnação de mais de 30 candidaturas no Rio. 13 jul. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/07/ministerio-publico-pede-impugnacao-de-mais-de-30-candidaturas-no-rio.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MINISTRA negra volta a ser alvo da extrema direita na Itália. Manequins manchados de sangue foram colocados em órgão público. Era protesto contra campanha sobre imigração, disse partido Forza Nuova. *Portal G1*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/09/ministra-negra-volta-ser-alvo-da-extrema-direita-na-italia.html>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

MITCHELL, G. Identidade Coletiva e Escolha Eleitoral no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 15, p. 273 – 305, 2009.

MOREIRA, L. *Mulheres no Parlamento: Trajetória, atuação parlamentar e construção das políticas sociais de gênero no Poder Legislativo Estadual do Rio de Janeiro*. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

MONTEIRO, L. A. *Retratos em movimento: Vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense*. 2007. 298 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. *Justiceiras do Capivari: Dinamismo Popular e cidadania de uma periferia fluminense*. Disponível em: <www.historiaimagem.com.br/edicao4abril2007/justiceiras.pdf>. Acesso em : 18 ago. 2014.

MONTENEGRO, A. T. História, Memória e Imaginação: Gilda e seus Príncipes. *Revista Nossa História*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 76-79, 2004.

MULHERES na política: candidatas disputam a presidência. *História de hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/?p=3334>>. Acesso: 15 jul. 2015.

NADER, M. B. et al. Mulheres candidatas ao Poder Executivo estadual no processo eleitoral de 2010: perspectiva de gênero? In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 229 - 258.

NASCIMENTO, A. do et al. Reflexões sobre o vimento negro no Brasil. In: GUIMARÃES, A. S. A. et al. *Tirando a máscara: Ensaio sobre racismo no Brasil*. São Paulo, 2002.

NEDEL, L. B. Entre a beleza do morto e os excessos dos vivos: folclore e tradicionalismo no Brasil meridional. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, ano 62, p. 193-215, 2011.

NEIBURG, F. Entre Perón e o Patrão. Reflexões sobre o alcance da homologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, 1990.

NEIVA, P.; IZUMI, M. Os “Doutores” da Federação: Formação Acadêmica dos Senadores Brasileiros e variáveis associadas. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 21, n. 41, p. 171 – 192, 2012.

NETO, A. ONU adverte França por racismo de extremistas contra ministra negra. Christiane Taubira sofre ataques mais intensos desde que um programa de TV revelou o racismo de uma militante da Frente Nacional. *Jornal do Estado de São Paulo*, 16 out. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,onu-adverte-franca-por-racismo-de-extremistas-contraministra-negra,1097156,0.htm>>. Acesso em: 24 out. 2013.

- NETO, K. S. *O marketing eleitoral e a decisão de voto: A percepção dos partidos políticos no Rio Grande do Sul*. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- NETO, R. D. T. *O império da cortesia: as amantes reais e seus poderes quase ilimitados*. Disponível em: <http://rainhastragicas.com/2014/05/04/o-imperio-da-cortesa-as-amantes-reais-e-seus-poderes-quase-ilimitados/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- NICOLAU, J. M. As distorções na representação dos estados na Câmara dos Deputados. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 3, 1997.
- NITAHARA, A. *TSE poderá ter estatística sobre raça e cor de candidatos nas eleições de 2014*. 19 jan. 2013. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-19/atualizada-tse-podera-ter-estatistica-sobre-raca-e-cor-de-candidatos-nas-eleicoes-de-2014>>. Acesso em: 06 out. 2013.
- NOGUEIRA, M. C. De O. Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 57-72, 2006.
- NOGUEIRA, O. *Negro Político. Político Negro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- NUNES, B. *Imagens, mitos políticos e candidatos: Herdeiros de votos*. 2011. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- NUNES, K. L. D. Antonieta de Barros. A novidade do voto feminino em Santa Catarina na década de trinta. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 8, n. 8, p. 1 – 129 e 14, 2000.
- NUNES, M. Eleições na Baixada: Zito disputa com Rosenverg; Reis com Andreia; em dois anos, eles brigarão pela prefeitura. *Jornal EXTRA*. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/eleicoes-na-baixada-zito-disputa-com-rosenverg-reis-com-andreia-em-dois-anos-eles-brigarao-por-prefeitura-12522538.html>>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- _____. Campeão das urnas no Rio, Zito quer brigar pela presidência da Alerj. 03 out.2006. Atualizado em 24 maio 2012. *Jornal O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2006/campeao-das-urnas-no-rio-zito-quer-brigar-pela-presidencia-da-alerj-5003570>>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- OLIVEIRA, C. L. P. *A Inevitável Visibilidade da Cor: Estudo comparativo das campanhas de Benedita da Silva e Celso Pitta às prefeituras do Rio de Janeiro e de São Paulo, nas eleições de 1992 e 1996*. Tese (Doutorado) - Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. IUPERJ. Rio de Janeiro, 2007.
- _____. O que acontece quando um cavalo de cor diferente entra na corrida? Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. 26. 2002, Caxambu. *Anais...* Caxambu, MG: ANPOCS, 2002.

OLIVEIRA, M. P. De. *As eleições para a Câmara de Deputados em 2002 e 2006: Grandes partidos elegendo menos mulheres*. 2008. 60f. Trabalho de Conclusão do Curso (Pós Graduação em Ciência Política) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Brasília: UNILEGIS, 2008.

OCTÁVIO, C. Ex-prefeita Núbia Cozzolino protagoniza cenas dignas do personagem da novela e mostra que continua a mandar em Magé. *O globo*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/politica/ex-prefeita-nubia-cozzolino-protagoniza-cenas-dignas-do-personagem-da-novela-mostra-que-continua-mandar-em-mage-2812519#ixzz3fzErIvmQ>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

PAIXÃO, M.; CARANO, L. M. (Org.). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2007 - 2008*. Rio de Janeiro: LAESER/ UFRJ, 2008.

PARTIDO Democrático Trabalhista. Disponível em: <<http://www.pdt.org.br/noticias/pdt-completa-31-anos-de-fundacao-uma-historia-que-vem-de-longe>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

PASSERINI, L. A “lacuna” do presente. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, p. 211 – 214, 2013.

PAULO, M. da S. *Relações de clientela entre eleitor e candidato: Centros Sociais na Baixada Fluminense (Duque de Caxias e Nova Iguaçu)*. 2006.186 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

PEREIRA, A. L. de C. Resenha do filme: Getúlio. *Revista Perspectiva Histórica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, p 163-166, 2015.

_____. Entre Pérolas e Violetas: Mulheres na montagem do sistema de proteção social. Encontro Regional de História da ANPUH – Rio. Saberes e Práticas Científicas, 16., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2014.

PERISSINOTO, R. M.; MIRIADE, A. Caminhos para o Parlamento: Candidatos e Eleitos nas Eleições para Deputado Federal em 2006. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 301 – 333, 2009.

PERROT, M. A família triunfante. In: PERROT, M. et al. *História da Vida Privada:4:da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 79 – 90,

_____. Funções da família. In: PERROT, M. et al. *História da Vida Privada: 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 91 – 106.

_____. A vida em família. In: PERROT, M. et al. *História da Vida Privada:4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 169 – 177.

- _____. Dramas e conflitos familiares. In: PERROT, M. et al. *História da Vida Privada: 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 246 – 267.
- _____. Outrora, em outro lugar. In: PERROT, M. (Org.). *História da Vida Privada: 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 14 – 17.
- _____. A família triunfante. In: PERROT, M. (Org.). *História da Vida Privada: 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 79 – 90.
- _____. Sair. In: DUBY, G. et al. *História das Mulheres no Ocidente*, v. 4. São Paulo: Cortez, 2007. p. 503 – 539.
- _____. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 4, p. 10-28, 2008.
- _____. A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7 – 30. 2007.
- PESAVENTO, S. J. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. *Revista História UNISINOS*, Santa Catarina, v. 8, n. 10, p. 179-189, 2004.
- _____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Journée d'étude, "Representations et sensibilités dans les Amériques et la Caraïbe. Mémoires singulières et identités sociales"*. EHESS, Jeudi 4 mars 2004, coord. Frédérique Langué (CNRS) et Sandra Pesavento (UFRGS).
- PICCIANI PEDE AJUDA A ZITO. Bastidores Políticos da Baixada Fluminense. *Blog do Alberto Marques*. Disponível em: http://albertomarques.blogspot.com.br/2010_08_29_archive.html>. Acesso em: 29 dez. 2014.
- PIERUCCI, A. F. Ciladas da diferença. *Tempo Social*, São Paulo, v. 2, ano 2, p. 7-33. 1990.
- PIZA, E.; ROSEMBERG, N. Cor nos censos brasileiros. *Revista USP*, São Paulo, n. 40, p. 122 – 137, 1998.
- PHILLIPS, A. De uma política de ideias a uma política de presença? *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, v. 1, p. 268 – 290, 2001.
- PINHEIRO, L. S. *Vozes Femininas na Política: Uma análise sobre mulheres parlamentares pós-Constituinte*. 2006. 248 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PINHEIRO JÚNIOR, J. da M. *A formação do PT na Baixada Fluminense: Um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias*. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em História Oral) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

PINTO, C. R. J. As eleições presidenciais de 2010: candidatas mulheres ou mulheres candidatas. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 207 - 228.

_____. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. Donas-de-Casa, Mães, Feministas, Batalhadoras: mulheres nas eleições de 1994 no Brasil. *Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 2, ano 2, p. 297 – 312, 1994.

PIRES, T. M. de C. C. A construção da imagem política de Dilma Rousseff como mãe do povo brasileiro. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 5, n.1, p. 139 – 162, 2011.

PITANGUY, Jacqueline. *As mulheres e a Constituição de 1988*. [20-?]. Disponível em: <www.cepia.org.br/images/nov089.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2012.

PIZZATO, A. G. *Senadoras da República: Rumo à consolidação da representação feminina*. Trabalho de Conclusão do Curso (Pós Graduação em Direito Legislativo) - Universidade do Legislativo Brasileiro – UNILEGIS e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Brasília, 2005.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200 – 212, 1992.

POLSBY, N. W. A institucionalização da Câmara de Deputados dos Estados Unidos. *Revista Ciência Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 221 – 251, 2008.

POR trás de um grande homem, existe sempre uma grande mulher: Sra. Claise Maria Zito. In: *Jornal “Aconteceu em Magé”*, 02 out. 2010. Disponível em: <<http://aconteceuemmag.blogspot.com.br/2010/04/por-tras-de-um-grande-homem-existe.html>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

PORTAL DA PREFEITURA DE DUQUE DE CAXIAS. *Idosos ganham academia de ginástica na Praça Humaitá*. Disponível em: http://www.duquedecaxias.rj.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=991:acadeidoso&catid=34:noticias-da-governo>. Acesso em: 29 dez. 2014.

PRB Mulher. *Revista a Republicana*, Brasília: PRB, 2014.

PSDB. *Informativo para a Militância do PSDB*: Deputada Federal Andreia Zito. Brasília, 2014.

_____. *Informativo para a Militância do PSDB*: Deputada Federal Andreia Zito. Brasília, 2012.

_____. *Informativo para a Militância do PSDB*: Deputada Federal Andreia Zito. Brasília, 2011.

RABAY, G. F; CARVALHO, M. E. P. Participação da mulher no parlamento brasileiro e paraibano. *Revista Org. e Demo*, Marília, v. 12, n. 1, p. 81 – 94, 2011.

_____. et al. Prefeitas Paraibana de 2013 a 2016. Trabalho Apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero.10., *Anais...* Florianópolis, 2013.

RAIMUNDO, V. J. et al. *Mulher negra*: inserção nos movimentos sociais feminista e negro. Fundaj. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/valdenice.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Z. L. da (Org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora UNIESP, 1995. p. 81 – 94.

RAMOS, D. P. Representações de Gênero e Política em Brasília. Seminário Internacional Fazendo Gênero. 10., *Anais...* Florianópolis, 2013.

REIS, C. de O. S. dos. **Representação Política no Brasil**: Uma análise do perfil das mulheres eleitas à Câmara dos Deputados (1986 – 2011). 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de São Carlos. São Carlos, 2010.

REIS, M. R. História Intelectual: Um debate historiográfico. Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. 4., 2012, *Anais...* Teresina: Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012.

REVEL, J. Micro-análise e construção do social. In: REVEL, J. *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV 1998. .

REVISTA Flor da Idade. *Andreia Zito cobra do Planejamento clareza nos critérios para a concessão de aposentadoria especial*. Rio de Janeiro, 2014. p. 12.

REVISTA ISTO É. *O rei da Zitolândia*: Prefeito de Duque de Caxias tenta criar feudo político incentivando candidaturas de parentes. Edição n. 1598, 16 maio 2000. Atualizado em 05 jul. 2015. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/37467_O+REI+DA+ZITOLANDIA>. Acesso em: 10 jul. 2015.

REVISTA raça Brasil. *Elas estão de volta, talentosas, guerreiras e brilhantes!* São Paulo, n. 114. p. 38 – 31, [20-?].

RIBEIRO, A. S. A mulher e o voto. [200-?]. Disponível em: <www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm>. Acesso em: 18 jul. 2015.

RIBEIRO, E. de M. *Representação Política Negra e Feminina*: Candidatas negras em eleições no Rio de Janeiro (2002 – 2006). 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

RIBEIRO, M. Mulheres negras feministas: De Bertioiga a Beijing. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 3, n. 2, p. 446 – 457, 1995.

ROCHA, R. M. de C. Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro: Uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar. **Nzinga**, Belo Horizonte, 2006.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. São Paulo: Ed. Rocco. 1994.

RODRIGUES, A. *As mulheres e a política: Uma análise de gênero e etnia no Espaço da Política*. Disponível em:

<http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1586:as-mulheres-e-a-politica-uma-analise-de-genero-e-etnia-no-espaco-da-politica&catid=212:artigos-e-textos&Itemid=146>. Acesso em: 19 ago. 2013.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. de M. et al. *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, p. 93 – 102, 2013.

SACCHET, T. et al. Dinheiro e sexo na política brasileira: financiamento de campanha e desempenho eleitoral em cargos legislativos. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 417 – 451.

_____. Financiamento eleitoral, representação política e gênero: uma análise das eleições de 2006. *Opinião Pública*, Campinas, v. 18, ano 1, p. 177-197, 2012.

SANTOS, G. R. dos. O não-lugar da mulher negra na sociedade brasileira: em busca de uma nova perspectiva. Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e Encontro Latino Americano de Pós Graduação. 9., 5., [20-?], São José dos Campos, *Anais...* São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, [20-?].

SANTOS, G. A. dos. *Mulher negra, homem branco: um breve estudo sobre o feminino negro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, J. A. F. Efeitos de Classe na Desigualdade Racial no Brasil. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 21 – 65, 2005.

SARLO, B. *A paixão e a exceção*: Borges, Eva èrón, Montoneros. Belo Horizonte: Companhia das Letras 2005.

SARTOR, A. K. R. Ainda somos as mesmas e vivemos como nossas mães? Seminário Internacional Fazendo Gênero.10., Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2013.

SAYÃO, D. T. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, n. 21, v. 1, p. 121-149, 2003.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. V. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007.

- _____. *Abreallas: O feminismo na virada do século XIX / XX*. UNIFEM. 2000.
- SCHUWARCZ, L. M. A questão racial brasileira vista por três professores. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 168-179, 2005.
- SCHWARTZMAN, S. *Cor, Raça, Discriminação e Identidade Social no Brasil*. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/cor.htm>>. Acesso: 12 dez. 2013.
- SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 16, p. 297 – 325, 1998.
- SETUBAL, A. A. *Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- SGARBIERI, Astrid Nilsson. Mulher brasileira na política: preconceitos e evoluções–representações na mídia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 44, p. 291 – 299, 2011.
- SILVA, C. A. de S. e. *A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro*. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, T. D. Panorama Social da População Negras. In: SILVA, T. D. et al. *Igualdade Racial no Brasil: Reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Brasília: IPEA, 2013.
- SILVA, J. T. da. *Lideranças Pentecostais Femininas: Um estudo sobre a fundação de igreja evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu*. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciência Humanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- SILVA, Semíramis Corsi. O Historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. *História, imagem e narrativas*, n. 14, abr./2012. Disponível em: <www.historiaimagem.com.br/edicao14abril2012/edicao14.php>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- SIMÕES, M. R. *A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense*. 2006. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.
- SKIDMORE, T. E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SPECK, B. W. et al. Patrimônio, instrução e ocupação dos candidatos: uma análise das candidaturas de mulheres e homens nas eleições gerais de 2010 no Brasil. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, p. 167 – 206, 2012.

SOARES, F. da S. . Por uma História do Tempo Presente: Reflexões historiográficas acerca das relações entre história oral e memória. Encontro Nacional de História Oral: política, ética e conhecimento, 12., 2014, Teresina. *Anais...* Teresina: ABHO, 2014. p. 120-135.

SOARES, V. Movimento Feminista: paradigmas e desafios. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 2, p. 11 – 24, 1994.

SOCIEDADE Interamericana de Imprensa. *O jornalista Mário Coelho de Almeida Filho foi assassinado*. Disponível em: <<http://www.sipiapa.org/pt-br/casosimpunidad/o-jornalista-mario-coelho-de-almeida-filho-foi-assassinado/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

SOIHET, R. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. *La Manzana de la discordia*, Cali, Colômbia, v. 4, p. 33 – 42, 2009.

_____. História das Mulheres e História de Gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 77 – 87, 1998.

SOUZA, A. T. de Sousa. *Gênero e Empoderamento: Um estudo a partir das associações de artesanato de capim dourado na Região do Jalapão*. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2012.

SOUZA, M. S. de. *Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: APPH – CLIO, 2014.

SOUZA, P. de. *A maior violência do mundo: Baixada Fluminense*, Rio de Janeiro, Brasil. São Paulo: Traço Editora, 1980.

SOUZA FILHO, N. A. de et al. Mulheres no Poder: entre os espaços privados de convivência e a arena pública e política. *Revista Gênero na Amazônia*, Belém, n. 4, p. 153 – 178, 2013.

TABAK, F. Mulheres Públicas: participação política e poder. *Letra Capital*, Rio de Janeiro, 2002.

TEIXEIRA, Mirna Barros. *Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção à saúde*. 2002. 110f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2002.

TILLY, L. A. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1993.

TOMPSON, A. et al. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. de M. et. al. *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, p. 65 – 92, 2013.

TORRES, I. C. *As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

TRE-RJ mantém decisão contra candidatura de Narriman Zito. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2012/tre-rj-mantem-decisao-contracandidatura-de-narriman-zito-6152858#ixzz3fzDohMTx>>. Acesso em: 15 jul.2015.

TSE. *Tribunal Superior Eleitoral*.2015. Disponível em: <www.tse.jus.br/>. Acesso em 18 jul. 2015.

UNEGRO. *Balanco eleitoral do voto étnico negro e presença dos negros no parlamento*. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/upload/congresso/arquivo/balanco%20negro%20eleicoes.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2013.

UNIFEM; IPEA. *Retrato das Desigualdades*. Brasília: UNIFEM/IPEA, 2006.

VASCONCELOS, E. M. *O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias*. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

VELASCO, B. M. de. “Morte à Ré...ública” Frente Negra Brasileira: monarquismo Paulista no século XX. Congresso Internacional de História. 9., *Anais...* Paraná, 2009.

VERGO, T. M. W. Democracia: Percepções de mulheres e homens sobre a condição feminina na participação política. Seminário Internacional Fazendo Gênero.10., Florianópolis, *Anais...* Florianópolis: UFSC 2013.

VOLPATO, M. de O. Marketing político na contemporaneidade. In: FIGUEIREDO, R. (Orgs.). *Marketing político em tempos modernos*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2008. p. 23-26.

XAVIER, Lúcia. O movimento de mulheres negras e a construção de novas concepções para a transformação social. *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, ano 4, n. 3, p. 28 – 41, 2010.

WELLE, Deutsche. Ministra negra força a Itália a encarar o próprio racismo. Cécile Kyenge incita ódio da direita italiana por sua defesa dos imigrantes – e por sua cor de pele. *Revista Carta Capital*, 16 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/ministra-negra-forca-a-italia-a-encarar-o-proprio-racismo-2798.html>>. Acesso em: 24 out. 2013.

WILLEMANN, R. M. *Condições de acesso e permanência das mulheres da periferia ao ensino superior: o caso de Duque de Caxias*. 2013. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

WRIGHT, S. et al. As mulheres na disputa para o Senado no processo eleitoral de 2010. In: ALVES, J. E. D. *Mulheres nas Eleições de 2010*. São Paulo: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012. p. 257 – 282.

ZAMORA, M. H. R. N. Desigualdade Racial, racismo e seus efeitos. *FRACTUAL – Revista de Psicologia*, Niterói, v. 24, n. 3, p. 563- 578, 2012.

ZANOTTO, G. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos*, Rio Grande do Sul, v. 22, ano 1, p. 31-45, 2008.

ZITO, Andreia. *Andreia Zito 4545*. 2014. Disponível em: <andriazito4545.andriazito.com.br/>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Sites consultados:

ALERJ. Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.alerj.rj.gov.br/>. Acesso em: 18 jul. 2015.

AMIGOS do Zito. [s.l], 2014. Disponível em: <<http://www.amigosdozito.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

CÂMARA dos deputados. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 18 jul. 2015.

CMDC. *Câmara municipal de Duque de Caxias*. Duque de Caxias, 2015. Disponível em: <<http://www.cmdc.rj.gov.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

CAPITAL mercado & negócios. *Jornal capital*. [s.l], 2014. Disponível em: <www.jornalcapital.jor.br/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CARLINHOS Antonio da Silva. [s.l], 2014. Disponível em: <<http://carlinhoantoniodasilva.wordpress.com/>>. Acesso em 18 jul. 2015.

IBGE. *Instituto brasileiro de geografia e estatística*. Brasília, DF., 2015 Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

MARIA, Claise. *Claise Maria: Deputada estadual*. 2015. Disponível em: <<http://www.claisemaria.com.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

PREFEITURA de Duque de Caxias: todo dia uma nova Caxias. Disponível em: <www.duquedecaxias.rj.gov.br/>. Acesso em 18 jul. 2015.

SENADO Federal. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <www.senado.gov.br/>. Acesso em: 18 jul. 2015.

SILVA, Benedita da. *Benedita da Silva*. 2015. Disponível em: <<http://www.beneditadasilva.com.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2015

TSE. *Tribunal Superior Eleitoral de justiça*. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <www.tse.jus.br/>. Acesso em: 18 jul. 2015.

VEREADORA Fatinha: partido progressista. [s.l], 2014. Disponível em: <<http://fatinhavereadora.myrina.uni5.net/>>. Acesso em 18 jul. 2015.

ZITO, Andreia. *Andreia zito 4545*. 2015. Disponível em:
<<http://andreiazito4545.andreiazito.com.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Perfis de *Facebook* consultados:

COSTA, Emiliene Vasconcelos. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/emiliene.vasconceloscosta?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

MARIA, Claise. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/claisemaria?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

RAMALHO, Yuri Alves. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/yuri.alves.ramalho?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

VASCOCELOS, Estela. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/profile.php?id=100006789105964&fref=ts>>. Acesso em 18 jul. 2015.

VASCONCELOS, Patricia. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/patricia.vasconcelos.5855?pnref=friends.search>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

ZITO, Andreia. Disponível em: <<https://www.facebook.com/andreiazito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

ZITO, Narriman. Disponível em; <<https://www.facebook.com/narriman.zito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

ZITO, Ramssés. Disponível em: <https://www.facebook.com/ramsses.zito?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Entrevistas:

ALVES, Claise Maria. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 12 ago. 2014.

_____. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 09 dez. 2014.

SANTOS, Andreia Almeida Zito dos. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 26 ago. 2014.

_____. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 18 set. 2014.

_____. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 12 mar. 2015.

SANTOS, Narriman Felicidade Correa de Faria Zito dos. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 29 out. 2014.

VASCONCELOS, Estela Alves. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 25 ago. 2014.

_____. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 08 dez. 2014.

_____. *Entrevista concedida a Liandra Lima Carvalho*. Duque de Caxias, 11 dez. 2014.

APÊNDICE A – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM POLÍTICA SOCIAL
DOUTORADO EM POLÍTICA SOCIAL**

Roteiro de Entrevista

Dados de Identificação

Título do Projeto: Mulheres na Política da Baixada Fluminense

Pesquisador responsável: Liandra Lima Carvalho

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UFF

Telefones para contato: 21 982341001 / 21 973116534 / 21 27829852

- A) Família e Origem
- B) Formação Educacional e Cultural
- C) Relacionamentos Familiares e Conjugais
- D) Trajetória Política
- E) Mulher na política da Baixada Fluminense

ANEXO I

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM POLÍTICA SOCIAL
DOUTORADO EM POLÍTICA SOCIAL**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Dados de Identificação

Título do Projeto: Mulheres na Política da Baixada Fluminense

Pesquisadora responsável: Liandra Lima Carvalho

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UFF

Telefones para contato: 21 982341001 / 21 973116534 / 21 2782-9852

Nome do Voluntário: _____

A Sra. está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Mulheres na Política da Baixada Fluminense”, de responsabilidade de Liandra Lima Carvalho.

Este estudo é destinado à elaboração da tese de doutoramento da referida pesquisadora e tem por objetivos desvelar a história de vida de mulheres que se destacaram na política da Baixada Fluminense, ao longo dos últimos vinte anos; verificar como essas mulheres percebem a presença da mulher na política da Baixada Fluminense; e levantar e analisar as notícias veiculadas na imprensa impressa sobre a trajetória políticas delas.

A pesquisa contará com entrevistas semi-estruturadas, aplicadas a partir de um roteiro previamente elaborado. A participação é voluntária e a qualquer tempo, o consentimento poderá ser retirado. As entrevistas poderão ser gravadas.

Caso haja dúvidas ou qualquer questionamento, a pesquisadora se coloca à disposição para esclarecimentos (liandralimacarvalho@gmail.com).

Eu, _____, RG n° _____ declaro ter sido informado e concordo em participar como voluntária, do projeto de pesquisa acima descrito.

_____, _____ de _____ de 2014.

Nome e assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável

ANEXO II

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE/ FM/ UFF/ HU



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres na Política da Baixada Fluminense

Pesquisador: LIANDRA LIMA CARVALHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 41677114.4.0000.5243

Instituição Proponente: Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 983.161

Data da Relatoria: 06/03/2015

Apresentação do Projeto:

Essa pesquisa instaura-se no campo de conhecimento sobre mulheres na política. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza histórica e social sobre a trajetória de quatro mulheres que lançaram-se no universo político da Baixada Fluminense, a partir do desenvolvimento de um elo, seja ele, profissional, filial ou conjugal, com José Camilo dos Santos Zito, um líder político do município de Duque de Caxias, localizado na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Tais mulheres são: Andreia Almeida Zito dos Santos (PSDB), filha de Zito, eleita deputada estadual, por dois mandatos consecutivos, nas eleições ocorridas 1998 e 2000 e também eleita deputada federal, por dois mandatos consecutivos, nas eleições ocorridas em 2006 e 2010; Estela Alves do Nascimento (PT do B), vice prefeita de Duque de Caxias, no segundo mandato de prefeito de Zito (eleição ocorrida em 2000); Narriman Felicidade Correa de Faria, ex-esposa de Zito, secretária de meio ambiente da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, de 1997 a 2000; candidata a vice-governadora do Estado do Rio de Janeiro, em 1998, pelo PSDB, exprefeita de Magé, eleita em 2000, inicia seu mandato filiada ao PSDB e o finaliza filiada ao PT ; e Claise Maria Alves dos Santos, ex-esposa de Zito, secretária de assistência social e direitos humanos da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, durante o ano de 1999 e deputada estadual, eleita em 2010 pelo PSDB. Zito possui uma significativa carreira política, nessa região, foi eleito vereador, pela primeira vez, em 1988, pelo PTR e para um novo mandato, em 1992, pelo PSB, nesta ocasião

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar

Bairro: Centro

CEP: 24.030-210

UF: RJ

Município: NITEROI

Telefone: (21)2629-9189

Fax: (21)2629-9189

E-mail: etica@vm.uff.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE/ FM/ UFF/ HU



Continuação do Parecer: 983.161

foi o vereador mais votado da Baixada Fluminense, com 7.100 votos. Foi eleito em 1996, prefeito de Duque de Caxias, e novamente reeleito, em 2000, em ambas ocasiões pelos PSDB. Em 2008, foi novamente eleito prefeito de Duque de Caxias, pelo PSDB. Já em 2012, tenta novamente a reeleição à prefeitura municipal, nesta ocasião, filiado ao PP, mas é derrotado. Ao longo de sua trajetória política Zito lançou alguns candidatos a cargos políticos, como Dr. Heleno, eleito deputado federal por dois mandatos consecutivos em 1998 e em 2002; Waldyr Zito, seu irmão, eleito Prefeito de Belford Roxo em 2010, Laury Villar, secretário de esporte do município por onze anos consecutivos em mandatos de diferentes prefeitos, eleito vereador em 2000 e candidato à prefeitura de Duque de Caxias em 2004 como o sucessor de Zito, mas foi derrotado. Além desses, Zito também lançou as candidaturas de Andreia, Estela, Narriman e Claise. Este estudo volta-se para a história de vida dessas quatro mulheres que iniciaram sua trajetória política a partir do capital político de Zito. Tal pesquisa será centrada em interpretação de fontes orais e impressas. Para tanto, recorre à abordagem teórico-metodológica da história oral e à análise documental.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar o processo de empoderamento vivenciado por quatro mulheres, oriundas da Baixada Fluminense: Andreia Almeida Zito dos Santos, Estela Alves do Nascimento, Narriman Felicidade Correa de Faria e Claise Maria Alves dos Santos, a partir de suas inserções no cenário político.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As entrevistas terem suas vidas pessoais, profissionais e políticas expostas.

Benefícios: Tal pesquisa contribuirá para a exposição de um campo o qual ainda não produções acadêmicas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo biográfico de mulheres oriundas da Baixada Fluminense e com representação política, com experiência no exercício político, que serão submetidas à entrevista com roteiro norteador, apresentado pela pesquisadora, justificando a importância desta intervenção na metodologia do estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi apresentado o TCLE, de forma clara e concisa. Não foram incluídos os telefones e endereço de contato do CEP de origem, o que se faz necessário pelas normas vigentes.

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar
Bairro: Centro CEP: 24.030-210
UF: RJ Município: NITEROI
Telefone: (21)2629-9189 Fax: (21)2629-9189 E-mail: etica@vm.uff.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE/ FM/ UFF/ HU



Continuação do Parecer: 983.161

Recomendações:

Incluir no TCLE os contatos do CEP da UFF.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conforme apresentado no item Recomendações

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

NITEROI, 12 de Março de 2015

Assinado por:
ROSANGELA ARRABAL THOMAZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar

Bairro: Centro

CEP: 24.030-210

UF: RJ

Município: NITEROI

Telefone: (21)2629-9189

Fax: (21)2629-9189

E-mail: etica@vm.uff.br